

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TRIÂNGULO MINEIRO – *CAMPUS* UBERABA
Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica
Mestrado Profissional em Educação Tecnológica**

NÚBIA NOGUEIRA DE FREITAS VOGADO

**FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO EDUCANDO: um estudo de
caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro**

**Uberaba (MG)
2019**

NÚBIA NOGUEIRA DE FREITAS VOGADO

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO EDUCANDO: um estudo de caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Campus* Uberaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Gestão das Organizações e Políticas para a Educação Tecnológica e Profissional.

Orientador: Prof. Dr. Ednaldo Gonçalves Coutinho

**Uberaba (MG)
2019**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Referência do IFTM –
Campus Uberaba-MG

V86f Vogado, Núbia Nogueira de Freitas
Formação da identidade profissional do educando: um estudo de
caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro / Núbia Nogueira de Freitas Vogado – 2019.
290 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ednaldo Gonçalves Coutinho
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Tecnológica)

Instituto Federal do Triângulo Mineiro- Campus Uberaba- MG, 2018.

1. Identidade profissional. 2. Educação profissional. 3. Ensino
técnico. 4. Cefores. I. Coutinho, Ednaldo Gonçalves. II. Título.

CDD 371.12

Núbia Nogueira de Freitas Vogado

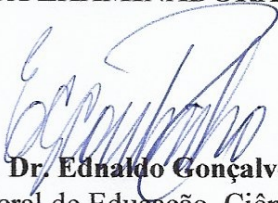
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO EDUCANDO: um estudo de caso no Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

FOLHA DE APROVAÇÃO DEFESA DISSERTAÇÃO

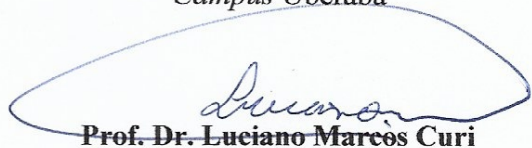
Data da aprovação: 31/01/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:


Prof. Dr. Ednaldo Gonçalves Coutinho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro – IFTM
Campus Uberaba

Membro Titular


Prof. Dr. Luciano Marcôs Curi
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro – IFTM
Campus Uberaba

Membro Titular


Prof. Dra. Marisa Borges
Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Uberaba

Local: Auditório Padre Agostinho Zago - *Campus* Uberaba – Uberaba / MG

A minha mãe Nelci e aos meus
Joãos, meu pai e meu filho, que
dão sentido a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente e acima de tudo. Obrigada Senhor, por me proporcionar viver todas as alegrias e adversidades as quais vivi nessa trajetória mostrando-me que, mesmo em segunda chamada, momento no qual já não havia expectativa alguma, uma única oportunidade deveria ser aproveitada com toda força interior, a qual ao longo do tempo, descobri ser imensamente maior do que a que imaginava possuir. Obrigada, sobretudo, por colocar ao meu lado pessoas e instituições tão maravilhosas que me levaram a chegar onde cheguei. Posso afirmar que esse trabalho não é só meu. Ele é fruto de um esforço conjunto de pessoas muito especiais.

À minha mãezinha Nelci, que além da dedicatória, feita a quem dá sentido à minha vida, merece também um muito obrigada por tudo que fez para que eu concretizasse essa etapa, sobretudo por ficar com o meu pequeno em minhas muitas ausências, com amor tão cuidadoso, digno de sua identidade de mãe, abdicando até mesmo de sua vida pessoal. Com seu exemplo, estou começando a construir essa nova identidade que assumi.

Ao meu amado esposo Marcelo, por seu companheirismo e compreensão irrestritos em nossa vida conjugal, sem as quais também não seria possível a consumação de todas as obrigações que me foram confiadas nessa jornada. Meu muito obrigada, também, por todas suas aprazíveis palavras a cada um dos vários obstáculos que passei. Elas, de fato, incentivaram-me a vencê-los: um a um.

Aos anjos que também se uniram a mim para trazer mais colos para o meu filho: minha sogra Sônia, minha cunhada Alline, minha tia Fátima e meus primos Gyovanni, Marina, Flávia e até a pequena Jordana. De maneira especial, também ao meu irmão Rafael, que mesmo morando fora, durante toda essa trajetória quando estivemos juntos aqui em Uberaba-MG ou em Jataí-GO, compreendeu a minha condição de mestrande e juntamente com sua esposa, minha cunhada Adriana e suas filhas, minhas sobrinhas Isadora e Angelina, também foram colos nos quais o meu pequeno João pôde se aconchegar.

Ao meu estimado orientador, Professor Dr. Ednaldo Gonçalves Coutinho, cuja primeira lição transmitida é que a vida se resume em três palavras: tempo, sonhos e escolhas. Devo agradecer pela parceria incondicional desde o princípio e que, depois transformou-se em amizade, dando-me encorajamento para continuar firme na decisão de seguir adiante frente aos desafios que me foram impostos pelo destino. Agradeço, também, por suas valiosas contribuições, bem como pelas indagações sem as quais não teria conseguido ir além.

Aos professores Cláudia Almeida Rodrigues Murta e Luciano Marcos Curi, meu muito obrigada pelas valiosas indicações durante a etapa de qualificação, as quais fizeram aumentar o caleidoscópio de minha compreensão sobre um tema que, a princípio, embora extremamente instigador, eu nutria pouco conhecimento. À professora Marisa Borges, representante da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal Uberaba que, mesmo estando no limite do prazo, prontamente se colocou disponível e aceitou o convite para membro titular de minha banca de defesa. A vocês o meu muito obrigada!

Ao Diretor do Centro de Educação Profissional (Cefores), Prof. Paulo Roberto da Silva, e sua Substituta Legal, Prof. Teresinha das Graças Lima, obrigada pelo incentivo constante durante toda minha trajetória de servidora da instituição, para que eu investisse em processos seletivos de pós-graduação, e sobretudo, pela liberação imediata que me deram sem hesitar quando, efetivamente, fui convocada, bem como pelas outras tantas que vieram depois. Junto a vocês também não poderia deixar de agradecer aos professores Neusa da Silva e Guilherme Ferretto, coordenadores dos cursos técnicos em Enfermagem e em Segurança do Trabalho, respectivamente. O sim de cada um justificou toda essa pesquisa.

Aos meus amigos da Secretaria do Cefores, do trabalho diário, da família que ganhei há pouco mais de seis anos. Obrigada a todos pela parceria, pelos inúmeros incentivos! Marilsa, pelas suas excelentes revisões de meus textos, sem a sua disponibilidade eu não teria feito a metade do que fiz! Dona Vera e Arildo, pelos vários almoços juntos sem fechar a secretaria, sem “deixar a peteca cair” e também pelos incentivos! Bruno e Guilherme, pelo revezamento de minhas atividades que assumiram ao virem para esse time! Regina, extensão de nossa diretoria, pelo incentivo incondicional, trabalhando com dedicação para dar solução a nossa escala. Edson e Renatinha, pelos valiosos materiais e informações compartilhadas! Marília, pela dedicação em vir para a sede do Cefores e somar-se a nós! Tânia, por nos acolher no Urbano sempre que necessário! Lúcia, mesmo tendo se afastado na mesma época que eu, por ter se mantido presente o tempo todo levando o nome do Cefores para além das paredes da universidade! E Jacqueline, mesmo ainda não tendo tido a oportunidade de conviver com você no ambiente da secretaria, devo agradecer-lhe também por já há algum tempo e saber da sua competência. Sinto-me extremamente honrada e, sobretudo, muito feliz profissionalmente em trabalhar com vocês. Somos mesmo um time de peso!

Aos amigos que ganhei ao ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), em especial aos da minha turma, a Terceira: Antônio, Cleber, Cristiane, Diego, Gláucia, Joceli, Marco, Norma, Pâmela, Rodrigo e Sara. Uma turma bem heterogênea,

na qual cada um com seu jeito, me apoiou, não me deixando desistir. Com vocês, os momentos mais difíceis eram descontraídos e leves. E aos amigos da IV Turma, da mesma linha que a minha: Gabriela, Jeane, Luísa e Ricardo, com os quais cursei a disciplina de Políticas Públicas e Educação Profissional, visto que não pude fazê-la no tempo planejado. Com vocês, fechei com “chave de ouro” os créditos das disciplinas. A todos, de ambas as turmas, obrigada por serem, junto com cada professor, os protagonistas dos mais ricos debates de minha formação. Sei que me tornei uma pessoa melhor, e certamente a convivência com vocês contribuiu muito para isso.

Em especial, ao Coordenador deste Programa, professor Welisson Marques. Sem palavras para agradecer toda sua dedicação desde o planejamento até a execução desse projeto pedagógico maravilhoso, bem como para agradecer o seu atendimento personalizado a cada mestrando. Na sua pessoa externo meus mais sinceros agradecimentos a todos os servidores do IFTM aos quais tive contato e que cumprem, diariamente e exemplarmente os seus papéis, cada um nas suas funções, desde os docentes e os técnico-administrativos até os terceirizados.

Finalizo, estendendo esses agradecimentos àqueles que, anonimamente, também são responsáveis por eu ter passado por essa etapa e conseguido chegar ao seu final com êxito. Enfim, a todos vocês, mais uma vez, o meu muito obrigada!

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2006, p. 7)

RESUMO

A presente pesquisa trata, principalmente, do tema da formação de identidades profissionais. O objetivo principal é investigar como ela se forma quando os sujeitos se encontram em fase de preparação para atuação no mercado de trabalho relacionada à contribuição da respectiva instituição de ensino profissional. O primeiro capítulo apresenta a História da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, desde o Período Colonial até a atualidade afim de estabelecer o cenário no qual a pesquisa está imersa. O segundo traz os temas Identidade e Profissão, com os quais dialogam, sobretudo Hall (2006 e 2007), Woodward (2007) e Silva (2007). O terceiro capítulo é uma apresentação do itinerário metodológico composto por um estudo de caso no Centro de Educação Profissional (Cefores) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) com recorte temporal de agosto de 2016 a julho de 2018 e abordagem quali-quantitativa, no qual os procedimentos são aplicações de questionários semiabertos e, posteriormente, de entrevistas não-estruturadas. O quarto e último capítulo é a apresentação dos dados fundamentada na perspectiva dos Estudos Culturais, especialmente em Hall (2006). Como resultados, a pesquisa mostra que existem vínculos entre a formação de identidades profissionais e a História da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, ambas constituídas por uma série de relações de poder. Apresenta uma instituição com duas situações distintas: possui cursos tradicionalmente reconhecidos, pois são ofertados desde a sua criação, mas também oferece cursos relativamente novos, ainda em processo de consolidação. Confirma a hipótese de que a instituição também influencia nas formações das identidades profissionais de seus educandos. Apresenta a existência de inúmeros influenciadores de classificações das modalidades de identidades profissionais dos sujeitos. E, por fim, indica a possibilidade de continuidade da investigação a partir das atuações dos sujeitos nos respectivos mercados de trabalho.

Palavras-chave: Identidade Profissional. Educação Profissional. Ensino Técnico. Cefores.

ABSTRACT

The research is focused, mainly, on the background related to the formation of subject's professional identities. The main goal is to investigate how it is formed during the period in which the subjects are in preparation to act within the job market relating to the contribution from the respective professional education institution. The first chapter presents the historical background of both professional and technological education in Brazil, since the colonial period to nowadays, in order to establish the scenery in which the paper is immerse, is established. The second chapter gathers the themes Identity and Profession, where mostly Hall (2006 and 2007), Woodward (2007) and Silva (2007) dialogue. The third chapter is a presentation of the methodology schedule composed by a case study at Centro de Educação Profissional (Cefores) of the Federal University of Triângulo Mineiro (UFTM), with the time frame from August 2016 to July 2018, with qualitative-quantitative approach, application of semi-open questionnaires and, after that, not-structured interviews. The fourth and last chapter is the presentation of data under triangulation, based under the perspective of the Cultural Studies, mainly under Hall (2006). As a result, the research illustrates that there are bonds between the formation of professional identities and the history of the Professional and Technological Education in Brazil, both built by a series of power relations. The research presents an institution with two different situations: it has courses traditionally recognized, as they are offered since its establishment; but also offers relatively new courses, yet in a process of consolidation. It confirms the hypothesis that the institution also influences the formation of professional identities of its learners. The research presents innumerous classification influencers of the genres of the subjects' professional identities. Lastly, it indicates the possibility of continuing the investigation starting from the subject's actions in the respective labor markets.

Key words: Professional Identity. Professional Education. Technical Education. Cefores.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Questão 07 – Conhecimentos específicos das áreas dos cursos	83
Quadro 02 – Questão 08 – Conhecimentos específicos dos eixos tecnológicos dos cursos	84
Quadro 03 – Questão 09 – Conhecimentos de outras áreas aplicados aos cursos	84
Quadro 04 – Questão 10.1 – Avaliação dos docentes	86
Quadro 05 – Questão 11.1 – Avaliação da direção e equipe técnica-administrativa	86
Quadro 06 – Questão 12.1 – Avaliação das coordenações do curso e pedagógica	86
Quadro 07 – Questão 13 – Avaliação da contribuição da instituição na aprendizagem das atividades listadas pelo CNCT para ambos os cursos	88
Quadro 08 – Questão 14 – Avaliação da preparação para os diversos campos de atuação listados pelo CNCT para ambos os cursos	89
Quadro 09 – Questão 15 – Projeção de auto-imagem como profissional	90
Quadro 10 – Narrativas selecionadas da turma de TE	99
Quadro 11 – Narrativas selecionadas da turma de TST	102
Quadro 12 – Narrativas não selecionadas da turma de TE	106
Quadro 13 – Narrativas não selecionadas da turma de TST	107
Quadro 14 – Atribuição de pseudônimos para os entrevistados	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Projeção das convocações do Edital nº 08/2016/DPSD/UFTM	75
Tabela 02 – Evolução do número de discentes de agosto de 2016 a agosto de 2018	77
Tabela 03 – Determinação dos Intervalos Categóricos	97
Tabela 04 – Distribuição dos sujeitos por faixa etária	111
Tabela 05 – Distribuição dos sujeitos por <i>renda per capita</i> mensal	112
Tabela 06 – Distribuição dos sujeitos por origem da escolha do curso	113
Tabela 07 – Distribuição dos sujeitos da turma de TE por identificação com conteúdos	114
Tabela 08 – Distribuição dos sujeitos da turma de TST por identificação com conteúdos	115
Tabela 09 – Grau de importância dos itens a serem melhorados pelo corpo docente	117
Tabela 10 – Grau de importância dos itens a serem melhorados pelo corpo administrativo	118
Tabela 11 – Grau de importância dos itens a serem melhorados pelas coordenações	119
Tabela 12 – Contribuição do Cefores no processo de aprendizagem das atividades das profissões definidas no CNCT	120
Tabela 13 – Sentimentos de preparação dos sujeitos para atuação nos campos das profissões definidos no CNCT	121
Tabela 14 – Evolução da adesão dos sujeitos às fases da pesquisa	149

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÔNIMOS

Institucionais e Históricos

- Aneb - Avaliação Nacional da Educação Básica
- Anresc - Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Prova Brasil)
- ACS - Agente Comunitário de Saúde
- APH - Atendimento Pré-Hospitalar
- BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento
- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CBO - Classificação Brasileira de Ocupações
- Cefet-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
- Cefet-RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
- Cefets - Centros Federais de Educação Tecnológica
- Cefores (a partir de novembro de 2010) - Centro de Educação Profissional
- Cefores (até novembro de 2010) - Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde
- CEP-UFTM - Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM
- CFE - Conselho Federal de Educação
- CNCT - Catálogo Nacional de Cursos Técnicos
- CNE - Conselho Nacional de Educação
- CNPq - (após 1974) Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CNPq - (até 1974) Conselho Nacional de Pesquisas
- Coren - Conselho Regional de Enfermagem
- CTIs - Centros de Terapia Intensiva
- DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Brasileira
- DPSD - Divisão de Processo Seletivo Discente
- Enceja - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
- Enem - Exame Nacional do Ensino Médio
- EPB - Estudos dos Problemas Brasileiros
- EPT - Educação Profissional e Tecnológica
- ETVUFs - Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais
- FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador
- FHC - Fernando Henrique Cardoso
- FIC - Formação Inicial e Continuada

Fies - Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior

FMTM - Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Fundeb - Fundo de Manutenção do Desenvolvimento da Educação Básica

Fundef - Fundo de Manutenção do Desenvolvimento do Ensino Fundamental

Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

NR - Norma Regulamentadora

OCDE - Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

OSPB - Organização Social e Política Brasileira

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

Pipmo - Programa Intensivo de Preparação da Mão-de-Obra Industrial

Planfor - Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

Pnac - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

PNE - Plano Nacional de Educação

PNP - Plataforma Nilo Peçanha

PNQ - Plano Nacional de Qualificação

POPs - Procedimentos Operacionais Padrão da Enfermagem

PRN - Partido da Reconstrução Nacional

Proeja - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

Proep - Programa de Expansão da Educação Profissional

ProJovem - Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária

Pronatec - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

Prouni - Programa Universidade para Todos

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PT - Partido dos Trabalhadores

Saeb - Sistema de Avaliação da Educação Básica

Semtec-MEC - Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação

Senete-MEC - Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação

Setec-MEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação

Sisu - Sistema de Seleção Unificada

UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Unicamp - Universidade de Campinas

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

UTIs – Unidades de Terapia Intensiva

UTRs - Unidades de Terapia Renal

Referentes a pesquisa

A - Aceitável

B - Bom

BP - Bem preparado

IMP - Importante

IND - Indiferente

IP - Identifico-me em parte

IT - Identifico-me totalmente

MB - Muito bom

MI - Muito importante

MR - Muito Ruim

NIP - Não me identifico em parte

NIT - Não me identifico totalmente

P - Preparado

PI - Pouco importante

PP - Parcialmente preparado

R - Ruim

SI - Sem importância

SP - Sem preparo

TAC - Técnico em Análises Clínicas

TE - Técnico em Enfermagem

TST - Técnico em Segurança do Trabalho

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
CAPÍTULO I	
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO BRASIL	21
1.1 Período Colonial	21
1.2 Período Joanino	23
1.3 Império	24
1.4 Primeira República	26
1.5 Era Vargas	28
1.6 Período Democrático	29
1.7 Ditadura Militar	31
1.8 Nova República	33
CAPÍTULO II	
IDENTIDADE E PROFISSÃO	40
2.1. Identidade a partir da perspectiva dos Estudos Culturais	40
2.1.1 Conceitos de identidade	41
2.1.2 Conceitos de diferença	44
2.1.3 Sistemas de Representação	45
2.1.4 Sistemas Simbólicos e Sistemas Classificatórios	48
2.1.5 Descentramento do Sujeito Pós-Moderno	50
2.2 Outras discussões sobre identidade	51
2.3 Profissão: trabalho, ofício ou ocupação?	60
2.4 Identidade Profissional	64
2.4.1 Concepções e discussões de Identidade Profissional	64
2.4.2 O papel da educação na formação das identidades profissionais	69
CAPÍTULO III	
ESTRUTURA METODOLÓGICA	73
3.1 <i>Locus</i>	73
3.2 Recorte temporal, cursos e turmas	74
3.3 Sujeitos	75
3.4 Abordagem	78
3.5 Técnica	78
3.6 Procedimentos para coleta de dados	78
3.6.1 Fase da elaboração e do pré-teste do questionário	79
3.6.2 Fase da aplicação ou primeira abordagem	91
3.6.3 Fase da confluência de dados	93
3.6.4 Fase da segunda abordagem	98
3.6.5 Fase das entrevistas	108

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

	110
4.1 Análise Quantitativa.....	110
4.1.1 Análise estatística horizontal das questões de natureza demográfica	111
4.1.2 Análise estatística horizontal das questões complexas	114
4.1.3 Análises estatísticas verticais	121
4.2 Análise Qualitativa	124
4.2.1 Análises das entrevistas	125
4.3 Análise quali-quantitativa	148

CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS	159
-------------------	-----

APÊNDICES

A – Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Enfermagem (modelo da concordância para a discordância)	167
B – Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Enfermagem (modelo da discordância para a concordância)	172
C – Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Segurança do Trabalho (modelo da concordância para a discordância)	177
D – Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Segurança do Trabalho (modelo da discordância para a concordância)	182
E – Tabulação das questões de 01 a 06 da Turma de Técnico em Enfermagem	187
F – Tabulação das questões de 01 a 06 da Turma de Técnico em Segurança do Trabalho	188
G – Tabulação das questões de 07 a 14 da Turma de Técnico em Enfermagem	189
H – Tabulação das questões de 07 a 14 da Turma de Técnico em Segurança do Trabalho	192
I – Texto dos convites para as entrevistas	195
J – Análise vertical e entrevista de ENF 02	196
K – Análise vertical e entrevista de TST 01	200
L – Análise vertical e entrevista de TST 04	205
M – Análise vertical e entrevista de ENF 01	213
N – Análise vertical e entrevista de ENF 07	221
O – Análise vertical e entrevista de TST 08	226
P – Análise vertical e entrevista de TST 12	236
Q – Análise vertical e entrevista de TST 05	242
R – Análise vertical e entrevista de TST 02	245
S – Análise vertical e entrevista de ENF 10	249
T – Análise vertical e entrevista de TST 15	253
U – Análise vertical e entrevista de ENF 15	258
V – Análise vertical e entrevista de ENF 11	261
W – Análise vertical e entrevista de ENF 12	267
X – Análise vertical e entrevista de ENF 05	274
Y – Análises verticais dos sujeitos não entrevistados	282

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Certa jovem fez o Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio e teve uma forte identificação com a profissão. Sendo assim, decidiu seguir a carreira de Administração e fez o Bacharelado. Surpreendentemente, após o término do Ensino Superior, não se identificou com a profissão. O que ocorre para uma mesma pessoa se identificar com um curso técnico em uma determinada área e não se identificar com o respectivo superior? A jovem afirma que, nesse momento, sofreu a sua crise de identidade profissional. O que responderia, portanto, essa situação? A hipótese é a de que a formação da identidade profissional do educando também pode ser influenciada pela instituição e seus respectivos colaboradores, ou seja, formação de qualidade pressupõe identificação profissional.

Existem diversos atores em uma relação ensino-aprendizagem. Dentre eles destacam-se o governo, as instituições de ensino, os docentes e o próprio educando. Nessa linha, são encontrados vários pesquisadores que estudam a formação da identidade profissional do docente e suas práticas, ao passo que poucos estudam a outra perspectiva: a formação da identidade profissional do educando relacionando-a com a contribuição dos demais atores dessa relação.

Esta jovem é a responsável pela presente pesquisa e, ao se tornar servidora de uma instituição pública de ensino, viveu uma nova identificação profissional. Dessa vez com a área da Educação, particularmente, a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Foi quando voltou a se indagar sobre isso. Da mesma maneira que aconteceu com ela, a quem nunca faltou nada e não havia motivos para que sofresse essa crise e mesmo assim a sofreu, com aqueles os quais as oportunidades não foram as mesmas também poderia acontecer? Tais acontecimentos trouxeram à tona o seguinte problema: como se forma a identidade profissional do educando que se encontra em fase de preparação para atuação no mercado de trabalho relacionada à contribuição da respectiva instituição de ensino profissional? Investigar essa questão foi o objetivo principal que delineou toda essa pesquisa. Em virtude disso, este trabalho cumpre o quesito dos Programas de Pós-Graduação em nível de Mestrado Profissional, sobretudo na área de EPT nos quais, partindo efetivamente de uma problemática de uma instituição de EPT, as pesquisas se orientam para a geração de resultados que diminuam a distância entre teoria e prática nessas instituições.

Na intenção de introduzir a discussão do tema, vale ressaltar que, embora o termo *identidade* esteja ressurgindo tanto no vocabulário das ciências sociais como na linguagem

corrente, a concepção do mesmo ainda é pouco desenvolvida e compreendida, além de demasiadamente complexa. Fala-se, em toda parte, em “crise das identidades” sem saber direito o que essa expressão engloba: desconforto diante das transformações, confusão das categorias que servem para se definir, a si mesmos e aos outros, aumento das exclusões sociais e até mesmo dificuldades de inserção profissional. São muitos os tipos de identidades. A pesquisa estudou um tipo deles: *a identidade profissional*.

A importância da questão identitária sob a ótica da formação profissional torna-se evidente diante à subjetividade em relação ao emprego, às implicações no trabalho e em suas relações sociais. Assim, ganham cada vez mais relevância as discussões sobre identidade profissional no âmbito da educação profissional, no sentido de tentar garantir a satisfação das necessidades identitárias das gerações futuras.

Trazer para o centro das discussões o conceito de identidade profissional e mostrar como ele pode vir a impactar diretamente na maneira de as pessoas se comportarem na sociedade pode ser favorável para que sejam revistas as questões do processo ensino-aprendizagem na educação profissional vinculadas a formação dessas identidades. Um exemplo é a identificação com os conteúdos das futuras profissões e com os diversos campos de atuação das mesmas.

Considerando que a produção científica tem por objetivo apropriar-se da realidade para melhor analisá-la e, posteriormente, produzir transformações, essas discussões revestiram-se de importância também para o meio acadêmico. Desta maneira a socialização e a discussão da pesquisa no *locus* poderá aprimorar a docência e o fazer pedagógico da instituição como um todo por meio de práticas que atendam mais adequadamente ao educando em seu processo de construção do conhecimento e formação identitária profissional.

Sob esse ponto de vista, as instituições de ensino podem vislumbrar um caminho mais eficiente nesse processo de ensino-aprendizagem, enquanto a sociedade, em tempos neoliberais, se beneficia com a inclusão de sujeitos portadores de identidades profissionais mais adequadas para preencher as lacunas do mercado de trabalho. Por outro lado, negar a importância dessas questões e ocultar as suas discussões e análises significa uma sonegação desse processo no âmbito das instituições de ensino que, por sua vez, passam cada vez mais a formar sujeitos não-identificados profissionalmente. Portanto, sociedade, instituições de ensino e, principalmente, os sujeitos individuais se beneficiam da discussão acerca da identidade profissional e seus impactos.

Para tanto, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. Nos dois primeiros são feitas revisões bibliográficas e documentais acerca da História da EPT no Brasil e da

Identidade Profissional, tema central dessa pesquisa, com o objetivo específico de analisar a existência de vínculos entre esses dois temas. O próximo capítulo trata da metodologia utilizada a fim de cumprir com o objetivo específico de decompor os dados quantitativos e categorizar os qualitativos, ambos obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados, questionário e entrevista, respectivamente. O último capítulo cumpre o objetivo específico de delinear os resultados desses dados, por meio de análises estatísticas e da perspectiva dos Estudos Culturais, avaliando o impacto das influências institucionais na qualidade do ensino, sobretudo na formação da identidade profissional do educando.

Nesse sentido, o primeiro capítulo, intitulado *História da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil* tratará da História da Educação no país, desde o período colonial até os tempos atuais, sobretudo sob a perspectiva de Azevedo, Shiroma & Coan (2012), Fonseca (2010), Franco & Sauerbronn (1984), Kuenzer (2006) e Manfredi (2002), com foco na modalidade da formação profissional também incorporada na referida história.

O segundo capítulo, intitulado *Identidade e Profissão* tratará sobre esses dois temas, a princípio, separadamente. O tema *identidade* terá como principais fundamentos as ideias de Hall (2006 e 2007), Silva (2007) e Woodward (2007), que compõem a perspectiva dos Estudos Culturais, conceituando a identidade em comparação com a diferença, por meio de diversos sistemas. Em seguida, o tema *profissão* terá como principal fundamento as propostas de Albornoz (1994), Dubar (2005 e 2006) e Lévy (1998). E, por fim, os temas serão abordados conjuntamente, por meio da tipologia profissional da identidade, fase na qual se somarão, sobretudo, as perspectivas de Bauman (1999), Castells (2008) e Santos (1999).

O terceiro capítulo, cujo título é *Estrutura Metodológica* versará sobre a metodologia desenvolvida na pesquisa por meio da abordagem quali-quantitativa aplicada sob a técnica de estudo de caso, sob a principal fundamentação de Gil (2008a). Este capítulo tratará também da escolha dos procedimentos para a obtenção dos dados, questionários e entrevistas, bem como os seus respectivos planejamentos e aplicações, especialmente, em Vieira (2009).

Por fim, o quarto capítulo, *Apresentação dos dados*, se ocupará da análise e interpretação dos dados obtidos na pesquisa. A princípio os dados quantitativos, depois os qualitativos e, por fim, as conexões entre os dois primeiros. Para tanto será evocado o exemplo do objeto *caleidoscópio* durante todo o texto deste capítulo.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO BRASIL

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) emergiu e evoluiu no mundo, antes mesmo das antigas *corporações de ofício*¹ e, simultaneamente, com as imposições da mudança histórico-social como um teste para dar soluções a questões próprias da sociedade. Longe de se fazer uma pesquisa realmente histórica, este capítulo apresenta um pouco dessa história, com foco no Brasil e no contexto no qual está posicionado o objeto da presente pesquisa. Para tanto recorreu-se a autores da área da Educação no país, alguns deles historiadores, outros não, mas todos com contribuições na área.

A história ora apresentada até 1985 foi fundamentada em Fonseca (2010), Franco & Sauerbronn (1984) e Manfredi (2002) com as colaborações de Cunha (2000), Gama (1986), Nascimento (2007). Após essa data, a presente fundamentação se encontra em Azevedo, Shiroma & Coan (2012) e Kuenzer (2006) com as colaborações de Brandão (2009), Gentili & Oliveira (2013) e Oliveira & Escott (2015).

Durante todo o capítulo é apresentado um repertório de legislações publicadas a partir de 1824 até os tempos atuais, como reforço a esta fundamentação. Considerando que a História da EPT no Brasil está embutida na própria História da Educação a qual remonta à memória política do país desde meados do século XVI, este capítulo estrutura-se em seções de acordo com as fases políticas ocorridas pelo Brasil, com início no Período Colonial até os tempos atuais.

1.1 Período Colonial

O primeiro estágio que a educação brasileira passou durou mais de 250 anos. O chamado *Período Colonial* teve início em meados do Século XVI, com a forte atuação da Companhia de Jesus, liderada pelo Padre Manoel da Nóbrega, e conseqüente término no início do Século XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa ao território brasileiro. Portanto, o que havia antes desse período não era um saber escolarizado.

¹ *Corporações de ofício* eram associações de artesãos que surgiram na Idade Média, conhecidas na Europa como *Guildas*. Eram fundamentais no estabelecimento de regras e critérios para a execução do ofício e para a legitimação e a aceitação dos produtos nas ruas da cidade além de serem responsáveis pelos aspectos socioeconômicos e mantinham os vínculos religiosos.

Fonte: MARTINS, Mônica de Souza Nunes. A arte das corporações de ofícios: as irmandades e o trabalho no Rio de Janeiro Colonial. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*. Recife, n 30.1, 2012.

Segundo Nascimento (2007, p. 42), “naquele tempo não havia um método específico para o ensino (entendendo-se este como de natureza científica e aplicação sistemática)”, ou seja, o processo de aprendizagem era informal e, segundo Manfredi (2002, p. 53), “abrangia o domínio dos métodos, técnicas e rotinas das tarefas dos diferentes ofícios”.

Como os jesuítas tinham a incumbência de multiplicar a fé cristã, eles foram os primeiros a apresentarem os ideais elementares de ensino e escola, destinados inicialmente aos indígenas. Embora eles não tivessem, de fato, constituído escolas de educação profissional, ensinavam alguns ofícios, inclusive imitando as Corporações de Ofício existentes na Europa. Assim tem-se que, de maneira corporativa por sinal, também os jesuítas foram os primeiros mestres no ensino da educação profissional no Brasil. Se, por um lado, a missão deles era imprescindível para compor o rol de administradores coloniais, por outro, também mostrou sua relevância na formação daqueles que seriam os novos educadores.

Em consonância, Franco & Sauerbronn (1984, p. 51) afirmam que “a educação dos jesuítas, na verdade, estava muito mais preocupada com o preparo da consciência dos senhores como mandatários da coroa”. Fonseca (2010), também se expressou:

Na época do Brasil Colônia constituíram um dos poucos pontos em que as autoridades governamentais se preocuparam com o problema e admitiam nos seus quadros aprendizes de ofício, aos quais à moda de então, só se ministravam conhecimentos práticos, nas oficinas de trabalho, sem a preocupação do necessário acompanhamento teórico. (FONSECA, 2010, p. 71)

E mesmo que o ofício jesuíta se referisse a um serviço próprio de uma catequese, o documento chamado *Ratio Studiorum*, elaborado como Plano e Orientação de Estudos da Companhia de Jesus, deveria ser seguido por todo jesuíta no exercício do mesmo. O seu objetivo era apresentar orientações pedagógicas fundamentais em toda extensão territorial de atuação dos jesuítas. Tal documento foi tido como um plano cujo objetivo era o de uniformizar as ações pedagógicas jesuíticas em meio a uma significativa expansão de colégios confiados à Companhia de Jesus. No entanto, não abrangia a Educação Profissional. Segundo Manfredi (2002, p. 74), “a Companhia de Jesus adotava, em suas escolas, pedagogia, modelos institucionais e currículos próprios, tudo isso condensado na *Ratio Studiorum*”. Resumidamente, significava que tudo o que um padre fizesse para dar sua catequese o outro também deveria fazer.

Sendo assim, o ofício dos jesuítas em todo território nacional atingiu um claro domínio das esferas da Corte, das Missões na América e no Oriente, do ensino e da cultura intelectual como um todo. Em função disso, a Companhia de Jesus provocou o rompimento da confiança

que os governantes tinham para com ela, além de conflitos com outras congregações e o clero. Estavam, assim, estabelecidas as circunstâncias de uma ojeriza para com os jesuítas.

Enquanto os jesuítas desvaneciam suas forças, o Rei aumentava as suas. Sendo assim, no ano de 1759, os jesuítas foram expulsos do território brasileiro. Esse foi o marco em que a Educação passou a ser de responsabilidade do Estado através das Aulas Régias. Contudo, não foi de uma hora para outra que esse documento foi deixado de lado, e ocasionando, portanto, uma total desorganização do sistema escolar existente. As aulas passaram a se submeter às orientações das *Cartas Régias*, as quais traziam os conteúdos que deveriam ser ensinados em substituição aos da *Ratio Studiorum*, mas o que ocorreu foi que estas acabaram repetindo a mentalidade jesuítica.

A educação nessa fase não atingiu a todos, pois embora tenha sido destinada aos indígenas, tanto os negros quanto as mulheres não tiveram esse direito. Já os homens brancos, ou estudavam nas escolas religiosas, ou partiam para estudar na Europa. O ano de 1808 é tido como o marco do fim do Período Colonial, em decorrência da chegada da Família Real Portuguesa no território brasileiro como tática de fuga dos conflitos bélicos que estavam acontecendo na Europa.

1.2 Período Joanino

O próximo período vivido pela área da educação correspondeu à permanência da Família Real Portuguesa no Brasil e ficou conhecido como Período Joanino. A realidade é que, no início do mesmo, ainda não existia um modelo educacional totalmente estruturado no território brasileiro, mas sim ações isoladas. Segundo Franco & Sauerbronn (1984), nesse período, a educação escolar sistemática, voltada à oligarquia rural, se expandiu à nova burocracia estatal e aos efetivos militares.

Foi nessa fase que se viu uma intensificação da dicotomia trabalho manual-intelectual quando, a começar pela Bahia, iniciou-se a criação de uma série de estabelecimentos voltados a concentração de órfãos com vistas ao ensino de ofícios, de maneira a engendrar uma nova maneira de considerá-los. Ou seja, o ensino de ofícios passou a ser visto como aquele que deveria ser ministrado aos homens socialmente inferiores. Ao referir-se ao acesso às instituições de ensino de ofício desse período, Fonseca (2010, p. 76) afirma que “com raras exceções, já não se via mais falar em ‘todos os rapazes de boa educação que quiserem entrar’, mas ‘nos desfavorecidos pela fortuna’, ‘nos deserdados da sorte’”. Para Cunha (2000, p.34),

“o ensino dos diversos ofícios era generalizado, encaminhando-se as crianças para as oficinas conforme as inclinações manifestas”.

Ainda que o rei tenha feito copiosas benfeitorias em alguns pontos da cultura do Brasil, como abertura de academias militares, Jardim Botânico, a Biblioteca Real e o Museu Real, a área da educação profissional ainda permaneceu com interesse secundário neste período. No entanto, mesmo assim, ainda segundo Fonseca (2010, p. 71), “a vinda de D. João VI para o Brasil marcou uma época de grandes realizações nos campos da economia e da cultura, as quais iriam influenciar extraordinariamente os destinos de nossa terra, inclusive no setor do ensino de ofícios”. Algumas dessas realizações são, por exemplo, as fundações do Colégio das Fábricas no Rio de Janeiro, da Fábrica de Espingardas na Capitania de Minas Gerais, da Companhia de Artífices do Arsenal do Exército, além das criações das primeiras Aulas de Comércio, da aprendizagem de ofícios na Imprensa Régia e das aulas de desenho técnico para os aprendizes do Arsenal da Corte.

1.3 Império

A próxima fase, chamada de *Império* teve início quando o Brasil se libertou da condição de Colônia de Portugal e foi proclamado independente, e estendeu-se até quando saiu da condição de Império para, enfim, ser proclamado República. Em 1824, após um período desgastante na assembleia constituinte desde o início do império, o Brasil conquistou sua primeira constituição, denominada *Constituição Política do Império do Brasil*, que engendrou o direito à educação sem restrições, garantindo ao menos uma “instrução primária e gratuita a todos os Cidadãos” (BRASIL, 1824).

Quanto ao ensino de ofícios nesse período, segundo Manfredi (2002), cada cidade tinha a sua regulamentação. No entanto, com as mudanças no sistema de produção e, conseqüentemente, a especialização dos ofícios e o emprego cada vez maior da máquina, o processo de educação profissional passou por nova transformação. Embora a EPT não tenha sido oficializada na Constituição de 1824, uma conduta a ela relacionada foi tomada: foram abolidas as Corporações de Ofícios, seus juizes, escrivães e mestres (BRASIL, 1824). Para alguns historiadores esse momento representou, de fato, o nascimento da EPT no Brasil. Segundo Fonseca (2010, p. 80) foi uma pena “que não tenha sido dada uma nova organização à aprendizagem de ofícios, em substituição ao regime que era extinto”.

Contudo, sobreviveram os ofícios que demandavam habilidades peculiares, obtidos por um preparo intelectual também peculiar. Por esse e por tantos outros motivos, não se pode

negar a importância do ensino profissional por meio corporativo que, como um meio de transmissão de conhecimento de ofícios, exerceu influência direta na constituição da sociedade, sobretudo das classes populares.

[...], mesmo que numerosas profissões nunca tenham se integrado no sistema corporativo, aprender fazendo teria sido comum a todos os ofícios. O sistema da aprendizagem corporativa seria a forma mais acabada, mais regulamentada e mais conhecida, hoje, pela documentação que deixou. (GAMA, 1986, p. 121).

Em 1827 foi promulgada uma lei que perdurou até 1946, a qual exigia e garantia a fundação de escolas de Primeiras Letras em cada uma das cidades e vilas do Brasil. Em 1834, um Ato Adicional remodelou a Constituição, deixando sob a responsabilidade do poder central somente a educação superior, e a cargo das províncias o ensino elementar, secundário e de formação dos professores, o que resultou em falta de orientações gerais e de recursos financeiros homogêneos.

De maneira geral, ainda que superficial, o ensino organizado na fase propriamente imperial, caracterizava-se da seguinte maneira: o *ensino superior* estava voltado para a formação da elite dirigente, quadros de alta qualificação para a burocracia do Estado. O *ensino secundário*, por sua vez, destinava-se à diminuta parcela da população que buscava os cursos superiores. Esse nível de ensino não conseguia propiciar uma formação adequada a nível médio, não dando, pois, uma preparação adequada para o ingresso no ensino superior. Por outro lado, limitava-se a justapor aulas em um mesmo local, que antes eram avulsas. O *ensino elementar*, instrução primária, constitui-se de maneira limitada aos rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo, atingindo uma pequena parcela da população; pressupõe-se um décimo da população a ser atendida, sendo precária a situação de preparação do pessoal docente, principalmente nas províncias, onde havia um número insuficiente de escolas, uma população dispersa e um descontentamento dos professores mal remunerados, [...]. (FRANCO, SAUERBRONN, 1984, p. 39, grifos nossos)

Ao se referir à expansão do Ensino Superior nesse período, Fonseca (2010, p. 87) afirma que tal ensino formou “uma nata de letrados, doutores e bacharéis, que ocupavam os principais postos da administração, da política e do magistério”. Com relação à formação docente, viu-se surgir as conhecidas Escolas Normais como as instituições de ensino dedicadas a essa formação específica, nas quais promovia-se capacitação de professores para atuação, tão somente, na educação primária. Tais escolas foram criadas para resolver o problema da crença do governo de que os professores da época não estavam devidamente preparados para exercerem a docência. A primeira dessas instituições foi fundada na cidade de Niterói no ano de 1835. Outra fundação de destaque foi em 1837 do Colégio Pedro II, instituição que até hoje é referência na EPT.

Entre os anos de 1840 e 1856, mesmo não sendo ações coordenadas pontuais, foram criadas dez casas de educandos artífices em governos nas províncias que, segundo Manfredi (2002, p. 76), “adotaram o modelo de aprendizagem de ofícios vigentes no âmbito militar, incluindo os padrões de hierarquia e disciplina”.

Já no período entre os anos de 1858 e 1886, por ações da sociedade civil, foram criados liceus de artes e ofícios em alguns centros urbanos. Com acesso livre, exceto para os escravos, ainda segundo Manfredi (2002, p. 78), “as matérias que constituíam os cursos eram divididas em dois grupos, o de ciências aplicadas e o de artes. Quanto aos cursos profissionais, eram um número equivalente a cada uma das matérias do grupo de artes”.

Segundo Fonseca (2010) a Abolição marcou o fim dessa fase em que a economia e a cultura do Brasil se estruturavam em termos de escravatura. Em resumo, o período imperial caracterizou-se por uma configuração específica da cultura, a aristocracia, na qual a elite era privilegiada com formação de qualidade em detrimento do desamparo da grande massa popular obrigada a subordinar-se a uma educação literalmente elementar e secundária.

1.4 Primeira República

O quarto período da educação brasileira perdurou por pouco mais de quatro décadas, conhecido como *Primeira República*, no qual foi instituído o Estado Laico e o ensino público, iniciando com a troca da forma de governo monárquica para a republicana até o Golpe de Estado de Getúlio Vargas. Até então o ensino secundário ainda era aceito unicamente como uma escolarização preliminar do Ensino Superior. Portanto, ainda não se considerava uma educação abrangente e metodológica para quem cursava o secundário. Vale sublinhar que até então o ensino não era organizado em séries, mas de maneira conjunta e independente da idade. Contudo, a partir da *Primeira República*, foi feita uma classificação em série de acordo com a faixa etária, o conhecido *ensino seriado*. Com relação à EPT nessa fase, nas palavras de Franco & Sauerbronn (1984), tem-se que:

A partir do fim do Império, abolição do trabalho escravo e surgimento da República, imediatamente não ocorreram transformações significativas nos traços que marcavam o ensino técnico-profissional voltado à indústria, até então. É no período republicano (1889-1930) que se delineiam os traços embrionários de uma política educacional estatal, voltada a esse tipo de ensino. (FRANCO; SAUERBRONN, 1984, p. 55)

Ao apontar o crescimento da economia nos primeiros vinte anos dessa fase, Fonseca (2010, p. 87) afirma que “a República, com seu espírito renovador, alterou profundamente aquele panorama, fazendo evoluir o conceito antidemocrático em que era todo o ensino de ofícios”, tanto que a referência mais importante da História da EPT no Brasil se deu nessa época, quando em 23 de setembro de 1909, Nilo Peçanha, o Presidente da República à época, advogado por formação, assinou o Decreto nº 7.566 que criou as 19 Escolas de Aprendizes e Artífices. Tal referência configura-se como o marco inicial da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (doravante simplesmente Rede Federal) com dezenove escolas no total, sendo uma para cada estado da federação, exceto no Distrito Federal e no Rio Grande do Sul. Vale ressaltar que, no referido decreto, o Presidente mencionou as seguintes considerações iniciais:

que o augmento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletarias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da lueta pela existência; que para isso se torna necessario, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensavel preparo technico e intelectual, como faze-los adquirir habitos de trabalho profícuo; que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vicio e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadões uteis à Nação. (BRASIL, 1909)

Percebe-se aí como a finalidade da EPT no país era vista: uma educação para os pobres. Franco & Sauerbronn (1984, p. 57) afirmam que tais escolas eram “instituições preocupadas fundamentalmente com os alunos provenientes das camadas sociais mais inferiores da população”. O objetivo comum dessas instituições era, segundo Manfredi (2002, p. 83), “a formação de operários e de contramestres, por meio do ensino prático e de conhecimentos técnicos transmitidos aos menores em oficinas de trabalhos manuais ou mecânicos mais convenientes e necessários ao Estado da Federação em que a escola funcionasse”. Tal objetivo compartilhado entre essas instituições através de regulamentação legal e autoridade administrativa únicas, configurou-se como uma grande inovação em relação à organização estrutural do ensino, conferindo às Escolas de Aprendizes e Artífices considerável relevância educacional à época. Sendo assim tornou-se evidente que:

As 19 escolas formavam um sistema educacional perfeitamente definido, principalmente em função de uma legislação específica que as tornava distintas das demais instituições de ensino profissional existentes. Essas escolas foram criadas com prédios, currículos e metodologia didática e pedagógica próprios; alunos, condições de ingresso e destinação esperada para os que nela ingressassem, o que as distinguiam de todas as demais instituições de ensino elementar mantidas pelo Estado. (NASCIMENTO, 2007, p. 110).

Cada uma das Escolas de Aprendizes e Artífices tinha, por obrigação, a oferta de até cinco oficinas de trabalho manual ou de mecânica, em equivalência à amplitude da capacidade estrutural da referida escola, além de estar em conformidade com a disposição e particularidades das indústrias locais.

Já nas décadas de 1920 e 1930 a educação viu despontar um forte movimento intitulado *escolanovismo* com impulso liberal-democrático com o ideal de livrar o estudante da dependência do adulto para colocá-lo sob a dependência de sua própria consciência moral. A Escola Nova teve um forte prestígio no Brasil, tanto que houveram reformas educacionais inspiradas nesses preceitos. Por exemplo, Lourenço Filho liderou uma reforma nessa lógica no Ceará em 1923 e, Anísio Teixeira, em 1925 na Bahia. A não imposição dos conteúdos tradicionais como obrigatórios e o aceite total à originalidade do estudante foram os principais julgamentos sofridos pela Escola Nova. Nesse período já existiam algumas universidades, como por exemplo, a do Rio de Janeiro e a Universidade de Minas Gerais.

1.5 Era Vargas

O quinto período vivenciado pela educação no Brasil, conhecido como a *Era Vargas*, teve início sob os impactos da Grande Crise Econômica Mundial, na disputa entre paulistas contra mineiros, paraibanos e gaúchos que atravancou a posse do presidente eleito Júlio Prestes, apoiado pelos paulistas, e outorgou a chefia do governo, a título provisório, a Getúlio Vargas, apoiado pelos demais.

Com o Decreto 1.402 de 14 de novembro de 1930 o presidente Getúlio Vargas criou o Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública. Fonseca (2010) afirma que:

Uma das características do novo órgão do governo federal seria, evidentemente, o agrupamento, sob a sua direção, de todos os estabelecimentos escolares federais existentes no país. As Escolas de Aprendizes e Artífices não poderiam escapar a essa força de atração e, por isso foram desligadas do Ministério da Agricultura, [...] (FONSECA, 2010, p. 102).

Com a criação desse ministério, também o movimento da Escola Nova continuou a fortalecer-se, centrando-se principalmente na valorização dos jogos e do exercício físico, ou seja, de atividades que aprimorassem a motricidade e a percepção do estudante. Tal fato remete à discussão entre as *tendências humanistas da educação escolar*, assim chamadas por Franco & Sauerbronn (1984): de um lado, a *tradicional* defendida pelos católicos e, de outro, a *moderna* defendida pelos escolanovistas.

Várias ações no ramo da educação foram tomadas nessa fase, como a fundação de outras instituições educacionais. No ano de 1934, por exemplo, foi fundada a conhecida Universidade de São Paulo – USP. Já ano de 1942, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, referência até hoje no ensino técnico. Outras ações também ganharam destaque, como o início da instituição de *Leis Orgânicas* em função da reforma liderada por Gustavo Capanema, a partir de 1942 que, como bem lembrou Manfredi (2002, p. 99), “redefiniram os currículos e as articulações entre cursos, ramos, ciclos e graus”. Ainda em 1942, por exemplo, foi editada a Lei Orgânica do Ensino Industrial (Decreto-Lei 4.073 de 30 de janeiro de 1942). No ano seguinte, foi a vez da Lei Orgânica do Ensino Comercial (Decreto-Lei 6.141 de 28 de dezembro de 1943).

1.6 Período Democrático

O sexto período da educação no Brasil foi chamado de *Período Democrático*. Em 1946, as Leis Orgânicas continuaram a serem editadas, como a do Ensino Primário por meio do Decreto-Lei 8.529 de 02 de janeiro de 1946 (BRASIL, 1946a), no mesmo dia, a do Ensino Normal por meio do Decreto-Lei 8.530 (BRASIL, 1946b) e, por fim, a Lei Orgânica do Ensino Agrícola, por meio do Decreto-Lei 9.613 de 20 de agosto desse ano (BRASIL, 1946c). Ainda em 1946, o Brasil passa a ter uma nova Constituição que garantia aos brasileiros o ensino primário gratuito, inclusive na sequência dos estudos para aqueles que comprovassem falta de recursos (BRASIL, 1946d). Outro fato importante é que foi nesse período, que se deu início aos primeiros trabalhos de Paulo Freire com métodos que partiam, inicialmente, dos saberes dos estudantes para, enfim resultar na alfabetização.

Com vistas a um intercâmbio entre brasileiros e americanos na área do ensino industrial e de maneira que o país passasse a ter um nível de educação muito mais voltado para pensamentos tecnicistas, logo no início dessa fase, foi assinado um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos, estreitando as relações entre professores nessa área, sendo possível promover também, de acordo com Fonseca (2010, p. 110), “a elaboração e aplicação de métodos racionais de aprendizagem e de orientação educacional”. Outros estímulos também foram dados aos docentes da EPT, sobretudo na área industrial. Eis o primeiro exemplo.

No início do ano de 1947 seguiu para os Estados Unidos a primeira turma de professores do ensino industrial, com finalidade de aperfeiçoamento nas diferentes técnicas que ensinavam. Era um grupo constituído de quarenta docentes, todos representantes de disciplinas de oficinas provenientes das várias escolas da rede federal. Sua permanência naquele país seria de um ano, havendo antes da partida,

side concentrados durante três meses na Escola Técnica Nacional, onde se organizara um curso preparatório, do qual fazia parte o estudo intensivo da língua inglesa. (FONSECA, 2010, p. 111)

Foi também nesse período, que surgiram as Leis de Equivalência. A primeira foi a Lei 1.076, de 31 de março de 1950, que assegurou aos estudantes que concluíssem curso de primeiro ciclo do ensino comercial, industrial ou agrícola, o direito à matrícula nos cursos clássico e científico (BRASIL, 1950). E a segunda foi a Lei 1.821 de 12 de março de 1953 que aumentou o acesso ao curso clássico ou científico sob a condição de que o curso de origem fosse constituído de um currículo “em cinco anos letivos, pelo menos, e com o mínimo de seis disciplinas do ciclo ginasial” (BRASIL, 1953). Tal lei e consecutivas regulamentações vieram para dar ainda mais chances de os estudantes do ensino técnico escolherem os cursos que mais se identificassem.

Desde o início dessa fase, houve muitas discussões sobre uma possível Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), até que após treze anos de discussão, em 1961, com uma estrutura de 120 artigos, a primeira LDB foi promulgada, no Governo de João Goulart (Lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961). Esta foi a lei que consolidou, segundo Franco & Sauerbronn (1984, p. 138), “a posição do ensino profissional entre os vários ramos congêneres do ensino de nível médio”.

Ela trazia como principais características a autonomia aos órgãos estaduais; a garantia de obrigatoriedade de empenhos orçamentários nos percentuais nela determinados tanto para a União quanto para a educação; os quatro anos do ensino primário de maneira obrigatória; e quanto a formação de professores, quando para o ensino primário, a obrigatoriedade de conclusão do ensino normal de grau ginasial ou colegial, e quando para o Ensino Médio, que na época se chamava Colegial, a obrigatoriedade de conclusão do Ensino Superior.

No findar de 1963, ainda no Governo de João Goulart, foi editado o Programa Intensivo de Preparação da Mão de Obra Industrial (Pipmo), por meio do Decreto 53.324 de 18 de dezembro daquele ano, com vistas ao aceleramento da preparação de mão de obra de modo que, segundo Manfredi (2002), os diversos setores da economia fossem supridos por força de trabalho melhor qualificada.

No entanto, mesmo após a promulgação da LDB de 1961, para Manfredi (2002, p. 103), “a dualidade estrutural ainda persistiria, embora se tivesse garantido maior flexibilidade na passagem entre o ensino profissionalizante e o secundário”. Isso resultou, segundo Franco & Sauerbronn (1984) na eliminação da diversificação quanto aos exames de aprovação para

os diferentes cursos. Esse foi o cenário no final do Período Democrático, visto que o país passaria por uma nova fase política.

1.7 Ditadura Militar

O sétimo período ficou conhecido como Ditadura Militar. Nessa fase os governos priorizaram um plano de desenvolvimento focado em projetos nacionais econômicos às custas de forte endividamento externo, de maior amplitude investindo em programas que requeriam mão-de-obra em massa, como por exemplo, a construção das conhecidas hidroelétricas de Itaipu, dos pólos agropecuários e agrominerais da Amazônia, entre outros programas em todas as regiões do país. Um exemplo desses projetos nacionais de maior amplitude foi a revitalização do Pimpo, criado já no fim de 1963, ainda no Período Democrático. Nessa fase, o programa contou com parcerias de instituições de formação profissional.

O treinamento ministrado pelos convênios do Pimpo foi executado pelas instituições existentes de formação profissional, Senai e escolas técnicas da rede federal, para uma capacitação rápida e imediata dos trabalhadores. Os cursos tinham duração breve e abarcavam um conteúdo reduzido, prático e operacional. (MANFREDI, 2002, p. 104)

Concomitantemente, muitos princípios sustentados por Paulo Freire começaram a ser vistos pelos governantes militares como subversivos. Em consequência disso ele ficou recluso por 70 dias. No ano de 1967 foi criado o *Movimento Brasileiro de Alfabetização* (Mobral), por meio da Lei 5.379 de 15 de dezembro desse ano. Tal movimento tinha como principal objetivo conter o índice de analfabetismo presente nas pessoas em idade adulta no Brasil.

Nesse período a disciplina *Filosofia* foi revogada dos currículos e *História* e *Geografia* foram agrupadas, no ensino primário, por meio do nome *Estudos Sociais*. Em contrapartida, a disciplina *Educação Moral e Cívica* torna-se obrigatória em todos os níveis primários. Já no secundário essa disciplina passa a ser chamada de *Organização Social e Política Brasileira* (OSPB). E no Ensino Superior, *Estudos dos Problemas Brasileiros* (EPB).

Nessa fase, após quase dez anos de vigência da LDB de 1961, uma nova lei foi promulgada tendo em vista que a primeira já não correspondia às demandas da época. A Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, de acordo com Franco & Sauerbronn (1984, p. 139), “é o exemplo mais acabado de uma tendência na educação brasileira no sentido de se ajustar às necessidades do mercado de trabalho e ao projeto de desenvolvimento econômico que então se intensificava no país”. Por outro lado, também com o intuito de prevenir problemas sociais,

ao instituir a *profissionalização universal e compulsória para o ensino secundário* (BRASIL, 1971), ela estabeleceu, de maneira formal, a equiparação entre o curso secundário e os cursos técnicos (MANFREDI, 2002). Quanto à formação docente, em função da exigência de habilitação específica de segundo grau para o exercício do magistério em primeiro grau, o ensino normal ginasial, simplesmente, desapareceu. Contudo, ainda permaneceu o curso normal ou magistério.

Outra ação do governo relativa à EPT nesse período foi a promulgação da Lei 6.297 de 15 de dezembro de 1975, que dispôs “sobre a dedução do lucro tributável, para fins de imposto sobre a renda das pessoas jurídicas, do dobro das despesas realizadas em projetos de formação profissional” (BRASIL, 1975). Isso significou que qualquer valor investido em formação profissional por uma empresa poderia ser deduzido em valor duplicado do valor de seu imposto renda bruto para o cálculo de seu imposto de renda líquido. Poderiam ser deduzidas, inclusive, segundo Manfredi (2002), despesas com construção ou instalação ou com aquisição de equipamentos, desde que fossem para o fim da formação profissional. Se de um lado tal lei foi tida como um incentivo dado pelo governo às empresas para que elas mesmas investissem na formação profissional de seus trabalhadores, por outro, significou que o governo voltou a transferir para a iniciativa privada aquela que é uma de suas obrigações inerentes: a educação.

Já aproximando-se do fim da Era Militar, o modelo da LDB de 1971 também não durou muito tempo. O ensino profissionalizante deixou de ser obrigatório com a promulgação da Lei 7.044 de 18 de outubro de 1982. Embora não tenha sido considerada uma nova LDB, tal lei revogou o artigo 23 da LDB de 1971 e todas disposições em contrário, além de que alterou outros dez dos seus artigos, dando a eles nova redação.

A Lei 7.044/82, no fundo, procura romper com o economicismo e o empirismo da Lei 5692/71 que buscava atrelar linearmente a educação às supostas demandas do mercado de trabalho. Essas tentativas levaram tanto a um esvaziamento do conteúdo da educação quanto contribuíram para uma deterioração do conceito de trabalho que, em geral, era confundido com o de mercado de trabalho. (FRANCO; SAUERBRONN, 1984, p. 140)

Após a efetivação de todos esses programas, projetos e leis, de âmbito nacional, o que ficou de legado dessa fase é que a antiga dualidade entre o ensino básico de formação geral e o profissionalizante, voltou a ser demonstrada, resultando em maior ambiguidade, precariedade e desconstrução do ensino.

1.8 Nova República

No oitavo período, conhecido como *Nova República*, voltou-se a predominar a democracia. Houve uma nova escolha presidencial elegendo como Presidente da República o advogado e político Tancredo Neves do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). No entanto ele não chegou a tomar posse por ter falecido. Em seu lugar assumiu José Sarney do mesmo partido que permaneceu no governo por cinco anos.

Nesse período a educação passa a ter um grande destaque na nova Constituição promulgada em 1988. Essa foi considerada a constituição mais democrática de toda história brasileira. Uma das mais importantes conquistas dessa nova constituição foi que todo cidadão deveria ter acesso à educação. Nessa época a União deveria destinar 18% de seus recursos para a educação e os estados e municípios, a ordem de 25%. O ensino de primeiro grau passa a se chamar Ensino Fundamental, e o ensino de segundo grau: Ensino Médio.

No ano de 1990, Fernando Collor de Mello foi eleito o novo chefe do executivo pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN). Nesse mesmo ano, foi criado o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (Pnac) que previa reduzir 70% da taxa de analfabetismo no país. Ainda nesse ano foi organizado o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), compreendido por duas avaliações: a *Avaliação Nacional da Educação Básica* (Aneb) e a *Avaliação Nacional do Rendimento Escolar* (Anresc), conhecida como *Prova Brasil*. Ambas são executadas a cada biênio com avaliações de Língua Portuguesa, focadas em leitura, e de Matemática, focadas em resolução de problemas, além da aplicação de questionários socioeconômicos. Ainda em 1990, no Governo Fernando Collor de Mello, foram cortadas as reduções fiscais da Lei 6.297/75, que havia sido promulgada na Ditadura Militar como incentivos para que as empresas desenvolvessem projetos de formação profissional dos seus próprios funcionários (MANFREDI, 2002).

Passados quase três anos de seu governo, Collor foi afastado da Presidência por um processo de *impeachment*, e Itamar Franco, seu vice do PMDB, assumiu, em um período de extrema crise econômica, com altíssimos índices de inflação, problema para o qual foi criado o Plano Real por seu então Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso (FHC). Uma de suas primeiras ações no âmbito da educação foi substituir o quadro de pessoal do Ministério da Educação (MEC), até então de cunho totalmente político por outro mais técnico. Na sequência dessa ação, as Secretarias do Desporto e de Projetos Educacionais Especiais da Presidência da República foram incorporadas à pasta. Em seguida, foram reestruturados: o

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e o Censo Educacional.

O então Ministro da Fazenda de Itamar Franco, FHC membro e líder do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o substituiu na Presidência da República em 1995, na qual permaneceu por dois mandatos, ou seja, de 1995 a 2002, oito anos. Logo no primeiro ano de seu mandato foi criado o Conselho Nacional de Educação (CNE), que já existia anteriormente com o nome de Conselho Federal de Educação (CFE). Ainda em 1995, foi implantado, por meio do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (Planfor), que teve duração durante toda a gestão de FHC e, segundo Kuenzer (2006, p. 887), “teve como proposta articular as Políticas Públicas de Emprego, Trabalho e Renda, tendo como principal fonte de financiamento o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT)”.

No ano seguinte, ocorreu a promulgação da nova LDB, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que dividiu a educação brasileira em dois níveis: Educação Básica e Ensino Superior, incluindo também modalidades de ensino dentro desses níveis: uma delas é a EPT, que passou a ter direito a uma seção especial nessa lei (BRASIL, 1996a). Apenas 4 dias depois, foi criado o Fundo de Manutenção do Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), por meio da Lei 9.424 de 24 de dezembro de 1996, que garantia verbas para o Ensino Fundamental a partir de janeiro do ano seguinte (BRASIL, 1996b).

Em 1997, foi editado o Decreto 2.208, de 17 de abril daquele ano, que regulamentou o §2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da recente LDB (BRASIL, 1997), acabando, por sua vez, com os cursos técnicos secundários que organizavam de forma integrada o Ensino Médio e a formação profissional (BRANDÃO, 2009).

O Decreto estabelece que a educação profissional seria desenvolvida “em articulação” com o Ensino Médio que já estava instituído. A EPT configurou-se, assim, por uma perspectiva fragmentada e dirigida ao segmento produtivo, apartada da educação regular, à qual poderia estar articulada. (AZEVEDO; SHIROMA; COAN, 2012, p. 31)

No final de 1997, o Governo Federal assinou um acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a execução do Programa de Expansão da Educação Profissional (Proep), por meio de parceria entre MEC e MTE. Por meio do Decreto 2.208, segundo Kuenzer (2006, p. 888), “se criaram as condições para a negociação e implementação do Proep, em atenção às exigências do Banco Mundial”.

Em 1998 começaram a ser publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que traziam os conceitos de competências e habilidades, além de recomendar aos professores a transmissão de seus conteúdos com base no desenvolvimento dessas competências e habilidades. Também nesse ano foi criado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A quarta revolução industrial e o processo de reestruturação do trabalho, emergentes a partir da década de 1990, demandaram uma reavaliação integral dos currículos, tanto da educação básica quanto da profissional, uma vez que, constantemente e em doses crescentes, passou a ser exigido dos trabalhadores, maior racionalidade, independência intelectual, pensamento analítico, iniciativa particular, mente empreendedora, bem como a eficiência na visualização e na solução de problemas. A partir do início dos anos 2000, segundo Azevedo, Shiroma & Coan (2012, p. 34), “a EPT estava definida como modalidade de ensino na Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, elaborada pelo Congresso Nacional na gestão de FHC, instituindo o Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010”.

O governo seguinte foi comandado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), teve início em 2003 e também durou por dois mandatos, até 2010. Logo no primeiro ano, segundo Kuenzer (2006, p. 889), “a partir da avaliação do Planfor, o governo do presidente Lula apresentou nova proposta de política pública de Educação Profissional expressa no Plano Nacional de Qualificação (PNQ)”. Contudo, sua execução somente ocorreu a partir de 2004, mesmo ano em que foi revogado o Decreto 2.208 de FHC, por meio do Decreto 5.154 de 23 de julho de 2004, que deu nova regulamentação à LDB de 1996 e que, ainda de acordo com Kuenzer (2006, p. 893-894), “re-estabeleceu o Ensino Médio Integrado como modalidade”.

Nos anos seguintes foram criados dois programas educacionais: primeiro, em 2005, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (ProJovem), e depois, em 2006, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja).

Em 2007, o antigo Fundef de FHC foi substituído pelo Fundo de Manutenção do Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), que garantia, entre outras coisas, que estados e municípios destinassem percentuais mínimos de suas receitas especificamente para a educação, e 60 % destas para gastos com pagamentos de professores. Ainda neste ano:

Independentemente das questões político-partidárias que emergiram dos debates em torno da construção do PNE 2001-2010, o fato é que o governo Lula desconsiderou a Lei no 10.172/2001 e lançou oficialmente em 24 de abril de 2007, de seu gabinete presidencial, o PDE [Plano de Desenvolvimento da Educação], uma justaposição de ações de várias naturezas que se caracterizam muito mais como uma listagem de

tarefas a serem cumpridas do que propriamente um planejamento para a educação brasileira, que, no caso da Semtec-MEC [Secretaria de Educação Média e Tecnológica do MEC], manteve o modelo tradicional de EPT para os “desvalidos da sorte”, negando ao Estado brasileiro uma política educacional densa, interconectada e, principalmente, sistematizada. (AZEVEDO; SHIROMA; COAN, 2012, p. 34)

Ligado a criação desse plano criou-se também um indicador de qualidade da educação, elaborado pelo Inep, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) que, por meio de uma escala de 0 a 10, calcula o desempenho do sistema educacional brasileiro. Dentro dessa escala, a nota 6 foi estabelecida como meta a ser atingida até 2022, a qual equipara-se, segundo Gentili & Oliveira (2013, p. 260), “ao resultado obtido pelos países da Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)”.

Já no fim do ano seguinte, foi promulgada a Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, considerado o maior avanço da EPT nessa fase pois, instituiu a Rede Federal, além de que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (doravante Institutos Federais), mediante transformações de instituições federais de educação profissional ou integrações, quando da junção de mais de uma dessas instituições (BRASIL, 2008), expandindo, por sua vez, a oferta de vários cursos, sobretudo, os superiores de tecnologia, ou simplesmente, cursos tecnológicos. Essas integrações ocasionaram fusões de instituições de diferentes identidades. Nota-se certa herança da finalidade econômica das antigas Escolas de Aprendizes e Artífices, visto que nesta lei os Institutos Federais têm, por finalidades e características, entre outras, a oferta de:

educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional (BRASIL, 2008, art. 6º, inc. I)

Segundo o Artigo 1º desta Lei, a Rede Federal é composta pelos Institutos Federais, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pelos dois sobreviventes Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets): do Rio de Janeiro (Celso Suckow da Fonseca - Cefet-RJ) e de Minas Gerais (Cefet-MG), por todas as 24 Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais (ETVUFs) e pelo Colégio Pedro II (BRASIL, 2008). Os primeiros são frutos de todas aquelas instituições que, ou se transformaram, ou se integraram.

Os Institutos Federais, por sua vez, representam as mais novas autarquias de regime especial de base educacional humanístico-técnico-científica, encontrando na territorialidade e no modelo pedagógico elementos singulares para sua definição identitária. (OLIVEIRA; ESCOTT, 2015, p. 728)

De todos os antigos Cefets, o do Paraná se transformara em 2005, em Universidade Tecnológica, condição esta que foi motivo para a não transformação do mesmo em Instituto Federal. Por esse mesmo motivo, também permaneceram com a condição original os outros dois Cefets: Rio e Minas, que ainda hoje lutam pela transformação em Universidades Tecnológicas. As demais instituições não se transformaram e nem se integraram por motivos particulares, sobretudo para não perderem suas identidades institucionais que, na maioria das vezes, quando vinculadas a uma instituição maior, como uma universidade, permanecem com expressivos raios de atuação nas respectivas áreas do conhecimento nas quais são referências, como é o caso do Centro de Educação Profissional (Cefores), instituição aqui pesquisada, na condição de Escola Técnica Vinculada à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Já em 2009, com plena atuação da Rede Federal, o Enem passou a ser utilizado como uma espécie de vestibular nacional para ingresso em Instituições de Ensino Superior públicas por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e posteriormente, como elemento de seleção para concessão de bolsas para estudantes nas universidades particulares pelo Programa Universidade para Todos (Prouni) ou para obtenção de incentivo financeiro através do Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior (Fies). Por muitos anos, esta prova serviu como certificação para a diplomação do Ensino Médio, inclusive expedidas por várias instituições da Rede Federal.

O resultado é que o governo Lula encerrou os seus oito anos de mandato sem estabelecer uma sólida política de Estado para a educação profissional, além de contribuir para o aprofundamento do aligeiramento educacional deixado pelo seu antecessor, o governo FHC, mediante reformas intituladas como políticas de governo focalizadas no sistema produtivo, aprofundando a sua mercadorização. (AZEVEDO; SHIROMA; COAN, 2012, p. 34)

Em 2011, o Governo Federal, permanecendo sob a sigla do PT, passa para a responsabilidade da primeira mulher na história do país a assumir o cargo de chefe do executivo federal desde a proclamação da República. Ex-ministra da Casa Civil do Governo Lula, Dilma Rousseff governou o Brasil por quase dois mandatos, ou seja, quase seis anos. Isso em função de seu *impeachment*, no segundo mandato. Embora existam várias críticas, a EPT teve um grande avanço em seu governo.

Logo no ano de 2011 é criado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) por meio da Lei 12.513 de 26 de outubro de 2011, “com a finalidade de ampliar a oferta de educação profissional e tecnológica, por meio de programas, projetos e

ações de assistência técnica e financeira” (BRASIL, 2011). Para atender à finalidade e aos objetivos propostos, a legislação também determinava que o programa deveria atuar com a colaboração de todas as esferas do governo, bem como com a “participação voluntária dos serviços nacionais de aprendizagem, de instituições privadas e públicas de Ensino Superior, de instituições de educação profissional e tecnológica e de fundações públicas de direito privado precipuamente dedicadas à educação profissional e tecnológica” (BRASIL, 2011). Afirmam Azevedo, Shiroma & Coan (2012) que o Pronatec foi lançado como um desdobramento do PDE de Lula e não do findado PNE 2001-2010, nem mesmo do possível PNE 2011-2020, naquele ano ainda em tramitação.

Por meio da Bolsa-Formação e da atuação mútua de instituições demandantes e ofertantes, o Programa executou cursos de qualificação profissional rápida, ou seja, na modalidade de Formação Inicial e Continuada (FIC) e, até mesmo, mais longos na modalidade de educação profissional técnica de nível médio, a princípio apenas na forma concomitante. Posteriormente, também nas formas de Integrado e Subsequente. A forma concomitante é referente a dois cursos, ou seja, quando o aluno tem duas matrículas em instituições distintas e ao mesmo tempo. Já na forma de Integrado, embora o aluno também faça os dois cursos ao mesmo tempo, ele tem apenas uma matrícula, em uma única instituição, na qual cursa o *Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio*. E, por fim, a forma subsequente, destina-se ao aluno que já concluiu o Ensino Médio e pretende apenas cursar o técnico.

No ano de 2012, enquanto o Pronatec tomava grandes proporções por todo o território brasileiro, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Brasileira (DCNs), tendo sido publicadas em 2013. Ao contrário dos PCNs que traziam apenas recomendações, as DCNs apresentaram regras a serem seguidas para regulamentação da Educação Infantil ao Ensino Médio, e até mesmo da educação profissional e técnica de nível médio (BRASIL, 2013). A partir dessas diretrizes, esse seria o foco da educação brasileira, e não mais apenas o desenvolvimento de competências e habilidades.

Uma nova expressão que emergia nas discussões na área da educação era a questão da *formação humana integral* que é diferente de *educação em tempo integral*. Enquanto esta predispõe que o estudante vai estudar em dois turnos, a primeira planeja a prática de uma formação em conhecimentos mais abrangentes: críticos, sociais e, até mesmo, cognitivos. Com três anos de atraso, o novo PNE foi promulgado por meio da Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, passando a valer até 24 de junho de 2024, cujas metas centrais, além do financiamento, segundo Brasil (2014a) são: ampliação da oferta da educação infantil para, no mínimo, atender 50% das crianças de 3 anos; conclusão de 95% dos alunos de 6 a 14 anos do

Ensino Fundamental; valorização do professor; universalização do Ensino Médio, de 15 a 17 anos; e atendimento, em tempo integral de, pelos menos, 25% dos alunos da Educação Básica por meio de 50% das escolas públicas.

Em 2015 já se aproximando rumores de um possível processo de *impeachment* de Dilma por crime de responsabilidade fiscal, os ânimos no governo foram, generalizadamente, diminuindo, até que em 31 de agosto de 2016, tornaram-se realidade. Com a transferência do Governo Federal para o então Vice-Presidente Michel Temer, do PMDB, a educação toma novos rumos. Ciente de que sua popularidade não alcançaria os níveis alcançados por Lula e Dilma, Temer inicia seu governo deixando claro não ter interesse em candidatar-se à presidência. Já em seu governo, a certificação do Ensino Médio por meio do Enem foi substituída pelo Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), que atualmente tem o objetivo de aferir as competências e as habilidades, sobretudo, de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio na idade própria. (BRASIL, 2018)

Em função disso, o que se percebeu foi uma pressa para executar todos os interesses de seu grupo. Logo no início começou um amplo debate para a preparação da chamada Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conjunto de conhecimento que todo estudante tem direito de saber, independentemente de sua localização no país, respeitando-se as particularidades regionais de cada um. Com uma organização preparada para atender tão somente aos interesses do capital o Presidente Temer colocou a educação em sua agenda de governo como uma verdadeira volta ao passado no qual os trabalhos manual e intelectual tiveram como pano de fundo a desigualdade no acesso, na permanência e na qualidade do ensino. Passados seus dois anos de mandato e, após novas eleições diretas, Jair Messias Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL), militar da reserva e deputado federal por sete mandatos, assumiu a Presidência da República em 01 de janeiro de 2019, data a partir da qual as Políticas de Educação, sobretudo as de Educação Profissional, aguardam novos rumos.

Considerando toda essa história pautada em políticas de interesses, não é mais possível desconsiderar a Educação Profissional na qual a questão da *identidade* deve ser apreciada com atenção a fim de que as práticas das instituições dessa modalidade de ensino contribuam mais eficazmente na formação das identidades profissionais de sujeitos que contribuam para a efetiva e contínua construção dessa sociedade que deve continuar primando, cada vez mais, pela democracia. O Capítulo II, a seguir, introduz e defende essa temática.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE E PROFISSÃO

Este capítulo trata da Identidade Profissional, tema central da pesquisa. Para uma maior compreensão da temática da identidade, que é pouco pesquisada no Brasil, o parâmetro linguístico deste capítulo considera obras em outros idiomas, com prioridade para aquelas que tem tradução para a Língua Portuguesa. Quando a obra foi analisada em língua estrangeira, a tradução aparece no corpo do texto, e a versão original em notas de rodapés.

A princípio, faz-se uma separação de identidade e profissão, para melhor compreendê-las em seus diversos conceitos, para só então uni-las. Considerando a complexidade que envolve o que venha a ser, de fato, a identidade, evoca-se esse conceito primeiramente a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que explicam o tema, mais satisfatoriamente, partindo de uma comparação com a diferença. Logo após, apresenta-se mais conceitos de identidade, no entanto, a partir de perspectivas de outras áreas. Em seguida, é feita uma breve apresentação do tema profissão, e por último finaliza-se com o Estado da Arte sobre o tema completo: *Identidade Profissional*.

2.1 Identidade a partir da perspectiva dos Estudos Culturais

A perspectiva dos Estudos Culturais nas pesquisas de identidade vem se mostrando importante dada a sua particularidade em definir concepções características da cultura tanto em termos empíricos quanto científicos. Sendo assim, apresenta-se agora algumas dessas ideias e que serão, posteriormente, retomadas nesse estudo.

A cultura, normalmente, influencia e, às vezes até estipula, as condutas dos sujeitos, e esta vem sofrendo impactos dos processos de globalização. A obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, publicada em 2007, traz três ensaios que traçam os contornos da questão da identidade e da diferença de várias maneiras. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2007). Todos de autores considerados grandes nomes no campo dos estudos culturais, dois deles inclusive, internacionais. Kathryn Woodward é professora na *The Open University*². Suas principais atuações estão nas áreas de teorias de gênero, diversidade e

² *The Open University* é a maior instituição acadêmica do Reino Unido, situada no Distrito de Milton Keynes. Popularmente conhecida apenas como *Open University*, ocultando-se o *The*, é uma das pioneiras na educação à distância no mundo. Em seu sítio oficial na internet, a instituição informa que já formou mais de dois milhões de pessoas no mundo todo. Fonte: <<http://www.openuniversity.edu/>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

equidade racial, nas quais compõe vários grupos de pesquisa. Stuart Hall foi um sociólogo e teórico cultural jamaicano, que também foi professor na *Open University*, e destacou-se nos estudos relacionados à identidade e à diferença, tendo sido um dos teóricos que mais produziu sobre o assunto. E Tomaz Tadeu da Silva, que é também o organizador da obra, é professor gaúcho, PhD pela *Stanford University*³, que há mais de trinta anos dedica-se as questões de identidade, Estudos Culturais e Pós-Modernismo.

2.1.1 Conceitos de identidade

Iniciando a obra, o conceito de identidade é trabalhado no texto de Woodward (2007), *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (p. 7 -72), no qual a autora inicia com um exemplo do escritor e radialista Michael Ignatieff, referente aos povos da antiga Iugoslávia, país “dilacerado pela guerra” (WOODWARD, 2007, p. 7). O exemplo mostra duas identidades diferentes e facilmente identificáveis, a dos sérvios e a dos croatas, que partilham o local e diversos aspectos da cultura nos seus cotidianos. Nota-se que uma identidade depende da outra, ou seja, uma identidade fornece as condições para a existência da outra. Não obstante os antagonismos presentes nas marcações de identidade, e mesmo que a percepção de pertencimento do sujeito esteja apenas no campo imaginário ou simbólico, para Woodward (2007) o conceito de identidade não só diz respeito a quem esse sujeito é ou de onde ele veio, mas muito mais com em quem ele pode se tornar e vir a ser, ou em como ele tem sido traduzido e, mais, em como essa tradução ou representação influencia a forma como ele pode se traduzir ou se representar a si próprio.

Já em *A produção social da identidade e da diferença* (p. 73-102), Silva (2007) afirma que a identidade é aquilo que se é e a diferença é aquilo que o outro é. Identidade e diferença são, pois, interdependentes e inseparáveis. Portanto, “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações de identidade.” (SILVA, 2007, p. 75). Ele exemplifica mostrando que quando alguém diz “sou brasileiro”, de fato, somente o é porque existem outros seres que não o são. Sendo assim, ele afirma que esse é um processo no qual, tanto a identidade quanto a diferença são produzidas.

No último capítulo da obra, Hall (2007) apresenta o texto *Quem precisa de identidade?* (p. 103-133) buscando responder a pergunta-título que traz, em seu bojo, um

³ *Stanford University* é uma universidade de pesquisa privada situada em Palo Alto, Califórnia, Estados Unidos, considerada uma das mais prestigiadas no mundo, com a maior seletividade de graduação, composta por 7 escolas e 18 institutos interdisciplinares com mais de 16.000 estudantes, 2.100 professores e 1.800 acadêmicos de pós-doutorado. Fonte: < <https://www.stanford.edu/about/history/>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

substantivo cujo conceito vem sofrendo muitas críticas. Para responder a essa pergunta, há que se compreender o conceito de identidade. Segundo ele “está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais de uma forma ou de outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2007, p. 103).

E é aí que vários outros conceitos emergem: identificação, ideologia, sujeito, reconhecimento e posições-de-sujeito. O conceito de identificação, por exemplo, embora possa iniciar com um uso psicanalítico, traz valiosa herança semântica. “Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2007, p. 106). Na abordagem discursiva a identificação é um processo de articulação, nunca completado, por isso, em constante construção. Sempre haverá a falta ou o excesso, mas nunca uma íntegra. Hall (2007, p. 106) afirma que “para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui”.

Sobre a ideologia relativa a uma identidade, Hall (2007) atribui a sua eficácia ao fato dela agir concomitantemente na identidade e nas práticas discursivas que constituem o campo social, no qual se situam os problemas conceituais reais. Sobre a utilização do termo *sujeito* que recebe várias interpretações, Hall (2007, p. 116) afirma que “tudo que é constitutivo do sujeito não apenas ocorre por meio desse mecanismo de resolução da *crise edipiana*, mas ocorre num mesmo momento”. Portanto, a maneira mais simples de se compreender esse conceito é relacioná-lo ao conceito de indivíduo que é um ser puramente natural. Sendo assim, sujeito é esse indivíduo que sofreu ações culturais que o transformaram em um novo ser.

Em relação à compreensão do que vem a ser o reconhecimento, Hall (2007, p. 117) afirma que “de acordo com Freud, para que se possa estabelecer qualquer relação com um mundo externo, a catexia⁴ básica das zonas de atividade corporal e o aparato da sensação, do prazer e da dor devem estar já ‘em ação’, mesmo que em uma forma embrionária”. Já em consonância com Lacan, “a própria imagem que localiza a criança divide sua identidade em duas. Além disso, esse momento só tem sentido em relação com a presença e o olhar

⁴ *Catexia* termo empregado pela primeira vez por Freud em 1913 para referir-se a uma cota de afeto ou a uma soma de excitação que percorre os traços de memória das ideias à semelhança da carga elétrica quando se expande sobre a superfície dos corpos. Em termos práticos, pode ser entendida como investimento de energia psíquica. Fonte: BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. São Paulo, vol. 52, n. 1, 1994.

confortadores da mãe, a qual garante sua realidade para a criança” (HALL, 2007, p. 117). Ou seja, o processo de reconhecimento identitário tem seus primórdios na infância.

E finalizando a apresentação desses conceitos emergentes, salienta-se o processo de construção das diversas posições-de-sujeito. Para Hall (2007) não existe continuidades de uma posição-de-sujeito para outra ou qualquer identidade transcendental entre uma posição e outra. No entanto, será mesmo importante reduzir o espaço entre essas posições? Em outras palavras, é mesmo necessária uma teoria que diga, ainda segundo Hall (2007, p.126) “quais são os mecanismos pelos quais os indivíduos considerados como sujeitos se identificam (ou não se identificam) com as ‘posições’ para as quais são convocados”?

Considerando todos esses conceitos, Hall (2007) afirma que o seu conceito de identidade é estratégico e posicional.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2007, p. 108)

Voltando em Woodward (2007), a autora responde o porquê do atual investimento nas identidades, fazendo um comparativo inicial entre a já conceituada identidade, e o que ela apresenta como sendo subjetividade, bem como incluindo, como justificativa, as chamadas dimensões ou teorias psicanalíticas. Ela afirma que “o conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidades. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares” (WOODWARD, 2007, p. 55 e 56).

Conceitualmente, subjetividade é a concepção que se tem sobre si próprio, incluindo suas dimensões inconscientes (psicanalíticas), embora possam ser contraditórias. Para ilustrar, a autora traz um interessante exemplo de um poema, com diferentes identidades, escrito por uma mulher negra e adotada, no qual é exposto suas próprias dificuldades em se tornar uma mãe adotiva. As teorias psicanalíticas são importantes para responder a essas questões de identidade, sobretudo, porque possibilitam a análise e a compreensão tanto das vontades conscientes quanto das inconscientes nos processos de identificação.

Para Hall (2007), existem também críticas antiessencialistas cujos pontos de vistas teóricos mais condizentes sobrepõem-se nas questões da subjetividade e da identidade. Esta,

por sua vez, “é um desses conceitos que opera, ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (HALL, 2007, p. 104). Sendo assim, o que está faltando, do ponto de vista dele, não é uma teoria que explique o sujeito, mas sim o seu discurso, teoria na qual o termo identidade seja para significar o ponto de encontro entre os discursos com respectivas práticas de sujeitos sociais de discursos particulares e os processos que produzem a subjetividade e que os constroem como sujeitos.

Desta forma, importa entender os vínculos decorrentes entre os sujeitos e as formas como eles são considerados e classificados. No entanto, esse entendimento é complexo. Portanto, no intuito de facilitá-lo, foram selecionados alguns pontos importantes no interior dos quais transitam o tema identidade, dentre eles a diferença, os sistemas de representação, simbólicos e classificatórios e o descentramento do sujeito pós-moderno, que serão detalhados, a partir de agora, nessa sequência.

2.1.2 Conceitos de diferença

A diferença pode ser entendida como um composto de convicções e princípios que estruturam a seleção, a inclusão e a exclusão de sujeitos em qualquer universo social. Composto esse que expressa a maneira como homens e mulheres marginalizados são dispostos e preparados em teorias sociais dominantes, políticas sociais e agendas políticas.

Contudo, Woodward (2007) afirma que a diferença apresenta dois lados coexistentes. Um lado positivo, no qual é celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e, portanto, de enriquecimento. E um lado negativo, no qual ela é construída por meio da exclusão ou da marginalização, que definem algumas pessoas como sendo outros ou forasteiros. Algumas dessas ações de desestabilização são resumidas em expressões como “diásporas”, “hibridismo”, “cruzar fronteiras”, entre outras. É curioso perceber também que, indiretamente, elas remetem a abstração de movimento, ou seja, de mobilidade entre territórios. Em nenhum momento os sujeitos estão presos a um só lugar de pertencimento.

Cruzar fronteiras, por exemplo, pode permitir que as identidades caminhem livres entre territórios simbólicos de diferentes identidades. Em outras palavras, quer dizer não observar simbolicamente as suas fronteiras territoriais. O ensejo de encontrar-se cercado de fronteiras e poder cruzá-las revela a ambiguidade e a potência políticas contrárias a quaisquer pensamentos de fixação de identidade. Existem também outras referências a esses movimentos. Classificando-os como movimentos migratórios em geral, Silva (2007) afirma

que eles “favorecem processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas”. Por sua vez, colocam em evidência a instabilidade das mesmas, tornando mais visível a precariedade delas nas linhas de fronteiras.

Um outro exemplo é o sujeito-híbrido que não é mais portador de nenhuma das identidades que o originou. Nem da dominante, nem da dominada, embora conserve características das duas, que são profundamente modificadas. O hibridismo faz críticas a qualquer forma de imperativo cultural. Isto é, mesmo à frente de condições desiguais de poder, o híbrido estabelece uma diferença que permite a indagação da norma, da identidade. Esse exemplo também é verificado em Silva (2007, p. 87) para quem o hibridismo “coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas”.

Sendo assim, precisa-se enfocar nas ações sociais do dia-a-dia, tanto nos mecanismos de fixação e controle de identidade, quanto nos processos de resistência cultural, de deslocamento, de desestabilização. Os sujeitos cujas características sociais não os permitem adequar-se às regras da competitividade e da normatização vão ser considerados diferentes. Além do mais, em épocas de neoliberalismo e de globalização, subsistem outros e novos meios de fazer a diferença prosseguir, ou seja, de marcá-la ou fixá-la. Por exemplo, no prisma do mercado, aquele que não pode comprar ou aquele que é o perdedor, do mesmo modo, é entendido como sendo a diferença.

Entre as questões que marcam a diferença estão o gênero, a classe social, a raça, a sexualidade, a etnia, a idade, a nacionalidade, o modo de se vestir, a preferência musical, e tudo aquilo que forma o ambiente simbólico de viver. Essas questões concebem, ao mesmo tempo, a diferença e o pertencimento, em função de que envolvem a formação de fronteiras que determinam quem está dentro e quem está fora do grupo. A identidade ao ser assinalada por recursos materiais gera impactos sobre essa materialidade. O grupo considerado a diferença em relação à identidade dominante sofre restrições e pode ter, nessa relação, prejuízos econômicos e sociais, que são percebidos de diferentes maneiras. Sendo assim, tudo permanecerá em função da identidade dominada que está em constante busca pela significação.

2.1.3 Sistemas de Representação

A menção a essa busca pela significação remete à forma como a identidade e a diferença interagem com a discussão sobre a representação. Woodward (2007, p. 15), afirma

que “o *circuito da cultura* é aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as identidades produzidas por aqueles sistemas”. E “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos.” (WOODWARD, 2007, p. 15)

Sendo assim, identidade e diferença são articuladas em vínculo com os sistemas de representação, que podem ser externos, como a pintura ou a linguagem, ou podem ser internos, como o real na consciência. A representação é concebida, na perspectiva pós-estruturalista, como um sistema de significação que, primeiramente, descarta qualquer concepção mental ou interior e, posteriormente, incorpora todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem. Portanto, a representação é uma maneira de conceder sentido, “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2007, p 91), no qual a identidade e a diferença passam a existir. Tanto que, quem tem o poder de representar tem, também, o poder de definir e determinar a identidade.

Hall (2007) também reflete sobre as relações de poder impostas pelas interações entre as diversas identidades e suas respectivas diferenças. Compreende-se, portanto, que a identidade é uma repercussão de um sistema de representação, ou seja, da linguagem e por causa disso está frequentemente diante de processos que tentam fixá-la, torná-la um padrão. E padronizar uma forma de ser e não outra, nada mais é do que fixar uma identidade. O outro instituído em cada círculo cultural é visto como a diferença. A identidade só pode ser percebida a partir da construção da diferença. E considerando que a identidade e a diferença só podem ser compreendidas dentro de um processo de critério linguístico, que tragam à tona suas definições e significados, compreende-se que a formação de ambas está, de fato, em evolução contínua.

Embora a tendência da identidade seja para a fixação, tal como ocorre com a linguagem, ela está sempre fazendo dela uma tendência e uma impossibilidade ao mesmo tempo. Nestes casos, Silva (2007) cita a teoria cultural e social pós-estruturalista como um campo de estudos da identidade e de seus processos de fixação ou não, os quais obedecem a dinâmicas diferentes. Sendo assim, pode-se afirmar que todos esses essencialismos são culturais e nascem do movimento de fixação que caracteriza o processo de significação da identidade e da diferença.

A linguagem, como já aludido, é fundamentalmente, um sistema de representação no qual identidade e diferença podem ser compreendidas como operações ou processos básicos de funcionamento da língua. Citando Saussure, Silva (2007, p. 77) afirma que “os elementos –

os signos – que constituem uma língua não têm qualquer valor absoluto, não fazem sentido se considerados isoladamente”. Não obstante, a linguagem é uma estrutura instável, que vacila, principalmente, devido ao fato de que o signo (sinal, marca ou traço) não coincide com a coisa (objeto concreto) ou com o conceito (concreto ou abstrato) cujos lugares ele está ocupando ou substituindo. Isso quer dizer que a constituição simbólica das identidades é concernente à realidade de que os grupos de pertencimento a cada uma delas são frequentemente marcados pelo emprego de determinados tipos de símbolos, referências materiais e rituais, como por exemplo, filmes, músicas, roupas, revistas, adesão ou apreço por certos tipos de práticas, determinados comportamentos morais, modos de cuidar do corpo, cultos religiosos, entre outros.

Um dos meios simbólicos que estruturam as identidades é a partir dos precursores históricos. Tem-se como exemplo a história de uma nação, ou a constituição de costumes e mitos de sua edificação. Essas sensações transmitem aos sujeitos que pertencem a um mesmo grupo uma sensação de essência, considerando que a realidade daquele grupo, cultura ou nação foi assim desde o princípio. Essa sensação de um pertencimento histórico colabora profundamente na formação da identidade. Sendo assim, “nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade” (SILVA, 2007, p. 79). Além desses traços identitários, ele carrega outros, precisamente da diferença relativa a outros signos. Ademais, é caracterizado pelo diferimento ou adiamento indefinido do significado, o que quer dizer que o processo de significação é indeterminado em seu fundamento. Sendo assim, da mesma forma que a linguagem, identidade e diferença sempre serão marcadas pela indeterminação e instabilidade.

Tal como identidade e diferença estão vinculadas ao conceito de representação, também estão ao conceito de performatividade que, consoante com Woodward (2007), Silva (2007), apresenta a ideia de identidade como movimento e transformação, como um deslocamento daquilo que é para aquilo que venha a ser ou a se tornar. “A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição.” (SILVA, 2007, p. 94). Sendo assim, o autor afirma que a repetição é característica essencial do signo. Tal repetibilidade pode significar também a interrupção das identidades hegemônicas e, ao mesmo tempo, a instauração de novas identidades que não representem a reprodução das relações de poder existentes. Portanto, é necessário perceber as especificidades das formações e práticas discursivas, das estratégias e iniciativas aplicadas e dos locais históricos e institucionais no interior desses sistemas de representação nos quais as identidades se constituem e se constroem, sobretudo por meio da diferença.

[...] é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (HALL, 2007, p. 110 apud Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993).

Um sujeito sem significação, abrangente e regrado, que não tenha raça, cor, sexo, classe social, idade, religião e moradia, é também utópico, pois transita em uma estrutura de discurso que acaba por conceder uma imparcialidade para as suas ações. Sendo assim, esse processo de significação é resultante de confrontos por vontades e verdades que, por sua vez, tentam determinar quais são os significados das coisas que estão em prova.

Da mesma forma, tanto a identidade quanto a diferença, são frequentemente expostas às relações de poder manifestadas em ações que coagem certa parcela de indivíduos e grupos, cujos resultados acabam por rebaixá-los ou por emudecê-los anulando as suas histórias e suprimindo os seus anseios. O que se busca nas relações sociais é determinar os limites entre um e outro. Dessa maneira é possível compreender o que é a identidade, o padrão, a norma, o correto, bem como o que é aquilo que é marcado na sua negação, ou seja, a diferença, o outro. E para explicar como a diferença é marcada em relação à identidade, Woodward (2007) afirma que é tanto por meio de sistemas de representação quanto por meio de formas de exclusão social, o que se pode entender como sistemas classificatórios.

2.1.4 Sistemas Simbólicos e Sistemas Classificatórios

É exatamente na luta por imposições e sentidos que ocorrem um dos processos mais imperceptíveis pelos quais o poder acontece no campo da identidade e da diferença: o processo de classificar as coisas do mundo. Sendo assim, por meio desses sistemas classificatórios, as sociedades se estruturam, ordenam as coisas do mundo, pois aplicam um princípio de diferença a uma população “de uma forma tal que seja capaz de dividi-la, e a todas as suas características, em ao menos dois grupos opostos” (WOODWARD, 2007, p. 40).

Cada grupo social tem seu meio de classificar. A construção da identidade e da diferença, por sua vez, provém da forma como as sociedades criam as suas classificações. Aqueles que dispõem do poder de classificar tem o benefício de conferir valores e hierarquizar as coisas classificadas. As marcas que distinguem uma identidade de outra afluem-se, em geral, sob a forma de contrastes binários.

Em cada sistema de classificação social depara-se com inúmeros exemplos desses contrastes, como: mulher e homem, negro e branco, homossexual e heterossexual, corpo e mente, emoção e razão, mal e bem, primitivo e civilizado, eles e nós. Não só em todos esses exemplos, mas como em todas as circunstâncias desses contrastes, ocorrem evidências de um lado em comparação ao outro. Isto implica que são as relações de poder que dizem, de um lado, quem está incluso ou quem tem valor e, de outro, quem está excluído.

Sendo assim, pode-se dizer que a diferença é marcada culturalmente. Se pretende-se compreender os significados que caracterizam os diferentes pontos da vida social, é necessário buscar o conhecimento sobre como eles são classificados simbolicamente. Na sociedade globalizada e de consumo, por exemplo, possuir certo automóvel, ter certo gosto musical, ter um estilo específico de vestir-se, ter condutas e hábitos específicos, ter alguns conhecimentos, praticar esportes tidos como os ideais, defender valores, possuir certa especialização profissional, classificam os sujeitos no interior dos sistemas simbólicos.

Incorporados no âmbito cultural, os sistemas simbólicos estabelecem significados sobre as pessoas e constroem identidades concernentes a quem consome ou participa deles resultando na organização da vida social dessas identidades. Pode-se dizer que a identidade e a diferença estão contidas na batalha pelos recursos simbólicos e materiais da sociedade. Para exemplificar Woodward (2007) também descreve a importância da cultura para a produção do significado e para a reprodução das relações sociais através do exemplo cotidiano da comida, fazendo uma assimilação da cozinha como sendo a cultura e da comida, a natureza. Sendo assim, os sujeitos são aquilo que comem. Ou mais profundo ainda, os sujeitos são aquilo que não comem.

Tal constituição social aponta que a formação da identidade é relacional. Os sujeitos, embora tenham muitas afinidades, compartilham também de muitas diferenças. A identidade é produzida como algo em consequência da sua diferenciação em relação ao que ela não é. Assim, a imaginação de uma identidade coerente e única é formada em correlação à diferença. No entanto, a assimilação da diferença não é a simples assimilação de características diferentes, mas a produção de uma exclusão do outro.

Essa identidade se forma de maneira que o sujeito se vê como não tendo sequer alguma coisa em comum com a outra identidade. Ele abstém-se de validar as características do outro porque estas são contrárias às suas, e para ele apenas uma das identidades é a correta. Ele as elimina porque alguns escutam certas músicas, frequentam ou não frequentam certas religiões, ou seja, em muitos casos eles não são e não têm nada a ver com pessoas dos outros

grupos, mesmo frequentando os mesmos ambientes, com mesmos objetivos específicos, tendo ou não relações de afinidades.

Ao pensar identidade e diferença relacionadas ao poder de definir, Silva (2007) afirma que tanto uma quanto a outra são o resultado de um processo de produção. Tal processo, ao mesmo tempo que é simbólico é também discursivo, no qual é perceptível o desejo dos diferentes grupos de garantir certos privilégios sociais. Identidade e diferença estão, intimamente, conectadas com as relações de poder, com as operações de incluir e excluir. Para ele, “os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder” (SILVA, 2007, p. 82). Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre a normalização como forma de hierarquização das identidades e das diferenças, sendo que, segundo Silva (2007) “a definição de *normal* depende da de *anormal*”. E, “fixar uma determinada identidade como a norma é [...] atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa.” (SILVA, 2007, p. 83).

No entanto, no interior dessa hierarquia, alguns tipos de diferença acabam por gerar mais conflitos em relação aos outros grupos, e, acabam sendo determinados como mais importantes. Isso significa também que, ao atentar para um desses marcadores de diferença, em certos tempos e espaços históricos, a consciência do sujeito relativa ao seu pertencimento ao grupo, desliga temporariamente as diferenças existentes entre eles.

A partir disso pode-se certificar que a discussão sobre a identidade e a diferença condensa reivindicações e aspectos políticos e sociais de certos grupos. Quem tem permissão para possuir certas vantagens culturais? E quem não tem? Afirmar a identidade e marcar a diferença tem a ver com questões de poder. Em circunstâncias de poder, por exemplo, o grupo ou o sujeito assentado em oposição social de poder rotula uma identidade negativa para o outro. Assim, entende-se que a identidade é que está em questão nos confrontos sociais, pois o poder de dizer qual o significado das coisas decorre da posição que se ocupa nos sistemas de relações que conectam os inúmeros grupos.

2.1.5 Descentramento do Sujeito Pós-Moderno

Outro ponto importante é o movimento que ofusca a visão de identidade única em cada um, dando um senso capaz de aglomerar as inúmeras partes constituintes do sujeito e fazê-lo coeso, conhecido como o descentramento do sujeito pós-moderno. Diante da centralidade da cultura, o sujeito tem a possibilidade de assumir uma variedade de

identidades. Diversas vezes ela aponta que não há uma só identidade. Longe disso, o que ocorre é que os sujeitos são formados por várias identidades que são, ao mesmo tempo, estimuladas e desestimuladas em função dos discursos aos quais o sujeito está imerso.

Em outra obra de Hall, intitulada *A Identidade Cultural na pós-modernidade* e publicada em 2006, este fenômeno é melhor explicado. Nela, o autor salienta a ocorrência de transformações estruturais das sociedades modernas no final do século XX, que estão transformando as identidades dos sujeitos.

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p. 9)

A identidade é, portanto, discursiva, contraditória, constituída em ligação com a diferença e está continuamente construindo-se e reformando-se. Em vista disso, não se pode dizer que um sujeito é isso ou aquilo. Isso significa que, a cada dia mais, é ilusória a tentativa de definição do modo de ser dos sujeitos.

Como resultado da linguagem, a identidade está constantemente à frente de processos que tentam fixá-la, ou seja, de torná-la uma norma. Em contrapartida, os subterfúgios da diferença estimulam a subversão da identidade, tornando-a mais complexa. Na discussão sobre a existência de uma crise de identidade, Woodward (2007) deixa nítido que existe sim, e que tal crise acontece em todas as esferas: seja global, local, pessoal ou política. Ainda de acordo com Woodward (2007, p. 39), “os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política”. Globalização, mudanças de padrões de produção e consumo, aceleração da migração, revolução transnacional, movimento global do capital, as mudanças sociais e os novos movimentos sociais são aspectos considerados causadores de crise identitária.

2.2 Outras discussões sobre identidade

Outros teóricos também se embrenharam no estudo do tema identidade. Esta seção dedica-se a saber o que alguns deles pensam sobre a identidade, independentemente de estarem ou não associados a lógica dos estudos culturais. Isso porque a maioria desses pensadores estão ligados às mais diversas áreas do saber, como sociologia, política, história, linguística, filosofia, psicologia, além é claro de, educação e pedagogia. São eles: Erik

Erikson (1976), Lev Vygotski (1991), Anthony Giddens (1991 e 2002), Pierre Lévy (1998), Zigmunt Bauman (1999), Boaventura de Sousa Santos (1999), Claude Dubar (2005 e 2006), Manuel Castells (2008), e novamente Stuart Hall (2006). Além desses teóricos, a seção traz também posições de três pesquisas pontuais acerca da identidade apresentadas por, Liliane Resende (2009), Sigrid Norris (2011) e Marisa Borges (2014).

Recordar a definição de identidade quer dizer delinear a sua história. A sua utilização comum mostrou-se tão heterogênea e a sua composição teórica tão extensa que possivelmente tenha chegada a hora de fazer uma melhor separação entre o que é e o que não é identidade. E ainda mais, separar também as modalidades de identidades dos tipos de identidades, como assim é proposto no decorrer desta seção.

Erikson (1976, p. 14) ao estudar a identidade sob o prisma da juventude, afirmou que “é possível assinalar com satisfação que a conceptualização de identidade conduziu também a uma série de investigações válidas que, se não tornaram mais claro o que é identidade, provaram sua utilidade”. Embora o termo esteja ressurgindo tanto no vocabulário das ciências sociais como na linguagem corrente, a concepção do mesmo ainda é demasiadamente complexa. Muito se é comentado em crise de identidade, no entanto, sem ter ao menos uma noção sobre o que essa expressão quer dizer.

Do ponto de vista do crítico cultural Kobena Mercer, (1990, p. 43, apud HALL, 2006, p. 9) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Na maior parte da literatura, a noção de identidade apresenta-se fugaz, efêmera e transitória. Como se ela fosse algo que podemos falar, mas não compreender. A identidade tem sido como algo que apenas alguns pesquisadores podem chegar a um acordo - e sempre e apenas a partir de um determinado ângulo. Assim como ela está localizada na invisível construção social e embutida na história, igualmente está escondida na mídia, na política e na linguagem cotidiana. (NORRIS, 2011, p. XIII)⁵

Em consonância com o pensamento do filósofo e sociólogo Pierre Lévy (1998, p. 23, grifos do autor), no qual “o primeiro item de nosso *curriculum vitae* é, em geral, nosso nome, ou seja, a inscrição simbólica numa linhagem”, considera-se que a identidade de um homem não se reduz ao seu registro em um documento oficial de identificação. Ela vai muito além disso. A preocupação com a identidade não é, obviamente, nova em função de que a

⁵ Tradução da pesquisadora. Na versão original “In most of the literature, the notion of identity appears to be fleeting, ephemeral, and transitory. Identity appears to be something that we can talk about, but cannot grasp. Identity appears to be something that only some researchers can ever come close to understanding - and always and only from a particular angle - as identity is located in the invisible social construction, embedded in the historical body, and is hidden in media, politics, and everyday language alike.” (NORRIS, 2011, p. XIII)

modernidade nasceu dela e com ela. Para Santos (1999, p. 120), “o primeiro nome moderno da identidade é a subjectividade”. Assim, identidade pode ser entendida como um processo de formação de significados por meio de uma determinada particularidade, ou ainda em uma associação de características inter-relacionadas, as quais sobressaem sobre outras causas de significado. Para um único indivíduo ou ainda um determinado grupo de indivíduos, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa diversidade pode ser vista como uma fonte contraditória. O sociólogo Manuel Castells esclarece que isso se dá porque

é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, ou seja: ser mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, atleta, frequentador de uma determinada igreja e fumante, tudo ao mesmo tempo. Estes são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade, cuja importância relativa no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas organizações. Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. (CASTELLS, 2008, p. 22-23)

Portanto, por causa dos seus processos de autoconstrução e individuação, as identidades são origens mais significativas do que os papéis. Em termos gerais, pode-se dizer que identidades buscam por significados, enquanto papéis estabelecem funções. Do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. Sendo assim, como depreender a dinâmica das identidades sem considerar sua construção? Por quem e com quais resultados são construídas, tanto individual quanto socialmente? Ao discutir, por exemplo, sobre a sua própria travessia de formação, Borges (2014) afirma:

o que contribui para a formação das nossas identidades não é apenas o que dizemos ou pensamos, mas os diversos discursos sobre nós que, além de nos “representar”, nos intimam a ser da forma como dizem que somos. Dessa forma, as nossas identidades resultam de um processo de sedimentações das diferentes identificações ou posicionamentos que adotamos e procuramos “vivenciar” como se viessem de “dentro”, mas que são, sem dúvida, ocasionados por uma mistura de circunstâncias, sentimentos, histórias, procedimentos. (BORGES, 2014, p. 37)

Ao discutir sobre o processo geral de formação do ser humano, Vygotski (1991, p. 34) afirma ser possível distinguir “duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural”. Do ponto de vista de Dubar (2005), as políticas de identidades devem ser situadas histórica e socialmente.

Todas as identidades são denominações relativas a uma época histórica e a um tipo de contexto social. Assim, todas as identidades são construções sociais e de linguagem que são acompanhadas, em maior ou menor grau, por racionalizações e reinterpretaciones que às vezes as fazem passar por “essências” intemporais. (DUBAR, 2005, p. XXI)

De fato, é no interior do “eu” que esse corpo social identitário, como panorama de referência da própria identidade, deve ser construído. Portanto, o “eu” passa a ser sobrecarregado com a difícil missão de reconstruir a extraviada integridade do mundo. Isso quer dizer que o “eu” passa a assumir a responsabilidade de sustentar a produção de sua identidade, ou seja, de fazer por si próprio. De acordo com Bauman (1999, p. 107), “é somente dentro do trabalho de imaginação do eu que tal comunidade encontra sua existência, necessariamente precária”.

A ordenação oscilante de identidades reflete-se na heterogeneidade do “eu”. E, todavia, o “bem-estar consigo mesmo” só pode existir como resultado de um esforço prolongado e, muitas vezes, injusto. Isolamentos parciais do “eu” são incorporados e vividos como resistência dele à integração. Para Erikson (1976, p. 21, aspas e grifos do autor), “estamos tratando de um processo ‘localizado’ *no âmago do indivíduo* e, entretanto, também *no núcleo central da sua cultura coletiva*, um processo que estabelece, de fato, a identidade dessas duas identidades.” Sendo assim, posicionar o problema do outro e da sua rígida desigualdade constitui uma nova forma de retomar a já antiga preocupação implícita à identidade.

Uma identidade que um indivíduo ou um grupo pode obter, de uma hora pra outra, é também uma identidade que pode ser deixada de lado a qualquer momento. Essas inversões de identidade são, no entanto, um alicerce excessivamente instável para assegurar as integridades do eu e do grupo. Ao mesmo tempo, Segundo Norris (2011, p. XIV), “os objetos [signos] e o ambiente com o qual e no qual as ações acontecem emitem mensagens sobre as identidades dos atores sociais e estruturam, de algumas maneiras, as suas interações”⁶. Por outro lado, para Vygotski (1991, p. 30) “o uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura”.

Assim, essas civilizações heterogêneas da contemporaneidade constituem uma das várias formas de identidade que são diversamente inovadoras e produzidas, em conformidade com Giddens (1991), na era de “uma espécie de revigoração instrumental do passado”, ou

⁶ Tradução da pesquisadora. Na versão original “[...], objects and the environment with and with the actions take place give off messages about the social actors identities and structure the interactions in some ways”. (NORRIS, 2011, p. XIV)

seja, na era da modernidade tardia. “Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois ‘extremos’ da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro” (GIDDENS, 2002, p. 9). As sociedades modernas são, segundo Hall (2006, p. 14), “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Ao aperfeiçoar o entendimento do que venha a ser, de fato, modernidade, descobre-se que a mesma não quer dizer simplesmente a experiência de convivência com a mudança, extremamente, vertiginosa, extensa e ininterrupta, mas sim que é uma expressão “do viver” que é intensamente reflexiva.

Um signo invisível que vêm surgindo com o advento da modernidade e que vem alterando as identidades é a globalização. Erikson (1976, p. 37) já havia previsto isto quando afirmou que “a possibilidade de uma autêntica polarização da nova identidade tecnológica especializada e da universalista-humanista deve ser admitida pela simples razão de que tal polarização é a marca da identidade global de qualquer período.” A globalização, por sua vez, segundo Hall (2006), está deslocando as identidades contemporâneas energicamente, em função de três fatos: da homogeneização cultural; da resistência das identidades locais à própria globalização; e do aparecimento de novas identidades híbridas.

Ela tem um impacto pluralizante sobre as identidades, produzindo uma multiplicidade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando-as, segundo Hall (2006, p. 87) “mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, e menos fixas, unificadas ou trans-históricas”. Outros elementos, associados à globalização na era da informação, também constituem a estrutura social e, portanto, as identidades também, tais como: o capitalismo, as redes organizacionais, a cultura da virtualidade real e a primazia da tecnologia. Esses elementos são justamente os causadores das transformações identitárias pelas quais perpassam o Estado e a sociedade civil.

Segundo Castells (2008), o mundo e a vida moldam-se continuamente por essas tendências conflitantes da globalização e da identidade. E ao lado da revolução tecnológica, de toda transição do capitalismo e da decadência do Estado intervencionista e autoritário, vivencia-se a ascensão de discursos de identidades coletivas dominantes que desafiam a globalização em função da característica singular de uma cultura e do domínio dos homens sobre suas próprias vidas e círculos sociais. Sendo assim tem-se que:

Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. (GIDDENS, 2002, p. 13)

A globalização, portanto, também causa efeito na escolha de estilos de vida. Ela, por sua vez, caminha em paralelo com um fortalecimento das identidades locais, embora isso esteja dentro da coerência da condensação espaço-tempo, cujo impacto condiciona, em qualquer lugar, as identidades culturais. O encadeamento e a historicidade da identidade são questionados pela velocidade e pela intensidade dos embates de práticas culturais globais como, em outras palavras, define Boaventura de Sousa Santos.

O clima geral das revisões é que o processo histórico de descontextualização das identidades e de universalização das práticas sociais é muito menos homogêneo e inequívoco do que antes se pensou, já que com ele concorrem velhos e novos processos de recontextualização e de particularização das identidades e das práticas. (SANTOS, 1999, p. 127)

Sendo assim, a busca do sujeito pelo seu significado ocorre no âmbito da reconstrução das identidades *dominadas* em torno de princípios comuns, e não das *dominantes* que já estão em posição de poder e, não necessariamente precisam buscar espaço. Entretanto, como já aludido, sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir deles. Sujeitos são os atores sociais pelos quais indivíduos atingem o significado abrangente em sua experiência. Castells, na sua obra *O poder da identidade*, publicada em 2008, elucida Alain Tourainne, sociólogo francês, que também conceituou *sujeito*.

Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da vida individual... A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e a dos indivíduos contra o mercado. (TOURAINNE, 1995, p. 29-30, apud CASTELLS, 2008, p. 26)

Várias classificações de identidade ainda podem ser trazidas à tona a fim de completar o entendimento em questão. Antes e para tanto, é proposto nesta pesquisa que se separe os *tipos* das *modalidades* de identidades, o que propiciará um melhor entendimento. Ou seja, *tipos de identidades* são as diversas *maneiras como os sujeitos se reconhecem* nos campos de gênero, nacionalidade, hábitos alimentares, até mesmo o profissional, como é abordado mais pormenorizadamente nesta pesquisa, e entre outros. Contudo, propõe-se que *modalidades de identidades* sejam as *maneiras como os sujeitos se comportam* quando estão exercendo os determinados tipos de identidades escolhidos, por exemplo, identidades de situação ou comunitárias, de resistências ou de projetos, tradicionais ou traduzidas, entre outros. Considerando que os tipos de identidades já possuem um arcabouço teórico suficiente de compreensão, passa-se agora a classificação de algumas das diversas modalidades.

As primeiras são: as identidades *de situação* e as *comunitárias*. A diferença entre elas,

conforme Dubar (2006, p. 107) é que as identidades de situação são “parciais, provisórias”, ou seja, de tipo societário que tratam da defesa de prerrogativas de uma profissão. Já as identidades comunitárias são “incertas”, pois tratam de culturas da ação, de lugares de elaboração de trocas sociais.

Logo após, aparecem as *de resistência* e as *de projeto*. As identidades de resistência, não se restringem a valores tradicionais. Já as identidades de projeto, atuam sobre a cultura da virtualidade em rede. Enquanto, por um lado, os agentes que dão voz às identidades de resistência, segundo Castells (2008, p. 419) “constroem suas comunas em torno dos valores tradicionais de Deus, da nação e da família, guardando os limites de suas trincheiras por meio de emblemas étnicos e defesas territoriais”, por outro lado, aqueles que dão voz a identidades de projetos “e visam à transformação de códigos culturais, precisam ser mobilizadores símbolos, em função de valores alternativos, introduzindo códigos que surgem de projetos de identidade autônomos”.

Também Hall (2006) trouxe outras modalidades de identidades. Do ponto de vista dele, são duas concepções que, no total, se subdividem em outras cinco. A primeira é baseada no que ele chama de gravitação do sujeito. E a segunda, no próprio sujeito. A concepção de identidade baseada *na gravitação do sujeito* se divide em duas: a do homem cuja identidade gravita sobre a tradição e a daquele outro cuja identidade gravita sobre a tradução. Com relação a elas, esclarece que:

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que se chama “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que estão sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que se chama “Tradução”. (HALL, 2006, p. 87, aspas do autor)

Portanto, a identidade se firma ao mesmo tempo no vínculo com o meio e na relação de filiação ou de aliança com outros homens. Ambas concepções, por sua vez, acreditam que “ser” não é simplesmente “viver”, mas “pertencer”. O diferencial será, justamente, a gravitação da identidade sobre esses eixos. Para o homem cuja identidade gravita sobre a “tradução”, “ser” significa “pertencer a dois mundos ao mesmo tempo”, tornando-o, portanto, produto de novos deslocamentos, ou seja, ele é um homem “traduzido”. Já para o homem cuja identidade gravita sobre a “tradição”, “ser” significa “pertencer a uma só totalidade”, que é o grupo, ou seja, ele é um homem “tradicional”. Uma vez que para cada ser singular “ser” é “pertencer”, então cada um empreende o seu processo de individualização em prol dessa pluralidade na qual se sustenta a sua vida psíquica. Nota-se que aquilo que Dubar (2006)

chamou de identidades de resistência e identidades de projeto, aqui Hall (2006) chamou de identidades tradicionais e identidades traduzidas, respectivamente.

Por outro lado, a concepção de identidade *com foco no sujeito* foi dividida em três: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. A concepção do *sujeito do Iluminismo*⁷ é a que reflete a prerrogativa de que a identidade dele pouco se forma ao longo da vida, pois ela tem um núcleo que independe de qualquer entorno de experiência pessoal. Mas, segundo Hall (2006, p. 11), “pode-se ver que essa era uma concepção muito individualista do sujeito e de sua identidade”. Já na concepção do *sujeito sociológico*⁸, também existe um núcleo interior que a forma, mas ele não é independente, pois sofre alterações mediante as interações do sujeito com a sociedade. A noção desse sujeito “refletia a crescente complexidade do mundo moderno” (HALL, 2006, p. 11). Essa concepção liga o sujeito ao seu meio e estabelece identidades em conformidade com a cultura a qual está inserido de modo permanente. Em conformidade com Hall, nessa concepção, está Norris (2011, p. XV) para quem “a identidade pode se referir tanto à constituição psicológica quanto à sociológica de um ator social”⁹. E, finalizando as concepções de identidade com foco no sujeito, ele estabelece o conceito de *sujeito pós-moderno*¹⁰, no qual as referências são as condições da sociedade em que se vive, que criam e modificam-se a todo momento novas formas de

⁷ *Iluminismo*: com fundamento na existência de uma inspiração sobrenatural (Deus) passível de ser descoberta por meio da razão, foi um movimento intelectual, ideológico, político, filosófico e religioso, também conhecido como “Época das Luzes”, que surgiu na Europa, a partir do século XVIII para corrigir as desigualdades da sociedade e garantir os direitos naturais do indivíduo. “Neste sentido, o Iluminismo é uma tendência trans-epocal, que cruza transversalmente a história e que se atualizou na Ilustração, mas não começou com ela, nem se extinguiu no século XVIII”. In.: ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.28.

⁸ Da *Sociologia*: com fundamento no estudo das relações entre as pessoas que pertencem a uma comunidade ou aos diferentes grupos que formam a sociedade, é uma ciência que pertence ao grupo das ciências sociais e humanas, que surgiu no século XVIII como disciplina de estudo sobre as consequências de dois acontecimentos que causaram profundas transformações na sociedade, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. “A sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim e que os *dados* de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais”. In.: GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Tradução de: *Sociology* por Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 24.

⁹ Tradução nossa. Na versão original “[...] identity may refer to either the psychological or the sociological make-up of a social actor”. (NORRIS, 2011, p. XV)

¹⁰ Da *Pós-Modernidade*: compreendida como um sentimento de insatisfação e decepção da sociedade com relação às grandes utopias e antigas certezas que antes eram defendidas pelos iluministas, ela surgiu em meados do século XX com o fim da Segunda Guerra Mundial, mas só nas últimas duas décadas do referido século, com o fim da bipolaridade imposta pela Guerra Fria, teve a sua definitiva consolidação como uma estrutura social, política e econômica no mundo. “O termo com frequência tem um ou mais dos seguintes significados: descobrimos que nada pode ser conhecido com alguma certeza, desde que todos os *fundamentos* preexistentes da epistemologia se revelaram sem credibilidade; que a *história* é destituída de teleologia e conseqüentemente nenhuma versão de *progresso* pode ser plausivelmente defendida; e que uma nova agenda social e política surgiu com a crescente proeminência de preocupações ecológicas e talvez de novos movimentos sociais em geral”. In: GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de: *The consequences of modernity* por Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991, p. 45-46.

representação ou grupos identitários, além de valores totalmente distintos das antigas estruturas sociais. Esse sujeito não possui “uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12). Não há espaço para um valor único e acima de todos, mas múltiplos grupos, com valores concorrentes, em meio às relações de poder dentro dos processos de significação aos quais fazem parte.

É baseado na *concepção do sujeito pós-moderno* de Hall que a maioria dos estudos sobre identidade vêm se pautando, pois as antigas identidades, que por muito tempo consolidaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades. Por exemplo, segundo Vygotski (1991, p. 79), “aos olhos da filosofia dialética, nada é estabelecido por todos os tempos, nada é absoluto ou sagrado”. Dessa maneira, Santos (1999, p. 129) afirma que “a construção das identidades sociais tem sempre lugar no interior de relações sociais antagônicas”. Consoante, Resende (2009, p. 86) afirma que “as múltiplas identidades do indivíduo não são pedaços do todo que é a identidade social do mesmo. Elas contêm em si todas as características do *eu* inteiro e ao mesmo tempo, de cada uma das outras partes”.

Essa pluralidade de identidades não se constitui em uma unidade idealizada que produz o eu, o sujeito, o *self*. Assim como a própria sociedade, a sua identidade é antagônica e contingente. Longe de intencionar a apresentação dos conceitos de todas as modalidades de identidade [o que seria uma tarefa extremamente trabalhosa], um último conceito é aqui evocado que é o apresentado por Resende (2009, p. 88) cuja proposta é alterar o uso da expressão “identidade fragmentada” por “identidade fractalizada”.

Este conceito de identidade fractalizada requer, ainda, que entendamos o “eu” social como constituído pelos diversos fractais¹¹ identitários que emergiram nos encontros sociais vividos, estando esses em constante interação, se auto-influenciando e auto-constituindo e corroborando uma noção de todo identitário que não é único, estável e pré-determinado, mas que é diverso, emergente e reconstruído continuamente em face das experiências e transformações vividas por cada fractal identitário que o compõe. (RESENDE, 2009, p. 88)

As identidades são, portanto, tão importantes e tão poderosas nesse arcabouço de poder em consecutivas instabilidades, em virtude de que ininterruptamente estabelecem seus

¹¹ *Fractal* é uma figura geométrica, originada na Matemática do Caos, que traz uma contradição: enquanto, por um lado, é auto similar em diferentes escalas, por outro, possibilita infinitas fragmentações internas. Resende (2009) usa o fractal para relacioná-lo com o ser humano, no qual os efeitos da contemporaneidade, na verdade, não o despedaçam, mas sim, o tornam mais complexo. Para saber mais sobre os fractais, ver em STEWART, I. *Será que Deus joga dados? – a nova matemática do Caos*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, e também em RAY, G. *Math and real life: a brief introduction to fractional dimensions*. Disponível em: <<http://www.imho.com/grae/chaos/fraction.html>>.

significados, por meio de valores, projetos, e sobretudo, vantagens, com base na experiência. Elas mantêm uma relação específica com a natureza, a história, a geografia e, sobretudo, a cultura no interesse de estabelecerem suas posições. Sendo assim, elas alicerçam as suas estruturas de poder nessas respectivas áreas e, a partir daí, sistematizam sua resistência.

Conforme referenciado na introdução deste capítulo, antes de iniciar as discussões sobre a *tipologia profissional da identidade*, apresenta-se agora uma rápida explanação sobre o que venha a ser, de fato, uma “profissão”, e ainda mais, sobre o que venham a ser as demais expressões que, embora em alguns momentos sejam suas sinônimas, em outros momentos encontram-se com significados que as distinguem.

2.3 Profissão: trabalho, ofício ou ocupação?

Como o intuito da pesquisa é investigar o viés profissional da identidade, esta seção busca compreender a diferença entre as expressões “trabalho”, “profissão”, “ofício” e “ocupação”, e entender qual delas melhor se adequa neste estudo. Contudo, dado o cunho da pesquisa, não se objetiva aqui o aprofundamento de tais conceitos. Para tanto são referenciados os conceitos de Suzana Albornoz (1994) descritos em sua obra *O que é trabalho*, além da revisitação aos teóricos Claude Dubar (2005) e Pierre Lévy (1998), e de busca a outros conceitos na Constituição Federal de 1988 e na Classificação Brasileira de Ocupações de 2002.

Iniciando pelo termo trabalho, nessa relação, é o que tem o conceito mais amplo. Dele derivam, portanto, a profissão, o ofício e a ocupação, respectivamente hierárquicos. Isso quer dizer que um trabalho considerado como ocupação não apresenta tantos requisitos para sua realização. Já um trabalho para ser considerado um ofício deve apresentar alguns requisitos, como por exemplo, a técnica. E um trabalho para ser considerado uma profissão apresenta a maior quantidade de requisitos possíveis para que assim o seja, como por exemplo, autonomia intelectual, poder deliberativo, formação específica, e sobretudo possuir regulamentação.

Embora nas sociedades mais complexas o trabalho tenha se tornado apenas mais carregado de conteúdo tecnológico, nas suas concepções mais primárias, tem por paradigma a sua adequação a natureza humana. Constantemente, a tecnologia entra em oposição a algumas ansiedades naturais da sociedade, como por exemplo o desemprego, além de outras muitas questões filosóficas e sociológicas, uma vez que ela pode ser entendida como uma ação de reformar e transformar a cultura. Nas concepções mais profundas do trabalho, o seu interior concreto é parte de um processo social maior, de uma história que confronta os homens e

seus interesses e lhes possibilita agir através de um meio particularizado. Segundo Albornoz (1994, p. 8), “na linguagem cotidiana, a palavra trabalho tem muitos significados. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila”.

Partindo-se para a compreensão do termo profissão, sabe-se que este é portador de muitas definições. Contudo, etimologicamente, a palavra “profissão” vem do Latim “*professio*”, que significa confissão ou testemunho. A palavra tem sua origem vinculada a um estilo de vida que é assumido e reconhecido em cerimônias públicas. Ainda hoje, nas solenidades de formaturas, é comum os formandos procederem ao juramento do exercício da profissão. Sendo assim, a educação e o trabalho são fenômenos sociais que interagiram e se desenvolveram durante o longo processo de evolução da humanidade, cujas implicações entre eles e a sociedade tem caracterizado a civilização e edificado a contemporaneidade.

Uma profissão é, portanto, aquele trabalho que, através do reconhecimento das competências, confere um título a pessoa por meio de um diploma. Sendo assim, a escolha por uma profissão acaba se tornando também uma escolha por uma inserção social. Por outro lado, a coação sobre a formação profissional da força de trabalho, tanto ocupada quanto disponível, acaba por condicioná-la em razão das premissas dos setores produtivos. No entanto, atualmente, existe um processo de regulamentação das profissões que segue os seguintes preceitos constitucionais:

XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer; [...]. Parágrafo único. É assegurado a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independentemente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei. (BRASIL, 1988, Inciso XIII do Art. 5º e Parágrafo único do Art. 170)

Nota-se que a condição de estabelecimento ou previsão em lei aparece nos dois preceitos. Isso porque, no Brasil, cada profissão tem sua regulamentação em lei, que sumariamente, deve conter: atribuições e deveres dos profissionais, critérios de qualificação profissional, além da previsão de fiscalização da atividade. Sendo assim, a maioria das profissões possuem órgãos fiscalizadores do exercício das mesmas conhecidos como conselhos profissionais. As profissões que não possuem esses conselhos devem ter, no mínimo, o registro profissional no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para serem consideradas, de fato, profissões.

Considerando que no topo da hierarquia do trabalho encontram-se as profissões, passa-se agora para o entendimento do nível intermediário dessa hierarquia, os ofícios. Assim como

a palavra profissão, a palavra ofício tem vários significados. Mas, para fins deste estudo, apenas um será evocado. Etimologicamente, a palavra “ofício” tem suas origens no Latim “*officium*” que representava o trabalho feito pelo trabalhador que, para tanto, empregava algum tipo de habilidade. O ofício consiste em um produto laboral feito mecanicamente. Para Albornoz (1994, p. 12), “natureza e invenção se entrelaçam no trabalho humano, em níveis diversos, da ação mais mecânica e natural à mais controlada e consciente”. É só com a propagação e a consolidação das instituições de Ensino Superior que se passa a fazer esta distinção entre as “profissões”, derivadas das *septem artes liberales*¹², aí ensinadas, e os ofícios, derivados das artes mecânicas (Dubar, 2005, p. 124). Inclusive, essas últimas também deram origem à EPT.

Pode-se dizer, então, que o ofício é a maneira menos complexa do trabalho e que exige determinado conhecimento. É, também, uma atividade ligada a alguma profissão, como, por exemplo, o ofício de ser um médico que necessita cuidar da saúde das pessoas. O ofício de medicina é regulamentado em lei, portanto é uma profissão. Sendo assim, toda profissão é também um ofício, mas nem todo ofício é uma profissão, como por exemplo o professor que precisa transmitir conhecimento aos estudantes. O ofício da docência não possui legislação, e portanto, não é regulamentado. E como este é o principal requisito, a docência por si só não é considerada uma profissão, mesmo que seja exigida autonomia intelectual para o seu exercício. Por mais admirável que seja o trabalho de um professor, o que ele exerce, no sentido de atividade laboral, não é reconhecido como uma profissão, mas sim um ofício, a não ser que ele tenha formação em outra área que lhe confira uma determinada profissão. Por exemplo um engenheiro, cuja profissão é regulamentada, exerce também o ofício de professor de engenharia. Isso, inclusive, é uma das justificativas por tantas pesquisas sobre *Identidade Docente* nas mais diversas áreas. Sobre isso, Curi em sua revisão da presente dissertação, afirma que “o fato de se não reconhecer o estatuto do magistério como profissão é mais por discriminação social”.

Essa direção político-conceitual sustenta toda uma estrutura de elementos fundamentais objetivando demonstrar, de fato, a mudança da natureza do trabalho, o valor do conhecimento como centralidade e os saberes e competências requeridos para subsistir de prontidão para aquilo que não se sabe ao certo o que será, real e futuramente, em quaisquer

¹² *Septem artes liberales*: “Na Idade Média, com a invenção das universidades, as modalidades *trivium/quadrivium* formavam, juntas, as *sete artes liberais*, base do currículo dos cursos introdutórios das faculdades de artes (principalmente filosofia): o *trivium*, constituído pelas artes da linguagem: gramática, retórica e dialética, e o *quadrivium*, ciências ou artes dos números, as matemáticas: aritmética, geometria, música e astronomia”. Fonte: COUTINHO, Denise; SANTOS, Eleonora C. da Motta. Epistemologias não-cartesianas na interface artes-humanidades. *Repertório: Teatro & Dança*. Salvador, n.14, p. 65-73, Ano 13, 2010.

circunstâncias, seja no desemprego, seja na empregabilidade. Também Lévy voltou seu olhar para essa questão ao afirmar que “quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso.” (LÉVY, 1998, p. 19)

Considerando que no nível intermediário da hierarquia do trabalho encontram-se os ofícios e que nem todo ofício é uma profissão, passa-se agora para o entendimento da base dessa hierarquia, ou seja, o que venha a ser a ocupação. Assim como as palavras profissão e ofício, a palavra ocupação tem vários sentidos, mas apenas um será visto: aquele cujos sinônimos, são exatamente, profissão e ofício. Etimologicamente, o termo *ocupação* vem do Latim *occupatio* que significa o trabalho ou o negócio principal de uma pessoa, especialmente para prover os seus meios de sustentação. Como o termo *especialmente* não quer dizer *obrigatoriamente*, significa que, diferentemente da profissão e do ofício, uma pessoa pode ter uma ocupação que não lhe dê proventos.

A mais escondida tarefa de cuidado de um nenê é, portanto, de primeira relevância para a economia, não só para a renovação social como para a segurança da geração hoje adulta. Aquela história de lugar-comum de ‘jovem igual a homem de amanhã’ é uma afirmação para ser levada a sério. Criar um menino nada tem de labor inútil, por ser privado e sem salário. Os meninos e meninas não só ocupam lugar e pesam sobre as costas dos adultos de hoje; são eles que amanhã, no plano social, levarão em suas costas o peso dos velhos. (ALBORNOZ, 1994 p. 89)

O exemplo da pessoa responsável na família pelo cuidado das crianças, quer dizer que, se por um lado, sua família não se opera no dia-a-dia sem o seu trabalho, por outro não lhe é reconhecido o devido valor, muito menos a remuneração para tal. Se o que difere a profissão do ofício é que este não é regulamentado, o que difere o ofício da ocupação é que esta é uma atividade que não exige conhecimentos técnicos, apenas empíricos, mas que não deixam de ser importantes. Sendo assim, toda profissão e todo ofício é também uma ocupação, mas nem toda ocupação é uma profissão ou um ofício, como no caso do exemplo acima. No Brasil, “o documento normalizador do reconhecimento, da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho é a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO” (BRASIL, 2002). Nela encontram-se classificações de ocupações tanto da ordem, simplesmente, enumerativa, quanto da, detalhadamente, descritiva. Compreende-se, portanto, como ‘ocupação’ o espaço de um indivíduo na divisão do trabalho, tanto social quanto técnica.

Sendo assim todo trabalho pode ser exercido por meio de uma ocupação sendo ela

remunerada ou não. Quando não é remunerada, geralmente, o grupo ao qual o sujeito que a exerce está inserido é dependente dessa ocupação para estruturar a forma como serão gerados seus meios de subsistência. Quando esta ocupação é remunerada, e caracterizada pelo simples emprego de conhecimentos técnicos, sem nenhuma outra imposição, será considerada um ofício; e ao contrário, caracterizada pelo emprego de conhecimentos mais conceituais, e submetendo-se o seu exercício aos dispositivos de uma legislação, aí sim será uma profissão.

As concepções até agora apresentadas levaram a compreender que as profissões, em qualquer área do conhecimento são socialmente e economicamente valorizadas nas práticas das pessoas que delas fazem uso como provedoras de seus sustentos. Uma profissão não pode ser considerada apenas como sendo uma ferramenta isolada, mas sim uma agente transformadora que possui uma dimensão técnica abrangente, proporcionando ao sujeito o conhecimento indispensável para cumprir, fundamentalmente, o seu próprio papel na sociedade. De posse desses conceitos, passa-se a discussão do tema.

2.4 Identidade Profissional

Esta seção estabelece uma nova conversa com os teóricos Pierre Lévy (1998), Zigmunt Bauman (1999), Boaventura de Sousa Santos (1999), Claude Dubar (2005 e 2006), Stuart Hall (2006), e Manuel Castells (2008). E em busca ao termo *Identidade Profissional* junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), são convidadas a participar dessa conversa as pesquisadoras Fernanda Brando (2005), Graciela Constantino (2009), Sayonara Lordelo (2011), Fernanda Mattos (2012), Thamires Sales (2013) e Thais Forcione (2018) cujas ideias foram criteriosamente escolhidas por meio das seguintes etapas de leitura: reconhecimento do material por meio dos títulos das obras; exploração dos sumários; seleção das informações relevantes e interpretação e inter-relação das ideias dessas pesquisadoras com os propósitos da pesquisa. A fim de discutir a *Identidade Profissional*, esta seção, a princípio, se dedica a elucidar o seu conceito e algumas discussões e depois a analisar o papel da educação na sua formação.

2.4.1 Concepções e discussões de Identidade Profissional

Há tempos a existência do homem é assegurada pela produção de riquezas e satisfação de necessidades. Nessa acepção, o trabalho é interpretado como uma aplicação econômica fundamentada na profissionalização. Mas herdar um legado de uma profissão, de um ofício ou

de uma ocupação indelével de maneira a criar uma identidade profissional não parece ser um encargo acessível. Para Pierre Lévy (1998), não basta mais habituar-se a uma categoria, a uma profissão, ou a uma comunidade de trabalho; é preciso sobretudo, adotar a individualidade, ou seja, a própria identidade *pessoal*, na vida profissional. O texto abaixo descreve bem o que o autor quer mostrar:

Ter uma identidade, existir no espaço dos fluxos das mercadorias é participar da produção e das trocas econômicas, ocupar uma posição nos pontos nodais das redes de fabricação, de negócios e de comunicação. Não é bom ser desempregado no Espaço das mercadorias, uma vez que a identidade social é nele definida pelo “trabalho”; [...]. Em nosso *curriculum vitae*, depois do nome (posição na Terra) e endereço (posição no Território), em geral vem a profissão (posição no Espaço das Mercadorias). (LÉVY, 1998, p. 24)

O trabalho, inclusive o mais simples, tornou-se um desafio para o reconhecimento de si, um espaço de opinião a enfrentar, um cenário de obstáculos a contornar e superar, um universo de incumbências escondidas e já não de dificuldades expressas de submissão. Quem se lança a esse desafio, se lança ao mesmo tempo a incerteza e a grande implicação. O que está em questão são as intensas mudanças estruturais das últimas décadas, responsáveis pela heterogenização das formas de trabalho. Sendo assim, Sales (2013, p. 10) afirma que “cada vez mais, indivíduos traçam trajetórias incertas e aleatórias. Ligado ao esfalecimento das organizações sindicais, este argumento postula a crise das identidades profissionais”. Sales (2013) afirma que, a relevância do trabalho para a sobrevivência de quem vive dele, seja qual for o estatuto da atividade laboral, parte-se do pressuposto que é estruturante da identidade.

Sendo assim, pode-se compreender que identidade profissional, por sua vez, é tida como uma maneira popularmente aceita para os indivíduos se reconhecerem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego. Vários são os fatores que se apresentaram, ao longo da história, como motivações para o estudo do aspecto profissional que compõe a construção das identidades, dentre os quais pode-se destacar alguns, como por exemplo os conflitos de classe que, há muito, constituíam desafios, cujas soluções podiam agradar, ao mesmo tempo, a lógica de gestão de sucesso econômico e as lógicas salariais de reconhecimento identitário. Castells esclarece que:

As instituições e organizações da sociedade civil construídas em torno do Estado democrático e do contrato social entre capital e trabalho transformaram-se, de modo geral, em estruturas vazias, cada vez menos aptas a manter um vínculo com as vidas e valores das pessoas na maioria das sociedades. (CASTELLS, 2008, p. 418)

Mas, segundo Lordelo (2011, p. 114), “a compreensão sobre identidade profissional

deve também considerar as variáveis envolvidas e o modo como se constrói a identidade, posto que a identidade profissional é uma face do sujeito, resultante dos aspectos objetivos e subjetivos de sua formação”. Tal consideração aponta que a dissolução das identidades compartilhadas, sinônimo da dissolução da sociedade como sistema social relevante, reflete a atual situação do contemporânea. À primeira vista, testemunha-se o surgimento da nova e influente teoria econômica: o neoliberalismo.

Não é mais o Estado, e sim o mercado mundial, constituído de redes, indivíduos e organizações estratégicas, e aparentemente governado por modelos de expectativas racionais, que abastece os principais contextos de identidade. Por outro lado, a esse respeito, Lévy dá seu parecer:

Se a fronteira entre vida profissional e desenvolvimento pessoal se apaga, é morte de certo economismo. Os imperativos econômicos e a eficácia técnica não podem mais girar em círculo fechado. Uma vez que um verdadeiro engajamento subjetivo é requerido dos atores humanos, as finalidades econômicas devem remeter ao político, no sentido amplo, ou seja à ética e à vida da cidade. (LÉVY, 1998, p. 21)

Acrescente-se, ainda, que, como em todos os períodos que se seguem a uma grande crise econômica, a incerteza quanto ao futuro, onde os padrões sociais de ontem já não convém e os de amanhã ainda não estão estabelecidos, domina todas as tentativas de reconstrução de novos padrões sociais (DUBAR, 2005, p. XXV). Ao referenciar a esses novos padrões sociais é necessário trazer à tona as questões de disputa por poder. “Ao produzir um discurso de verdade que liga o indivíduo a uma identidade profissional e, encontrando respaldo social para efetuar essa ligação, o poder estende seus efeitos de modo que o próprio indivíduo passe a desejar a posse de uma identidade” (MANSANO, 2003, p. 51, apud CONSTANTINO, 2009, p. 65).

E ao considerar essa perspectiva, é importante ressaltar que a batalha da identidade profissional pode ser compreendida como uma estratégia de identidades dominantes que consiste em desvalorizar as identidades dominadas, de profissão ou de classe, para converter os assalariados (aqueles que sobram) a uma identidade de negócio que, mesmo em caso de sucesso, raramente acaba em reconhecimento. Também a identidade, perseverantemente ambígua e duvidosa quanto à escolha profissional, pode ser vista, em face disso, como uma situação delicada para o indivíduo e causa justificável para a sua autocondenação e infelicidade. A respeito disso, e após análises de comportamentos sociais, Bauman afirma:

A desestabilização, o "até segunda ordem", ou a ausência de identidades bem definidas e de boas razões para preferir uma à outra foram a suprema experiência de

vida, e no entanto a vida era vivida sob uma pressão incessante e esmagadora para se construir uma identidade aprovada tanto privada quanto publicamente, agradável e aceitável, por medo de banimento em caso de fracasso ou negligência.” (BAUMAN, 1999, p. 168)

Em consonância com Bauman, evoca-se a dimensão psicológica como sendo uma das responsáveis pela escolha profissional e, dependendo das transformações nela ocorridas, fazer com que o sujeito obtenha sucesso ou insucesso profissional. Constantino (2009, p. 42) afirma que “esse período de definições de valores e auto-conhecimento, culmina na identidade pessoal e, após a vivência de novos papéis, na identidade profissional”.

Ainda no que concerne aos fatos geradores da inclusão do enfoque profissional neste estudo, outro aspecto não menos relevante, é que a privação de trabalho pode ser um trauma na auto-estima tanto quanto uma marca identitária geradora de desarranjo social. Inversamente, o fato de ser reconhecido em seu trabalho, de poder ter convivências, mesmo antagônicas, com os outros e de poder se dedicar por si próprio em sua ocupação é “ao mesmo tempo, construtor de identidade pessoal e de criatividade social.” (DUBAR, 2005, p. XXII)

No entanto, no entendimento de Brando (2005, p. 21), “a escolha profissional implica em optarmos, dentre um rol muito grande e diversificado de atividades, muitas vezes pouco conhecidas, por uma profissão que, ao menos idealmente, nos contente e proporcione um reconhecimento social e condições dignas de sobrevivência”. De qualquer forma, consoante com Brando (2005), Mattos (2012, p. 54) conclui que “um mesmo objetivo pode ser alcançado através de estratégias e trajetórias diversas”.

Tendo consciência dessas causas e dentre outras também, é importante ainda investigar as demais modalidades de identidades relacionadas com a tipologia profissional das identidades, fundamentadas pelos moldes de continuidade ou de ruptura em que elas são construídas, a fim de melhor compreender essa relação.

As identidades construídas nos moldes da continuidade implicam um espaço potencialmente unificado de realização, um sistema de emprego no interior do qual os indivíduos mobilizam trajetórias contínuas. Esse espaço pode ser de tipo profissional (seguindo o modelo geral do ofício) ou de tipo organizacional (seguindo o modelo geral da burocracia ou da empresa). [...]. As identidades construídas nos moldes da ruptura implicam, ao contrário, uma dualidade entre dois espaços e uma impossibilidade de construir para si uma identidade de futuro no interior do espaço produtor da identidade passada. Para encontrar ou recuperar uma identidade, é preciso mudar de espaço. (DUBAR, 2005, p. 324)

Considerando o exposto, passa-se ao entendimento da modalidade de identidade

coletiva, a qual questiona o etnocentrismo¹³ da cultura profissional e relativiza o seu poder profissional ao responder a situações que envolvem a incerteza e o imprevisto nas situações de vivência coletiva. Ao acreditar que um projeto coletivo não é vivenciado de forma homogênea por todos aqueles que o compartilham, Mattos (2012) afirma:

Este elemento de mediação exercido pelo coletivo sobre a elaboração individual do projeto de vida apresenta-se de forma marcante na trajetória de escolhas de carreira [...], nas quais o indivíduo é obrigado a organizar elementos como a busca por satisfação pessoal, a inserção no mercado de trabalho, o status social e econômico da carreira e as expectativas e projetos da família, para tentar dar a esta escolha um aspecto de coerência e unidade, construindo um projeto de vida coeso e válido dentro de seu campo de possibilidades. (MATTOS, 2012, p. 61)

Corroborando com Mattos, Bauman (1999, p. 291) afirma que “as identidades coletivas comunitariamente administradas podem chocar-se com a ideia de estilos de vida individualmente escolhidos”. Uma outra modalidade de identidade relacionada à identidade profissional é *a de ofício*, exemplo de identidade coletiva no qual se presume, então, a existência de uma comunidade na qual se disseminam maneiras de fazer, de sentir e de pensar que são, concomitantemente, constituintes de princípios, tanto coletivos quanto pessoais. Claude Dubar também se posicionou a respeito da identidade de ofício:

De facto, as identidades de ofício constituem um caso particular, sem dúvida historicamente muito antigo, numa forma identitária mais geral à qual chamei forma categorial e que supõe a predominância do colectivo sobre os indivíduos que a compõem ao mesmo tempo que a interiorização de normas muito pregnantes em matéria de qualificação, de progressão salarial ou de direitos adquiridos. (DUBAR, 2006, p. 103)

Essas considerações, por conseguinte, apontam que a atração das identidades profissionais ou promovidas pelo mercado, reside em que os sofrimentos da autoconcepção e da posterior batalha por reconhecimento social são convertidos a menos penoso, muitas vezes agradável, de escolher entre padrões prontos, sejam eles de saberes práticos, profissionais, de organização ou teóricos.

Ressalta-se que o reconhecimento profissional é produto de relações assertivas entre o indivíduo que visa sua “real” identidade profissional e a entidade que lhe outorga a identidade profissional “virtual”. Já o não-reconhecimento profissional é produto, ao contrário, de interações negativas e incompatibilidades entre identidades profissionais ocupante de posições

¹³ *Etnocentrismo* é um conceito antropológico que consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas diferentes. Fonte: CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, v. 01, n.1, p. 181-186, 1997.

opostas. A conciliação entre elas leva a um reconhecimento ou a um não-reconhecimento no âmbito profissional do indivíduo. Percebe-se, pois, resultados diferentes dessas relações.

No primeiro caso, há uma instituição que legitima a identidade visada pelo indivíduo: [...]. No segundo caso, as pretensões ao reconhecimento não são alcançadas: o futuro da instituição não coincide com o futuro do indivíduo, seja ele construído em continuidade a seu passado, seja construído em ruptura com ele. (DUBAR, 2005, p. 324-325)

Os “saberes práticos” são estruturantes da identidade hoje ameaçada de exclusão associada a uma lógica instrumental do trabalho em *ter* um salário. Os “saberes profissionais” são estruturantes da identidade de ofício associada a uma lógica no trabalho de *fazer* com qualificação. Os “saberes de organização” são estruturantes da identidade de empresa associada a uma lógica no trabalho de *ser* responsável por suas atribuições. E, por fim, os “saberes teóricos” são estruturantes da identidade marcada pela incerteza e pela instabilidade e consideravelmente orientada para a autonomia e acumulação de distinções culturais associada a uma lógica de *saber* por meio de recapitação permanente.

As identidades profissionais, portanto, estão em movimento, e essa dinâmica de desestruturação e reestruturação concomitante, às vezes, assume a aparência de uma crise dessas identidades. Nesse sentido emergem-se dois questionamentos. Qual o papel da educação, na formação das identidades profissionais? Atualmente, que lugar a formação de identidades profissionais ocupa na sociedade? Essa discussão é o propósito da próxima seção.

2.4.2 O papel da educação na formação das identidades profissionais

Uma vez que o nível de exigência aumenta diariamente, o trabalho tem sido obrigado a transformações identitárias críticas. E, por acompanhar cada vez mais todas essas modificações, a educação profissional do sujeito, por sua vez, nas palavras de Dubar (2005, p. XXVI), “intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar.” Consoante, Lordelo (2011) acredita que ela imprime uma intervenção não só no sujeito que busca formar-se para estar em atividade no mundo do trabalho, mas também naquele que trabalha e precisa adaptar-se às constantes mudanças do seu contexto de ação profissional.

O oposto também precisa ser analisado. Para Brando (2005, p. 22), “é importante conhecer como a realidade de uma profissão é introjetada pelo indivíduo e, como interfere na sua escolha e na sua formação profissional”. Esta, no que lhe diz respeito, pode ser analisada como o lugar de uma verdadeira batalha identitária que, segundo Dubar (2006, p. 98),

“permite selecionar os assalariados dotados dessas qualidades e ajudar os outros a adquirí-las.” A esse respeito Lévy afirma que:

A capacidade de formar e reformar rapidamente coletivos inteligentes irá se tornar a arma decisiva dos núcleos regionais de conhecimentos específicos (*savoir-faire*) em competição em um espaço econômico mundializado. Não será mais no âmbito institucional das empresas, mas por ocasião de interações cooperativas internacionais, que se dará o surgimento e a redefinição constantes das identidades distribuídas. (LÉVY, 1998, p. 22, grifos do autor)

As identidades, por suas vezes, sociais e profissionais típicas, são construções que demandam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de trabalho e emprego e, inclusive, de formação. Segundo Forcione (2013, apud FORCIONE, 2018, p. 22) “durante a realização dos cursos, os profissionais atualizam suas experiências passadas gerando diferentes interpretações sobre si, o outro, o mundo e o objeto de atenção”. A formação das identidades profissionais é, portanto, indivisível dos programas de formação e dos tipos de relação profissional que organizam os muitos e específicos gêneros de mercados de trabalho.

Para se assimilar, de fato, esse assunto em ambiente de sala de aula, e recordando-se o *conceito de diferença*, é preciso voltar a atenção para a forma como certos sujeitos são marcados. Aqueles que estão de acordo com as expectativas educacionais recebem mérito e significados bem diferentes em comparação àqueles que não estão. Mas isso não é só relativo à vida escolar do sujeito, mas também aos marcadores culturais que ele carrega consigo e que incluem inúmeras outras categorias de identidades. Não se avalia um educando sem relacionar a sua produtividade escolar ou a sua conduta social a esses marcadores culturais.

Os significados sobre a formação profissional são produzidos pelo sujeito e, os problemas que ele encontra no caminho dessa formação despertam novas alternativas de sentido, em um sistema cultural de pressões entre o que as pessoas concebem do mundo e o que, de fato, é resultado de suas trajetórias pessoais. Ao mesmo tempo em que os significados são produzidos pelo profissional, os conhecimentos que eles adquirem, por sua vez, são transformados em conhecimentos próprios, portanto, vivos (FORCIONE, 2018).

A constituição social das identidades pode ser percebida também na análise das condutas dos sujeitos que constituem os vários e distintos grupos presentes nas instituições de ensino. Isso remete a propriedade relacional da identidade, como já mencionado. Os educandos, embora tenham tanto em comum entre eles, percebem-se ao mesmo tempo muito diferentes. Trata-se do que Santos (1999) chamou de *diferenças das diferenças*. Isto é, são todos educandos da mesma instituição, por exemplo, e mesmo sendo de classes sociais, gêneros, religiões ou de opções sexuais diferentes, se identificam pela sua condição de

pertencimento a uma certa unidade de ensino.

A partir da consciência de que o sujeito é uma produção cultural e social, fica mais fácil compreender os efeitos dos discursos que enunciam professores e currículos. Tais discursos são proferidos seguindo os interesses, pontos de vistas culturais e características particulares a cada uma das áreas do saber às quais eles pertencem.

Exemplificando as identidades a partir dos comportamentos dos três sujeitos definidos por Hall (2006), tem-se que o *sujeito do Iluminismo* (aquele que tem um único núcleo e que é independente), por exemplo, pode ser refletido no discurso de um professor que engrandece um determinado sujeito como futuro profissional excepcional ou quando, ao contrário, o menospreza taxando-o de “sem jeito” para a profissão.

No caso do *sujeito sociológico* (aquele que também tem um núcleo, mas que não é independente) pode ser refletido nos discursos sobre educação que vem “do berço” trazendo à tona questões que tomam conta de debates que envolvem aspectos morais, de dificuldades de aprendizagem e de participação social.

Já no caso do *sujeito pós-moderno* (aquele que não possui núcleo algum) pode ser refletido nos discursos de julgamento dos agentes da instituição de ensino sobre os educandos que, por possuírem múltiplas identidades, acabam se contradizendo em ambiente escolar. Todos esses são discursos, embora sejam de afirmação de identidades, são também de marcação de diferenças.

Quando se aceita o princípio de que a identidade e a diferença são originadas de construções culturais e não de essências que nascem com esses sujeitos, pode-se questionar quais as estratégias que são empregadas no interior das ações escolares e sociais que marcam os sujeitos, ao longo de suas vidas, e neles afirmam certas identidades.

É preciso compreender claramente que, ao se trabalhar em meio a tanta diversidade cultural que integra não só o local da educação, mas o da sociedade como um todo, fica um tanto quanto complicado adotar uma conduta em que se legitime certos modos de ser em detrimento de outros. Do mesmo modo, é necessário atentar que, em situações como esta, não se trata de adotar qualquer conduta. Trata-se da preocupação em reconhecer a todos na sua diferença e em admiti-los na sua vocação participativa e tomada de decisão para a edificação de um bem comum. Trata-se de, em busca de uma sociedade participativa e democrática, saber reconhecer a capacidade de os significados tornarem-se, cada vez mais híbridos.

Fica evidente que as práticas da educação e da tecnologia estão interligadas para a completa efetivação das profissões. É preciso considerá-las a fim de melhorar a formação de sujeitos que sejam, cada vez mais, críticos e independentes, a ponto de serem capazes de optar

pelas melhores decisões para si e para suas comunidades, tanto política quanto socialmente. No entanto, a maioria das atuais instituições de ensino profissional ainda não têm consciência e deliberadamente não abordam a questão no desenvolvimento de uma educação profissional, de fato, voltada para a formação de identidades profissionais.

Com foco no objetivo principal de investigar como se forma a identidade profissional do sujeito em fase de preparação para atuação no mercado de trabalho relacionada à contribuição da respectiva instituição de ensino profissional, o Capítulo III, a seguir, apresenta toda a trajetória metodológica cumprida na presente pesquisa.

CAPÍTULO III

ESTRUTURA METODOLÓGICA

Neste capítulo explica-se todas as ações que foram desenvolvidas na pesquisa, fundamentadas, sobretudo, nas obras *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*¹⁴, de Antônio Carlos Gil e *Como elaborar questionários*¹⁵ de Sônia Vieira. Encontram-se descritas definições dos sujeitos, a partir dos dados de *locus*, recorte temporal, cursos e turmas, bem como de abordagem da pesquisa, técnica e procedimentos para coleta de dados.

3.1 *Locus*

Por meio da Portaria 73 de 29 de junho de 1990 da então Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do Ministério da Educação (Senete-MEC), a então Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM, hoje Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, recebeu autorização para funcionar o Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde – Cefores. (BRASIL, 1990). À época de sua criação, o nome que originou a sigla “Cefores” denotava a particularidade desta instituição em formar profissionais na área da saúde. Após uma expansão da oferta de seus cursos para outras áreas a partir de novembro de 2010, mudou-se o nome para Centro de Educação Profissional, mas optou-se por permanecer inalterada a sigla, para não se perder a identidade institucional (UFTM, 2014).

A referida instituição foi escolhida como *locus* deste estudo devido à particularidade em ser uma das Escolas Técnicas Vinculadas a Universidades Federais (ETVUFs). Estas instituições de ensino, segundo o Glossário da Plataforma Nilo Peçanha (PNP) Ano Base 2017, podem ser compreendidas como instituições de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (PNP, 2018) e, por sua vez, componentes da respectiva Rede Federal. Embora possuam autonomia administrativa, financeira e orçamentária, são ligadas às universidades federais. No Brasil são apenas 26 (vinte e seis) escolas nesse formato e o Cefores é a única em Uberaba, Minas Gerais. Assim como os Institutos Federais, as ETVUFs são subordinadas a

¹⁴ *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* trata-se de obra do autor, Antônio Carlos Gil, cuja sexta edição aqui várias vezes referenciada foi publicada em 2008, apresentando-se de maneira acessível aos diferentes cursos no campo das ciências humanas e sociais.

¹⁵ *Como elaborar questionários* é obra publicada em 2009 de autoria de Sônia Vieira, professora titular da disciplina de Bioestatística da Universidade de Campinas (Unicamp). A autora já esteve como professora convidada, responsável por essa disciplina, também em instituições estrangeiras, como a Universidade da Califórnia e a Universidade de Yale.

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec-MEC), de onde são viabilizados os orçamentos, tanto para Capital (investimentos) quanto para Custeio (correntes), destinados especificamente, ao ensino profissional, mas administrados pela conta única da universidade federal a qual se vinculam. Segundo o seu Projeto Pedagógico, a instituição promove

a qualificação na educação valorizando a diversidade humana, com o objetivo de proporcionar o acesso de todos ao mercado de trabalho, bem como de formar e qualificar profissionalmente no âmbito da educação básica, técnica e tecnológica trabalhadores para os diversos setores da economia. (UFTM, 2014, p.15).

Atualmente o quadro de pessoal da instituição é composto por docentes, servidores do administrativo e, até mesmo, servidores técnicos que agregam às atividades de ensino, pesquisa e extensão nos respectivos cursos. O quadro docente é composto por 29 (vinte e nove) professores divididos nas áreas específicas ou que são responsáveis por disciplinas comuns a vários cursos. Já o quadro administrativo compõe-se de 1 (um) administrador, 1 (um) economista, 1 (um) analista de sistemas, 1 (um) técnico em assuntos educacionais, 1 (um) pedagogo, 4 (quatro) assistentes administrativos e 3 (três) auxiliares administrativos. E, por fim, o quadro técnico é composto por 2 (dois) técnicos de laboratórios, 2 (dois) enfermeiros, 2 (dois) técnicos em enfermagem, 3 (três) odontólogos e 1 (um) técnico em radiologia. Semestralmente a instituição oferta vagas para os cursos técnicos, condicionadas à disponibilidade de pessoal e de infraestrutura-física, dentre eles: Análises Clínicas (TAC), Enfermagem (TE), Farmácia (TF), Informática (TI), Radiologia (TR), Saúde Bucal (TSB) e Segurança do Trabalho (TST).

3.2 Recorte temporal, cursos e turmas

A expansão dos cursos, vivenciada pelo Cefores em 2010, sobretudo com incorporação do quadro de pessoal conforme supramencionado, demonstrou não só um avanço quantitativo, mas também nos âmbitos organizacional e estrutural. Por outro lado, abriu-se um precedente para confirmação se, também, nos âmbitos social e pedagógico a instituição continuou avançando.

Como o intuito é avaliar a formação da identidade profissional do educando, optou-se por pesquisar em turmas concluintes. Considerando que a duração da maioria dos cursos ofertados na referida instituição é de 2 (dois) anos, foi definido o recorte temporal com início

no segundo semestre de 2016 e término ao final do primeiro semestre de 2018, para acompanhamento dos discentes das turmas que ingressaram em meados de 2016 e que concluíram em meados de 2018. Os cursos ofertados neste período foram TAC, TE e TST, cujo processo de ingresso foi regido pelo Edital nº 08/2016/DPSD/UFTM de 26 de abril de 2016 ¹⁶, que resultou na formação de novas turmas para os respectivos cursos.

3.3 Sujeitos

Ao longo da história do Cefores percebeu-se que os seus alunos são, em geral: jovens entrando na fase adulta, que estão em busca de qualificação para conquistar melhor colocação no mercado de trabalho. Através da análise do resultado do Processo Seletivo Discente regido pelo Edital nº 08/2016/DPSD/UFTM de 26 de abril de 2016 e suas respectivas chamadas foi possível delinear parte do perfil dos sujeitos que compuseram as turmas as quais foram objeto de estudo da pesquisa. A partir das chamadas publicadas referentes a esse processo foi construída a tabela a seguir:

Tabela 01 – Projeção das convocações do Edital nº 08/2016/DPSD/UFTM

Ordem e datas das chamadas	TAC	TE	TST
Primeira Chamada – 21/07/2016	30	35	40
Segunda Chamada – 28/07/2016	10	05	05
Terceira Chamada – 02/08/2016	04	02	02
Quarta Chamada – 04/08/2016	03	01	-
Quinta Chamada – 08/08/2016	01	01	-
Sexta Chamada – 11/08/2016	-	-	02
Sétima Chamada – 18/08/2016	-	-	02
Oitava Chamada – 23/08/2016	-	05	-
Total de convocações	48	49	51
Nº de convocações em complementação¹⁷	18	14	11

Fonte: elaborada pela autora conforme informações do Edital nº 08/2016/DPSD/UFTM disponível no antigo sítio institucional da UFTM na *internet* <http://www2.uftm.edu.br/upload/seletivo/Edital_2016-2_Cefores.pdf> e acesso em 28 de setembro de 2017.

Nesse processo, inicialmente foram ofertadas 30 (trinta) vagas para turma de TAC, 35 (trinta e cinco) para turma de TE, e por fim, 40 (quarenta) vagas para turma de TST,

¹⁶ DPSD/UFTM (Divisão de Processo Seletivo Discente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro) Documento disponível em: <http://www2.uftm.edu.br/upload/seletivo/Edital_2016-2_Cefores.pdf>.

¹⁷ Refere-se ao somatório, por curso, das quantidades a partir da segunda até a última chamada, a oitava.

totalizando, uma população de 105 (cento e cinco) possíveis sujeitos da pesquisa. Vale ressaltar que o edital cumpriu o que rege a Lei 12.711/2012 que dispõe sobre a reserva de vagas para candidatos portadores de deficiência e, sobretudo, para os que tenham cursado o Ensino Médio integralmente em escola pública, sejam eles autodeclarados pretos, pardos ou indígenas ou não (BRASIL, 2012).

Por meio da análise da Tabela 01, foi possível perceber que as quantidades que apareceram em primeira chamada corresponderam ao número de vagas ofertadas inicialmente por meio do edital. As quantidades que apareceram a partir da segunda chamada corresponderam ao preenchimento de vagas que complementaram o número de vagas ofertadas inicialmente, até que a carga horária perdida por esses convocados, após o início das aulas, não ultrapassasse o limite de 25% (vinte e cinco por cento) das cargas horárias dos componentes curriculares que foram ofertados nesse período, conforme preconiza o Projeto Pedagógico do Cefores (UFTM, 2014, p. 61).

Uma vez que a maioria das chamadas foram para grupos de reserva de vagas, verificou-se que o excesso das chamadas foi decorrente do desconhecimento, por parte dos candidatos, da quantidade de documentos comprobatórios necessários para efetivação de suas matrículas nas vagas reservadas. Percentualmente, significa que os cursos TAC, TE e TST convocaram candidatos em 60% (sessenta por cento), 40% (quarenta por cento) e 27,5% (vinte e sete e meio por cento), a mais do número de vagas ofertadas inicialmente por meio do edital, respectivamente.

Além disso, assim como na maioria dos processos seletivos discentes do Cefores, as vagas para os referidos cursos foram ofertadas, especificamente, a pessoas que já concluíram o Ensino Médio (UFTM, 2016). Isso significa que foi pré-requisito, no ato da matrícula, a apresentação do Histórico Escolar de Conclusão do Ensino Médio. Os aprovados que, porventura, não apresentaram este documento, também não conseguiram efetivar suas matrículas.

Esse foi o cenário no início das turmas no segundo semestre do ano letivo de 2016 no qual as mesmas se encontravam nos primeiros períodos. É importante ressaltar que, entre outros, um dos objetivos do delineamento desse perfil quantitativo foi chegar ao número mais aproximado de sujeitos da pesquisa, ou seja, a amostra. Contudo que, após a efetivação das matrículas, os dados não são mais disponíveis publicamente na *internet*, completaram-se os perfis das turmas até o último período, no primeiro semestre do ano letivo de 2018, a partir de dados fornecidos pela Seção de Registro Acadêmico, conforme tabela a seguir:

Tabela 02 – Evolução do número de discentes de agosto de 2016 a agosto de 2018

Descrição	TAC	TE	TST
(=) Número de convocações iniciais	30	35	40
(+) Número de convocações complementares	18	14	11
(=) Total de convocações para matrículas	48	49	51
(-) Número de matrículas não-efetivadas	14	09	05
(=) Número de matrículas efetivadas	34	38	46
(-) Número de evasão durante o curso ¹⁸	09	19	30
(+) Número de ingressantes durante o curso ¹⁹	-	08	03
(=) Número de sujeitos para a pesquisa	25	27	19

Fonte: elaborada pela autora conforme informações da Seção de Registro Acadêmico em 22 de agosto de 2018.

Considerando-se o número de matrículas realmente efetivadas, bem como o de ingressantes ao longo do curso e, desconsiderando-se as evasões, o número mais aproximado de sujeitos da pesquisa representa 83% (oitenta e três por cento), 71% (setenta e um por cento) e 47,5% (quarenta e sete e meio por cento) do total das vagas ofertadas inicialmente, para os cursos TAC, TE e TST, respectivamente.

Após essa análise decidiu-se desconsiderar os sujeitos do Curso Técnico em Análises Clínicas pelo fato de que seu último período não tem aulas teóricas, conforme prevê o respectivo projeto pedagógico (UFTM, 2015a). Ou seja, no primeiro semestre de 2018, período de aplicação da metodologia, os sujeitos dessa turma não estavam em sala de aula, o que dificultou o contato.

Chegou-se, portanto, a amostra de 46 (quarenta e seis) sujeitos com os cursos Técnicos em Enfermagem e em Segurança do Trabalho, os quais fazem parte de eixos tecnológicos diferentes, mais precisamente, ao de *ambiente e saúde* e ao de *segurança*, respectivamente (BRASIL, 2014). Em vista disso, não só foi possível analisar a contribuição da instituição nas formações de identidades profissionais da área da saúde, a qual a instituição é tida como referência, mas também de outra área a qual a instituição vem se especializando.

¹⁸ Por cancelamentos, desistências, trancamentos ou abandonos de curso.

¹⁹ Por discentes de outras turmas matriculados em componentes curriculares anteriormente reprovados ou discentes que fizeram processos seletivos de vagas remanescentes para o ingresso nos segundos períodos.

3.4 Abordagem

A partir das características do objeto desse estudo, foi utilizada a abordagem *quali-quantitativa*, considerando-se o tratamento dos dados recolhidos quantitativa e qualitativamente. Importa observar o que alguns autores entendem sobre esse tratamento.

Martinelli (1994), por exemplo, defende seu parecer ao relacionar a abordagem quantitativa não exclusiva, conforme a seguir:

A abordagem quantitativa quando não exclusiva, serve de fundamento ao conhecimento produzido pela pesquisa qualitativa. Para muitos autores a pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua, sem confinar os processos e questões metodológicas a limites que contribuam os métodos quantitativos exclusivamente ao positivismo ou os métodos qualitativos ao pensamento interpretativo, [...]. (MARTINELLI, 1994, p. 34)

Neves (1996, p. 2) afirma que “combinar técnicas quantitativas e qualitativas torna uma pesquisa mais forte e reduz os problemas de adoção exclusiva de um desses grupos”.

3.5 Técnica

Utilizou-se a técnica de *estudo de caso* em função da obrigação de aprofundamento imposta pela temática que a pesquisa abordou e do respeito ao ambiente de coleta de dados e às formas de controle das variáveis envolvidas. A esse respeito, Gil (2008b, p. 54) afirma que essa técnica “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Sendo assim, o intuito de se trabalhar com amostras de dimensões passíveis de análises estatísticas sem, no entanto, se preocupar com a representatividade da amostra, justificou a execução dessa técnica.

3.6 Procedimentos para coleta de dados

Os processos metodológicos adotados variam significativamente em função dos diferentes delineamentos da pesquisa científica cujo elemento mais importante para sua identificação, segundo Gil (2008a, p. 50), “é o procedimento adotado para a coleta de dados”. Considerando que a obtenção dos dados é o ponto crucial de uma pesquisa foram selecionados o questionário e a entrevista como os instrumentos mais adequados e

compatíveis com os objetivos da mesma a fim de que os seus dados revelem, com fidedignidade, os resultados. A aplicação desses instrumentos obedeceu às características da técnica de estudo de caso previamente descrita, na qual seguiram-se cinco fases: elaboração e pré-teste dos questionários, aplicação dos questionários ou primeira abordagem, confluência de dados, segunda abordagem e entrevistas.

3.6.1 Fase da elaboração e dos pré-testes dos questionários

Na elaboração dos questionários-piloto, foram projetadas questões que tratam de origens da escolha do curso, identificação com os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, identificação com os docentes, respaldo institucional e pedagógico no processo de formação, conhecimento profissional e expectativa de atuação no mercado de trabalho, além de um espaço aberto para narrativa individual sobre a projeção das auto-imagens dos sujeitos como profissionais. Foram planejados quatro modelos de questionários-piloto na modalidade semi-aberta, e aplicados como teste para dois alunos de cada turma indicados aleatoriamente pelos seus respectivos coordenadores. Os modelos desses questionários, elaborados e devidamente corrigidos, seguem na seção de apêndices do A ao D. O detalhamento abaixo trata de como ocorreram o planejamento destes questionários com as correções oriundas dos respectivos testes.

De início o instrumento apresentou um cabeçalho informando o título do documento com a identificação do curso. Em seguida, apresentou um campo para identificação do código do respondente. Ao longo de todo o questionário foram apresentadas cinco observações com formatação de fonte em itálico e orientações de preenchimento do mesmo.

Ao iniciar as questões foi apresentada uma observação com o seguinte texto: *“Observação 1: Marque apenas uma opção para responder às questões de 01 a 06”*. Tais questões são de natureza demográfica e, embora não sejam relativas ao foco da pesquisa, foram inseridas para iniciarem o questionário, a fim de que os sujeitos possam ir se familiarizando com o mesmo ao longo do tempo para respondê-lo integralmente. Além disso, segundo Vieira (2009), essas questões permitem saber como se comportam as opiniões de grupos diferentes. São várias as maneiras de dar opções de resposta aos participantes. Uma delas é a de múltipla escolha, na qual “são dadas, ao respondente, várias opções de resposta para que ele próprio faça a escolha.” (VIEIRA, 2009, p. 40). Para dar opções de resposta a essas questões, optou-se pela maneira de múltipla escolha, com exceção da questão número 03, cuja maneira é a binária.

A questão número 01 referiu-se ao gênero e apresentou três opções de resposta, a saber: *masculino*, *feminino* ou *outro* e, nesse caso, com um espaço a se especificar a identidade de gênero. A questão número 02 referiu-se a faixa etária que foi dividida a partir de 16 até acima de 34 anos, média em que se encontram os alunos da instituição, em quatro subintervalos como opções de resposta, a saber: *de 16 a 21*, *de 22 a 27*, *de 28 a 33*, e *de 34 anos acima*. A questão número 03 referiu-se à condição de moradia e, conforme relatado previamente, é binária, ou seja, apresentou apenas duas opções de resposta: *sozinho* ou *com família*, sendo que neste caso, com um espaço a se especificar quem são essas pessoas. A questão número 04 referiu-se à renda *per capita* mensal e apresentou um número maior de opções de resposta, oito no total, que vão desde zero a cinco salários mínimos, incluindo uma opção para aqueles que não desejassem declarar renda. A questão número 05 referiu-se à formação vivida no Ensino Médio, e contou com seis opções de resposta, alternando-se as maneiras integral e parcial, nas redes pública e privada, nesta última, nas condições de estudante com ou sem bolsa. Para encerrar o conjunto de questões demográficas, a questão número 06 introduziu o tema, ao questionar a origem da escolha do curso. Foram seis opções de resposta: *por vontade própria*, *por ser a única opção*, *para atender a uma vontade dos pais*, *por ser o curso que conseguiu ser aprovado*, *para atender a uma demanda do mercado*, e uma última opção relativa a *nenhuma das anteriores* para a qual o respondente deveria relatar pessoalmente como se deu essa escolha.

A partir da questão número 07, aprofundou-se no tema e as questões passaram a ser mais complexas com a maioria delas na maneira *escalonada*, na qual as várias alternativas oferecidas são ajustadas em escala para que os respondentes informem suas opiniões. A escolha dessa maneira resultou do interesse em medir o conceito do sujeito em relação aos temas das questões, que estão diretamente ligados ao tema central da pesquisa. A esse respeito, Vieira (2009) afirma:

Quando se usa uma escala (como a de Lickert) para medir conceitos, não existem respostas que possam ser consideradas “certas” ou “erradas”. [...]. Cada item é uma declaração e o respondente deve apenas indicar em que grau está de acordo (ou em desacordo) com a afirmativa. (VIEIRA, 2009, p. 100)

No caso de questões cujas respostas são escalonadas, segundo Vieira (2009), é recomendável que metade dos questionários distribuídos esteja com questões que vão da concordância para a discordância e a outra metade que vão da discordância para a

concordância. Em todas essas questões, seguiu-se essa recomendação para evitar que os respondentes se influenciassem entre si.

Essa foi a justificativa de se multiplicar esse questionário em quatro modelos, dois para cada curso. Inclusive nos testes aplicados, enquanto um sujeito de cada curso recebeu um questionário no modelo da concordância para a discordância, os outros dois, também um de cada curso, receberam no modelo inverso.

Sobre o número das escalas, ainda segundo Vieira (2009, p. 43), “dada a controvérsia, recomenda-se fazer algumas questões com número par de respostas – para obter um posicionamento – e outras questões, mais sensíveis, em número ímpar, para não pressionar demais o respondente.” Portanto, a decisão quanto ao número de escalas e determinação se em quantidade ímpar ou par, ficou condicionada ao tipo e ao objetivo de cada questão.

Com relação à identificação com os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, foram elaboradas três questões (de números 07 a 09) com quatro respostas cada uma, ou seja, em número par, a fim de forçar o respondente a dar o seu posicionamento. Antes de iniciar a questão número 07, foi inserida a seguinte observação: “*Observação 2: Oriente-se pela legenda a seguir para responder às questões de 07 a 09. (LEGENDA: IT – identifico-me totalmente; NIT – não me identifico totalmente; IP – identifico-me em parte; e NIP – não me identifico em parte).*”

Considerando-se que essa legenda foi apresentada sem conter nenhuma das duas lógicas, ou seja, nem a lógica da concordância, nem a da discordância, um dos sujeitos respondentes do teste sugeriu que a ordem da legenda fosse a mesma da estabelecida no quadro a ser respondido, com a finalidade de não confundir o respondente, devido à semelhança das siglas.

No sentido de acolher a essa sugestão, foi necessária correção nessa e em todas as demais observações inseridas ao longo do questionário, de maneira que cada um apresentasse uma disposição específica dessa legenda de acordo com os respectivos modelos: da concordância para a discordância, ou ao contrário, da discordância para a concordância.

Além disso, outra sugestão foi apresentada, nesse caso, especificamente para essa observação, a saber: aqueles que tivessem dispensa em determinadas disciplinas deveriam deixar a resposta em branco, especificamente para essas disciplinas. Foi esclarecido ao sujeito que deu essa sugestão, que o intuito dessas questões é avaliar a identificação com os diversos conteúdos do curso e que, por isso, independente de ter dispensa ou não, a identificação deve ser avaliada. Como o objetivo é medir o conceito disposto nos preâmbulos das questões, havendo respostas em branco, o resultado mais aproximado da verdade tende a ser ocultado.

Uma expressão de esclarecimento foi inserida nessa observação que, após a correção da disposição da legenda, passou a ter a seguinte redação no modelo da concordância para a discordância: “*Observação 2: Oriente-se pela legenda a seguir para responder às questões de 07 a 09, inclusive para as disciplinas dispensadas. (LEGENDA: IT – identifico-me totalmente; IP – identifico-me em parte; NIP – não me identifico em parte; e NIT – não me identifico totalmente).*” E, ao contrário, no modelo da discordância para a concordância, seguiu-se da última sigla para a primeira nos questionários cujos modelos seguiam essa lógica.

Nos campos das declarações foram utilizadas as matrizes curriculares dos dois cursos, com as disciplinas organizadas não por período, mas por tipo de conhecimentos, a saber: conhecimentos específicos da área do curso (questão número 07), conhecimentos gerais do eixo tecnológico no qual o curso faz parte (questão número 08) e conhecimentos de outras áreas aplicados à área do curso (questão número 09).

Essas divisões de conteúdos tiveram a finalidade de mensurar os conceitos dos sujeitos relativos a cada um desses tipos de conhecimentos (específicos, gerais da área e de outras áreas) e não a cada componente curricular, exatamente pela complexidade existente na mensuração de conceitos. E as opções de concordância (ou discordância), apresentadas por meio da expressão “identifico-me”, tiveram a finalidade de reforçar a identificação do sujeito em suas respostas.

Os quadros a seguir mostram como foram apresentados os preâmbulos dessas questões, bem como ficaram essas divisões de conhecimentos nos dois cursos.

Quadro 01 – Questão 07 – Conhecimentos específicos das áreas dos cursos

Técnico em Enfermagem	Técnico em Segurança do Trabalho
Preâmbulos	
Com relação aos <u>conhecimentos específicos da área da Enfermagem</u> adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.	Com relação aos <u>conhecimentos específicos da área da Segurança do Trabalho</u> adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.
Conteúdos	
<p>Introdução à Enfermagem e Saúde e Sociedade</p> <p>Fundamentos de Enfermagem</p> <p>Assistência de Enfermagem em Clínica Médica</p> <p>Assistência de Enfermagem em Saúde Coletiva</p> <p>Assistência de Enfermagem em Saúde da Mulher, Ginecologia e Obstetrícia</p> <p>Assistência de Enfermagem à Criança e ao Adolescente</p> <p>Assistência de Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria</p> <p>Assistência de Enfermagem em Terapia Intensiva</p> <p>Assistência de Enfermagem em Clínica Cirúrgica</p> <p>Saúde do Idoso</p> <p>Assistência de Enfermagem em Urgências e Emergências</p> <p>Técnicas de Enfermagem</p> <p>-----</p> <p>-----</p>	<p>Introdução à Segurança e Saúde do Trabalho</p> <p>Higiene do Trabalho em Riscos Físicos</p> <p>Higiene do Trabalho em Riscos Químicos</p> <p>Biossegurança e Primeiros Socorros</p> <p>Prevenção e Controle de Riscos em Equipamentos Mecânicos</p> <p>Prevenção e Controle de Riscos em Instalações Elétricas</p> <p>Prevenção e Controle de Riscos na Construção Civil</p> <p>O Ambiente e as Doenças Ocupacionais</p> <p>Proteção contra Incêndios e Explosões</p> <p>Segurança do Trabalho Rural</p> <p>Programa de Prevenção de Riscos Ambientais e Mapa de Riscos</p> <p>Gestão da Saúde e Segurança Ocupacional</p> <p>Perícias e Laudo Técnico Pericial</p> <p>Gerência de Riscos</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nas referências UFTM, 2015b e UFTM, 2015c.

Quadro 02 – Questão 08 – Conhecimentos específicos dos eixos tecnológicos dos cursos

Técnico em Enfermagem	Técnico em Segurança do Trabalho
Preâmbulos	
Com relação aos <u>conhecimentos gerais da área da Saúde aplicadas à Enfermagem</u> adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.	Com relação aos <u>conhecimentos gerais da área da Segurança aplicados à Segurança do Trabalho</u> adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.
Conteúdos	
Anatomia Humana Fisiologia Humana Higiene e Profilaxia Imunologia Biossegurança Farmacologia Parasitologia Semiologia Microbiologia Nutrição e Dietética	Desenho Técnico Proteção do Meio Ambiente Informática Aplicada (Desenho Assistido por Computador) Português Técnico Ergonomia Metodologia de Trabalho e Orientação de Estágio Supervisionado ----- -----

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nas referências UFTM, 2015b e UFTM, 2015c.

Quadro 03 – Questão 09 – Conhecimentos de outras áreas aplicados aos cursos

Técnico em Enfermagem	Técnico em Segurança do Trabalho
Preâmbulos	
Com relação aos <u>conhecimentos de outras áreas aplicados à Enfermagem</u> adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.	Com relação aos <u>conhecimentos de outras áreas aplicados à Segurança do Trabalho</u> adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.
Conteúdos	
Matemática Português Fundamentos da Administração Metodologia Científica e Apresentação de Trabalhos Tecnologia da Informação Ética e Legislação Profissional	Técnicas de Comunicação Oral e Escrita Fundamentos de Matemática e Estatística Informática Básica Gestão do Processo de Trabalho / Administração Direito e Legislação Relações Humanas, Ética e Psicologia

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nas referências UFTM, 2015b e UFTM, 2015c.

Na sequência, foram elaboradas questões relacionadas à identificação com os docentes, e com os respaldos institucional e pedagógico, de maneira igual para ambos os cursos. Para tanto, considerou-se a afirmativa de Vieira (2009, p. 42) na qual “o uso de declarações – e não apenas de questões – aumenta a flexibilidade do questionário e pode tornar a tarefa do participante mais agradável”. Essas declarações foram utilizadas nos preâmbulos das questões de números 10, 11 e 12, nas quais os sujeitos puderam concordar ou discordar das declarações por meio da maneira binária, ou seja, a que permite apenas dois tipos de respostas.

No preâmbulo da questão 10, foi inserida a seguinte declaração: “considero como ‘bons profissionais’ todos os docentes do curso”. No da questão 11, “considero como ‘bom’ o respaldo institucional do Cefores, representado por sua direção e equipe técnica-administrativa”. E no da questão 12, “considero como ‘bom’ o respaldo pedagógico do Cefores, representado pelas coordenações do curso e pedagógica”. Neste caso, para as três declarações, foram elaboradas respostas com orientações para os sujeitos pularem ou responderem outras três questões conhecidas como contingentes: 10.1, 11.1 e 12.1, cujas respostas foram requeridas caso as das questões principais fossem negativas.

Essas questões contingentes foram elaboradas para esclarecer os motivos da insatisfação dos sujeitos em relação aos conceitos avaliados negativamente nas questões principais. Sendo assim, “em assuntos controversos, é razoável deixar claro ao respondente que o pesquisador sabe da existência de opiniões diametralmente opostas – e não está preocupado com o tipo de resposta que vai receber” (VIEIRA, 2009, p. 49). Portanto, utilizou-se essa estratégia na elaboração das referidas questões.

Para tanto, foram introduzidas frases iniciais que deixaram claro que o campo da educação está em constante transformação, seguidas de outras, interrogativas, que solicitaram a opinião dos sujeitos, por meio de vários aspectos, conforme os quadros a seguir:

Quadro 04 – Questão 10.1 – Avaliação dos docentes

Preâmbulo		Aspectos avaliados
Frase inicial (introdutória)	Frase seguinte (interrogativa)	
A educação, também como outras áreas, está em constante evolução e os seus agentes precisam acompanhar esse movimento.	Com relação aos aspectos em que <u>os docentes</u> precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.	Planejamento da disciplina Planejamento das aulas Domínio de Conteúdo Didática (a teoria na prática) Assiduidade e pontualidade Sistema de avaliação Relacionamento interpessoal

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 05 – Questão 11.1 – Avaliação da direção e equipe técnica-administrativa

Preâmbulo		Aspectos avaliados
Frase inicial (introdutória)	Frase seguinte (interrogativa)	
As instituições educacionais precisam se organizar colocando em prática uma administração a nível nacional adequando-a às suas realidades regionais. Essa não é uma tarefa fácil.	Com relação aos aspectos em que <u>a direção do Cefores e sua equipe técnica-administrativa</u> precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.	Gestão participativa Retorno de requerimentos Abertura à comunidade Comunicação Imparcialidade

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 06 – Questão 12.1 – Avaliação das coordenações do curso e pedagógica

Preâmbulo		Aspectos avaliados
Frase inicial (introdutória)	Frase seguinte (interrogativa)	
O processo ensino-aprendizagem promove o diálogo entre o conteúdo curricular (formal) e os conteúdos únicos (vivências, história, individualidade) tanto do professor quanto do estudante.	Com relação aos aspectos em que <u>as coordenações Pedagógica e do curso</u> precisam melhorar na condução desse processo, avalie cada um dos itens relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.	Avaliação e acompanhamento do processo Avaliação da conduta docente no processo Avaliação do desempenho discente no processo Valorização da participação docente Organização e escolha dos recursos e materiais Promoção de práticas inovadoras de ensino Intermediação entre direção e corpos docente e discente

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Ainda nessas questões, com relação às respectivas escalas de importância, foi dada a alternativa do ponto neutro por meio de número ímpar de respostas escalonadas, evitando-se que os sujeitos se sentissem pressionados em relação aos docentes e à instituição. Antes da questão número 10, foi inserida a observação 3 para orientar os sujeitos nas respostas dessas questões contingentes. Conforme relatado, após as devidas correções sugeridas por um sujeito respondente do teste, a referida observação ficou com a seguinte redação, no modelo da discordância para a concordância: “*Observação 3: Oriente-se pela legenda a seguir para, caso seja solicitado, responder às questões 10.1, 11.1 e 12.1. (LEGENDA: SI – sem importância; PI – pouco importante; IND – indiferente; IMP – importante; e MI – muito importante).*” E, ao contrário, no modelo da concordância para a discordância, seguiu-se da última sigla para a primeira nos questionários cujos modelos seguiam essa lógica.

Com relação às questões sobre o conhecimento profissional e expectativa de atuação no mercado de trabalho, (questões de números 13 e 14) encontrou-se uma dificuldade maior em suas elaborações. Como trata-se de um tema complexo, a dificuldade residia em onde encontrar parâmetros que pudessem conduzir a respostas que resumiriam um perfil das identidades profissionais dos sujeitos. A inspiração para o problema veio ao recorrer ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) que “é um instrumento que disciplina a oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio, para orientar as instituições, estudantes e a sociedade em geral.” (BRASIL, 2014b, p. 8). Assim como as questões contingentes, relatadas anteriormente, os preâmbulos dessas questões também foram elaborados com frases iniciais para introduzir os temas, seguidas de frases interrogativas. Com relação às escalas, foi dada a alternativa do ponto neutro por meio de número ímpar de respostas escalonadas, tanto na questão 13, quanto na questão 14, para que os sujeitos tenham maior liberdade de escolha relativas as suas identificações com as atividades da profissão, bem como com os seus diversos campos de atuação.

A questão de número 13, sobre o conhecimento profissional, foi elaborada a partir das informações contidas no item “perfil profissional de conclusão” do CNCT para cada um dos cursos. Antes de iniciá-la foi inserida a observação 4 para orientar a resposta. Depois das devidas correções conforme sugestão de um dos sujeitos respondentes do teste, essa parte apresentou a seguinte redação, no modelo da concordância para a discordância: “*Observação 4: Oriente-se pela legenda a seguir para responder à questão número 13. (LEGENDA: MB – muito bom; B – bom; A – aceitável; R – ruim e MR – muito ruim).*” E, ao contrário, no modelo da discordância para a concordância, seguiu-se da última sigla para a primeira nos

questionários cujos modelos seguiam essa lógica. A estrutura da referida questão está descrita no quadro a seguir:

Quadro 07 – Questão 13 – Avaliação da contribuição da instituição na aprendizagem das atividades listadas pelo CNCT para ambos os cursos

Preâmbulo	
Frase inicial (introdutória)	Frase seguinte (interrogativa)
De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos existe um perfil profissional de conclusão para cada curso para o qual as instituições de ensino profissional devem conduzir seus discentes a atingi-los.	Marque uma opção em cada afirmativa que descreva como o Cefores contribuiu no processo de sua aprendizagem em cada uma das atividades abaixo.
Atividades	
Técnico em Enfermagem	Técnico em Segurança do Trabalho
<p>Realizar curativos.</p> <p>Administrar medicamentos e vacinas.</p> <p>Administrar nebulizações.</p> <p>Administrar banho de leito.</p> <p>Realizar mensuração antropométrica.</p> <p>Realizar verificação de sinais vitais.</p> <p>Auxiliar a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação no processo saúde-doença.</p> <p>Preparar o paciente para os procedimentos de saúde.</p> <p>Prestar assistência de enfermagem a pacientes clínicos e cirúrgicos e gravemente enfermos.</p> <p>Aplicar as normas de biossegurança.</p>	<p>Analisar os métodos e os processos laborais.</p> <p>Identificar fatores de risco de acidentes do trabalho, de doenças profissionais e de trabalho e de presença de agentes ambientais agressivos ao trabalhador.</p> <p>Realiza procedimentos de orientação sobre medidas de eliminação e neutralização de riscos.</p> <p>Elabora procedimentos de acordo com a natureza da empresa.</p> <p>Promove programas, eventos e capacitações.</p> <p>Divulga normas e procedimentos de segurança e higiene ocupacional.</p> <p>Indica, solicita e inspeciona equipamentos de proteção coletiva e individual contra incêndio.</p> <p>Levanta e utiliza dados estatísticos de doenças e acidentes de trabalho para ajustes das ações preventivas.</p> <p>Produz relatórios referentes à segurança e à saúde do trabalhador.</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base na referência BRASIL, 2014b, p. 20; 245.

Já a questão de número 14, sobre a expectativa de atuação no mercado de trabalho, foi elaborada a partir das informações contidas no item “campo de atuação” do CNCT, também para cada um dos cursos. Foram dadas três opções: bem preparado (BP), preparado (P) e sem preparo (SP). Nesta questão, um dos sujeitos respondentes do teste, sugeriu incluir a expressão *parcialmente preparado (PP)*, por acreditar que as duas primeiras, BP e P são muito parecidas. A fim de aproveitar a sugestão do sujeito e de permanecer com número ímpar de

respostas escalonadas, foi trocada a opção BP pela PP. Sendo assim, antes de iniciá-la foi inserida a última observação do questionário para orientar a resposta. Após as devidas correções, essa parte apresentou a seguinte redação, no modelo da discordância para a concordância: “*Observação 5: Oriente-se pela legenda a seguir para responder à questão número 14. (LEGENDA: SP – sem preparo; PP – parcialmente preparado; e P – preparado).*” E, ao contrário, no modelo da concordância para a discordância, seguiu-se da última sigla para a primeira nos questionários cujos modelos seguiam essa lógica. A estrutura da referida questão está descrita no quadro a seguir:

Quadro 08 – Questão 14 – Avaliação da preparação para os diversos campos de atuação listados pelo CNCT para ambos os cursos

Preâmbulo	
Frase inicial (introdutória)	Frase seguinte (interrogativa)
De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos existem vários campos de atuação para cada tipo de profissão.	Marque uma opção em cada afirmativa que descreva como você se sente preparado para atuar em cada um dos campos de atuação abaixo relacionados.
Campos de Atuação	
<p>Técnico em Enfermagem</p> <p>Hospitais.</p> <p>Unidades de Pronto Atendimento.</p> <p>Unidades básicas de saúde.</p> <p>Clínicas.</p> <p><i>Home care.</i></p> <p>Centros de diagnóstico por imagem e análises clínicas.</p> <p>Consultórios.</p> <p>Ambulatórios.</p> <p>Atendimento pré-hospitalar.</p> <p>Instituições de longa permanência.</p> <p>Organizações militares.</p>	<p>Técnico em Segurança do Trabalho</p> <p>Indústrias.</p> <p>Hospitais.</p> <p>Comércios.</p> <p>Construção Civil.</p> <p>Portos e aeroportos.</p> <p>Centrais de logística.</p> <p>Instituições de ensino.</p> <p>Fábricas e empresas representantes de equipamentos de segurança.</p> <p>Empresas e consultorias para capacitações em segurança do trabalho.</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base na referência BRASIL, 2014b, p. 20; 245.

E, para finalizar o questionário, foi incluída a questão número 15, na modalidade aberta, sobre a projeção de auto-imagem como profissional, cujo preâmbulo conduziu os sujeitos a respondê-la por meio de narrativa. Essa liberdade dada aos sujeitos para construir uma pequena narrativa, foi fundamentada no foco da pesquisa que é a formação da identidade profissional do educando.

Em consonância com De Fina et al (2006, p. 3) as “alegações de identidade são vistas como *atos* pelos quais as pessoas criam novas definições de quem são” e estes atos são evidenciados nas narrativas. Além do que:

Assumir uma estratégia qualitativa de pesquisa, como a narrativa, significa, antes de tudo, adotar como horizonte teórico e filosófico a existência, compreendida na experiência vivida. A narrativa, portanto, ao considerar essa dimensão do mundo vivido, nos sinaliza com a possibilidade de nos aproximarmos do outro, sem que se perca a principal característica que o distingue no mundo, que é a existência. (DUTRA, 2002, p. 377)

A referida questão deu dicas aos sujeitos sobre como construir essa narrativa, e ademais apresentou um pequeno texto que introduziu o tema, no qual eles também puderam se embasar. O quadro a seguir ilustra como se apresentou a última questão.

Quadro 09 – Questão 15 – projeção de auto-imagem como profissional

Texto de solicitação	Texto de dicas
<p>Análise o texto abaixo e, em seguida, escreva uma narrativa sobre a projeção de sua auto-imagem como profissional da área em que você está prestes a se formar.</p>	<p>Inicie considerando questões como interesse, identificação com a profissão, entre outras. Sinta-se livre para escrever a história que o levou até este momento da sua vida profissional. E para finalizar narre, também, o que o curso tem oferecido a você.</p>
<p>Texto de introdução ao tema “Identidade Profissional”</p>	
<p>Segundo Dubar (2005) o fato de ser reconhecido em seu trabalho, de poder ter convivências, mesmo antagônicas, com os outros e de poder se dedicar, por si próprio, em sua ocupação é, “ao mesmo tempo, construtor de identidade pessoal e de criatividade social”. Inversamente, a privação do trabalho é uma angústia particular, um trauma na auto-estima tanto quanto uma privação de convívio com os outros. Por outro lado, a formação do indivíduo, por sua vez, nas palavras de Dubar (2005), “intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar.” A formação contínua, no que lhe diz respeito, pode ser analisada como o lugar de uma verdadeira batalha identitária.</p>	

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Todos os quatro modelos contaram com questões em comum (números 01, 02, 03, 04, 05, 06, 10, 10.1, 11, 11.1, 12 e 12.1), outras com particularidades de cada curso sem deixar de atender aos objetivos comuns (números 07, 08, 09, 13 e 14), e uma última questão aberta (número 15). Foram dois modelos para a turma do Curso Técnico em Enfermagem e outros dois para a turma do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, com questões diferenciadas pelas especificidades dos cursos e pela ordem das escalas. O relato da aplicação segue descrito na seção a seguir.

3.6.2 Fase da aplicação ou da primeira abordagem

Após as devidas adequações ao instrumento, iniciou-se a fase da aplicação ou primeira abordagem. Primeiramente, o projeto de pesquisa previa aplicação de maneira digital (*online*), mais prático, pois evitar-se-ia, posteriormente, a tabulação de maneira manual. No entanto, em função das várias atividades acumuladas para os sujeitos no fim do semestre e, conseqüentemente, fim dos cursos também, essa estratégia foi substituída pela aplicação diretamente no papel, em sala de aula e de maneira assistida, para obtenção do maior número de participantes possível. Para tanto, foram apresentados alguns esclarecimentos aos coordenadores dos cursos quanto aos objetivos da pesquisa para receber deles a autorização para aplicação em salas de aula, com a presença de um docente somente nos momentos iniciais de apresentação da pesquisadora, para não constranger os sujeitos.

Após a concordância de cada coordenador, iniciou-se o estabelecimento dos critérios para determinação dos agendamentos das visitas de apresentação da pesquisa aos sujeitos e aplicação dos questionários. Foram estabelecidos e seguidos alguns critérios de comum acordo com ambos coordenadores, a saber:

- as visitas foram agendadas para os últimos horários, para não atrapalhar a dinâmica das aulas e para que os sujeitos fossem dispensados após responderem aos questionários;
- as visitas foram agendadas respeitando-se os dias cujas disciplinas ofertadas não tinham muitos alunos dispensados, para atingir o maior número de alunos presentes; e
- os alunos não foram avisados previamente, a fim de evitar que houvesse um número maior de ausência nos respectivos dias.

Seguidos esses critérios, as visitas foram agendadas com, aproximadamente, um mês e meio de antecedência ao término das aulas. No entanto, também, em função do acúmulo de atividades anteriormente relatado, e de questões contingenciais, como a *Greve dos Caminhoneiros*²⁰, esses agendamentos sofreram diversas remarcações. No entanto, em nenhuma delas, deixou-se de obedecer aos referidos critérios.

A primeira aplicação coletiva do questionário foi feita na turma do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, que já estava em seu último dia de aulas. Neste caso, a pesquisadora cogitou o cancelamento da amostra desse curso, caso houvesse outra intercorrência e a

²⁰ A recente e conhecida *Greve dos Caminhoneiros* ocorrida no Brasil, no período de 21 de maio a 1º de junho de 2018, acarretou suspensões do tráfego do transporte coletivo público em várias cidades no país no período noturno, inclusive em Uberaba. Como a maioria dos cursos do Cefores são ofertados à noite, e a maioria de seus alunos utiliza desse tipo de transporte para chegar à instituição, as aulas foram suspensas nesses dias, e tiveram que ser repostas em caráter de urgência, inclusive aos sábados, para não impactar em alteração da data da solenidade de formatura das turmas que, de fato, ocorreu em 18 de agosto de 2018.

aplicação não se efetivasse nesse dia. No entanto, neste agendamento, a respectiva aplicação ocorreu dentro das conformidades, não sendo, portanto, necessário o cancelamento da amostra.

Duas semanas depois, foi feita a aplicação coletiva do questionário na turma do Curso Técnico em Enfermagem, no antepenúltimo dia de encontro da turma, que estava se reunindo para decidir as finalizações dos estágios. Neste caso, se houvesse outra intercorrência, a pesquisadora ainda tinha mais dois dias que poderia utilizar, autorizados pela coordenação, para a referida aplicação. Também neste agendamento, a aplicação ocorreu dentro das conformidades.

Durante as visitas, inicialmente, o docente responsável por cada turma nos últimos horários, apresentou a pesquisadora também como servidora e colaboradora da instituição e, em seguida, se retiraram autorizando-os a irem embora após a resposta ao questionário da pesquisa. Durante essa fala alguns estudantes se apresentaram reticentes em continuar em sala de aula com o tardar da noite somente para responder a uma pesquisa.

Em função disso, a pesquisadora se apresentou brevemente e logo pediu a atenção dos mesmos somente nos primeiros cinco minutos para a leitura dos documentos esclarecedores da pesquisa. E informou que, aqueles que mesmo cientes de todos os esclarecimentos e de suas participações na pesquisa, ainda não quisessem aderir, que poderiam tranquilamente assim proceder, apenas devolvendo os documentos em branco. Todos, em ambas turmas, respeitosamente concordaram em ouvi-la por esses cinco minutos.

Então, a pesquisadora distribuiu a eles os *Termos de Esclarecimento* e os *Termos de Consentimentos Livres, após Esclarecimentos*, ambos elaborados a partir do modelo do protocolo do Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM (CEP-UFTM). Em seguida, pausadamente e publicamente, procedeu a leitura do primeiro termo, o de esclarecimento. Nele foram apresentados os objetivos da pesquisa e, sobretudo, o procedimento de sigilo adotado por meio da utilização de um código por participante para resguardar a identidade de cada sujeito. Esse código foi o número da matrícula de cada um e que, durante a escrita da presente dissertação, foi convertido em outro código criado pela pesquisadora, resguardando a identidade de todos até o fim da pesquisa.

Considerando as características dos documentos as quais implicaram em facilidade de compreensão quanto a participação do sujeito, logo em seguida a pesquisadora questionou a todos quanto a decisão livre e esclarecida em participar ou não da pesquisa. Na turma do Curso Técnico em Enfermagem, alguns, embora cientes, não quiseram aderir e, devolvendo os documentos em branco, retiraram-se da sala de aula. Na turma do Curso Técnico em

Segurança do Trabalho não houve quem não quisesse aderir. Sendo assim, aqueles que quiseram aderir, permaneceram nas salas e, de imediato, foram orientados a assinarem e a datarem os *Termos de Consentimento Livre, após Esclarecimento*. Após o consentimento dos participantes iniciou-se a aplicação dos questionários semiabertos de maneira assistida, com duração média de 30 (trinta) minutos por turma. As dúvidas quanto aos questionários foram esclarecidas uma a uma, diretamente nas carteiras, e em particular.

Dos 27 (vinte e sete) sujeitos da amostra do Curso Técnico em Enfermagem, 17 (dezessete) responderam aos questionários com metade dos modelos distribuídos a partir da concordância para a discordância e a outra metade, vice-versa, incluídos os 02 (dois) sujeitos que responderam ao questionário-piloto. O número de questionários respondidos representou aproximadamente 63% (sessenta e três por cento) de adesão dos sujeitos dessa amostra. Dos 10 (dez) sujeitos que não responderam, 4 (quatro) foi porque faltaram no dia e os outros 6 (seis) porque não quiseram aderir.

Dos 19 (dezenove) sujeitos da amostra do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, 16 (dezesesseis) responderam aos questionários, distribuídos da mesma forma, também incluídos os 2 (dois) sujeitos que responderam ao questionário-piloto. O número de questionários respondidos representou aproximadamente 84% (oitenta e quatro por cento) dessa amostra. Os três sujeitos que não responderam não estavam presentes por terem sido dispensados da respectiva disciplina cujo horário foi utilizado pela pesquisa.

Em ambas visitas, os docentes responsáveis ofereceram, à pesquisadora, a lista dos estudantes ausentes no dia. No entanto, a mesma não quis recebê-las para que não houvesse reconhecimento das identidades desses alunos na escrita da presente dissertação, visto que os participantes se identificaram apenas com o código de matrícula porque o objetivo, nessa fase foi, justamente, avaliar o perfil sem conhecer, de fato, as identidades dos sujeitos. Em resumo, de uma amostra de 46 sujeitos, a pesquisa obteve 33 respondentes ao questionário, o que equivaleu a 72% (setenta e dois por cento) de adesão nessa fase, percentual que, certamente, não teria sido alcançado se a estratégia de aplicação não tivesse sido substituída a tempo.

3.6.3 Fase da confluência de dados

A terceira fase foi a de confluência dos dados obtidos pelos questionários. Os dados textuais, ou originados das respostas à questão aberta, foram interpretados nesta fase, apenas para seleção dos sujeitos que foram convidados a participarem das entrevistas. No entanto, os

dados numéricos, ou originados das respostas das questões fechadas, foram tabulados por meio de planilhas eletrônicas especificamente elaboradas para esse fim.

Com relação a esses dados foram elaboradas 4 (quatro) planilhas (Apêndices E a H), sendo 2 (duas) contendo as questões mais simples do questionário, ou questões demográficas, uma para cada curso; e outras 2 (duas) contendo as questões que foram consideradas como mais complexas, pois adentraram no tema da pesquisa além do que a maioria delas foram com opções de respostas escalonadas, para obtenção de mensuração de conceitos, conforme já relatado anteriormente. Neste caso, também uma para cada curso.

É sabido que existem programas especializados em tabulação de dados de pesquisas. No entanto, no intuito de adequar a tabulação a especificidade da pesquisa, a pesquisadora optou por elaborar suas próprias planilhas com auxílio de um programa de planilhas eletrônicas. Sendo assim, todas as planilhas, independentemente se com dados simples ou complexos, foram construídas verticalmente, ou seja, cada respondente equivaleu a uma coluna. Essa foi a melhor maneira encontrada para esta tabulação por permitir também análises horizontais, para outras observações. Ou seja, nas análises verticais, em colunas, foi possível avaliar os sujeitos e já nas análises horizontais, em linhas, a contribuição da instituição como um todo.

Alguns campos textuais foram inclusos nessas planilhas quando a questão exigiu maior explicação do respondente, como por exemplo, quando eles precisavam relatar quem eram as pessoas com quem viviam caso marcassem que residiam com família na questão número 03. Nesses casos foram reservadas linhas inteiras de modo que os seus dados não compuseram as fórmulas estatísticas utilizadas. Ou seja, esses dados textuais apenas colaboraram nas análises a título de esclarecimentos.

As planilhas de dados simples foram elaboradas para tabulação das 6 (seis) primeiras questões dos questionários para delimitação do perfil demográfico dos sujeitos. Neste caso, são duas planilhas, uma para cada turma (Apêndices E e F), com campos e opções idênticos, preenchidos conforme seus respondentes. As mesmas foram elaboradas para que suas células fossem preenchidas apenas com 0 (zero) e 1 (um) para cada questão. O zero representou a ausência da marcação naquele determinado item da questão, independente se foi binária ou de múltipla escolha, e o 1 (um) a efetiva marcação da opinião do respondente, uma vez que nessas questões foi solicitada a marcação de apenas uma opção por questão.

Sendo assim, as tabulações dos dados dessas planilhas se deram pelos seus devidos preenchimentos em três etapas por turma: 1ª) preenchimento de todas as células de dados numéricos com o número 0 (zero); 2ª) preenchimento das opiniões dos sujeitos, em cada

questão, substituindo-se o número 0 (zero) pelo 1 (um), tendo em mãos os questionários; e 3ª) conferência, questionário por questionário, com a ajuda de um colaborador.

As planilhas de dados complexos foram elaboradas para tabulação das questões de número 07 a 14 buscando melhor compreender as identidades profissionais dos sujeitos. A maioria dessas questões foi elaborada com opções escalonadas para análise do conceito descrito em cada preâmbulo. Embora as questões 10, 11 e 12 sejam binárias, são também contingenciais, e deram opções de respostas para as questões 10.1, 11.1 e 12.1, respectivamente, que também são escalonadas.

Neste caso, também foram duas planilhas, uma para cada turma (Apêndices G e H), preenchidas conforme seus respondentes, mantendo-se as opções mas diferenciando-se nos campos pelas especificidades de cada curso: tanto pelas matrizes curriculares nas questões de 07 a 09, quanto pela determinação de cada curso no CNCT nas questões 13 e 14. Já as questões 10.1, 11.1 e 12.1, que trataram de avaliar a instituição, foram elaboradas exatamente iguais para ambas as turmas. Para que essas células fossem preenchidas foram estabelecidos escores definidos para cada uma dessas questões, a partir do número 0 (zero) nos itens-limites da discordância, seguindo-se com intervalos de números inteiros e sequenciais, até os itens-limites da concordância, considerando-se a quantidade de opções em cada questão, bem como em cada curso.

Posto isso, as tabulações dos dados dessas planilhas se deram pelos seus devidos preenchimentos em cinco etapas por turma, sendo as duas primeiras manualmente e as demais eletronicamente: 1ª) separação dos questionários, dos modelos que vão da concordância para a discordância com os modelos inversos, a fim de se evitar erros no lançamento dos escores nas planilhas; 2ª) nos próprios papéis dos questionários, preenchimento à lápis do valor dos escores, em cada item de cada questão de cada questionário; 3ª) preenchimento de todas as células de dados numéricos com o número 0 (zero); 4ª) preenchimento das opiniões dos sujeitos, em cada questão, substituindo-se o número 0 (zero) pelos respectivos escores preenchidos nos papéis; e 5ª) conferência, questionário por questionário, com a ajuda de um colaborador.

No intuito de facilitar as análises foi elaborada uma tabela para determinação de intervalos categóricos para todos os questionários contendo a identificação da questão com o número dela no questionário e o respectivo curso, além de quantidade de itens avaliados, quantidade de opções, escores máximos, escalas máximas e a quantidade de escores por intervalos. Tais intervalos foram definidos por meio da média simples das escalas máximas

pela quantidade de opções em cada questão incluindo-se o número 0 (zero) no primeiro intervalo.

Ao proceder essas médias, alguns resultados foram encontrados com números não inteiros. Como todos os escores foram números inteiros, decidiu-se que os intervalos também deveriam ser. Isso justifica a inclusão de uma coluna com índices inteiros de arredondamento em cada questão escalonada de cada curso, de maneira que a escala máxima fosse arredondada em cada questão para o primeiro número inteiro divisível pela respectiva quantidade de opções.

A fim de exemplificar, utilizou-se como modelo a questão número 07 do questionário da turma de segurança do trabalho. Tal questão, sobre conhecimentos específicos da área, apresenta 4 (quatro) possibilidades de identificação com 14 (quatorze) disciplinas. Os limites da discordância receberam o escore 0 (zero) e os da concordância, o 3 (três). Portanto, nessa turma, a escala mínima para os conhecimentos específicos da área de segurança do trabalho seria 0 (zero), se o respondente marcasse a opção cujo escore é o 0 (zero) em todas as disciplinas. E a máxima, 42 (quarenta e dois), se o respondente marcasse a opção cujo escore é o 3 (três) em todas as disciplinas. Como a escala máxima (42) não é um número divisível pelo número de opções desse caso (4), somou-se o índice de arredondamento (2) que possibilitou uma divisão com resultado em números inteiros por meio da escala máxima arredondada.

Os índices de arredondamento foram, em sua maioria, o número 2 (dois), e em uma única ocorrência, o número 4 (quatro). Isso impactou em, no máximo, 0,8 (zero vírgula oito) escores arredondados por intervalo, como pode-se observar na tabela a seguir:

Tabela 03 – Determinação dos Intervalos Categóricos

Questão	Qtde itens avaliados	Qtde opções	Escore Máximo	Escala Máxima	Índice de arredondamento	Escala Máxima Arredondada	Qtde escores por intervalo	Intervalos Categóricos
07/ENF	12	4	3	36	0	36	9	de 00 a 09 - não me identifico totalmente de 10 a 18 - não me identifico parcialmente de 19 a 27 - identifico-me parcialmente de 28 a 36 - identifico-me totalmente
07/TST	14	4	3	42	2	44	11	de 00 a 11 - não me identifico totalmente de 12 a 22 - não me identifico parcialmente de 23 a 33 - identifico-me parcialmente de 34 a 44 - identifico-me totalmente
08/ENF	10	4	3	30	2	32	8	de 00 a 08 - não me identifico totalmente de 09 a 16 - não me identifico parcialmente de 17 a 24 - identifico-me parcialmente de 25 a 32 - identifico-me totalmente
08/TST	6	4	3	18	2	20	5	de 00 a 05 - não me identifico totalmente de 06 a 10 - não me identifico parcialmente de 11 a 15 - identifico-me parcialmente de 16 a 20 - identifico-me totalmente
09/ENF	6	4	3	18	2	20	5	de 00 a 05 - não me identifico totalmente de 06 a 10 - não me identifico parcialmente de 11 a 15 - identifico-me parcialmente de 16 a 20 - identifico-me totalmente
09/TST	6	4	3	18	2	20	5	de 00 a 05 - não me identifico totalmente de 06 a 10 - não me identifico parcialmente de 11 a 15 - identifico-me parcialmente de 16 a 20 - identifico-me totalmente
10.1	7	5	4	28	2	30	6	de 00 a 06 - sem importância de 07 a 12 - pouco importante de 13 a 18 - indiferente de 19 a 24 - importante de 25 a 30 - muito importante
11.1	5	5	4	20	0	20	4	de 00 a 04 - sem importância de 05 a 08 - pouco importante de 09 a 12 - indiferente de 13 a 16 - importante de 17 a 20 - muito importante
12.1	7	5	4	28	2	30	6	de 00 a 06 - sem importância de 07 a 12 - pouco importante de 13 a 18 - indiferente de 19 a 24 - importante de 25 a 30 - muito importante
13/ENF	10	5	4	40	0	40	8	de 00 a 8 - muito ruim de 09 a 16 - ruim de 17 a 24 - aceitável de 25 a 32 - bom de 33 a 40 - muito bom
13/TST	9	5	4	36	4	40	8	de 00 a 08 - muito ruim de 09 a 16 - ruim de 17 a 24 - aceitável de 25 a 32 - bom de 33 a 40 - muito bom
14/ENF	11	3	2	22	2	24	8	de 00 a 08 - sem preparo de 09 a 16 - parcialmente preparado de 17 a 24 - preparado
14/TST	9	3	2	18	0	18	6	de 00 a 06 - sem preparo de 07 a 12 - parcialmente preparado de 13 a 18 - preparado

Fonte: elaborada pela autora.

Como na ciência da matemática, toda divisão por 0 (zero) não possui significado real, desconsidera-se esse número durante o momento do cálculo dessa média, para incluí-lo, posteriormente, no limite da discordância, ou seja, no primeiro intervalo. No exemplo acima, os intervalos foram assim definidos e categorizados: de 0 a 11, não me identifico totalmente; de 12 a 22, não me identifico parcialmente; de 23 a 33, identifico-me parcialmente; e de 34 a 44, identifico-me totalmente.

Por fim, foram elaboradas outras duas planilhas, neste caso, somente com dados textuais, construídas horizontalmente, nas quais cada respondente equivale a uma linha. Nela foram transcritas, nas íntegras, todas as narrativas obtidas por meio das respostas à questão número 15.

3.6.4 Fase da segunda abordagem

Com o objetivo de aprofundamento em casos identificados como específicos, iniciou-se a segunda abordagem, de maneira particular e direta. Para tanto, a pesquisadora solicitou, à Seção de Registro Acadêmico do Cefores, os contatos dos discentes de ambas as turmas. Por meio dos códigos de matrículas preenchidos nos questionários foi possível identificá-los nas relações recebidas do referido setor. Vale ressaltar, que somente neste momento, a pesquisadora conheceu, de fato, a identidade dos sujeitos, sendo que as mesmas permaneceram em sigilo de pesquisa.

Foi escolhido um aplicativo de mensagens por dispositivos móveis como maneira de contato com os selecionados por ser considerado um dos meios mais efetivos e rápidos de comunicação da atualidade. Para aqueles aos quais o número do contato havia sofrido alteração, foram feitas buscas em uma rede social, para envio das mensagens. De início a pesquisadora enviou para cada um, chamando-os pelo nome, a seguinte mensagem:

Boa tarde [nome do sujeito], tudo bem? Aqui é a Núbia do Cefores. Fui eu quem aplicou um questionário em sua turma sobre minha pesquisa de mestrado com o tema Identidade Profissional. Faço contato com você novamente porque, após análises às respostas, me interessei pelo seu perfil e gostaria de convidar você para uma entrevista individual e pessoal, com duração prevista de 15 minutos. Ressalto que não há necessidade de se deslocar, pois poderei me dirigir até você, caso prefira. Lembrando que, se você aceitar, sua identidade permanecerá resguardada, conforme compromisso que eu fiz publicamente perante sua turma e protocolado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM. O seu aceite é muito importante para contribuir nesta pesquisa que, com certeza, somará resultados para atuação positiva do Cefores na Educação Profissional de nossa região. Aguardo seu retorno para agendarmos um dia e horário. Respeitosamente, Núbia Nogueira. (APÊNDICE I, p. 195)

O objetivo nessa fase foi selecionar aleatoriamente o maior número de narrativas que despertassem o interesse de melhor compreensão, algumas delas até mesmo vinculadas aos respectivos perfis obtidos pelas respostas ao questionário. Sendo assim, estabeleceu-se a meta de conseguir entrevistar 40% dos respondentes do questionário, divididos nas duas turmas. Esse percentual foi estabelecido em função de se garantir tanto a qualidade quanto a

quantidade de entrevistas. Caso esse percentual fosse maior, implicaria em comprometimento da qualidade das entrevistas considerando-se todo o cronograma que ainda necessitava ser executado. O quesito *tempo de retorno do convite*, estabelecido em 48 (quarenta e oito) horas, também foi um fator influenciador nas decisões de seleção e, muitas vezes, até mesmo limitador. Sendo assim, os primeiros que retornaram e aceitaram foram gradativamente compondo a amostra da próxima fase.

Dos 17 (dezessete) respondentes da turma do Curso Técnico em Enfermagem, 12 (doze) foram selecionados. E dos 16 (dezesseis) da turma do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, outros 11 (onze). Apresenta-se a seguir os sujeitos selecionados aleatoriamente da turma de TE e respectivas narrativas e retorno ao convite.

Quadro 10 – Narrativas selecionadas da turma de TE

1/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: ENF 01 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge e filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: não declarada ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: a opção mais viável RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Quando quis voltar a estudar não sabia o que fazer. Pensei em vários cursos; algumas pessoas me falaram do curso técnico em enfermagem; mas pensei que eu não tinha perfil, pois sou muito “mole”. Mas naquele momento foi viável e estava realizando o sonho de voltar a estudar: fiz o processo seletivo, passei e comecei com o pensamento que se não me identificar eu saía. Mas com o início das aulas e passando fui me apaixonando e quando começou o estágio me identifiquei tanto que pensei: “porque não fiz antes”. Hoje sei que poderia ter sido a profissão da minha vida. Mas antes tarde do que nunca. Tô muito feliz!</p>
<p>CÓDIGO: ENF 02 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com cônjuge RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Sempre me identifiquei muito com a área da saúde; tive a oportunidade de realizar este curso em duas outras instituições, porém, infelizmente não consegui terminar por questões financeiras. Ao prestar a prova nesta instituição federal, pude enfim estar mais perto de alcançar meu objetivo em me formar nesta área. É uma profissão muito gratificante, que nos proporciona compreender e ajudar às pessoas a terem uma melhor qualidade de vida, promovendo saúde, evitando doenças. O curso foi de grande valia para um aprendizado não somente profissional, mas também, pessoal. Estar diante de diversas situações, e poder ser útil para aqueles que mais precisam. É uma realização!</p>

Quadro 10 – Narrativas selecionadas da turma de TE

2/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: ENF 05 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge e filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 0,5 e 1 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: ao começar a trabalhar como recepcionista em uma instituição de saúde RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Tive a certeza desde o primeiro momento com o curso, aprendi durante esses 3 anos (tive que trancar 1 ano por problemas de saúde) o que não aprendi minha vida toda e tenho muito mais para aprender. Cresci em 3 anos o que não cresci em 35 anos. Agradeço de coração a cada profissional do Cefores que me acolheu e me proporcionou tamanho aprendizado. Muito obrigada!!!</p>
<p>CÓDIGO: ENF 06 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 16 e 21 anos RESIDE: com os pais, além do irmão e sua filha RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e recusou.</p>	<p>Graças ao Cefores e aos docentes, estou preparada para atuar como TEF [técnico em enfermagem], o aprendizado foi muito grande e está sendo, a batalha é difícil, mas a vitória é garantida. A disciplina de nutrição não foi suficiente para aprendizado em campo de estágio, pois o que foi dado em sala de aula não usamos em estágio. O TEF me mostrou como ser uma pessoa melhor a cada dia.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 07 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 16 e 21 anos RESIDE: com os pais e uma irmã RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>É incrível a capacidade que nós seres humanos temos de nos identificar ou não com as coisas. A minha história com a enfermagem vai além da identificação profissional, envolve amor! Sempre adorei a área de enfermagem e vi o curso técnico de enfermagem como uma oportunidade de crescer, tanto profissionalmente quanto humanamente e sem dúvidas o curso me proporciona isso a cada dia.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 08 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com família RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: não deu retorno.</p>	<p>O curso para mim está sendo uma grande vitória pois percebi realmente que era isso mesmo que eu queria, penso em sempre evoluir na área da enfermagem e o técnico foi o meu primeiro incentivo.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 09 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge e filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: não foi encontrada.</p>	<p>Ao longo do curso com as disciplinas me sentia realizada, foi tudo tão fácil e tranquilo para mim, no momento do estágio foi onde me deparei o que é de verdade a assistência de enfermagem, encontrei desafios que ao longo do tempo fui vencendo, as vezes medo e insegurança me bateu, mas por agora, no fim, me encontrei aonde sempre deveria estar, sendo realizada como profissional, cuidando e trabalhando!</p>

Quadro 10 – Narrativas selecionadas da turma de TE

3/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: ENF 10 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 16 e 21 anos RESIDE: com a mãe, o padrasto e a irmã RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: nenhuma das opções RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Me incentivaram a seguir essa profissão em um momento que eu estava me preparando para outra área, a qual vi que no fim não daria certo para mim. O aprendizado que obtive no Cefores, não somente na profissão, mas por toda a minha vida, fará uma imensa diferença. Só tenho a agradecer.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 11 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge e filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>A Enfermagem me encanta, o cuidar, cuidar do próximo sem ao menos conhecer, sem ter nenhum vínculo, me mostra o quanto é encantador essa profissão, que será a minha profissão, um sonho que demorei a realizar, mas que foi a tempo, saio do curso técnico, formada, feliz e realizada e pretendo entrar ao mercado de trabalho o quanto antes. Tenho minhas preferências no ambiente hospitalar, CTI, UTR, hemodinâmica, mas independente do local, serei a mesma profissão, agindo com ética, imparcialidade, realizando todos os procedimentos corretamente sempre buscando conhecimento e principalmente com amor, colocarei tudo em prática o que o curso me proporcionou desde as aulas teóricas até as práticas juntamente com todo conhecimento compartilhado de nossas professoras, me sinto privilegiada por ter conhecido o Cefores e me tornado uma profissional dentro dessa instituição.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 12 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com a família RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 3,5 e 5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: parte em escola pública e a outra parte em escola privada sem bolsa ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Ajudar o próximo, essa sempre foi minha vontade, e minha família toda já está na área da saúde, assim a minha vontade foi crescendo cada vez mais. Entrar no Cefores foi o pontapé inicial para esse meu projeto de vida. Agora com os estágios vi que essa minha vontade cresceu mais e mais. Procedimentos que vi em sala de aula e colocado em prática foram de grande ajuda. Mas algumas coisas foi esclarecido em prática. Uma área que precisa de muitas pessoas com atenção, amor e carinho com o próximo. O mundo precisa mais dessa forma de trabalhar.</p>

Quadro 10 – Narrativas selecionadas da turma de TE

4/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: ENF 15 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge e filho RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Sem palavras para descrever o que sinto nesse momento, foram 2 anos de muita luta, lágrimas, abdicação, e até mesmo choro; e também não posso esquecer noites em claro. Mas com tudo isso foi maravilhoso, os docentes do Cefores são excelentes são profissionais maravilhosos; e pessoas esplêndidas. Claro, tive alguns contratemplos a nossa matéria de nutrição, acho que poderia se aprofundar um pouco mais nas dietas hospitalares; e ser mais ampla na nutrição. Enfim só tenho que agradecer, em todas as línguas, muito obrigado. Saio desse curso com sentimento de dever cumprido e tenho certeza que é isso o que eu quero para a minha vida, ajudar o próximo com o meu conhecimento. Obrigada Cefores!!!</p>
<p>CÓDIGO: ENF 17 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 28 e 33 anos RESIDE: com cônjuge RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: única opção RESPOSTA AO CONVITE: não foi encontrada.</p>	<p>Trabalho à 10 anos com Agente Comunitário de Saúde, onde me sen, digo, me vi sem estímulos, falta de ânimo, querendo algo mais, foi onde fiz a prova e consegui o curso, após isso me identifiquei na área onde hoje adoro o que faço no meu trabalho no postinho vai além de uma visita domiciliar comum, quando chego na casa das famílias logo já analiso as pessoas, olho os membros nas pessoas que tem [<i>inelegível</i>] e dia. Falo sobre como fazer o tratamento, como toli, digo, tomar as medicações no horário com a certeza que estar passando o meu conhecimento adquirido durante o curso. No entanto, alguns percalços, digo, percalços vem me atrapalhando na minha formação, onde pude ver que isso é o que realmente eu quero. Ser uma “técnica em enfermagem”!</p>

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas à questão 15 dos sujeitos da turma de TE.

Apresenta-se a seguir os 11 (onze) sujeitos selecionados aleatoriamente da turma de TST e respectiva narrativa e retorno ao convite.

Quadro 11 – Narrativas selecionadas da turma de TST

1/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: TST 01 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: sozinho RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 0 e 0,5 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: atender a uma demanda RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>O curso é muito longo, para quem quer ter uma capacitação rápida para o mercado, além da carga horária do estágio obrigatório. A gestão deve ser flexível com os alunos, pois a maioria trabalham, são casados e o curso não é uma faculdade... Para concluir é necessário mudança na matriz curricular, mais prática, apoios externos para fazer promoção de estágios.</p>

Quadro 11 – Narrativas selecionadas da turma de TST

2/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: TST 02 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com a companheira RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 0,5 e 1 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Como o conhecimento próprio era insuficiente para aplicar na segurança própria e de outrem eu escolhi o curso para aprimorar os mesmos. Vivenciando o curso tive uma nova visão do significado “segurança do trabalho” e pretendo carregar esse legado por onde ir, de forma a tentar melhorar ao máximo a forma de trabalho seguro por onde passar.</p>
<p>CÓDIGO: TST 03 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: entre 16 e 21 anos RESIDE: com a família RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: atender a uma demanda RESPOSTA AO CONVITE: retornou e recusou.</p>	<p>Chegando a reta final do TST, creio que foi uma das melhores coisas que possa ter me acontecido até o momento, pois pude conhecer muitas coisas novas. Quando comecei, trabalhava no comércio, pouco conhecia da área de saúde e segurança do trabalho, pois então vi que seria necessário entrar em outro setor. Então comecei em usina de fabricação de açúcar, com passar do curso, e as matérias específicas pude conhecer que é uma área bem interessante, e tudo que era aprendido em sala de aula, podia ver no dia-a-dia do serviço. Tenho grande esperança e planos para prosseguir na área. Daqui pra frente muitas coisas boas devem acontecer.</p>
<p>CÓDIGO: TST 04 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com irmãos, sobrinhas e cunhado RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 0,5 e 1 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: única opção RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Por não ter outras opções, escolhi fazer o curso técnico de segurança do trabalho. No início era apenas para obter conhecimento e uma profissão a nível técnico. Mas com decorrer do curso, me identifiquei e passei a gostar cada vez mais da profissão, mas foi no estágio que tive a certeza que é essa a profissão que quero exercer para o resto da vida. Vou investir cada vez mais na função, com outros cursos de capacitação relacionados à segurança. Pretendo também fazer uma engenharia, para poder me pós-graduar como engenheiro de segurança do trabalho. O curso despertou em mim o meu lado humano, passei a enxergar melhor o meu próximo e a cuidar da sua integridade física. Porque ser técnico de segurança é saber que vai lhe dar com vida, pelo decorrer da sua carreira, é uma profissão um pouco ingrata, mas quando é feita com amor e respeito se torna gratificante. Não escolhi esta profissão por vontade própria, mas ela me escolheu, agora quase formando vou fazer de tudo para zelar pela vida do trabalhador, lutando diariamente para mudar nossa realidade que é o grande número de morte no ambiente de trabalho.</p>

Quadro 11 – Narrativas selecionadas da turma de TST

3/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: TST 05 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: sozinho RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>O conhecimento não acumula espaço, todos tem o direito de buscar a sua aprendizagem e seu conhecimento próprio.</p>
<p>CÓDIGO: TST 08 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 28 e 33 anos RESIDE: com cônjuge e filha RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Em agosto de 2016 fui surpreendida com a ligação do Cefores perguntando sobre o meu interesse em fazer parte da turma de TST. Não me envergonho em dizer que a oportunidade surgiu pela desistência de alunos... Fiquei muito feliz e agradecida a Deus, pois era um sonho antigo me profissionalizar nessa área. Sempre fui vendedora e já estava cansada de continuar nessa área e só tem um meio de mudar, é sair da zona de conforto e enfrentar todos os obstáculos que surgem no caminho. Me identifiquei com o curso, apesar do desdobramento e das dificuldades para permanecer, consegui concluir todos os períodos e pretendo atuar na área com louvor e fazer a diferença como prevencionista.</p>
<p>CÓDIGO: TST 11 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge RENDA <i>PER CAPITA</i>: não declarada ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e recusou.</p>	<p>Foi uma experiência muito boa esse curso para mim. Não fiz ainda o estágio, já fui chamada, vou completar essa experiência se Deus quiser. Quero e preciso aprender mais, foi muito corrido e ao mesmo tempo demorado para acabar. Porque tudo se torna pesado quando se faz com pressa. Mas espero que no estágio eu consiga me identificar mais. Achei um pouco extressante. Uma turma não muito unida infelizmente. Um pouco decepcionada com alguns professores, não cito nomes porque é chato. Mas enfim, gostei e vou aproveitar o máximo para minha vida e se der vou trabalhar também.</p>
<p>CÓDIGO: TST 12 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com os pais e os irmãos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: única opção RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Auto-imagem é um trabalho contínuo que engloba conhecimento, postura e caráter. Com o curso tivemos um reforço desta auto-imagem ampliando junto com a ética, moral como um técnico tem que ser e lidar para tornar um profissional respeitado por todos desde dos funcionários de serviço geral até o diretor da empresa.</p>

Quadro 11 – Narrativas selecionadas da turma de TST

4/4

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: TST 14 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com a mãe e o irmão RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: incentivo do namorado RESPOSTA AO CONVITE: não deu retorno.</p>	<p>Para falar a verdade nunca passou pela minha cabeça fazer o curso Técnico em Segurança do Trabalho, mas meu namorado começou a me incentivar e aí surgiu a oportunidade de participar do processo seletivo. No decorrer do curso descobri a grande responsabilidade que vamos ter, até pensava em não exercer, mas acabei realizando estágio em uma empresa que fui contratada. Eu gosto da área, do trabalho de um técnico, mais a responsabilidade é maior que imagina-se.</p>
<p>CÓDIGO: TST 15 GÊNERO: Masculino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com a namorada RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 3,5 e 5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria RESPOSTA AO CONVITE: retornou e aceitou.</p>	<p>Sempre tive interesse na profissão e nas relações humanas, ou seja, o trabalho como técnico permite esse contato interpessoal, logo, pretendo ajudar e transmitir a mensagem de higiene profissional, colaborando com a minha carreira profissional, me permitindo obter mais uma formação acadêmica.</p>
<p>CÓDIGO: TST 16 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 28 e 33 anos RESIDE: com a mãe, o padrasto e os filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: ficou sabendo do curso RESPOSTA AO CONVITE: retornou, aceitou, mas por fim, desistiu.</p>	<p>Acredito que há tempo para tudo neste mundo, claro que devemos nos preparar para tudo. Se recebemos o bom, devemos aceitar o ruim também. Na vida devemos fazer o nosso melhor, e claro que isso engloba a vida profissional também. O TST deve fazer o seu melhor, independente se labora em empresa grande ou pequena, pois em qualquer espaço, estaremos a cuidar de vidas. Nunca parar de estudar, buscar mudanças. Pois não podemos esperar mudanças, se fazemos sempre igual. O curso TST melhorou o meu modo de pensar, de ver a vida, pois tudo pode ser diferente, basta lutarmos, perseverar e nunca desistir, acreditar que podemos fazer o nosso melhor. A vida é cheia de altos e baixos, na profissão também, por isso devemos amar o que fazemos e não pensar somente em benefícios, pois podemos nos frustrar e decepcionar. Obrigado por todo o conhecimento e pelas oportunidades.</p>

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas à questão 15 dos sujeitos da turma de TST.

A quantidade de selecionados, 23 (vinte e três) no total, ultrapassou o percentual de 40% estabelecido para o número de entrevistas considerando-se a existência de possibilidades de recusas ou de desencontros com os sujeitos, como de fato ocorreram. Apresenta-se a seguir as 10 (dez) narrativas não selecionadas aleatoriamente, 5 (cinco) de cada turma, começando pela de Enfermagem.

Quadro 12 – Narrativas não selecionadas da Turma de TE

Sujeito	Narrativa
<p>CÓDIGO: ENF 03 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com cônjuge e filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: 3,5 e 5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: parte em escola pública e outra parte em escola privada sem bolsa ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria</p>	<p>No começo do curso fiz o processo seletivo pensando que não ia passar, aí quando recebi a confirmação, fiquei extremamente feliz, e cada dia que passava fui me apaixonando cada vez mais e quando começou o estágio foi o que fiz de mais maravilhoso e gratificante. Adoro e espero ser uma ótima profissional espelhando nos conhecimentos dos nossos profissionais.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 04 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 16 e 21 anos RESIDE: com a mãe e a avó RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria</p>	<p>Do começo do curso até agora, na reta final, posso dizer que estou saindo preparada para atuar nessa área, saneei todas as minhas dúvidas, errei quando pude errar, aproveitei cada momento de aprendizado, observei ao máximo tudo que vinha ao meu favor, e posso dizer também que acertei cada acerto por mérito, e tenho total gratidão aos professores. A escolha desde o começo foi o que eu quis. Espero ser uma ótima profissional e dar o melhor de mim sempre, pois amo o que faço.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 13 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com os filhos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 0,5 e 1 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria</p>	<p>Eu, como técnica de enfermagem, durante o curso de enfermagem no início e término vou caminhar para essa jornada de trabalho para conseguir meus objetivos na área de enfermagem para ajudar, acompanhar, e ser um bom profissional para cumprir a importância como cuidar com amor, serenidade e dar tudo que possa identificar o amor do ser humano.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 14 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com os pais e o irmão RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 2 e 3,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: parte em escola pública e outra parte em escola privada sem bolsa ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria</p>	<p>O curso do Cefores dá muita base para o mercado de trabalho. Eu me identifico muito com essa profissão. Fui incentivada por minha avó e quando procurei o curso e comecei a estudar, percebi que estava no caminho certo. Hoje me sinto preparada para o mercado de trabalho. E agradeço muito alguns professores.</p>
<p>CÓDIGO: ENF 16 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 22 e 27 anos RESIDE: com a mãe e irmãos RENDA <i>PER CAPITA</i>: entre 0,5 e 1 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria</p>	<p><i>[Deixou a questão em branco].</i></p>

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas à questão 15 dos sujeitos da turma de TE.

Apresenta-se a seguir os 5 (cinco) sujeitos não selecionados aleatoriamente da turma de Segurança do Trabalho.

Quadro 13 – Narrativas não selecionadas da Turma de TST

Sujeito	Narrativa
CÓDIGO: TST 06 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 28 e 33 anos RESIDE: sozinha RENDA <i>PER CAPITA</i> : entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria	Tive muito interesse sempre em fazer o curso, acho muito importante o trabalho de um técnico pois ele salva várias vidas e ajuda a evitar vários acidentes. Gostei do curso e saio dele com grande aprendizado na área esperando exercer as atividades referentes a um técnico.
CÓDIGO: TST 07 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 28 e 33 anos RESIDE: com a mãe RENDA <i>PER CAPITA</i> : entre 2 e 2,5 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria	<i>[Deixou a questão em branco].</i>
CÓDIGO: TST 09 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com a irmã e a sobrinha RENDA <i>PER CAPITA</i> : entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria	O questionário foi respondido para que as próximas turmas seja beneficiadas. Que os problemas ocorridos nessa turma não aconteça mais. Mas, que fique bem claro que o professor não faz o aluno, o aluno que tem que buscar o conhecimento, ser um bom profissional não só na área de TST, mas em qualquer outra profissão. Pois a memória é falha, o estudo tem que ser sempre.
CÓDIGO: TST 10 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: acima de 34 anos RESIDE: com o cônjuge, a filha e a neta RENDA <i>PER CAPITA</i> : entre 0,5 e 1 salário mínimo ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria	<i>[Deixou a questão em branco].</i>
CÓDIGO: TST 13 GÊNERO: Feminino FAIXA ETÁRIA: entre 16 e 21 anos RESIDE: com os pais, a avó e o tio RENDA <i>PER CAPITA</i> : entre 1 e 2 salários mínimos ENSINO MÉDIO: integral em escola pública ORIGEM DA ESCOLHA: vontade própria	Escolhi essa profissão por gostar da área, ter facilidade com a atuação e pela preservação da saúde e segurança dos trabalhadores. Auto-imagem rigorosa com os procedimentos para que tudo ocorra da melhor maneira possível, para não ocorrer acidentes ou descumprimento do procedimento que acarrete em acidente aos trabalhadores.

Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas à questão 15 dos sujeitos da turma de TST.

Sendo assim, dos 23 (vinte e três) sujeitos selecionados para essa fase, 15 (quinze) aceitaram e, efetivamente foram entrevistados, sendo 08 (oito) na turma de Técnico em Enfermagem e 07 (sete) na de Técnico em Segurança do Trabalho. Outros 02 (dois) sujeitos, embora inicialmente tenham aceitado, cancelaram depois ou não deram retorno sobre o agendamento. Dos outros 06 (seis), 03 (três) se recusaram em dar continuidade à participação na pesquisa, 01(um) visualizou a mensagem, mas não respondeu ao contato, e 02 (dois) não

foi possível efetivar a abordagem em função de que esta fase foi realizada após o término das aulas, além de terem havido mudança nos respectivos meios de contato e de não tê-los encontrado na busca aos seus perfis em rede social.

3.6.5 Fase das entrevistas

A quinta fase foi a da realização de entrevistas, instrumento de coleta de dados do estudo de caso muito utilizado em pesquisas sociais que incluem dados qualitativos. A escolha desse instrumento se justificou devido à especificidade do tema da presente pesquisa em função de complementar informações não obtidas por meio dos questionários.

Foram realizadas 15 (quinze) entrevistas que ocorreram na modalidade não-estruturada, todas gravadas, com duração média de 15 (quinze) minutos. Como os documentos de esclarecimento e de consentimento já previam anuência dos sujeitos na participação dos mesmos, tanto na resposta ao questionário, quanto na entrevista, não houve necessidade de entrega de nova documentação nesta fase, apenas confirmação verbal do consentimento em prosseguir com a pesquisa. Foi disponibilizada aos sujeitos a possibilidade de escolha do local das entrevistas. Em sua maioria, preferiram que fosse em lugar reservado e de fácil acesso. Para tanto, a pesquisadora, de posse de cada agendamento, procedeu as reservas de uma das salas de multimídia da Biblioteca da UFTM, que comportam o número ideal de pessoas, ou seja, duas. Alguns dos sujeitos preferiram que fosse em suas residências.

Antes de cada entrevista a pesquisadora se preparou da seguinte maneira: separou o respectivo questionário respondido pelo sujeito a ser entrevistado, reviu suas respostas, bem como sua narrativa, certificou-se de estar com equipamento para gravação e foi ao encontro de cada sujeito. Ao encontrá-los nos locais respectivamente agendados, assim procedeu antes de iniciar cada entrevista: primeiramente, agradeceu a cada um pelo aceite em prosseguir com a pesquisa; depois lembrou os objetivos da mesma; informou que ele foi identificado por meio do código de matrícula preenchido em seu questionário e que o recodificou em um novo código mais simples, criado por ela mesma, apenas com a identificação do curso, a fim de continuar resguardando suas identidades; em seguida, informou que a entrevista deveria ser gravada e, mesmo se pronunciasse seu nome, que durante a transcrição, ele seria ocultado. Após todas essas informações, solicitou autorização para gravar cada entrevista. E, após a referida autorização, informou que interromperia a gravação a cada média de 10 (dez) minutos para facilitar a transferência do arquivo de áudio.

Efetivados todos esses procedimentos entrevistou a cada um, seguindo as especificidades identificadas nos questionários, tendo os mesmos em mãos como um roteiro único para cada entrevistado. Após cada entrevista, foi efetivada a transferência dos respectivos arquivos de áudio para um dispositivo seguro de armazenamento de dados digitais. Feito isso, a pesquisadora transcreveu cada uma. É sabido que existem programas que fazem esse tipo de trabalho. No entanto, no intuito de transcrever até os mínimos detalhes, como pausas e gestos, a pesquisadora optou por fazê-los pessoalmente, o que demandou um trabalho minucioso. As íntegras das respectivas transcrições encontram-se dispostas na seção de apêndices (J ao X).

Coletados os dados, quantitativos e qualitativos, iniciou-se a análise e a interpretação dos mesmos, cujos resultados encontram-se apresentados no Capítulo IV, a seguir.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo divide-se em três seções: a análise quantitativa, a análise qualitativa, e por último, a análise quali-quantitativa. O intuito da utilização dessas três análises foi o de criar um *caleidoscópio*, no qual os mesmos dados analisados de ângulos diferentes apresentaram resultados também diferentes, mas que se complementaram nas suas imagens.

Para tanto, foram utilizados estudos ou teorias que colaboraram nesse processo. Na análise quantitativa, foi utilizada a Estatística. Em todas essas análises apresentaram-se resultados individuais, relativos às identidades profissionais dos sujeitos e outros coletivos, relativos à contribuição da instituição na formação dessas identidades profissionais. Na análise qualitativa, foi utilizada a perspectiva dos Estudos Culturais, já abordada no Capítulo II. E, por fim, como conclusões das duas primeiras, foi feita uma análise quali-quantitativa.

4.1 Análise quantitativa

A utilização de estatísticas é uma das opções de análise de dados quantitativos mais desenvolvidas atualmente nas pesquisas humanas e sociais. A esse respeito Gil (2008a) afirma que além da caracterização e do resumo dos dados, as técnicas estatísticas servem também como opção de cruzamento de informações na verificação de influências, como estudo das relações que existem entre variáveis e também para verificar em que medida as conclusões podem estender-se para além da amostra considerada.

Nesse sentido, com os dados quantitativos já dispostos nas tabelas dinâmicas, outras tabelas foram elaboradas para conter os campos de frequência com número de respostas de uma mesma alternativa e a serem analisadas pela porcentagem ou relação entre as frequências.

Em todas as análises estatísticas foram feitas verificações horizontais das tabulações constantes nos Apêndices E ao H divididas em uma seção para as questões de natureza demográfica e outra para as complexas. Com essas *análises horizontais* foi possível avaliar perfis coletivos dos sujeitos e a contribuição coletiva do Cefores no aprendizado e na formação das identidades profissionais. Também foram feitas verificações verticais das mesmas tabulações em uma única seção. Com essas *análises verticais* foi possível avaliar perfis individuais dos sujeitos e parte da contribuição individual do Cefores no aprendizado e

na formação das identidades profissionais de cada sujeito. Antes de se partir para as análises propriamente ditas, convém lembrar que foram aplicados questionários para 33 sujeitos, 17 da Turma de TE e 16 da Turma de TST.

4.1.1 Análise estatística horizontal das questões de natureza demográfica

Com o caleidoscópio em posição, iniciou-se a observação. Por meio do manuseio e análise dos dados tabulados nos Apêndices E (Turma TE) e F (Turma TST), referente às questões de 01 a 06 do questionário, cujas naturezas são de cunho demográfico obteve-se um perfil coletivo dos sujeitos, cenário no qual a pesquisa foi aplicada.

Na análise das repostas à Questão 01, relativa ao gênero, a turma de TE apresentou 16 (dezesesseis) sujeitos do sexo feminino e 01 (um) do sexo masculino. Estatisticamente, a representação feminina na turma foi de 94,12%. Já na de TST o resultado obtido foi de menor disparidade entre os gêneros. A referida turma apresentou respostas de 10 (dez) mulheres e 06 (seis) homens, 62,50% e 37,50%, respectivamente. No geral, quanto ao gênero, ainda assim permaneceu a predominância feminina em 78,79% dos sujeitos.

Por meio da análise às respostas da Questão 02, relativa à faixa etária, tem-se uma variação moderada nos intervalos das faixas etárias, ocorrendo ou não predominância, dependendo da turma, conforme observado no resumo da tabela a seguir.

Tabela 04 – Distribuição dos sujeitos por faixa etária

Intervalos de faixa etária	Turma TE	Turma TST
De 16 a 21 anos	4	2
De 22 a 27 anos	3	6
De 28 a 33 anos	1	4
De 34 anos acima	9	4
Total de sujeitos por turma	17	16

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices E e F.

Notou-se que ocorreu predominância na faixa etária de 34 anos acima na turma de TE, representando 52,94% dos sujeitos da turma. De maneira geral, nas duas turmas, tem-se as

seguintes representatividades nas respectivas faixas: 18,18% de 16 a 21 anos; 27,27% de 22 a 27 anos; 15,15% de 28 a 33 anos; e 39,40% de 34 anos acima.

Quando questionados com quem moravam, na Questão 03, a grande maioria afirmou residir com família. Na turma de TE todos responderam que não residem sozinhos. Apenas 03 sujeitos da turma de TST assim responderam, representando 18,75% da turma e 9,09% do total dos sujeitos. Ao serem indagados sobre a renda *per capita* mensal na Questão 04, os sujeitos responderam de maneira bem heterogênea entre as faixas, contudo bem semelhante entre as turmas, conforme observado na tabela a seguir.

Tabela 05 – Distribuição dos sujeitos por renda *per capita* mensal

Intervalos de renda	Turma TE	Turma TST
Zero (não possui renda)	0	0
Entre zero e 0,5 salário mínimo	0	2
Entre 0,5 e 1 salário mínimo	3	1
Entre 1 e 2 salários mínimos	5	6
Entre 2 e 3,5 salários mínimos	6	5
Entre 3,5 e 5 salários mínimos	2	1
Mais de 5 salários mínimos	0	0
Sem declaração de renda	1	1
Total de sujeitos por turma	17	16

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices E e F.

Notou-se que em nenhuma das turmas existem sujeitos que não possuem renda *per capita* mensal. Notou-se ainda que o centro da distribuição de renda na tabela, composto pelos intervalos entre 1 e 2 salários mínimos e entre 2 e 3,5 salários mínimos, representou predominância em ambas as turmas, 11 sujeitos em cada, cujo resultado geral foi de 66,67% dos sujeitos da pesquisa que variaram suas respostas nesses dois intervalos de renda.

Passando-se à análise da Questão 05, ao serem questionados sobre a forma como cumpriram as suas formações do Ensino Médio, percebeu-se que a grande maioria o cumpriu de maneira integral em instituição pública. Estatisticamente isso representou 90,91% do total de sujeitos da pesquisa. Na turma de TST, por exemplo, não houve quaisquer outras respostas.

Apenas 3 sujeitos da turma de TE destoaram dessa realidade, tendo cumprido seus estudos de Ensino Médio de maneira parcial em escola pública e em escola privada sem bolsa.

Ao serem questionados quanto a origem da escolha do curso, na Questão 06, os sujeitos responderam variando de duas formas: tanto entre as opções quanto entre as turmas. Contudo, a predominância em ambas as turmas foi de uma escolha por vontade própria, conforme pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 06 – Distribuição dos sujeitos por origem da escolha do curso

Opções de origem	Turma TE	Turma TST
Vontade própria	13	10
Tinha que se profissionalizar e essa era a única opção	1	2
Para atender a uma vontade dos pais	0	0
Fez várias seleções e matriculou-se na que conseguiu aprovar-se	0	0
Para atender a uma demanda do mercado	0	2
Nenhuma das opções	3	2
Total de sujeitos por turma	17	16

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices E e F.

Nota-se que as respostas dos sujeitos variaram, de maneira geral, em 4 das 6 respostas dadas como opções para eles, de modo que as opções: *para atender a uma vontade dos pais e fez várias seleções e matriculou-se na que conseguiu aprovar-se* não foram escolhidas em ambas as turmas. Na turma de TE, ainda a opção: *para atender a uma demanda do mercado*, também não foi escolhida. No entanto, de maneira geral, pelas respostas de dois sujeitos na turma de TST, essa opção representou, estatisticamente, 6,06% do total de sujeitos da pesquisa. A resposta: *tinha que se profissionalizar e essa era a única opção* contou com 9,09%. A resposta *nenhuma das opções* contou com 15,15% dos sujeitos no geral. Mas a maioria, em ambas as turmas, escolheu a opção por vontade própria, que representou 69,70%.

Resumidamente, tem-se um perfil de turmas em sua maioria do sexo feminino, embora haja a considerável presença do sexo oposto na turma de TST. O perfil também apresenta outras predominâncias como a faixa etária acima dos 34 anos, a convivência familiar, a renda *per capita* entre 1 e 3,5 salários mínimos, a formação do Ensino Médio em instituição pública

e a escolha do curso por vontade própria. Tendo esse perfil em mente passa-se agora a análise estatística dos dados das demais questões cujos temas adentram ao tema principal.

4.1.2 Análise estatística horizontal das questões complexas

Mudou-se a posição de observação do caleidoscópio. Por meio do manuseio dos dados tabulados nos Apêndices G (Turma TE) e H (Turma TST), correlacionados com a distribuição dos intervalos categóricos dispostos na Tabela 06, apresentada no Capítulo III, todos referentes às perguntas de 07 a 14 do questionário, cujas opções de resposta em sua maioria foram escalonadas (tipo indicado para apuração de conceitos) foi possível a confecção de outras tabelas que apuraram as distribuições e frequências das repostas para posterior análises dos conteúdos das referidas questões que, de certa forma, estão relacionados com o tema: identidade profissional. Todas as tabelas foram construídas seguindo as legendas descritas na Seção 3.6.1 do Capítulo III, que também estão disponíveis na Seção Pré-Textual de Lista de Siglas.

A começar pelas questões de 07 a 09, relativas à identificação dos sujeitos com os conteúdos do curso, foram construídas duas tabelas, uma para cada curso. Cada uma contendo dados das três questões, cujas opções de resposta eram as mesmas, alternando-se apenas os conteúdos. O conceito procurado nessas questões foi o de *identificação dos sujeitos com os conteúdos* divididos pelas especificidades das disciplinas. A Tabela 07, a seguir, apresenta as respostas dos sujeitos da Turma de TE, lembrando que o total foi de 17 respondentes.

Tabela 07 – Distribuição dos sujeitos da turma de TE por identificação com conteúdos

Opções	Questão 07 – Conteúdos específicos do curso	Questão 08 – Conteúdos específicos da área	Questão 09 – Conteúdos de outras áreas
NIT	0	0	0
NIP	0	2	4
IP	6	7	7
IT	11	8	6
TOTAL	17	17	17

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos no Apêndice G em correlação com os da Tabela 06.

Por meio da análise da Tabela 07 nota-se uma predominância na identificação dos sujeitos com os conteúdos específicos do curso de TE, ou seja, estatisticamente 64,71% dos sujeitos se dizem identificar totalmente com esse tipo de conteúdo. Com relação aos conteúdos específicos da área do curso (saúde), ocorreu uma variação nessa identificação, com predominância nos dois últimos conceitos: identificação parcial e identificação total, representando 41,18% e 47,06%, respectivamente. E, por fim, com relação aos conteúdos que não são nem específicos do curso e nem específicos da área do curso, ou seja, são de outras áreas aplicadas ao curso, voltou-se a ocorrer predominância, nesse caso em 58,82%, referente apenas ao conceito de *identificação parcial*. A Tabela 08, a seguir, apresenta as respostas dos sujeitos da Turma de TST, lembrando que o total foi de 16 respondentes.

Tabela 08 – Distribuição dos sujeitos da turma de TST por identificação com conteúdos

Opções	Questão 07 – Conteúdos específicos do curso	Questão 08 – Conteúdos específicos da área	Questão 09 – Conteúdos de outras áreas
NIT	0	0	0
NIP	2	4	3
IP	8	11	10
IT	6	1	3
TOTAL	16	16	16

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos no Apêndice H em correlação com os da Tabela 06.

Analisando-se a Tabela 08, com relação aos conteúdos específicos do curso de TST ocorreu variação da predominância nos dois últimos conceitos: *identificação parcial* e *identificação total*, representando 50,00% e 37,50%, respectivamente. A ocorrência de dois sujeitos que informaram a *não-identificação parcial com conhecimentos específicos do curso*, foi motivo para transferi-los para a Seção 4.2, referente à análise qualitativa, para melhor compreensão. Com relação tanto aos conhecimentos específicos da área do curso (segurança), quanto aos conhecimentos aplicados de outras áreas, ocorre predominância no conceito de *identificação parcial*, representando 68,75% e 62,50%, respectivamente.

Passa-se agora às análises das questões 10, 11 e 12, nas quais por meio de declarações em seus preâmbulos, os sujeitos puderam, de fato, concordar ou não com as mesmas, sendo que aqueles que não concordaram, foram questionados em outras questões de cunho

contingente sobre vários aspectos nos quais esses profissionais atuam. Nelas os sujeitos de ambas as turmas avaliaram a qualidade dos profissionais da instituição, sendo eles os corpos docente e administrativo e as coordenações, por meio de preâmbulos compostos por frases introdutórias e outras interrogativas. Neste caso, o conceito buscado pela escala foi o *grau de importância* que os sujeitos atribuem para que esses profissionais não identificados como *bons*, efetivamente, melhorem seus desempenhos. Convém lembrar que todas essas questões foram iguais para ambas as turmas.

Foram elaboradas três tabelas de análises, uma para cada questão contingente, contendo dados de ambas as turmas separadamente e também integradas. Em todas as questões principais, houve casos que, embora os sujeitos tenham considerado tais profissionais como *bons*, ainda assim eles avaliaram o grau de importância dos quesitos de atuação dos mesmos nas respectivas questões contingentes. Nesses casos, os conceitos foram analisados como *pontos positivos que os profissionais já possuem*. Em função disso, embora correlacionadas, as análises das questões principais ocorreram separadas das análises das questões contingentes.

Na Questão 10, ao se depararem com a declaração *considero como bons profissionais todos os docentes do curso*, 10 sujeitos da turma de TE concordaram, de um total de 17 respondentes, o que representou uma predominância para a concordância com a declaração em 58,82%. Já na turma de TST, ocorreu o inverso, ou seja, a predominância foi para a discordância. Na referida turma, 10 sujeitos discordaram, de um total de 16 respondentes, o que representou 62,50%. Na Questão 10.1, ocorreu que, na turma de TE, 10 sujeitos responderam, ou seja, os 7 que discordaram e outros 3 sujeitos, que embora tenham concordado com a declaração, também responderam a essa questão. Já na turma de TST, 13 sujeitos responderam, sendo os 10 que discordaram e outros 3 que concordaram, mas mesmo assim responderam. Veja-se os dados da Tabela 09.

Tabela 09 – Grau de importância dos itens a serem melhorados pelo corpo docente

Opções	TE	TST	AMBOS
SI	0	0	0
PI	1	0	1
IND	0	2	2
IMP	1	5	6
MI	8	6	14
TOTAL	10	13	23

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices G e H em correlação com os da Tabela 06.

Por meio da análise da Tabela 09, tem-se que nos 10 respondentes da turma de TE, ocorreu predominância do conceito *muito importante*, com representação de 80%. Já na turma de TST, dos 13 respondentes, a predominância variou entre os conceitos: *importante* e *muito importante*, com representação de 38,46% e 46,15%, respectivamente. Enfim, enfocando apenas os 23 respondentes, nota-se que ocorreu predominância do conceito *muito importante* em 60,87%. Contudo, generalizando-se, tem-se que segundo a opinião de 51,52% dos sujeitos tanto é *importante* quanto é *muito importante* que os docentes da instituição melhorem seus desempenhos nos quesitos de planejamento da disciplina e das aulas, domínio de conteúdo, didática, assiduidade e pontualidade, sistema de avaliação e relacionamento interpessoal. Além desses, outros 18,18% têm a opinião positiva desses profissionais em relação a esses quesitos, e 30,30% não opinaram, mas os consideraram *bons* profissionais. Somando-se esses dois últimos, considera-se um empate técnico entre as opiniões dos sujeitos relativo aos docentes do Cefores serem *bons* profissionais ou não.

Na Questão 11, ao se depararem com a declaração *considero como bom o respaldo institucional do Cefores, representado por sua direção e equipe técnica-administrativa*, todos os 17 sujeitos da turma de TE concordaram, o que representou unanimidade na concordância com a referida declaração. Já na turma de TST, ocorreu a predominância para a concordância. Na referida turma, 12 sujeitos concordaram, de um total de 16 respondentes, o que representou 75,00%. Na Questão 11.1, ocorreu que, na turma de TE, 4 sujeitos responderam, embora tenham concordado com a declaração. Já na turma de TST, 5 sujeitos responderam, sendo os 4 que discordaram e 1 que concordou, mas mesmo assim respondeu. Veja-se os dados da Tabela 10.

Tabela 10 – Grau de importância dos itens a serem melhorados pelo corpo administrativo

Opções	TE	TST	AMBOS
SI	0	1	1
PI	0	0	0
IND	0	0	0
IMP	0	0	0
MI	4	4	8
TOTAL	4	5	9

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices G e H em correlação com os da Tabela 06.

Por meio da análise da Tabela 10, tem-se que ocorreu unanimidade do conceito *muito importante* nos 4 respondentes da turma de TE. Na turma de TST, dos 5 respondentes, a predominância ocorreu no conceito *muito importante*, com representação de 80,00%. Enfim, enfocando apenas os 9 respondentes, nota-se que ocorreu predominância do conceito *muito importante* em 88,89%. Contudo, generalizando-se, tem-se que segundo a opinião de 24,24% dos sujeitos é *muito importante* que o corpo administrativo da instituição melhore seu desempenho nos quesitos de gestão participativa, retorno de requerimentos, abertura à comunidade, comunicação e imparcialidade. Além desses, outros 3,03% têm a opinião positiva desses profissionais em relação a esses quesitos. A grande maioria 72,73% não opinou, mas os consideraram *bons* profissionais. Somando-se esses dois últimos percentuais, elevou-se essa predominância para 75,76% dos sujeitos que consideraram o corpo administrativo do Cefores composto por *bons* profissionais.

Na Questão 12, ao se depararem com a declaração *considero como bom o respaldo pedagógico do Cefores, representado pelas coordenações do curso e pedagógica*, todos os 17 sujeitos da turma de TE concordaram, o que representou unanimidade na concordância com a referida declaração. Já na turma de TST, ocorreu a predominância para a concordância. Na referida turma, 11 sujeitos concordaram, de um total de 16 respondentes, o que representou 68,75%. Na Questão 12.1, ocorreu que, na turma de TE, 6 sujeitos responderam, embora tenham concordado com a declaração. Também na turma de TST, 6 sujeitos responderam, sendo os 5 que discordaram e 1 que concordou, mas mesmo assim respondeu. Veja-se os dados da Tabela 11.

Tabela 11 – Grau de importância dos itens a serem melhorados pelas coordenações

Opções	TE	TST	AMBOS
SI	0	0	0
PI	0	0	0
IND	0	1	1
IMP	1	1	2
MI	5	4	9
TOTAL	6	6	12

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices G e H em correlação com os da Tabela 06.

Analisando-se a Tabela 11, tem-se que nos 6 respondentes da turma de TE, ocorreu predominância do conceito *muito importante*, com representação de 83,33%. Também nos 6 respondentes da turma de TST, a predominância ocorreu no conceito *muito importante*, com representação, neste caso, de 66,67%. Enfim, enfocando apenas os 12 respondentes, nota-se que ocorreu predominância do conceito *muito importante* em 75,00%. Contudo, generalizando-se, tem-se que segundo a opinião de 15,15% dos sujeitos é *muito importante* que os coordenadores pedagógico e de cursos melhorem seus desempenhos nos quesitos relativos à avaliação do processo de ensino-aprendizagem, bem como do seu acompanhamento e de conduta docente, desempenho discente, além de valorização da participação docente, organização e escolha dos recursos materiais, promoção de práticas inovadoras de ensino e intermediação entre direção e corpos docente e discente. Além desses, outros 21,21% têm a opinião positiva desses profissionais em relação a esses quesitos, e 63,64% não opinaram, mas os consideraram *bons* profissionais. Somando-se esses dois últimos percentuais, elevou-se essa predominância para 84,85% dos sujeitos que consideraram os coordenadores pedagógico e de cursos do Cefores como *bons* profissionais.

Passa-se agora às análises das questões, 13 e 14 que foram relacionadas à contribuição do Cefores no processo de aprendizagem das atividades da profissão definidas no CNCT e ao sentimento dos sujeitos sobre a preparação deles para trabalharem nos diversos campos de atuação da profissão também definidos no CNCT, respectivamente. Lembrando que, nos preâmbulos dessas questões também foram utilizadas frases introdutórias e outras interrogativas, nas quais os sujeitos puderam, de fato, avaliar essas questões por meio de uma escala. Foram elaboradas duas tabelas de análises, uma para cada questão, contendo dados de

ambas as turmas separadamente e também integradas. Na Questão 13, por exemplo, o conceito buscado pela escala foi o *grau de contribuição do Cefores* no processo de aprendizagem dos sujeitos relativo às diversas atividades da profissão definidas no CNCT, conforme pode ser observado na Tabela 12, a seguir.

Tabela 12 – Contribuição do Cefores no processo de aprendizagem das atividades das profissões definidas no CNCT

Opções	TE	TST	AMBOS
MR	0	0	0
R	0	0	0
A	0	6	6
B	1	8	9
MB	16	2	18
TOTAL	17	16	33

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices G e H em correlação com os da Tabela 06.

Por meio da análise da Tabela 12, nota-se que na turma de TE ocorreu predominância do conceito *muito bom*, representando 94,12% dos sujeitos da turma. Já na turma de TST, a predominância variou entre os conceitos *aceitável* e *bom*, representando 37,50% e 50,00%, respectivamente. Enfim, o conceito *muito bom* foi predominante na análise geral da questão, representando 54,54% dos sujeitos, em função de sua alta representação na turma de TE. Já na Questão 14, o conceito buscado pela escala foi *o grau de preparação dos sujeitos* para atuação nos diversos campos da profissão definidos no CNCT, conforme pode ser observado na Tabela 13, a seguir.

Tabela 13 – Sentimentos de preparação dos sujeitos para atuação nos campos das profissões definidos no CNCT

Opções	TE	TST	AMBOS
SP	0	4	4
PP	5	7	12
P	12	5	17
TOTAL	17	16	33

Fonte: elaborada pela autora com os dados obtidos nos Apêndices G e H em correlação com os da Tabela 06.

Analisando-se a Tabela 13, nota-se que na turma de TE ocorreu predominância do conceito *preparado*, representando 70,59% dos sujeitos da turma. Já na turma de TST, houve variação entre os conceitos, sendo que a predominaram os conceitos *parcialmente preparado* e *preparado*, representando 43,75% e 31,25%, respectivamente. Enfim, o conceito *preparado* foi predominante na análise geral da questão, representando 51,51% dos sujeitos, em função de sua representação na turma de TE.

Feitas todas as *análises estatísticas horizontais*, passa-se agora para as *análises estatísticas verticais* para averiguação dos perfis individuais dos sujeitos e da contribuição do Cefores no aprendizado e na formação das identidades profissionais de cada sujeito.

4.1.3 Análises estatísticas verticais

Mudou-se novamente a posição de observação do caleidoscópio. Nesta seção passa-se a compreender os sujeitos individualmente, no entanto, ainda como interpretação dos dados estatísticos. Foram construídas 33 análises verticais, uma para cada sujeito da pesquisa, independente se foi entrevistado ou não. Em função de que o somatório de todas essas análises se trata de redação consideravelmente extensa e repetitiva, foram dispostas nesta seção apenas quatro, duas por turma.

Contudo, todas as 33 estão dispostas na Seção de Apêndices. As análises verticais dos sujeitos que foram, efetivamente, entrevistados aparecem introduzindo as respectivas transcrições de suas entrevistas dispostas a partir do Apêndice J até o X. Já as análises verticais dos sujeitos não-entrevistados estão, conjuntamente, dispostas no Apêndice Y.

Conforme já mencionado, cada sujeito recebeu um código, que a partir de agora, é utilizado a fim de particularizá-los. Esses códigos, quando iniciados com a sigla ENF e

seguidos de números sequenciais de 01 a 17, referem-se aos sujeitos da turma de TE. Ao passo que, quando iniciados com a sigla TST seguidos de números sequenciais de 01 a 16, referem-se aos sujeitos da turma de TST. Os exemplos de análises verticais que se expõem nesta seção foram escolhidos aleatoriamente entre os sujeitos não-entrevistados. E, para melhor compreensão, após cada análise vertical segue-se uma leitura interpretativa. Eis, portanto, o primeiro exemplo da turma de TE.

ENF 03 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com cônjuge e filhos, possui renda *per capita* entre 3,5 e 5 salários mínimos, concluiu parte do Ensino Médio em escola pública e outra parte em escola privada sem bolsa, além de ter escolhido o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi máxima que representa um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde também foi máxima relativa ao conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 18, também considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, valor máximo para o Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 22, considerado como um conceito de *preparação*. (APÊNDICE Y, p. 282)

Nesse perfil, nota-se a mulher já adulta, que tem uma casa pra cuidar, com cônjuge e filhos, e que ainda busca na qualificação em enfermagem uma alternativa para progredir profissionalmente na área que escolheu por vontade própria. E com total identificação e preparação, como analisado em suas respostas, é um exemplo claro da educanda que muito bem formou sua identidade profissional. Em função disso é, também, o exemplo de quem ficou satisfeita com o trabalho da instituição. Segue-se o outro exemplo de análise vertical da turma de TE.

ENF 06 é mulher, entre 16 e 21 anos de idade, mora com os pais, além do irmão e sua filha, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 25, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 11, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 9, considerado também como um conceito de *não-identificação parcial*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Inclusive, como um ponto positivo, o resultado de suas marcações foi a escala máxima para todos eles nos aspectos nos quais ela não foi obrigada a avaliar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 36, nota que se deu ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 17, considerado como um conceito de *preparação* no limite inferior do respectivo intervalo. (APÊNDICE Y, p. 282-283)

Já nesse exemplo, nota-se a mulher, embora jovem e ainda more com os pais, já se encontra com responsabilidade da criação de um filho. Mesmo que esse exemplo não tenha ocorrido com frequência nesta pesquisa, representou uma realidade entre os sujeitos de faixas etárias acima. A variação nos conceitos de identificação dessa jovem contrasta com o sentimento de sua preparação para atuação no mercado. Isso denota que sua identidade profissional ainda está em formação. No entanto, é perceptível a sua satisfação com o trabalho da instituição. Segue-se o primeiro exemplo de análise vertical da turma de TST.

TST 03 é homem, entre 16 e 21 anos de idade, mora com família, mas não falou com quem, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST para atender a uma demanda do mercado. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 32, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 15, também considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 14, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ele acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons, e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 21 para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Contudo, quanto aos demais, ele os reconhece como bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 28, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 13, considerado como um conceito de *preparação*, no limite inferior do respectivo intervalo. (APÊNDICE Y, p. 286)

Nesse exemplo, percebe-se o rapaz jovem que mora com a família e, provavelmente, possui renda apenas para sustentar a si próprio. Ou seja, é provável que ele não é o principal provedor da família. Da mesma maneira que a jovem acima, a variação nos seus conceitos de identificação contrasta com o seu sentimento de preparação para atuação no mercado, o que revela que sua identidade profissional ainda não está formada. Inclusive, a ocorrência da expressão *no limite superior do respectivo intervalo* demonstra que por pequenos detalhes o seu conceito não foi outro, neste caso, um conceito superior. Ademais, também é um exemplo do educando que não se satisfaz por completo com a instituição. O conceito *bom* revela que, para ele, o trabalho da instituição poderia ter sido melhor. Segue-se o último exemplo da turma de TST.

TST 09 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com a irmã e a sobrinha, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 27, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 11, também

considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que nem todos os profissionais do Cefores são bons. Quanto aos docentes, numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 24. Quanto ao corpo administrativo, numa escala de 0 a 20, o resultado foi 20. Já quanto às coordenações, o resultado, numa escala de 0 a 30, foi 26. Todos esses três resultados referiram-se aos aspectos nos quais esses profissionais precisam melhorar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 23, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 5, considerado um conceito como *sem preparação*. (APÊNDICE Y, p. 287-288)

Nesse último exemplo, nota-se uma mulher já adulta que mora com familiares. Os conceitos de identificação com os conteúdos do curso e o outro referente ao seu sentimento de preparação para atuação no mercado mostraram que a educanda provavelmente não se identificou profissionalmente mesmo sendo por vontade própria a escolha do curso. Corroborando com essa análise ainda se apresentou o conceito *aceitável* relativo ao trabalho do Cefores do ponto de vista dessa mulher. Esse é um exemplo de análise vertical que não apresentou dados suficientes para uma conclusão mais próxima da realidade. Para uma melhor compreensão, portanto, demandou análise qualitativa.

Compreendeu-se, portanto, que em quaisquer das análises verticais foi possível realizar leituras interpretativas. Algumas foram suficientes para estabelecer uma conclusão próxima da realidade, outras nem tanto, as quais fez-se necessária a análise qualitativa, de cunho mais profundo. Em função da complexidade do tema Identidade Profissional, lembrando-se do instrumento caleidoscópico, os dados foram analisados de diversos pontos de vista, para melhor compreensão dos mesmos.

4.2 Análise qualitativa

Em relação aos dados qualitativos em toda pesquisa há que se optar pela adoção de certas referências ou teorias que permitam a análise dos mesmos, uma vez que estes possuem maior grau de subjetividade. Uma teoria, por sua vez, pode ser compreendida como um apanhado de possibilidades que estruturam um composto dedutivo ou, melhor, como um sistema organizado de forma que, respeitando-se como regra certos pressupostos, deles processam-se todos os outros. A teoria que amparou a interpretação dos dados qualitativos da presente pesquisa é a perspectiva dos Estudos Culturais, já explanada na Seção 2.1 do Capítulo II. Apresenta-se a seguir a análise das 15 entrevistas realizadas.

4.2.1 Análises das entrevistas

Deu-se uma volta e meia no caleidoscópio. Para facilitar a escrita adotou-se um pseudônimo para cada sujeito entrevistado de modo que, inclusive, fossem nomes que não existiam nas respectivas turmas, a fim de resguardar-lhes as suas identidades. Para tanto, pegou-se os códigos dos sujeitos entrevistados, por ordem das entrevistas e atribuiu-lhes pseudônimos aleatórios com iniciais em sequência alfabética, que podem ser visualizados no quadro a seguir.

Quadro 14 – Atribuição de pseudônimos para os entrevistados

Ordem da Entrevista	Código do Entrevistado	Inicial / gênero do Pseudônimo	Pseudônimo atribuído
Primeira	ENF 02	A / feminino	Andréa
Segunda	TST 01	B / masculino	Bernardo
Terceira	TST 04	C / masculino	Carlos
Quarta	ENF 01	D / feminino	Daniela
Quinta	ENF 07	E / feminino	Elaine
Sexta	TST 08	F / feminino	Flávia
Sétima	TST 12	G / feminino	Gabriela
Oitava	TST 05	H / masculino	Heitor
Nona	TST 02	I / masculino	Ivan
Décima	ENF 10	J / feminino	Juliana
Décima primeira	TST 15	K / masculino	Kenedy
Décima segunda	ENF 15	L / feminino	Laura
Décima terceira	ENF 11	M / feminino	Márcia
Décima quarta	ENF 12	N / masculino	Nelson
Décima quinta	ENF 05	O / feminino	Olívia

Fonte: elaborado pela autora.

Antes de iniciar, foram determinadas algumas categorias de análises, como: origens da escolha do curso, contribuição da instituição, mensagens dos sujeitos, além identificação profissional. Ocorreu que, após iniciá-las, foi necessário a inclusão de outras categorias que se somaram a estas, como: fatos importantes das histórias dos sujeitos, dificuldades enfrentadas ao longo do curso e planos para o futuro. No entanto, vale ressaltar, que nem todos os sujeitos apresentaram dados em todas essas categorias, mas elas foram as que apareceram com maior

frequência. Outro ponto importante a se esclarecer, é que não foram enfocadas as frequências de aparecimento dessas categorias a fim de que, neste momento, a pesquisa não se prendesse em números, tendo em vista já constar levantamento estatístico nesta pesquisa. Segue-se as análises na ordem de ocorrência das entrevistas.

Andréa

A primeira entrevistada foi Andréa, uma jovem de 22 a 27 anos, casada, e que ao final do curso, estava em período de gestação avançada. Enfim, realizaria o seu sonho de ser mãe, após ter sofrido a perda do filho de sua primeira gestação, que ocorreu quando tinha em média 16 anos de idade. Uma perda irreparável. Outra perda irreparável muito próxima: após a morte do filho, um de seus avôs, ao qual era muito ligada, também faleceu. Ela iniciou uma série de cursos profissionais, todos sem dar conclusão.

Em um determinado momento passou a revezar com familiares no acompanhamento do avô em um hospital, pois antes dele falecer, ficou internado por três meses. Segundo ela, seu avô sempre dizia que ela é quem era a enfermeira dele. Durante essa convivência no hospital ela começou a se interessar pela área da saúde. No entanto, só teve a oportunidade de ingressar no Cefores, muito tempo depois.

Ela foi a última a ser chamada para o Curso Técnico em Enfermagem do Cefores, depois de várias desistências e após algumas semanas de iniciado. Nas palavras dela, “eu já tinha até desistido [...] tinha me matriculado no curso de magistério... porque ficar sem estudar eu não posso... eu tenho que dar continuidade em alguma coisa”. E assim, ingressou no curso, e mesmo tendo visto algumas disciplinas em outras oportunidades que cursou enfermagem, não quis eliminar matéria, sendo que preferiu ir atrás de conteúdos já passados para poder acompanhar as aulas.

Ela trabalha já há seis anos em outra área específica da saúde, a Farmácia Hospitalar, a qual é uma área que se identifica muito. Mesmo apresentando certo nervosismo, Andréa deixou a seguinte mensagem:

É tudo a seu tempo. Não adianta querer fazer... é... conforme... o pai quer... o amigo quer, porque assim que... muitos de... o que desejam... assim que acabam o Ensino Médio, é tá cursando... tem que tá tudo programado, fazem da vida, assim, uma lista de contas, né?... Tem que ser... tem que formar, tem que casar... tá tudo certinho, né?... mas não, muitas vezes acontecem... que nem no meu percurso mesmo aconteceu... aconteceram várias... vários imprevistos né? que... que não pôde dar com... é... continuidade ou pôde com... é... não pude concluir etapas, né?... então

muitas vezes é preciso um passo de cada vez na sua vida pra poder... é conseguir alcançar o objetivo. (APÊNDICE J, p. 199)

Andréa sofreu, como ela mesma afirmou, “idas e vindas, assim diversas”. Saiu do Ensino Médio. Iniciou Licenciatura em Letras. Parou. Iniciou Graduação em Enfermagem. Parou. Iniciou Biologia. Parou, porque viu que não era o que queria. Iniciou Enfermagem novamente. Parou por questões financeiras. Matriculou-se em curso de magistério. Desistiu quando foi chamada no Cefores. Lá, novamente, iniciou o Técnico em Enfermagem, e enfim, conseguiu concluir, por se identificar e também por, dessa vez, ser uma instituição pública.

Embora ela tenha se identificado com a profissão de Técnica em Enfermagem, não quer investir na busca a uma colocação no mercado nessa área, porque gosta de trabalhar na de Farmácia Hospitalar e até mesmo porque, num futuro bem próximo terá que se dedicar a uma nova vida, sem contar que ainda tem planos de concluir a Licenciatura em Letras.

Bernardo

O segundo entrevistado foi Bernardo, jovem também entre 22 e 27 anos de idade, e que mora sozinho, tendo migrado da região nordeste para Uberaba na tentativa de melhores condições de estudo. Até muito recentemente, estudava em duas instituições de ensino: fazia o Técnico em Segurança do Trabalho no Cefores e a Graduação em Engenharia Civil na Universidade de Uberaba. Concluiu o primeiro e ainda cursa o segundo, por meio do qual, fez uma pesquisa na condição de bolsista do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Essa bolsa o custeou durante toda a duração do curso do Cefores. Atualmente, é concursado na Prefeitura Municipal de Uberaba, em setor administrativo.

Ele decidiu escolher o Curso Técnico em Segurança do Trabalho por afinidade, mas sobretudo, pelo mercado, pois haveria possibilidade de ele conseguir, nas suas palavras, “benefícios que quase uma pessoa graduada possa ganhar”. Portanto, a escolha do curso, foi meramente por uma demanda do mercado. Bernardo se referiu à rotina cansativa para quem trabalha e estuda, ainda mais em duas instituições, como uma das dificuldades enfrentadas ao longo do curso. Mas, em momento algum, desistiu dos objetivos aos quais se propôs a alcançar. Ele assim se referiu ao Curso Técnico em Segurança do Trabalho do Cefores:

Acredito que seja o melhor curso de Técnico em Segurança aqui em Uberaba, com professores qualificados, doutor, mestre, especialista. Mas o ponto negativo que eu vejo no curso, deveria ter uma duração menor e que também ter um incentivo

melhor pra tivesse poucas desistências ou alguma coisa deveria fazer porque é muito alto o número de desistência em um curso. (APÊNDICE K, p. 201)

O discurso de Bernardo, foi ao longo de toda a sua entrevista, enfaticamente, aquele voltado ao mercado, de maneira que cada pergunta era respondida com esse foco. Por exemplo, nas palavras dele: “você tem que estudar, a procurar aquilo que você quer, que você gosta e vê também essas estratégias de mercado: como o mercado tá hoje, como pretende futuramente. Vê uma área que todos tenham sucesso e sempre procurar fazer isso”.

Bernardo iniciou o TST em outra instituição, provavelmente privada. Parou na metade para fazer uma graduação em uma instituição privada, mas com recursos do Prouni. Das duas opções escolhidas, Direito e Engenharia Civil, deu certo na última. Ele diz que se identifica com as duas e ainda pensa em fazer Direito. Segundo ele, “na verdade, gosto parcialmente de tudo mais que identifico e é essas 3 coisas: Civil, Direito e Administração. Segurança do trabalho tá vinculada a área do engenheiro. Qualquer engenheiro tem que ter isso”.

Bernardo pensa em concluir a Engenharia Civil, e por ser também Técnico em Segurança do Trabalho, acredita que terá maior facilidade em ingressar no mercado como engenheiro. Portanto, a especialização após a graduação não é de seu interesse. Mas se não se colocar como engenheiro, como técnico ele tem preferências de atuar na construção civil, além da área acadêmica, a qual também demonstrou interesse. Segundo ele, “eu não conheço o futuro, é melhor eu me preparar para ele”, disse ao se referir que dessa maneira tem duas opções de mercado. Ao ser questionado se se sentirá identificado profissionalmente atuando nessas profissões tendo-as escolhido por uma demanda do mercado, ele assim respondeu: “eu vou ficar satisfeito quando trabalhar e ver que meu salário tá sendo justo com meu trabalho”.

Carlos

O terceiro entrevistado foi Carlos, um jovem entre 22 e 27 anos de idade. Nasceu no Pará, lá morou até os 2 anos, depois mudou-se para o Maranhão onde morou até os 22 anos, só depois mudou-se para Minas Gerais. Depois de cinco anos já concluído o Ensino Médio, viu que tinha que se profissionalizar, particularmente em uma instituição pública, mas ainda não tinha ideia em quê. Ficou sabendo do Cefores por meio da namorada que viu o anúncio em uma rede social. Dentre as opções do edital, escolheu Segurança do Trabalho porque não se identificava com Análises Clínicas e nem com Enfermagem por serem profissões da área da saúde. Por gostar muito de falar e se dar muito bem com a maioria dos colegas, foi escolhido o representante da turma.

Durante o curso, vivenciou as dificuldades de um TST quando iniciou o estágio. Segundo ele, “quando você é o Técnico de Segurança, você é muito cobrado, é muito visado. Então você tem que dar sempre o melhor de si. [...]. Tem que ser realmente um exemplo pra você poder chamar a atenção de alguém”. Inclusive, durante essa experiência teve a possibilidade de colaborar na organização e execução da semana de prevenção de acidentes da empresa, na qual conseguiu gravar depoimentos das famílias de alguns trabalhadores, apresentando para eles o quanto suas famílias esperavam que eles retornassem para seus lares e que, para isso, eles precisavam trabalhar com segurança.

Outros momentos de dificuldades vividos ao longo do curso, foi quando alguns docentes não administravam a disciplina de maneira que todos aprendessem. Na maioria desses casos, ele se saiu muito bem, principalmente na função de representante da turma. Carlos afirma que a instituição colaborou, e muito, para que ele se tornasse uma pessoa 100% melhor, ou seja, melhorou muito o seu lado humano.

Tem planos de atuar em indústrias e também em instituições de ensino. Nas primeiras, porque já trabalhou como operador de produção, também nesta função teve alguns conhecimentos na área de TST, que após o curso, foram melhor esclarecidos. E nas últimas, por acreditar que tem o dom de comover as pessoas, de fazer com que elas compreendam que as suas orientações são para a segurança, o bem-estar da vida delas. Inclusive, afirmou “eu acho que me identifico e que tô pronto pra isso, porque eu recebi uns *feedbacks* positivos a respeito disso”. Mas se a oportunidade na área da Segurança do Trabalho não surgir de imediato, afirma não se importar, e acrescenta:

Mas eu, mesmo que trabalhando de outra função, eu pretendo fazer cursos para especificar mais, cursos específicos da área, como atendimento hospitalar, primeiros socorros, bombeiro civil, TST que agrega muito também. Quero fazer um curso de oratória para melhorar minha pronúncia, porque como sou de estado do Nordeste, então eu tenho sotaque nordestino, então algumas palavras eu meio que falo de acordo devido a minha região. Então quero melhorar mais minha forma de falar. E assim, fazer esse curso que vai agregar na carreira de técnico. [...]. Futuramente, se der tudo certo, eu pretendo juntamente... a técnica que eu fiz no estágio, agente pretende abrir uma assessoria pra dar treinamento, pra fazer documentações relacionadas a segurança. (APÊNDICE L, p. 211-212)

Ao ser-lhe solicitada uma mensagem que gostaria de deixar, ele assim disse: “não adianta exercer uma profissão só por dinheiro, porque não vai... uma certa hora da vida você vai olhar pra trás, vai se arrepender de que não fez o que realmente teria vontade de fazer ou, então, não vai ser um profissional como gostaria de ser”.

Iniciou seus preparos profissionais focando na Engenharia, mas transitando entre outras áreas afins. Chegou a ter planos em fazer o Técnico em Edificações, mas como iniciou o TST por ter sido a oportunidade que deu certo, acabou se identificando. Após o curso, seu discurso já incluía termos técnicos de um TST. Essa identificação foi de tal forma que quer fazer Engenharia da Produção para, posteriormente, se pós-graduar em Segurança do Trabalho, além de como, já falado, abrir a sua própria consultoria na área.

Daniela

A quarta entrevistada foi Daniela, uma mulher já adulta, que sempre trabalhou na área administrativa, mas com a morte de sua mãe, ela teve que parar, tanto os estudos, quanto o trabalho, para cuidar do pai que foi morar com ela, além dos filhos que ela já tinha. Uma oportunidade em um salão de cabeleireira surgiu e se enquadrou na sua curta disponibilidade de tempo, a princípio só nos finais de semana, e assim foi possível também ter uma renda, mesmo que pouca. Ela tinha ido trabalhar com a cunhada que era cabeleireira e precisava de uma ajudante, pois estava grávida. Nas palavras dela, “eu fui ajudar... lavava cabelo pra ela, mantinha o salão arrumadinho pra ela não cansar tanto... e nisso eu fui aprendendo, porque eu tenho facilidade. Aí eu aprendi o serviço e fui ficando com ela”. Com o tempo, os filhos da Daniela foram crescendo e sua disponibilidade de tempo voltando a aumentar, então ela foi aprendendo mais e mais, e de ajudante de cabeleireira, passou a profissional e já atua há dezoito anos na área.

Com os filhos crescidos e, após o falecimento do pai, ela tomou a decisão de voltar a estudar. Mas não sabia qual curso escolher, só sabia que teria que ser público. Uma prima lhe apresentou o Cefores e, dentre as opções, escolheu o Técnico em Enfermagem pelo dom que ela tem no trabalho voluntário da igreja a qual é membro.

Passou por dificuldades não só ao longo do curso, mas desde a seleção. Por sua idade, e por estar há mais de trinta anos sem estudar, ela não acreditava que passaria na prova. Estudou, com determinação, tudo pela *internet*, tanto que passou na primeira chamada. Com relação a essa conquista foi possível observar a comunicação de seu próprio corpo dando ênfase a seguinte fala:

Aí menina do céu [muitos gestos]... Aí eu olhei: nossa, será que é eu? Olhei lá pra cima, [muitos gestos] será que não é outra Daniela não? Menina era Daniela de Sousa e Silva... passei na primeira chamada... [muitas palmas] mas eu fiquei... você não entende a felicidade que eu fiquei... Vou falar como as meninas... fiquei parecendo “pinto no lixo”. Nossa, que felicidade! Aí, no outro dia eu liguei lá, você

vê minha felicidade em fazer o exame de sangue, fazer... pra levar... e eu arrumando os papel, foto... Menina, foi um dia tão feliz, mas tão feliz... E comecei o curso. No primeiro dia de aula, falei: Meu Deus, será que as meninas vai me aceitar? Porque eu era a mais velha da sala. Será que vão me aceitar? Vai querer fazer trabalho de escola comigo?... Pensei... Aí entrei na sala, sentei mais na frente. Menina, elas me acolheram tão bem. (APÊNDICE M, p. 215)

Já com todo esse tempo sem estudar, vivendo uma vida, que até então, não havia lhe dado muitas oportunidades, essa foi a alegria dessa mulher ao saber que foi aprovada em um exame de uma instituição pública de ensino, muito concorrido. Para ela o curso foi muito bom, principalmente o estágio, quando foi entender, de fato, as aulas dos professores, o que era o sofrimento das pessoas enfermas, o que era um tratamento paliativo. Inclusive, segundo ela, no seu primeiro dia de estágio até pensou se ficaria com dó dos pacientes, mas viu que não, porque tudo que ela estava fazendo era para ajudá-los.

Registrou-se no Conselho Regional de Enfermagem (Coren) assim que o lado financeiro lhe possibilitou e iniciou a distribuição de currículos. Sendo que, após concluído o curso, a sua autoestima já havia se transformado por inteiro. Passou a acreditar em seu potencial, diferente daquela Daniela que fez a prova, desacreditada que ia passar. Para o futuro, não se sabe se a curto ou a longo prazo, e embora com os pés no chão, por acreditar que pode encontrar preconceito pela idade, está com expectativas positivas de atuar na área, uma vez que sabe que tem as mesmas capacidades de outros colegas mais novos.

Para ela, tudo acontece na sua hora. Daniela deixou a seguinte mensagem: “nunca desistir do sonho. Na primeira barreira que encontrar não desista não, porque eu já desisti e hoje eu me arrependo por desistir. Acreditar muito no seu sonho, seguir em frente, porque se você escolheu e fez bem feito e com amor, dá certo. Vai dar tudo certo”.

Embora tenha vivido, por muitos anos, sem sequer pensar em estudar para se ter uma profissão, Daniela teve o seu encontro com a Enfermagem e nele se identificou. Embora tenha sua profissão de cabeleireira, da qual também deve gostar, ela não se identifica, não ama. Esses sentimentos ela tem pela Enfermagem, de tal forma que chegou a dizer que essa deveria ter sido a sua profissão desde sempre.

Elaine

A quinta entrevistada foi Elaine, uma jovem entre 16 e 21 anos de idade, que desde muito criança se identificou com a enfermagem. Isso se deu porque aos 7 anos de idade passou 15 dias internada no Hospital da Criança e percebeu como os profissionais da

enfermagem a tratavam tão bem. Assim ela afirmou na entrevista: “achei bonito, tão encantada na época, que eu falei: acho que quero ser assim”.

Concluiu o Ensino Médio, estudou muito para passar na Graduação em Enfermagem da UFTM, e assim conseguiu. Já na graduação, em um dia normal de estudos dentro das dependências da instituição, se deparou com um folheto do Cefores, foi atrás e resolveu tentar o técnico também para fazer os dois ao mesmo tempo. Segundo ela, se formaria antes no técnico mesmo tendo ingressado nele depois da graduação e isso lhe possibilitaria uma oportunidade para já atuar no mercado de trabalho.

A única dificuldade enfrentada ao logo do curso, foi conciliar os dois cursos, sobretudo quando iniciaram os estágios do técnico, que eram no mesmo horário de suas aulas da graduação, ou seja, durante o dia. Nesse período, ela não hesitou em trancar a graduação para dar conclusão ao técnico. Ela afirmou que os estágios eram “tudo que eu imaginava e mais um pouco”. E, com relação à instituição, a sua avaliação foi a melhor, mesmo porque se não fosse, não faria dois cursos nela. Ao ser-lhe solicitada uma mensagem, assim o disse:

Eu gostaria de falar que tem que ter muita empatia pelo próximo, porque é uma profissão que suga muito da gente. Porque agente tem que, meio que corpo e alma mesmo. Porque é, como falei, é o momento que a pessoa tá mais fragilizada e precisando de nossos cuidados. Então agente tem que ter a mentalidade que agente tá ali pra ajudar mesmo. Então, entender a pessoa que tá naquele estado. As vezes nem sempre a pessoa vai tratar agente bem, porque ela tá sentindo mal, sentindo uma dor. Nem sempre você vai ser tratado bem, mas tem que entender: você tá ali pra ajudar ela. (APÊNDICE N, p. 224-225)

Atingiu o seu primeiro objetivo ao concluir o técnico e se empregou em um hospital a noite como Técnica em Enfermagem. Sua rotina é estudar durante o dia na Graduação em Enfermagem e trabalhar a noite. Seu plano, atualmente, é ingressar em setores de pediatria. Uma hipótese é que esse desejo talvez seja por causa da sua experiência na infância. Segundo ela, “pode ser, não tinha parado pra pensar nessa questão. Mas, pensando agora, acho que sim. Tem uma ligação maior”. E, por hora, seu plano para o futuro é concluir a Graduação em Enfermagem, área profissional a qual se identificou.

Flávia

A sexta entrevistada foi Flávia, uma mulher entre 28 e 33 anos de idade, que sempre trabalhou com vendas e tinha um objetivo: sair dessa área de uma vez por todas. Com boa oratória, possui o discurso de visão de mercado. Tentou algumas outras profissões para atingir

esse objetivo, mas nenhuma delas lhe dava o retorno que tinha como vendedora. Chegou até fazer Técnico em Administração, área a qual trabalhou por sete meses e voltou pras vendas. É casada e tem uma filha com problema de saúde, sendo que, em muitos momentos tem que ir com a filha para o hospital e lá ficar por um bom tempo. Até que uma amiga lhe mostrou o edital desse processo seletivo e ela viu, na Segurança do Trabalho, uma oportunidade de atingir seu objetivo. Se inscreveu, prestou a prova, mas não foi chamada de imediato.

Por ter ingressado após o início do curso, teve que se reinventar. No primeiro período, não conseguiu passar direto em muitas disciplinas, tendo ido para exame final em várias. Ela assim afirmou: “eu não aceitava também eu não ter conseguido as notas que precisava para poder passar”. Além de que ela não se considerava inteligente, ela se considerava esforçada. Portanto, a partir do segundo período, começou a adotar estratégias de estudo em casa, todos os dias. Ela chegava da aula, que encerrava às 22:30, ficava um pouco com a filha e a colocava pra dormir. Em seguida, dedicava, no mínimo meia hora, para estudar. Estudava tudo. Tanto aquilo que estava com dificuldade, quanto aquilo que não estava. Resultado: no segundo período, não já teve que ir para exames finais de muitas disciplinas. No terceiro e no quarto períodos, não foi para nenhum exame final.

Outra dificuldade muito grande enfrentada, foi conciliar a sua rotina. Ela trabalhava como vendedora externa, representante em Uberaba-MG de uma empresa de tintas da cidade de Ituverava-SP. Isso, durante o dia. No fim da tarde, ia pra casa, se arrumar para o curso. Chegando no curso, assistia as primeiras duas aulas. No intervalo, saía das dependências da instituição e ia encontrar os veículos que vinham de Ituverava-SP trazendo as mercadorias que ela vendia. Fazia isso em 20 minutos. Voltava para as dependências da instituição e assistia as últimas duas aulas. Em uma de suas falas disse: “muitas vezes minha vontade era de ir embora pra casa de cansaço, mas eu voltava para assistir a aula. Porque assim, como eu tinha dificuldade, pra mim assistir aula, era muito importante”. E só após as últimas aulas, ia embora, e começava a rotina de casa com a filha e os estudos extras.

Uma outra dificuldade, segundo ela, foi um ocorrido com um professor da área específica de TST e que impactou negativamente na turma toda. Ela afirma que “ele é qualificado pra dar a matéria porque ele é doutor naquilo. Então ele tem essa qualificação. Mas ele não passou por aquele processo de pedagogia” e finalizou acrescentando que a turma sentiu essa diferença.

De fato, com a conclusão do curso, conseguiu atingir o objetivo de sair das vendas por meio de um acordo com a empresa que acabou desistindo da representação em Uberaba-MG, devido ao mercado daqui ser diferente do de Ituverava-SP. Com o acerto, ela conseguiu

colocar em dia suas contas de maior peso para controlar sua vida financeira, uma vez que já tinha a consciência de que quando voltar a trabalhar, dessa vez será como TST e não terá o retorno que teve como vendedora. Planeja retornar às atividades laborais em janeiro de 2019 e, nesse intervalo de tempo, está estudando todos os dias por conta própria, conforme é por ela declarado nesse trecho:

Quero estar preparada, todos os dias eu leio uma NR [norma regulamentadora], vejo se ela atualizou ou não. Participo de todos os grupos que tem segurança do trabalho, procuro assim, é... buscar mesmo, porque é uma área que se tem que buscar muito. Ela sempre tem uma renovação. Sempre muda uma norma. Ou eles acrescentam alguma coisa e aí tem que atualizar. E eu tô fazendo isso. Faço isso como uma... me policiando. Vontade mesmo é assistir alguma coisa para dar uma descansada geral. Mas não. Eu vou, nesse tempo que tiver parada, tenho que tá dentro do assunto. Estudando, lendo as NRs. E vendo tudo que acontece na área pra quando eu chegar tá em algum lugar, também não tá perdida. Tem muita sigla, muita coisa muito diferente. É uma área, um campo muito grande. Não sei onde vou trabalhar, cada lugar vai exigir uma norma diferente. (APÊNDICE O, p. 234)

Após ganhar experiência, planeja abrir uma consultoria de confecção da documentação de Segurança do Trabalho para aquelas empresas que não são obrigadas a ter Técnico em Segurança, mas precisam dessa documentação. Ao lhe ser solicitada uma mensagem ela, resumidamente, assim falou: “Se você quer resultado diferente, tem que fazer algo diferente. [...]. E outra coisa, não é fácil fazer algo diferente. Aí você tem que se reinventar, procurar se organizar, tirar... assim, força da onde que não tem mesmo”.

Embora já tenha feito o Técnico em Administração, essa formação não teve um forte impacto em sua vida profissional, como teve o Técnico em Segurança do Trabalho, cuja identificação tida foi a força motriz capaz de fazê-la abandonar, de vez, uma área que há anos queria sair e não conseguia.

Gabriela

A sétima entrevistada foi Gabriela, uma jovem de 22 a 27 anos de idade, que sempre sonhou em ser policial. Em alguns momentos viu esse sonho de perto, mas na maior parte de sua trajetória, a visão dele ficou somente no horizonte. Ela falou assim: “sempre queria ser policial, tanto que quando terminei o Ensino Médio, era o último ano que eu prestava prova pra polícia sem o Ensino Superior. Só que o critério para desempate era por idade, eu tinha 18 anos e as outras pessoas eram bem mais velhas, eu não consegui a maior idade”. E, com isso, foi tocando sua vida por outras alternativas sendo que, em sua história, teve dois momentos de escolha entre continuar estudando ou trabalhar. Seu primeiro momento foi quando estava

cursando Biologia em período integral, em instituição privada quando o lado o financeiro pesou e escolheu parar de estudar para começar a trabalhar.

O curso de TST não era uma de suas opções. Inclusive nunca passou por sua cabeça ser uma Técnica em Segurança do Trabalho. Ela assim afirmou: “eu tava procurando um curso que seja rápido pra arrumar um emprego a partir disso”. A escolha veio mesmo em um momento que viu a necessidade de se profissionalizar, pois já trabalhando, ela sentiu essa necessidade para progredir profissionalmente. E esse também foi o momento o qual se deparou com uma divulgação do processo seletivo do Cefores e resolveu encarar esse desafio. Dentre as opções ofertadas no processo escolheu Segurança do Trabalho porque já havia tido contato com esses profissionais quando, na adolescência, trabalhou de aprendiz em uma fábrica de papel no Distrito Industrial da cidade. Prestou a prova, passou e ingressou no curso.

Passados seis meses do curso no Cefores, houve o segundo momento de impasse entre estudar e trabalhar. Ela trabalhava como vendedora em uma loja de acessórios e a empresária começou a solicitar que ela ficasse até mais tarde. Dessa maneira, chegava atrasada no curso todos os dias nos primeiros horários, e acaba sempre levando uma falta. Nesse momento de impasse a circunstância era outra, trabalhava durante o dia e estudava só um período, à noite e em instituição pública. Portanto, optou por continuar estudando, e saiu do emprego.

Gabriela, ao contrário de muitos entrevistados, é de poucas palavras. Sua timidez encanta. Foi difícil até mesmo transcrever sua entrevista porque sua voz quase não saía no áudio. Esse seu lado tímido, retraído, talvez, seja o motivo de uma das dificuldades que relatou ter vivido ao longo do curso. Para ela, as provas tinham um peso maior no sistema de avaliação e isso, gerava nela uma certa pressão. Ela falou assim: “geralmente fica muito presa à provas, pessoa empenhada no conteúdo, mas na prova por causa da pressão, ter que tirar nota boa pra passar no curso, fica nervoso, então dá um branco e esquece. Muita pressão a prova”. É uma hipótese de que sua timidez a impedia de negociar isso com a instituição para que o curso melhorasse. Inclusive, um dos motivos por sua não-identificação com alguns campos de atuação da Segurança do Trabalho, ela atribui a um conteúdo superficial sobre esses campos. Ela disse assim: “não aprofundava tanto e ficava um pouco vago. Agente ficava com receio de seguir naquela área por não saber tanto”.

Gabriela relatou já ter passado por duas entrevistas para TST nas quais a questionaram qual seria o seu comportamento mediante assédio masculino. Segundo ela, não é uma profissão geralmente escolhida pelo público feminino. Mas, mesmo assim, ela não desanima da profissão. Tem planos de fazer cursos de aperfeiçoamento. Nas palavras dela: “por ter umas dificuldades muito em expressar o que eu quero falar. Fazer oratória, cursos de

treinamento, pra mim estar qualificando melhor”. Quando solicitada uma mensagem, ela assim falou:

Negativo vai encontrar em tudo. Uma hora é família que precisa de você, ou é você que vai desanimando do curso. É professor que não se dá bem. É insistir mesmo. Pode ter uma dificuldade... Não tem o mesmo retorno que queria do professor, acaba desanimando e aí sai do curso por causa do professor. Muitas pessoas do curso fez isso. Então é não desistir. E sim sempre procurar soluções. Porque os obstáculos sempre vão estar presente, tanto na sala de aula, ou depois de formados, sempre vai ter uma coisa. (APÊNDICE P, p. 241)

Ainda quanto aos planos, pretende fazer Engenharia Ambiental, por acreditar que existe ligação com a Segurança do Trabalho, além de futuramente, possibilitar o seu ingresso em um curso de pós-graduação nessa área. Mesmo com todos preconceitos que tem enfrentado por ser mulher, quer investir na área, pois acredita que se identificou profissionalmente e que será feliz como Técnica em Segurança do Trabalho.

Heitor

O oitavo entrevistado foi Heitor, homem já adulto, que exerce a profissão de eletrotécnico em indústrias há aproximadamente 15 anos, sempre tendo contato com profissionais da Segurança do Trabalho. Ele é de pouquíssimas palavras, sua entrevista não durou 10 minutos. A cada pergunta, uma resposta rápida e direta. Ele afirma que escolheu o curso devido a essa integração com os profissionais Técnicos em Segurança do Trabalho dentro das indústrias as quais já trabalhou.

A área da segurança em si, esteve muito presente em sua vida desde o início de sua carreira. Por exemplo, já fez o curso de Bombeiro Civil e, inclusive, afirma já ter trabalhado algum tempo nesta profissão em um dos *shoppings* da cidade. Seu discurso contém muitas expressões técnicas da área que confirmam a alta identificação demonstrada na pesquisa inicial, como neste trecho: “é já tem uma curta noção, não que eu saiba muito. Tenho proximidade de certas matérias do curso de Bombeiro Civil. Já tinha feito: primeiros socorros... APH [atendimento pré-hospitalar] ... prevenção de incêndios... trabalho em altura... NR 35”. Ao ser questionado sobre se aproveitou alguns desses conhecimentos para eliminar matéria disse que não utilizou pela incompatibilidade de ter sido um curso de qualificação.

Heitor ainda não se decidiu se vai atuar como Técnico em Segurança do Trabalho, porque segundo ele as oportunidades em Uberaba são poucas. E, mesmo morando sozinho não cogitou na entrevista a possibilidade de tentar algo como TST fora da cidade. Ainda não

está em seus planos fazer uma graduação, mas também não é uma opção por ele descartada. Nesses casos, disse que se preparará para fazer o Enem, para tentar primeiro em instituição pública. Ao ser-lhe solicitada uma mensagem, ele falou assim: “é a questão da ética na profissão. Manter sempre a ética, porque é muito fácil o cara da segurança puxar mais para o lado da empresa e esquecer do trabalhador. Tem que agir sempre com ética. Fazer esse jogo, estar entre a empresa e o funcionário”.

Além de já ter exercido a profissão de Bombeiro Civil, transitado para a profissão de eletrotécnico, ter cursado o Técnico em Segurança do Trabalho, Heitor já está cursando o Tecnólogo em Automação no Senai, todos mantendo alguma ligação com a área da Segurança. A sua identificação profissional é justamente com esta área.

Ivan

O nono entrevistado foi Ivan, um jovem entre 22 e 27 anos de idade, que veio de Alagoas para morar em Uberaba há apenas três anos e meio e dentro desse curto período tomou conhecimento do curso, por meio de divulgação, prestou a prova, passou, ingressou, cursou e concluiu. Aqui na cidade levou a rotina do jovem trabalhador e estudante ao mesmo tempo. Sua história foi assim: saiu do Ensino Médio em 2008, iniciou e concluiu o Técnico em Agricultura no Instituto Federal de Alagoas, mas não chegou a exercer e nem a se identificar. Em 2013, por indicação de um amigo, acabou interessando pela ideia em cursar o Técnico em Segurança do Trabalho em uma instituição particular. Iniciou e estava se identificando, mas por questões financeiras fez só um bimestre e cancelou.

Mas a vontade de cursar o TST continuou para, futuramente, tentar ingressar em uma instituição pública, o que de fato aconteceu no Cefores, a partir de meados de 2016 quando já morava em Uberaba. Trabalhou por um tempo durante o curso, sendo que ao final ficou desempregado por pouco tempo. No entanto, mesmo já com o diploma de TST na mão, o novo emprego não aconteceu nesta área.

Algumas dificuldades da profissão foram descobertas ao longo do curso. Para ele as NRs são bem específicas, mas com precedentes para várias interpretações. E, por exemplo, segundo as palavras dele “quando se trata de uma perícia, de um resultado quantitativo, já é mais restringido. Que é a interpretação. É mais específica. Mas quando é qualitativo, é de acordo com a avaliação do engenheiro, perito, aí fica bem subjetivo”.

Com relação à contribuição da instituição sobre a sua compreensão da profissão ele diz ter aprendido que “a função nobre que o técnico tem que exercer é quanto a prevenção no

ato. Se ele descobriu ali um risco, ele tem que atuar naquele risco”. E por isso que essas áreas mais específicas lhe interessaram bastante. E ao ser questionado sobre a experiência do estágio, ele disse assim: “eu percebi que a parte documental é bastante importante também. Ela é repassada durante o curso, mas na prática é bem mais rigorosa”. E, por isso, acredita que a questão da experiência conta muito para a preparação. Isso talvez explique o porquê se considerou sem preparação para atuar no mercado.

Embora tenha cursado o Técnico em Agricultura, nunca chegou a se identificar nesta área. Ao passo que ao ter o primeiro contato com o Técnico em Segurança do Trabalho, mesmo que em instituição privada, na qual por questões financeiras não pôde dar continuidade, de imediato já se identificou profissionalmente. Quando lhe foi solicitada uma mensagem, ele falou assim:

O que eu digo é que não desista. Que conhecimento nunca é demais. Quanto mais conhecimento você adquire, mais preparado você estará pro mercado. E o que achei bem interessante é que todas as áreas da indústria empresarial presa pela segurança. É uma área fundamental a Segurança do Trabalho. Sem ela não dá pro objetivo final que é ter um produto, um serviço realizado com qualidade. Então basta procurar que vai achar bom resultado. (APÊNDICE R, p. 248)

Portanto, o seu plano a curto prazo é ganhar experiência atuando, tanto no setor público quanto no privado. Ele acredita que o setor público tem oferta menor, mas nem por isso deixa de ser concorrido. Já no setor privado, embora a oferta seja bem maior, e as possibilidades de encontrar um emprego também sejam, a cobrança nesse setor é igualmente proporcional. Embora não tenha mencionado, a longo prazo, depreende-se que seu plano é atuar e ser reconhecido como TST.

Juliana

A décima entrevistada foi Juliana, uma jovem entre 16 e 21 anos de idade, que sempre sonhou em ser profissional da área mecânica. Sua história foi assim: ela terminou o Ensino Médio, fez o curso de Aprendizagem de Manutenção Automotiva no Senai na qualidade de curso de qualificação. Teve o interesse de fazer o técnico nessa área, mas não tinha condições de pagá-lo. Começou a buscar vagas nessa área e também a se preparar para ingressar na Graduação em Engenharia Mecânica. Quando, ao participar de uma seleção da área, a empresa lhe ofereceu vaga no setor de vendas e não no de manutenção, viu que essa área não era pra ela, desistiu da vaga de vendedora e também do curso de graduação.

Após essa decepção em sua vida, uma amiga lhe sugeriu fazer um curso técnico no Cefores, e pelas opções do edital que estava aberto, optou pelo Técnico em Enfermagem por ser o que mais se identificou e também por não ter se identificado com as outras opções. Na verdade, Juliana nunca pensou em partir para a área da saúde, muito menos para a Enfermagem. Mas decidiu enfrentar esse desafio. Fez o curso, se identificou tanto, que nem tinha pegado o diploma já tinha sido contratada por uma instituição. Atualmente trabalha em dois hospitais como Técnica em Enfermagem.

O curso foi tranquilo para ela. Portanto, não passou por muitas dificuldades. Somente houve a questão de ter descoberto uma área a qual não gostaria de atuar por não ter se identificado que é a Assistência de Enfermagem à Saúde Mental e Psiquiatria. Talvez seja por uma experiência curta, mas um tanto quanto traumática, que teve em uma instituição de cuidados psiquiátricos assim que concluiu o curso. Ao questioná-la se essa falta de identificação foi algo que o Cefores tenha deixado a desejar, ela respondeu assim:

É por minha própria pessoa mesmo, eu não me vejo. Apesar de ter ficado um mês na psiquiatria, aí foi a certeza de que não sirvo pra isso. Um paciente psiquiátrico é uma coisa, mas cuidar de uma ala toda... não. No trabalho que eu tava, cuidava de 23 pacientes à noite, era só eu de profissional, [...]. (APÊNDICE S, p. 250)

Imagina-se que, de fato foi um trauma, por tratar-se de uma jovem que acabou de sair da adolescência e, estando em fase de início de carreira, foi submetida a essa grande responsabilidade. Ao ser-lhe solicitada uma mensagem, ela disse assim: “trabalhar sempre com o que gostamos e nos sentimos bem de verdade”.

Juliana iniciou a construção de sua identidade profissional na área de mecânica. Mas uma decepção rompeu com essa identidade. Quando ela já não tinha ideia de que rumo tomar, ao invés de uma decepção, o que apareceu foi uma oportunidade, dessa vez em outra área totalmente diferente: a Enfermagem, a qual se identificou profissionalmente, tanto que seu plano para o futuro, por hora, é tentar ingressar por meio do Enem, em uma universidade pública no curso de Graduação em Enfermagem como primeira opção. E, quanto as outras opções, ainda não se decidiu, mas afirmou que, certamente, serão na área da saúde. Mas ela torce para dar certo a Enfermagem.

Kenedy

O décimo primeiro entrevistado foi Kenedy, um jovem entre 22 e 27 anos de idade, que sempre sonhou em ser Engenheiro Civil. Há três anos e meio formou-se no Ensino Superior em um curso de Graduação em Psicologia. Isso porque no momento que estava pronto pra ingressar no Ensino Superior não teve condições de decidir pela Engenharia Civil por ser um curso muito longo e ele necessitava investir o menor tempo de preparação possível para poder começar trabalhar profissionalmente o quanto antes. Atualmente é Psicólogo.

Como a Engenharia Civil é a profissão que ele sempre sonhou, por causa dela, pensou em fazer o Técnico em Segurança do Trabalho, por existir similaridades entre esses cursos, também por ser mais rápido que a Graduação, além de que ele queria aproveitar seu tempo disponível para investir na aquisição de conhecimento. A esse ponto ele assim se referiu: “é uma coisa assim que sempre me identifiquei. Tem um leque de cursos do qual você gosta e aí você acaba vendo, percebendo, e... porque não? Então eu resolvi fazer”. Essa investidura por parte de Kenedy, além de ser para obter conhecimento, visto que ele já tinha uma profissão, foi também para obter uma colocação no mercado.

Ele não teve muitas dificuldades ao longo do curso, mesmo porque, para ele o trabalho da instituição foi muito bom, sobretudo dos docentes. Nas palavras dele, “os professores, eles realmente foram excelentes, nessa parte, de estar nos dando identidade do que é ser um Técnico de Segurança”. Kenedy acredita que quando o educando conquista a carreira profissional, ele precisa saber as nuances que existem no mercado, e elas foram, de fato, transmitidas pelo Cefores. Somente uma situação negativa ocorrida durante o curso foi relatada em sua entrevista. Uma das disciplinas específicas ficou a desejar, no sentido de que não deixou claro qual o seu objetivo na carreira de Técnico em Segurança do Trabalho, ficando isolada das outras. Quando lhe foi solicitada uma mensagem ele respondeu assim:

Agente vai concluir... concluiu já agora... esse curso na área... um aperfeiçoamento, congresso... Então, como eu fiz. Eu tinha tempo disponível. Podia tá na minha casa descansando, assistindo TV à noite, mas mesmo assim eu peguei esse tempo disponível e resolvi tá investindo aí numa coisa que eu queria. [...]. Mas a mensagem que eu deixo é essa. Sempre tá estudando, meu... que seja lendo uma bula de remédio, receita de bolo, mas sempre estudando, porque se você parar, pra recommear depois é complicado. (APÊNDICE T, p. 256)

O fato de Kenedy viver a experiência com a Psicologia e de gostar dela não quer dizer que está identificado totalmente, pois existe uma vontade ainda reprimida em se formar em Engenharia, e que por uma estratégia de aproximação a esta área, formou-se Técnico em

Segurança do Trabalho. Tem planos para o futuro de seguir verticalizando nas duas áreas: Psicologia e Segurança do Trabalho. Inclusive, colocou que há possibilidade de unir os dois conhecimentos, visto que as duas profissões trabalham com o lado humano. Com relação à Psicologia, já está cursando uma Pós-Graduação na área. Já para se especializar em Segurança do Trabalho, ainda tem que cursar a Graduação em Engenharia e, se for a de sua preferência, provavelmente será a Civil.

Laura

A décima segunda entrevistada foi Laura, mulher já adulta, que é Agente Comunitária de Saúde (ACS) há 11 anos. Ela concluiu o Ensino Médio na primeira década dos anos 2000 e entrou nessa profissão por pura necessidade, sem saber ao menos o que um ACS fazia. Ficou mais de 10 anos sem estudar e, já trabalhando na área da saúde, resolveu tentar ingressar no Curso Técnico em Enfermagem do Cefores. O motivo da opção pela Enfermagem foi pela proximidade com a sua atual profissão, na qual com o Técnico em Enfermagem, ela teria chances de se aperfeiçoar. Segundo ela, estudou pouco, não muito, e conseguiu ser aprovada.

Ao fazer o curso, se identificou ainda mais com a área da saúde. Com uma semana de formada já se empregou, sendo que, atualmente, divide a sua rotina diária, entre o emprego público de ACS e outro privado de Técnica em Enfermagem, além da dedicação à família composta por ela, o esposo e um filho adolescente. Ela considera estar muito satisfeita como Técnica em Enfermagem, mas não totalmente realizada, pois sua vontade mesmo é formar-se na Graduação em Serviço Social, área na qual sempre acreditou ter o dom.

Não só ao longo do curso, mas ao longo da sua vida profissional como um todo, ela convive com o preconceito atribuído à sua primeira profissão. Segundo ela, a falta de reconhecimento vem, tanto da população em geral quanto, até mesmo, dos profissionais da área da saúde, que nas palavras dela “acha que a gente, muitas das vezes, é menina de recado. Não acha que a gente tá ali para orientar, servir e ajudar no que for necessário”.

Outra dificuldade passada na trajetória do curso foi que ela não tinha outras pessoas, além do marido, para ajudarem no cuidado do filho adolescente, fase em que ao ver dela, demanda muita dedicação dos pais. Ao se referir a essa dificuldade, ela falou assim: “se tivesse família aqui, mas é só eu, meu marido e meu filho. Aí é mais difícil. Nesses dois anos, foi legal? Foi, mas foi puxado. Porque é um curso, é técnico, mas é muito bom, te exige muito. Então eu sei o tanto que eu sofri”.

Em relação à contribuição da instituição ela está muito satisfeita e afirma que o curso foi muito bom e que, inclusive, lhe ajudou muito no seu dia-a-dia como ACS. Segundo ela, “você entende e consegue compreender melhor o seu serviço e sabe como funciona”. Ela afirma estar muito satisfeita com o seu serviço de Técnica em Enfermagem. Por hora, ela pretende dedicar à educação do filho, pois ao conciliar esse trabalho com seus dois empregos, só isso já lhe consome grande parte de seu tempo. Ao ser-lhe solicitada uma mensagem ela deixou a seguinte declaração:

[...] tem que fazer um curso, porque hoje o mercado de trabalho, muita gente fala, vou fazer uma faculdade. Tem faculdade que você não tem o retorno que você tem no curso técnico. Exemplo: tenho conhecidos que fez a Graduação, tão desempregados, eu com 15 dias de formada já tava trabalhando. E você atua em diversas áreas, tem muito local de trabalho. (APÊNDICE U, p. 260)

Ela diz não ter pretensões de partir para a Graduação na área. No entanto, deixa vaga essa compreensão ao afirmar: “não vou te falar que posso mudar, mas por enquanto, tô satisfeita”. De fato, seu plano para um futuro, a longo prazo, é fazer uma Graduação em Serviço Social. Sobre essa profissão ela foi enfática ao fazer a seguinte afirmação: “eu nasci pra isso”. Inclusive, ela relatou que tanto essa possível profissão, quanto a recentemente conquistada, podem trabalhar juntas, pois ambas se fundamentam na ajuda ao próximo.

Márcia

A décima terceira entrevistada foi Márcia, mulher já adulta, que desde pequena identificava-se com a área da saúde e sonhava em ser médica. Ainda no Ensino Médio, ela chegou a iniciar um curso de agente de saúde. Por outro lado, ao mesmo tempo, e embora muito jovem, estava se preparando para ir morar fora do Brasil junto com o namorado. Quando estava no 2º ano do Ensino Médio, conseguiu finalizar a documentação para mudar-se, de maneira que foi obrigada a escolher entre continuar estudando ou tentar uma nova vida no Japão, do outro lado do mundo. Escolheu interromper os dois cursos, casou-se e mudou-se para esse país, de cultura totalmente diferente, a fim de trabalhar em uma empresa na área de autopeças. Morou 6 anos no Japão. Mas, nesse tempo, ela nunca abandonou o sonho de concluir os estudos que havia interrompido.

Ao estar de volta, deu andamento em seu projeto de concluir o Ensino Médio. Preparou-se para que, por meio do Enem, realizasse esse sonho. De fato, foi assim que ele se efetivou. Ao mesmo tempo em que se preparava para o Enem, abriu uma microempresa, em

sociedade com o esposo e um tio, na área de informática para trabalhar com vendas e manutenção de equipamentos. Após 10 anos, decidiram encerrar a empresa. Nas suas palavras, “falo que foi uma experiência, um aprendizado, bola pra frente”.

E dedicando-se à administração do lar e da família que constituiu, aflorou novamente a vontade de estudar, só que dessa vez para se profissionalizar, para ter uma profissão para chamar de sua. Já não queria mais a Medicina, por reconhecer o avançar do tempo. Mas não abria mão de que fosse uma profissão na área da saúde. Ficou sabendo da prova do Cefores por meio de redes sociais. Fez a prova, passou e ingressou no curso. Foi se identificando cada vez mais, a cada dia. Nas palavras dela, a Enfermagem é “a confirmação... a certeza do que eu já tinha, do que eu queria”. Formou-se e logo se empregou como Técnica em Enfermagem em um hospital da cidade.

Sobre a contribuição da instituição, ela acredita estar muito satisfeita, inclusive relata algumas falas ouvidas logo no início de sua experiência ao ingressar no mercado como Técnica em Enfermagem. Segundo ela, a primeira coisa que ouviu foi: “ah, você veio do Cefores, você tem que saber tudo! O Cefores não é a melhor instituição?” Para ela, esse discurso tem dois lados: o bom e o ruim. Bom, porque é a comprovação de que se formou em uma instituição, de fato, reconhecida. No entanto, ruim, porque obriga àqueles que lá se formaram a serem reconhecidos na mesma proporção de qualidade. Outra fala que ouviu, veio de uma profissional hierarquicamente superior, uma enfermeira-padrão, que numa conversa informal a elogiou e questionou há quanto tempo havia se formado. Quando ela respondeu que não tinha nem um mês de formada, a enfermeira fez expressão de espanto e perguntou em qual instituição. Quando Márcia respondeu que foi no Cefores, esta enfermeira, exclamou: “ah, tá explicado!” Ouvir isso, a encheu de orgulho e a deixou muito feliz. Ao ser-lhe solicitada uma mensagem ela falou assim:

A pessoa tem que querer muito, ter perseverança e correr atrás. Estudar de verdade né. Não é fazer por fazer. Porque tem muita gente que tava ali por estar. Parecia que não era o querer dela. Quando a gente se propõe fazer alguma coisa, tem que fazer bem feito. (APÊNDICE V, p. 265)

Com relação aos planos para o futuro, ela tem preferências para atuar em Unidades de Terapia Renal (UTRs), nas quais são feitas as hemodiálises, os transplantes, bem como nos Centros de Terapia Intensiva (CTIs), por acolherem pacientes mais críticos. Também tem planos de, a médio prazo, ou fazer uma Especialização Pós-Técnico em Unidade de Terapia Intensiva (UTIs) ou cursar a Graduação em Enfermagem. No entanto, sua preferência entre

uma e outra, ela tende para a especialização, pois segundo ela, o Enfermeiro é mais um gestor de uma equipe, ele trabalha mais com papéis do que com a assistência direta ao paciente, e o que ela mais se identifica é, exatamente, isso: a assistência direta. Ela, fazendo a especialização pós-técnico, não abandonaria essa atividade e, ao mesmo tempo, agregaria um maior conhecimento. Isso significa que Márcia teve uma alta identificação com a profissão de Técnica em Enfermagem.

Nelson

O penúltimo entrevistado foi Nelson, homem adulto, pai e arrimo de família. Embora ele afirme, que é dele, que é ele quem gosta de ajudar as pessoas, os exemplos de outras pessoas da família que também eram ou ainda são profissionais da saúde, o fez interessar por esta área, desde pequeno. Sobretudo a sua mãe. Ele contou assim: “começou com a minha mãe. Minha mãe era atendente de enfermagem. Ela chegava pra gente contando os casos. E aí, cada vez mais eu fui colocando na minha cabeça: é a área que eu quero na minha vida”.

Há 28 anos ele iniciou uma série de tentativas para concluir um curso nessa área, mas o impasse sempre era o início dos estágios, pois as empresas nas quais trabalhava como metalúrgico, profissão que exerce até hoje, não o liberavam para cumprir essa etapa. E não havia possibilidade de ele optar por ficar desempregado por um tempo para poder dedicar aos estágios, porque nessa época ele já era casado e com três filhos para sustentar, sendo um deles adotado. Chegou a fazer toda a parte teórica de um curso Técnico em Enfermagem, por dois anos, depois fez 8 meses do curso de Auxiliar de Enfermagem, também fez 2 anos de Graduação em Enfermagem. Tudo sem conseguir concluir.

Por outro lado, nesse intervalo de tempo, concluiu dois cursos de aperfeiçoamento na área metalúrgica: programação de máquinas e desenho. Prestou a prova do Cefores, passou e ingressou no curso. Nessa época os seus filhos já estavam passando da adolescência para a juventude e ele ainda acolheu mais dois sobrinhos, também nessa faixa etária, os quais os pais não conseguiram manter financeiramente em São Paulo. Neste momento passou a ser sete pessoas para sustentar: ele, a esposa, e mais cinco jovens. Embora alguns já até trabalhassem, o grosso mesmo era de sua responsabilidade. Dessa vez conseguiu concluir o curso Técnico em Enfermagem, porque a empresa na qual era funcionário o havia contratado para trabalhar do início da madrugada a dentro, dando possibilidades para participar das aulas noturnas até às 22:30 e ir direto trabalhar, e quando comessem os estágios, os realizasse durante o dia.

Ele falou assim: “demorou para conseguir me formar em Técnico de Enfermagem: 28 anos. Pára. Volta. Pára. Volta. E, graças a Deus, dessa vez, deu certo.”

Se dessa vez deu certo, antes desse resultado, houve muitas dificuldades, para as quais foram necessários, na mesma proporção, empenho, dedicação, propósito e persistência. O cansaço foi o seu maior rival. Sua rotina, a partir da metade do curso, era: ir para o estágio durante o dia, depois ir para o Cefores estudar à noite nas aulas, de lá ir direto pro trabalho, trabalhar a noite toda até amanhecer, de lá passar em casa somente para tomar um banho e, então, começar tudo de novo.

Todos começaram a perceber seu cansaço, os colegas tanto do curso e quanto do trabalho, menos aqueles a quem ele prestava Assistência em Enfermagem, os seus pacientes. Se o cansaço foi o seu maior rival, o bom humor foi seu maior aliado. Nas palavras dele, “eu não pude demonstrar pro meu paciente, cliente, que eu tava esgotado. Não. Ele não tem culpa disso, não é problema dele. Eu tinha que tratar dele com sorriso no rosto, na maior alegria”.

Com relação à instituição, ele é só gratidão, pois lá recebeu apoio de todos os lados. Ele afirma que o curso foi muito bom e expõe que a área que mais gostou foi postos de saúde porque dava pra ele ficar muito tempo com as pessoas, uma vez que gosta muito de conversar, contar casos e, sobretudo, ouvir. E isso, para ele, na área da saúde é imprescindível. Os profissionais da saúde, do ponto de vista dele, devem agir: “não só aquela coisa mecânica, fria. Acho que não vejo a área da saúde dessa forma”. Quando foi-lhe solicitada uma mensagem final ele disse:

[...] sempre falei pras minhas irmãs, é que eu sempre pensei de entrar pra área da saúde pra fazer uma diferença. Sempre. Não ser igual. A pessoa que chega nem sabe o seu nome e já fica com você, não quer saber dos seus problemas, só quer saber da sua doença. Tá certo, por um lado, sim, porque tô ali pra isso. Mas a diferença que eu desejo que os profissionais cuida da doença, mas também cuide da pessoa, o ser humano, cuide do ser humano. (APÊNDICE W, p. 270)

Atualmente, já formado, como não pode abandonar o emprego de metalúrgico, está conciliando com atendimentos domiciliares. Um plano a curto prazo, é encontrar uma instituição de saúde que lhe possibilite trabalhar meio período. Dessa maneira, trabalharia de dia neste lugar e na madrugada como metalúrgico. Ele conta assim: “se conseguir algo em meio período em hospital seria para trabalhar por uma realização própria minha”. A médio e longo prazos, pretende abandonar, de uma vez por todas, a sua maior fonte de renda para mudar de cidade e trabalhar em hospitais como Técnico em Enfermagem. Ou, permanecer aqui na cidade, e trabalhar em um cargo público de Técnico em Enfermagem no Hospital da

Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Mas, como dito, isso é a médio e longo prazos. Com relação a continuar se formando, até tinha planos de fazer uma Especialização Pós-Técnico, mas como ainda não tem esse curso em Uberaba, sua opção passou a ser a Graduação em Enfermagem.

Olivia

A última entrevistada foi Olívia, uma mulher já adulta, que viveu a infância e parte da adolescência morando com a mãe, os irmãos e um padrasto alcóolatra. Sempre sonhou em ter uma profissão, de fato, mas não sabia o quê. Mas, uma série de fatos e acontecimentos foram sucedendo em sua vida que só foram postergando esse sonho, fazendo com que ela, inclusive interrompesse os estudos, em três momentos diferentes da vida.

O primeiro deles foi quando cursava a 8ª série do Ensino Fundamental, hoje 9º ano, para casar e sair de casa. Olívia, foi mãe muito jovem e, já aos 18 anos, o relacionamento conjugal não deu certo, tendo se separado. Como a convivência com a sua mãe não estava das melhores, foi morar com sua avó materna e levou seu filho junto.

Nessa fase, voltou a estudar e concluiu o Ensino Fundamental e, em seguida, iniciou o Ensino Médio. Mas, não demorou muito tempo para que ela ficasse sozinha no mundo com o filho, não tendo sequer uma pessoa para cuidar dele enquanto ia pra escola estudar. Tudo isso devido ao falecimento da avó com quem morava e da relação com a mãe que ainda não havia se restabelecido. Este foi o segundo momento que interrompeu os estudos em sua vida, dessa vez na metade do Ensino Médio.

Nesse meio tempo conheceu seu atual esposo, com quem teve uma filha em 2007. Cuidou dela, do outro filho e da casa por alguns anos, quando já em 2012, resolveu concluir o Ensino Médio. E assim o fez neste ano. Chegou a trabalhar em uma casa lotérica como caixa e gostava muito, por isso até pensou em fazer o curso de Graduação em Administração, mas ficou por isso mesmo. Também abriu um comércio, mas por não levar jeito com cobrança, levou um prejuízo grande e desistiu do empreendimento.

Foi quando começou a trabalhar em uma clínica radiológica, na qual iniciou na função de recepcionista e logo mudou de função passando a acompanhar os exames radiológicos, com o incentivo dos médicos donos da clínica, mesmo sem ter habilitação para isso. Para tanto, Olívia foi uma exímia autodidata. Por meio de estudos, diários e constantes dos Procedimentos Operacionais Padrão da Enfermagem (POP), e de inúmeras vídeo-aulas na *ininternet* ela foi se auto capacitando. Cada dia que tinha um exame novo agendado, ela fazia

toda uma pesquisa para saber qual deveria ser a sua postura enquanto assistente do exame. Foi nessa fase que ela começou, de fato, a se interessar pela área da saúde.

Em 2015, veio novamente a vontade de ter uma formação profissional. Ficou sabendo da prova do Cefores, e já com o interesse pela área da saúde aflorado em sua vida, prestou a prova para ingressar no Curso Técnico em Enfermagem de lá. Passou, iniciou o curso, com muita dificuldade, pois seu esposo não concordava que ela investisse nisso. No entanto, ela persistia e estava se identificando cada dia mais. Mas, por um novo imprevisto, acabou postergando a realização de seu sonho pela terceira vez interrompendo os estudos no meio do curso Técnico em Enfermagem. Ela sofreu uma queda simples em um evento do Cefores organizado por sua turma. Caiu de um degrau, um pequeno degrau, mas que lhe trouxe grandes e graves consequências: quebrou as duas pernas, em vários lugares, ficou 6 meses sem andar, dos quais os primeiros dois meses, na total dependência de sua mãe para cuidar dela e dos filhos dela. Como havia uma mágoa por parte dela no seu relacionamento com a mãe, hoje ela agradece este ocorrido, pois esses dois meses juntas, 24 horas por dia, serviu para reatar esse relacionamento.

Nesse intervalo de tempo, a instituição deu todo o apoio a ela, instruindo-a em como voltar, sobretudo a coordenação do curso. Também sua mãe e, até mesmo os donos da clínica onde trabalhava, estavam lhe apoiando. No entanto, o ocorrido fez com que ela desanimasse, fez com que ela abaixasse a sua autoestima. Mas, ela acabou refletindo e, de fato, retornou um ano depois do acidente, quando a nova turma de Técnico em Enfermagem passou para o 3º período, o mesmo que ela iniciaria se não tivesse se acidentado. Ela falou assim: “tive muito apoio, muita ajuda, muito crédito das pessoas com relação a mim. Então foi isso que eu pensei, quando resolvi voltar. Tanta gente confiando em mim, tanta gente me apoiando, e acreditando em mim. Como que eu desisto agora? Não posso”. Um ano após ter retornado, finalmente, formou-se em Técnica em Enfermagem.

Além dessa última dificuldade, ao longo dos três anos que gastou para se formar, também enfrentou outras. Por exemplo, a dificuldade de memória, a qual afirma não ser a mesma de seus colegas de 20 e poucos anos. Também, a conciliação de estudos, trabalho, estágios, casa, filhos e marido, sobretudo este último, que só foi lhe apoiar quando viu que ia dar certo, quando viu que realmente ela estava chegando perto do seu sonho. Ela chegou a dizer assim: “acho que não fui eu que escolheu a Enfermagem, a Enfermagem me escolheu”. Com relação à contribuição do Cefores na sua formação, deixa-se que ela fale por si mesma:

[...] quando eu comecei fazer o curso no Cefores, sem exagero, Núbia, sem brincadeira nenhuma, eu sou outra pessoa. Eu descobri assim, não só na identidade profissional, não só profissionalmente, mas como pessoa, como mulher, como mãe. Eu me tornei, sem dúvida nenhuma, uma pessoa melhor. Uma esposa melhor, uma mãe mil vezes melhor e uma profissional, sem dúvida nenhuma. Porque eu me encontrei de verdade na minha profissão. (APÊNDICE X, p. 278)

Atualmente, permanecendo com seu emprego na clínica radiológica, dessa vez, oficialmente como Técnica em Enfermagem, conseguiu outro emprego no setor de Pronto Atendimento Obstétrico de um hospital da cidade. Nesse novo setor, ela fez retornar à ativa aquela Olívia autodidata, a fim de aprofundar cada vez mais nessa área. Tem uma rotina cansativa: todos os dias na clínica durante o dia, e dias alternados nesse hospital à noite. Mas isso não a impede de estar feliz profissionalmente. Quando lhe foi solicitada uma mensagem ela disse assim:

Não é o que você quer? Não é? Não faça sem querer não, sem vontade. Procura o que te traga prazer. Não só pelo outro, mas por você também. É muito triste trabalhar, pensar: pucha tem que ir praquela lugar, tem que fazer isso, fazer aquilo. Tenha prazer no que você faz. Se não for isso, se você começou o curso, fez o curso e vê que não é isso, procure, pensa, conversa, fala, tenta de novo, faz outro curso. Conhecimento não ocupa espaço. Faz dois, três, cinco cursos se for necessário. Mas faça, faça, faça. Faça com prazer, com gosto, até você descobrir. Seja pro outro o que gostaria que fosse pra você. É o que posso falar. (APÊNDICE X, p. 281)

A área da Administração que um dia, enquanto ainda era operadora de caixa em uma casa lotérica, passou por seus pensamentos e nunca mais voltou, não chega nem perto do que a Enfermagem fez com Olívia. Ela se diz animada quanto ao futuro. Já até se inscreveu no Enem e está se preparando para ver se consegue pontuação suficiente para fazer a Graduação em Enfermagem na UFTM. E já determinou como meta: caso não consiga, vai tirar recurso de onde não tem, mas vai pagar um curso numa instituição privada para fazer a Graduação em Enfermagem.

4.3 Análise quali-quantitativa

Pegou-se cada posição do caleidoscópio e retomou-se todas essas análises com um olhar voltado para o horizonte. Para tanto, relembra-se que os dados não representam cem por cento das turmas, mas sim as suas maiorias. Segundo a Tabela 02, e demais dados obtidos ao longo da pesquisa, tem-se uma nova tabela.

Tabela 14 – Evolução da adesão dos sujeitos às fases da pesquisa

Descrição	TE		TST	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
(A) Sujeitos aptos a participarem da pesquisa.	27	100,00%	19	100,00%
(B) Sujeitos que aderiram à fase do questionário.	17	62,96% (A)	16	84,21% (A)
(C) Sujeitos selecionados para a fase das entrevistas.	12	44,44% (A) 70,59% (B)	11	57,89% (A) 68,75% (B)
(D) Meta estabelecida para a adesão dos sujeitos à fase das entrevistas.	6,8	40,00% (B)	6,4	40,00% (B)
(E) Sujeitos que aderiram à fase da entrevista.	08	29,63% (A) 47,06% (B) 66,67% (C)	07	36,84% (A) 43,75% (B) 63,64% (C)

Fonte: elaborada pela autora.

A partir dos dados analisados na Tabela 14 conclui-se que a pesquisa atingiu nível satisfatório de fidedignidade por turma e também de modo geral, como a seguir. Logo na primeira fase 71,74% dos sujeitos aderiram à pesquisa e responderam ao questionário, considerando-se as faltas e as recusas no dia da aplicação do mesmo. Em seguida, com o intuito de atingir a meta de 40% dos respondentes ao questionário foram selecionados 69,70% para serem entrevistados, que representaram exatamente 50% dos sujeitos aptos a participarem da pesquisa. Aderiram à fase de entrevistas da pesquisa 65,22% dos sujeitos selecionados, garantindo assim a superação da meta previamente estabelecida. Inicia-se agora outras análises através das quais se enxergou um quadro dos dados coletados, quantitativa e qualitativamente, e suas respectivas interconexões. A partir de agora todos os percentuais citados referem-se, a princípio, aos respondentes dos questionários e, posteriormente, em outros momentos, aos participantes das entrevistas.

Relativo ao gênero, a maioria foi de mulheres nos dois cursos, sobretudo no TE, cujo percentual atingiu 94,12%. Já relativo à idade dos sujeitos, a pesquisa apresentou uma turma de TE com a maior frequência de faixas etárias mais velhas e, por outro lado, uma turma de TST, com a maior frequência de faixas etárias mais jovens. A comparação dos dados de

gênero e idade, revelou a predominância de mulheres adultas na busca pela qualificação profissional na instituição.

De uma maneira geral, outra maioria também foi a de sujeitos que vão para escola à noite, mas sempre deixam alguém em casa esperando por eles: pais, avós, cônjuges, filhos, sobrinhos, enfim, alguém com quem eles puderam contar durante a trajetória de suas formações. Uma minoria, não teve esse convívio. No entanto, por escolhas próprias. Nas entrevistas foi possível notar as nuances das influências dessas pessoas.

Outros dois dados relevantes foram a média salarial *per capita* e a formação no Ensino Médio. A média salarial *per capita* que se encontra a maioria dos 33 sujeitos pesquisados está entre o intervalo de 1 a 3,5 salários mínimos, representando um percentual de 66,67%. Já relativo a formação no Ensino Médio, a grande maioria de 90,91% cursou este nível integralmente em escola pública. Entre os dados qualitativos, foi possível observar o quanto o quesito financeiro foi motivo de tomada de decisão de interrupção dos estudos. Uma realidade de quem quer se qualificar e busca a solução na instituição pública de formação profissional.

Outra grande maioria, no geral, também foi a escolha dos cursos por vontade própria, que da mesma maneira foram retratadas nos dados qualitativos. Nas entrevistas, por exemplo, faz-se um comparativo em relação ao alto número de sujeitos na pesquisa identificados profissionalmente. Geralmente são aqueles que, no momento da escolha do curso, o fizeram por vontade própria.

Com relação à identificação com os conteúdos das matrizes curriculares dos cursos, a turma de TE apresentou maior identificação que a de TST. Na primeira turma, a predominância foi para o conceito de *identificação total*, tanto com os conteúdos específicos de Enfermagem, quanto com os da área da saúde. Com relação aos conhecimentos de outras áreas aplicados à Enfermagem, a predominância foi do conceito de *identificação parcial*, o que representa uma aproximação parcial desses conteúdos na aplicabilidade da profissão. Já na segunda turma, a predominância foi do conceito de *identificação parcial* nos três tipos de conteúdos, o que representou ser um fator preocupante, mas compreensível, visto que o curso ainda é, relativamente, novo na instituição.

A fim de melhor ilustrar essa questão, recordou-se que nas duas turmas, em meio aos dados qualitativos, tanto nas narrativas quanto nas entrevistas, encontraram-se ocorrências de relatos de insatisfações relacionadas a disciplinas específicas. E esse ponto em si já é um conector com a próxima análise que é a relativa à instituição, nas três referências buscadas: corpo docente, corpo administrativo e coordenações. Na maioria dos casos, todos os

profissionais foram considerados bons, nessas três referências, com exceção de que nem todos os docentes das disciplinas específicas da turma de TST foram assim considerados.

E, por fim, com relação à contribuição da instituição na identificação dos sujeitos com as atividades de cada uma das profissões atribuídas no CNCT e nível de preparação para atuação nos respectivos campos, tem-se novamente um quadro específico para cada turma. A grande maioria da turma de TE conceituou essa contribuição como sendo *muito boa*, o que refletiu num sentimento de *preparação* dos mesmos para exercerem suas profissões nos diversos campos de atuação definidos nesse catálogo. Nas entrevistas, inclusive, outros campos foram levantados que não constam lá, tamanha pluralidade de opções que esses profissionais têm para almejam suas colocações. No entanto, nem esse conceito *muito bom*, e nem o de *preparação*, foram a predominância na turma de TST. Para a maioria dessa turma a contribuição da instituição foi *boa* o que refletiu em sujeitos *parcialmente preparados*, também em sua maioria.

Essa diferença foi melhor compreendida ao se analisar as entrevistas e perceber que o curso de TE proporcionou maior prática em comparação ao de TST. Por exemplo, um dos planos levantados pelos estudantes de TST, foi justamente esse: primeiramente ir em busca de experiência em empregos cujos salários estão abaixo do piso da categoria, para depois, quando se considerarem, de fato preparados, buscarem colocações mais justas.

Por outro lado, há que se considerar que existe uma grande diferença nas demandas dessas duas áreas. O imediato ingresso no mercado da maioria dos sujeitos da turma de TE é um reflexo disso. Enquanto 5 dos 8 entrevistados dessa turma já se colocaram (alguns até em dois empregos), nenhum dos 7 entrevistados de TST conseguiram.

No geral, os dados mostram que a instituição de educação profissional é um dos fatores que contribui na formação das identidades profissionais dos seus educandos. Um exemplo disso é que a referência da instituição pesquisada especificamente na área da saúde, efetivamente, foi refletida na formação profissional de seus educandos, e que a sua investidura em novas áreas demanda maior preparação de sua parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a amplitude do tema identidade, que transita por várias ciências, investigou-se, nessa pesquisa, o foco em sua tipologia profissional. Uma vez que a maioria das pesquisas sobre identidade profissional recai sobre o sujeito cuja formação já está concluída, pesquisou-se o sujeito em formação e a contribuição da instituição na qual esteve inserido. A História da EPT no Brasil contextualizou o cenário da instituição pública no qual os sujeitos investigados encontravam-se, cada um, protagonizando a própria formação identitária profissional.

Com base nas propostas dos autores e nas legislações pesquisadas, foi possível entender porque a educação ocupa espaço de destaque na vida dos brasileiros em um mundo pós-moderno. No entanto, ela nem sempre esteve em destaque. Nos primórdios da história, o espaço ocupado pela educação era, meramente, o da propagação da fé. Segundo Curi (2010, p. 279), “até o século XIX a educação primária ou elementar no Brasil esteve, na sua quase totalidade, entregue aos religiosos e escolas confessionais”.

Desde então, a questão da formação profissional vem se imbricando em meio a História da Educação no Brasil, entendida como uma de suas modalidades: a EPT. Mas, o que ela seria, em termos conceituais e atuais? A LDB de 1996, define-a como *Educação Profissional Técnica de Nível Médio*, o que significa que “a preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de Ensino Médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional” (BRASIL, 1996a), observando-se, primeiramente, o cumprimento da formação geral do educando. Em Saviani (2007) percebe-se um conceito mais pormenorizado.

Esse espaço foi ocupado pelos cursos profissionais organizados no âmbito das empresas ou do sistema de ensino, tendo como referência o padrão escolar, mas determinados diretamente pelas necessidades do processo produtivo. Eis que, sobre a base comum da escola primária, o sistema de ensino bifurcou-se entre as escolas de formação geral e as escolas profissionais (SAVIANI, 2007, p. 159)

Ao relacionar esse conceito às complexidades socioculturais, Manfredi (2002, p. 54, grifos da autora) afirma que “a educação *no e para* o trabalho é um processo complexo de socialização e aculturação de jovens e adultos nos espaços de trabalho”. Já para Nascimento (2007, p. 58), o ensino profissional conceituou-se coincidentemente com “a evolução e o desenvolvimento dos sistemas de produção, de organização política, social e econômica das

diversas nações do globo”. Em consonância com esses autores está também Coutinho (2011) acrescentando, nesse caso, a conjuntura internacional.

A concepção de educação profissional e a estrutura educacional dela gerada tem sido organizadas, ao longo da história da educação, sob as determinações da conjuntura econômica e política dos diferentes países. Desta forma, ela tem tentado responder, principalmente, às expectativas do mercado de trabalho, da política econômica e, de forma secundária, às necessidades do setor deste mercado destinado a essa parcela do processo formativo. (COUTINHO, 2011, p. 382)

Ao referir-se a uma educação voltada para a reforma da sociedade, Gama (1986) propõe que a experiência direta e a razão deveriam ocupar o lugar da autoridade na educação. O exercício profissional de atividades de nível técnico vem experimentando grandes mudanças, sobretudo a partir da Nova República. Rodrigues (2012, p. 129), afirma que a década de 1990, em nosso país, destacou-se pela implementação de políticas neoliberais, na qual ocasionaram mudanças na educação, e no país como um todo, com base no ideário econômico vigente. O fato é que até hoje o país encontra-se carente de um verdadeiro sistema educacional, que traduza para a realidade das políticas educacionais o que realmente é o *conceito de sistema*, no qual estejam claras a constituição e a operacionalização do mesmo. Isso remete a um conceito evocado por Saviani (2010), segundo o qual

Se o *sistema* pode ser definido como a unidade de vários elementos intencionalmente reunidos de modo a formar um conjunto coerente e operante, conclui-se que o *Sistema Nacional de Educação* é a unidade dos vários aspectos ou serviços educacionais mobilizados por determinado país, intencionalmente reunidos de modo a formar um conjunto coerente que opera eficazmente no processo de educação da população do referido país. (SAVIANI, 2010, p. 381, grifos nossos)

A pesquisa mostrou que, desde o período colonial, o jogo de relação de poder esteve presente no estabelecimento de políticas educacionais, com prevalência dos interesses de grupos dominantes. Nos estudos de identidade, a investigação desses sistemas de classificações sociais é de suma importância para se compreender as diversas posições de sujeitos, cada um com suas respectivas identidades e diferenças. Ao se indagar, sobretudo, a maneira como se dá a formação das identidades profissionais desses sujeitos, a pesquisa revelou alguns resultados advindos, a princípio, de uma questão mais específica: qual a relação entre essa história e a identidade profissional?

Hall, por exemplo, explanou a questão e a teorização da identidade. Para ele, este é “um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a ‘impossibilidade’ da identidade, bem como a suturação do psíquico e do

discursivo em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos” (HALL, 2007, p. 130-131). Outra autora afirma que a identidade “tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos novos *movimentos sociais*, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais” (WOODWARD, 2007, p. 67, grifos da autora). Ao relacionar a identidade com as questões de luta por poder, Silva (2007, p. 82, grifos da autora) afirma que “os pronomes *nós* e *eles* não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder”.

Portanto, é compreensível que nos tipos de sociedades em gestação, a identidade tenha se tornado um desafio importante porque a procura por ela é a origem primeira da significação social. Ela é a fonte de sentido, inscrevendo-se em uma posição bipolar entre coletivo e individual. Por conseguinte, a identidade estabeleceu as formas sociais de construção das individualidades, a cada geração e em cada sociedade. Ela, por sua vez, está, intimamente, conectada às relações de poder, às operações de incluir e excluir, sobretudo quando relacionada por meio da perspectiva dos Estudos Culturais, na qual é considerada a partir da sua relação com a diferença.

Woodward (2007, p. 67) manifesta que a diferença “é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos”. Silva (2007) afirma que ambas, identidade e diferença são, também, problemas pedagógicos e curriculares, não apenas porque os estudantes dividem o mesmo espaço escolar, mas sobretudo, porque a questão da diferença em relação com o outro não pode ficar de fora da busca pela solução deles. É justamente nesse fato que reside a relação entre a história da EPT e a formação da identidade profissional, pois a partir dessa história se fizeram, e continuam se fazendo necessárias estratégias político-pedagógicas para este enfrentamento. Dentre elas destaca-se a de estimular a diversidade cultural com políticas que permitam não apenas reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las. Esse autor afirma, por exemplo, que “em certo sentido, pedagogia significa precisamente diferença” (SILVA, 2007, p. 101). E, por sua vez, educar é introduzir a diferença no mundo.

Sendo assim, necessita-se compreender também as competências profissionais exigidas pelos diversos mercados. A competência, por si só, na sua dimensão cognitiva, só é produtora de identidade na sua dimensão social. Histórica e conceitualmente, ela era, antes de mais nada, toda a contribuição dos sujeitos para a competitividade da organização. Portanto, *saber*, *saber-fazer*, *saber-estar* haviam se tornado os seus três pilares. Após o advento da

globalização, esses pilares foram substituídos pelas competências a exigir e/ou a desenvolver: iniciativa, responsabilidade e trabalho em equipe. Nota-se que o recurso à criatividade dos sujeitos para resolver os problemas e rentabilizar os investimentos acompanha racionalizações que dividem e fragmentam as atividades que são exercidas ao mesmo tempo pelos coletivos, refletindo diretamente na escolha profissional.

Considerando toda essa complexidade que envolve o tema identidade profissional, quando os dados se apresentaram investidos de objetividade, buscou-se encontrar interpretações mais subjetivas a fim de interconectá-los. A opção por construir um questionário com a maioria de questões na modalidade escalonada permitiu fazer exatamente isso: transformar um número em um conceito, ou seja, transformar um dado objetivo em outro subjetivo, mais indicado nessa investigação. Mas ele, por si só, também necessitava de algo a mais. Assim, com as complementações dos dados obtidos pelas entrevistas, o resultado foi um quadro geral por meio da investigação numa perspectiva horizontal. Esse quadro apresentou, por um lado, a confirmação de que a instituição pesquisada é referência na educação profissional da área da saúde, e por outro, a revelação de que a mesma instituição ainda se encontra em fase de consolidação de sua atuação em outras áreas.

Outro sinal revelado é que a questão da identidade profissional vem acompanhada, previamente, do rótulo da aprovação social. Em qualquer área do conhecimento, a aceitação social não precisa, portanto, ser negociada, uma vez que, desde o início ela é inerente a tudo aquilo que é posto no mercado. Fica evidente que cada configuração identitária assume hoje a forma de um composto em cujo interior as antigas identidades vão ao encontro às correntes reivindicações da produção e em que os sentidos arcaicos entram em acordo e, às vezes, até em desacordo com as novas investidas de explicação da economia e da sociedade. Por exemplo, na pesquisa foi possível compreender que os sujeitos, a princípio, formavam suas identidades profissionais em busca de sobrevivência financeira e, posteriormente não só disso, mas também de reconhecimento e satisfação profissionais. Dentre os entrevistados nessa pesquisa, Daniela e Nelson são os dois melhores exemplos dos sujeitos que possuem uma ocupação para suprir a necessidade financeira e, concomitantemente outra para satisfação própria de suas identidades profissionais. Ela cabeleireira e ele metalúrgico, ambos Técnicos em Enfermagem.

Considerando que a instituição de educação profissional pesquisada é também uma instituição pública, extensão do Governo Federal, investigou-se a contribuição da mesma na formação das identidades profissionais desses sujeitos que são, por ela, entregues ao mercado e passam a oferecer suas forças de trabalho na construção da sociedade. A pesquisa identificou

vários relatos de agradecimentos feitos pelos sujeitos dirigidos à instituição pesquisada, tanto nas narrativas quanto nas entrevistas. Além desses relatos as escalas predominantes relativas a esse fator nas respostas aos questionários corroboraram para confirmar a hipótese de que a instituição e seus respectivos colaboradores influenciam as formações das identidades profissionais dos educandos.

Por outro lado, a abordagem quali-quantitativa permitiu o apontamento de outros resultados, de diferentes pontos de vista. A princípio, o mais destacado deles é que, quando se trata da formação da identidade profissional, não há como se buscar resultados objetivos, porque uma série de fatores subjetivos influenciam essa formação. Elaine, por exemplo, quando tinha 7 anos de idade, ficou internada em um hospital infantil e se interessou pelos profissionais da enfermagem que prestaram atendimento a ela. Desde então, ela sempre quis ser Enfermeira. Formou-se Técnica e está concluindo a Graduação. Já para Olívia, trabalhar na área da saúde não esteve em seus planos por um bom tempo de sua vida. No entanto, quando se empregou como recepcionista de uma clínica radiológica interessou-se pela área. Não passou muito tempo já estava dando assistência a exames. A partir de então seu interesse só foi aumentando até formar-se Técnica em Enfermagem, mesmo com todas as adversidades pelas quais passou, principalmente a opinião contrária de seu esposo. Sendo assim, não apenas a contribuição da instituição de EPT, mas também as histórias dos sujeitos trouxeram à tona outros influenciadores da formação de suas identidades profissionais.

Retomando as indagações iniciais, a pesquisa confirmou que alguns sujeitos também sofreram crises de identidades profissionais, assim como a pesquisadora sofreu ao concluir a Graduação. Entenda-se crise identitária profissional como o momento em que o sujeito não se identifica com a atual ocupação. Flávia e Juliana foram dois exemplos de sujeitos que tiveram até mais de uma crise de identidade profissional. Flávia sempre foi vendedora, mas com o passar do tempo descobriu que essa ocupação não lhe trazia satisfação profissional e decidiu buscar outra área. Cursou o Técnico em Administração, chegou a atuar, mas ainda assim não era o que queria e teve que voltar a ser vendedora. Só quando cursou o Técnico em Segurança do Trabalho identificou-se. Ou seja, foram duas crises: uma como vendedora e outra como Técnica em Administração. Já Juliana sempre quis ser mecânica de automóveis, chegou a se qualificar na área, mas não conseguiu colocação, até mesmo pelo preconceito em ser mulher. Este foi o momento de sua primeira crise de identidade profissional. Sem saber o que fazer, quando a oportunidade apareceu, investiu no Técnico em Enfermagem e se identificou. A sua segunda crise identitária profissional não foi com a profissão de Técnica em Enfermagem, mas sim com a área de psiquiatria, na qual teve uma experiência frustrante e garante não

querer vivê-la novamente. Portanto, a pesquisa revelou que esses momentos de crise identitária variam de sujeito para sujeito, podendo ser antes, durante ou até mesmo depois da formação profissional.

Na pesquisa, o primeiro contato com os conceitos das três modalidades de identidade baseadas nos tipos de sujeito propostos por Hall (2007), pode gerar a hipótese de que o *sujeito do Iluminismo*, cuja identidade possui um núcleo que é independente de quaisquer forças externas, é um sujeito uniforme demais para o momento em que se vive. No entanto, no caso da tipologia profissional de identidade, essa modalidade apresenta-se como de identidades profissionais bem formadas. O que foi retratado nessa pesquisa, é que cada um deles, tanto o do Iluminismo, quanto o sociológico e o pós-moderno, se comparados separadamente a cada tipologia de identidade (gênero, sexo, raça, nacionalidade, e até a profissional, e entre outras) têm seus pontos positivos e também negativos.

A pesquisa mostrou um grupo extremamente heterogêneo, nas duas turmas pesquisadas, mesmo que em sua maioria, a origem da escolha dos respectivos cursos tenha sido por vontades próprias. Por exemplo, foram identificados aqueles sujeitos que, de fato desde a infância, sempre quiseram exercer a respectiva profissão, conforme alguns exemplos já relatados, mas também aqueles que nunca tiveram noção do que queriam fazer. Destes, alguns até se identificaram, como o caso de Carlos que nunca esteve em seus planos ser Técnico em Segurança do Trabalho e quando viu que tinha que se profissionalizar, aceitou a indicação da namorada para fazer o processo seletivo do Cefores. O caso dele é um dos melhores exemplos de identidade formada em relação à diferença, defendida pelos Estudos Culturais. Ele optou por Segurança do Trabalho por não se identificar com os outros cursos ofertados. E acabou se identificando totalmente com a profissão como se ela fosse a que sempre quis, ou como se ela tivesse sido feita para ele.

Outra situação reconhecida foi a de sujeitos que sempre quiseram exercer outra profissão e continuam querendo e a escolha pelo curso recém-concluído foi mesmo por uma falta de opção em função de outros fatores particulares. Por exemplo, Kenedy sempre quis ser Engenheiro Civil. No entanto, por considerar uma profissão cujo tempo de preparação é demasiadamente longo cursou em segunda opção a Psicologia. Recentemente, já atuando como psicólogo, cursou o Técnico em Segurança do Trabalho por considerar uma profissão que tem aproximação com a Engenharia Civil, cujo tempo de formação é menor. Outro exemplo foi Laura, Agente Comunitária de Saúde há mais de 11 anos que sempre quis ser Assistente Social e cujas condições vividas ainda não a permitiram concluir esse objetivo. O curso Técnico em Enfermagem foi a opção encontrada para progredir na área em que já atua.

Até mesmo a ausência de retorno ou a recusa ao convite para serem entrevistados, por parte de alguns sujeitos, mostrou algo. Por meio, ou das análises das narrativas, ou das análises verticais, foi possível constatar insatisfações deles para com algum fator da instituição, ou até mesmo, mais de um. Por exemplo, ENF 08 recusou o convite para a entrevista. Notou-se que uma de suas escalas revelou um conceito *muito bom* para a contribuição do Cefores e, ao mesmo tempo outra revelou o conceito de *preparação parcial* para exercer como Técnica em Enfermagem nos diversos campos de atuação desta profissão.

Enfim, foram várias situações reveladas. A partir dos dados analisados foi possível considerar que a dimensão profissional adquiriu importância particular entre as múltiplas dimensões das identidades dos sujeitos. Ademais, por ter se tornado um bem raro, o emprego condiciona, constantemente, a construção das identidades sociais. Enfim, embora esses sejam resultados ainda em discussão, o papel da formação profissional, no que se refere à questão identitária, apresenta-se cada vez mais relevante, haja vista que é muito fecundo e vem sendo compreendido nos limites de uma modernidade que se dissolve diariamente nos seus comportamentos concretos e abstratos.

Embora todos os objetivos tenham sido atendidos, ao encerrar o ciclo, restaram algumas dúvidas que não puderam ser sanadas devido ao recorte temporal estabelecido: como estão esses sujeitos no exercício de suas profissões? Aqueles que não se colocaram no mercado, de imediato, já o conseguiram? As modalidades de identidades reconhecidas permaneceram as mesmas ou transitaram? Essas indagações ficaram, portanto, para serem respondidas em uma futura pesquisa. Por hora, os resultados alcançados servem de contribuição para a redução do espaço entre a teoria e a prática nas instituições de EPT, por meio da revisão de suas práticas educativas no processo ensino-aprendizagem e da implementação de ações voltadas para a formação das identidades profissionais que aperfeiçoem os seus acertos, mas sobretudo, que corrijam os seus erros.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

AZEVEDO, Luiz Alberto; SHIROMA, Eneida Oto; COAN, Marival. As políticas públicas para a educação profissional e tecnológica: sucessivas reformas para atender a quem? *Boletim Técnico do Senac*: a revista da educação profissional. Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 27-40, 2012.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. Tradução de: Modernity and Ambivalence.

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*. São Paulo, vol. 52, n. 1, 1994.

BORGES, Marisa. Resistência e Governamentabilidade: política educacional em Uberaba (MG) nos anos de 2005 a 2012. 2014. 201 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2014.

BRANDÃO, Marisa. Educação profissional e ensino superior: do governo FHC ao governo Lula. *Cadernos Cemarx*. Campinas, n.6, p. 189-204, 2009.

BRANDO, Fernanda da Rocha. Escolha Profissional: uma questão de identidade. 2005. 161 f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP, 2005.

BRASIL. *Constituição Política do Império do Brasil*, de 25 de março de 1824. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 22 nov. 2018.

_____. Decreto 7.566, de 23 de setembro de 1909. *Crêa nas capitaes dos Estados da Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito*. Rio de Janeiro, 1909. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Decreto-Lei 4.073, de 30 de janeiro de 1942. *Lei Orgânica do Ensino Industrial*. Rio de Janeiro, 1942. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4073.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Decreto-Lei 6.141, de 28 de dezembro de 1943. *Lei Orgânica do Ensino Comercial*. Rio de Janeiro, 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del6141.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Decreto-Lei 8.529, de 2 de janeiro de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Primário*. Rio de Janeiro, 1946a. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Decreto-Lei 8.530, de 2 de janeiro de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Normal*. Rio de Janeiro, 1946b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De18530.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Decreto-Lei 9.613, de 20 de agosto de 1946. *Lei Orgânica do Ensino Agrícola*. Rio de Janeiro, 1946c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De19613.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil*, de 18 de setembro de 1946. Rio de Janeiro, 1946d. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm>. Acesso em: 30 nov. 2018.

_____. Lei 1.076, de 31 de março de 1950. *Assegura aos estudantes que concluírem curso de primeiro ciclo do ensino comercial, industrial ou agrícola, o direito à matrícula nos cursos clássico e científico e dá outras providências*. Rio de Janeiro, 1950. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1076-31-marco-1950-363480-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

_____. Lei 1.821, de 12 de março de 1953. *Dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores*. Rio de Janeiro, 1953. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L1821.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. *Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Decreto 53.324, de 18 de dezembro de 1963. *Aprova o Programa Intensivo de Preparação da Mão-de-Obra Industrial e dá outras providências*. Brasília, 1963. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53324-18-dezembro-1963-393393-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

_____. Lei 5.379, de 15 de dezembro de 1967. *Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos*. Brasília, 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L5379.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. *Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências*. Brasília, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Lei 6.297, de 15 de dezembro de 1975. *Dispõe sobre a dedução do lucro tributável, para fins de imposto sobre a renda das pessoas jurídicas, do dobro das despesas realizadas em projetos de formação profissional, e dá outras providências*. Brasília, 1975. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6297.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. Lei 7.044, de 18 de outubro de 1982. *Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau*. Brasília, 1982.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7044.htm>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*, de 05 de outubro de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 04 nov. 2018.

_____. Ministério da Educação. Portaria nº 73, de 29 de junho de 1990. Autoriza o funcionamento do Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde, da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro. Brasília: *DOU Diário Oficial da União*. Publicada no DOU de 02 de julho de 1990, Seção I, p. 12656.

_____. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, 1996a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 18 abr. 2016.

_____. Lei 9.424, de 24 de dezembro de 1996. *Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério*. Brasília, 1996b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9424.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Decreto 2.208, de 17 de abril de 1997. *Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001. *Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências*. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações. Histórico da CBO*. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

_____. Decreto 5.154, de 23 de julho de 2004. *Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências*. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm>. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008. *Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências*. Brasília, 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm>. Acesso em: 29 set. 2017.

_____. Lei 12.513, de 26 de outubro de 2011. *Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); [...]; e dá outras providências*. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12513.htm>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. *Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências*. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Lei 13.005, de 25 de junho de 2014. *Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências*. Brasília, 2014a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 10 dez. 2018.

_____. Ministério da Educação. *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos*. 3 ed. Brasília, 2014b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/30000-uncategorised/52031-catalogo-nacional-de-cursos-tecnicos>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

_____. Decreto 9.432, de 29 de junho de 2018. *Regulamenta a Política Nacional de Avaliação e Exames da Educação Básica*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9432.htm>. Acesso em: 18 fev. 2019.

CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, v. 01, n.1, p. 181-186, 1997.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: Volume II*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 6 ed. São Paulo: DP&A, 2008. Tradução de: The power of identity.

CONSTANTINO, Graciela. Teoria e prática na Orientação Profissional. 2009. 263 f. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

COUTINHO, Denise; SANTOS, Eleonora C. da Motta. Epistemologias não-cartesianas na interface artes-humanidades. *Repertório: Teatro & Dança*. Salvador, n.14, p. 65-73, Ano 13, 2010.

COUTINHO, Ednaldo Gonçalves. O novo sistema educativo diante do novo modelo técnico-econômico do Brasil: influências da educação profissional. *Ensino Em Re-Vista*. Uberlândia, v. 18, n.2, p. 375-388, 2011.

CUNHA, Luiz Antônio. A. *O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata*. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Flacso, 2000.

CURI, Luciano Marcos. *Excluir, isolar e conviver: um estudo sobre a lepra e a hanseníase no Brasil*. 2010. 394f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

DE FINA, Anna.; SCHIFRIN, Deborah.; BAMBERG, Michael. (Ed.) *Discourse and Identity*. Cambridge University Press, 2006.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Tradução de: *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*.

_____. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Tradução Catarina Matos. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda., 2006. Tradução de: *La crise des identités. Le interprétation d'une mutation*.

DUTRA, Elza. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. In: *Estudos de Psicologia*, 2002, 7(2), p. 371-378 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

ERIKSON, E. H. *Identidade: juventude e crise*. Tradução Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. Título original não encontrado.

FONSECA, Celso Suckow da. Antigos Centros de Aprendizagem. In: CIAVATTA, Maria (Org.). *Celso Suckow da Fonseca: Coleção Educadores*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 65-149.

FORCIONE, Thais Lanutti. Dinâmicas de identificação na trajetória profissional em transição. 2018. 107 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2018.

FRANCO, Luiz Antonio Carvalho; SAUERBRONN, Sidnei. *Breve histórico da formação profissional no Brasil*. São Paulo: Fundação Cenafor, 1984.

GAMA, Ruy. *A tecnologia e o trabalho na história*. São Paulo: Editora Nobel, 1986.

GENTILI, Pablo; OLIVEIRA, Dalila Andrade. A procura da igualdade: dez anos de política educacional no Brasil. In: SADER, Emir (Org.). *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. São Paulo-SP: Boitempo, Rio de Janeiro-RJ: FLACSO Brasil, 2013. p. 253-263.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991. Tradução de: *The consequences of modernity*.

_____. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. Tradução de: *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*.

_____. *Sociologia*. Tradução Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. Tradução de: *Sociology*.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008a.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008b.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Thomas Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de: The question of cultural identity.

_____. Quem precisa da identidade? Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 103-133. Tradução de: Who needs identity?

KUENZER, Acacia Zeneida. A educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 96, p. 52-180, 2006.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Tradução de: L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace.

LORDELO, Sayonara Nobre de Brito. *O mundo do trabalho e a formação do tecnólogo: compreensões necessárias à construção da sua identidade profissional*. 2011. 207 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2011.

MANFREDI, Silvia Maria. *Educação Profissional no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

MARTINELLI, Maria Lúcia. *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social*. P.34. NESPI nº 1. São Paulo: PUCSP, 1994.

MARTINS, Mônica de Souza Nunes. A arte das corporações de ofícios: as irmandades e o trabalho no Rio de Janeiro Colonial. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica*. Recife, n 30.1, 2012.

MATTOS, Fernanda Sansão Ramos. *O que eu vou ser quando crescer? Identidade e escolha profissional entre jovens vestibulandos*. 2012. 136 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2012.

NASCIMENTO, Osvaldo Vieira do. *Cem anos de ensino profissional no Brasil*. Curitiba: Ibpex, 2007.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, uso e possibilidades. *Caderno de Pesquisa em Administração*. v. 1, n. 3, 2º sem. 1996.

NORRIS, Sigrid. *Identity in (inter)action: introducing multimodal (inter)action analysis*. Germany, Berlim: De Gruyter Mouton, 2011.

OLIVEIRA, Adriana Rivoire Menelli de; ESCOTT, Clarice Monteiro. Políticas públicas e o ensino profissional no Brasil. *Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 88, p. 717-738, 2015.

PNP. *Plataforma Nilo Peçanha 2018: Ano Base 2017*. Rede Federal de Educação

Profissional, Científica e Tecnológica, 2018. Disponível em <<https://www.plataformanilopecanha.org/>>. Acesso em 30 jul. 2018.

RESENDE, Liliane Assis Sade. *Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos*. 2009. 305 f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2009.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

RODRIGUES, Cláudia Almeida. O professor e a EaD: será que o docente está preparado para isso?. *Domínios de Lingu@Gem*. Uberlândia, v. 6, p. 111-117, 2012.

SALES, Thamires Castelar Torres Sales. *Trabalho e identidade: trajetórias de mobilidade ocupacional: histórias de vida por um olhar da Sociologia Clínica*. 2013. 221 f. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Ciências Sociais: Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7. ed. Porto: Afrontamento, 1999.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 32, p. 52-180, 2007.

_____. Sistema Nacional de Educação articulado ao Plano Nacional de Educação. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 380-393, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Traduções Tomaz Tadeu da Silva. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

UFTM. *Projeto Pedagógico do Centro de Educação Profissional – Cefores*. Uberaba, 2014. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/cefores/legislacao>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. *Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Análises Clínicas do Centro de Educação Profissional – Cefores*. Uberaba, 2015a. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/tac/projeto-pedagogico>>. Acesso em 10 nov. 2017.

_____. *Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Enfermagem do Centro de Educação Profissional – Cefores*. Uberaba, 2015b. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/te/projeto-pedagogico>>. Acesso em 10 nov. 2017.

_____. *Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Segurança do Trabalho do Centro de Educação Profissional – Cefores*. Uberaba: UFTM, Cefores, 2015c.

_____. Edital nº 08/2016/DPSD/UFTM de 26 de abril de 2016. *Processo seletivo para ingresso nos Cursos Técnicos em Análises Clínicas, Técnico em Enfermagem e Técnico em Segurança do Trabalho do Centro de Educação Profissional – Cefores*. Uberaba, 2016. Disponível em: <http://www2.uftm.edu.br/upload/seletivo/Edital_2016-2_Cefores.pdf>. Acesso em 28 set. 2017.

VIEIRA, Sônia. *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas, 2009.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. Tradução Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos – Departamento de Ciências Biomédicas USP. Revisão da Tradução Mônica Stahel M. da Silva. 4. ed. brasileira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991. Seleção cuidadosa dos ensaios mais importantes do autor.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 7-72. Tradução de: Concepts of identity and difference.

APÊNDICE A

Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Enfermagem (modelo da concordância para a discordância)

Código: _____

Observação 1: Marque apenas uma opção para responder às questões de 01 a 06.

Questão 01 – Sou do gênero...

- masculino
 feminino
 outro:

Questão 02 – Estou na faixa etária...

- de 16 a 21 anos
 de 22 a 27 anos
 de 28 a 33 anos
 de 34 anos acima

Questão 03 – Moro...

- sozinho
 com família (pai, mãe, padrasto, madrasta, irmãos, avós, tios, cônjuge e/ou filhos). Especificar:

Questão 04 – A renda *per capita* mensal de onde moro é...

- zero
 entre zero e ½ salário mínimo
 entre ½ e 1 salário mínimo
 entre 1 e 2 salários mínimos
 entre 2 e 3 ½ salários mínimos
 entre e 3 ½ e 5 salários mínimos
 mais de 5 salários mínimos
 sem declaração

Questão 05 – Antes de ingressar no Cefores, minha formação escolar de nível médio foi...

- integral em escola pública
 integral em escola privada com bolsa
 integral em escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escola privada com bolsa
 parcial em escola pública e escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escolas privadas, com bolsa e sem bolsa

Questão 06 – Com relação à escolha do curso, leia atentamente e marque apenas uma opção.

- Escolhi este curso por vontade própria. É o que eu sempre quis fazer.
 Eu tinha que me profissionalizar e, naquele momento, era minha única opção.
 Escolhi este curso para atender a uma vontade dos meus pais.
 Eu estava indeciso, fiz vários testes e este foi o que eu consegui aprovar.
 Escolhi este curso para atender a uma demanda do mercado.
 Nenhuma das opções acima. Eu escolhi este curso para e/ou porque (responder com suas palavras) _____

Observação 2: Oriente-se pela legenda a seguir para responder às questões de 07 a 09, inclusive para disciplinas dispensadas. (LEGENDA: IT – Identifico-me totalmente; IP – Identifico-me em parte; NIP – Não me identifico em parte; e NIT – Não me identifico totalmente).

Questão 07 – Com relação aos conhecimentos específicos da área da Enfermagem adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	IT	IP	NIP	NIT
Introdução à Enfermagem e Saúde e Sociedade				
Fundamentos de Enfermagem				
Assistência de Enfermagem em Clínica Médica				
Assistência de Enfermagem em Saúde Coletiva				
Assistência de Enfermagem em Saúde da Mulher, Ginecologia e Obstetrícia				
Assistência de Enfermagem à Criança e ao Adolescente				
Assistência de Enfermagem em Clínica Cirúrgica				
Assistência de Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria				
Assistência de Enfermagem em Terapia Intensiva				
Assistência de Enfermagem em Urgências e Emergências				
Saúde do Idoso				
Técnicas de Enfermagem				

Questão 08 – Com relação aos conhecimentos gerais da área da saúde aplicados à Enfermagem adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	IT	IP	NIP	NIT
Anatomia Humana				
Fisiologia Humana				
Higiene e Profilaxia				
Imunologia				
Biossegurança				
Farmacologia				
Parasitologia				
Semiologia				
Microbiologia				
Nutrição e Dietética				

Questão 09 – Com relação aos conhecimentos de outras áreas aplicados à Enfermagem adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	IT	IP	NIP	NIT
Matemática				
Português				
Fundamentos da Administração				
Metodologia Científica e Apresentação de Trabalhos				
Tecnologia da Informação				
Ética e Legislação Profissional				

Observação 3: Oriente-se pela legenda a seguir para, caso seja solicitado, responder às questões 10.1, 11.1 e 12.1. (LEGENDA: MI – muito importante; IMP – importante; IND – indiferente; PI – pouco importante; e SI – sem importância).

Questão 10 – considero como “bons profissionais” todos os docentes do curso.

- () Sim. (Siga direto para a questão 11)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 10.1 e depois siga para a questão 11)

Questão 10.1 – a educação, também como outras áreas, está em constante evolução e os seus agentes precisam acompanhar esse movimento. Com relação aos aspectos em que os docentes precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	MI	IMP	IND	PI	SI
Planejamento da disciplina					
Planejamento das aulas					
Domínio de Conteúdo					
Didática (a teoria na prática)					
Assiduidade e pontualidade					
Sistema de avaliação					
Relacionamento Interpessoal					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 11 – considero como “bom” o respaldo institucional do Cefores, representado por sua direção e equipe técnica-administrativa.

- () Sim. (Siga direto para a questão 12)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 11.1 e depois siga para a questão 12)

Questão 11.1 – as instituições educacionais precisam se organizar colocando em prática uma administração a nível nacional adequando-a às suas realidades regionais. Essa não é uma fácil tarefa. Com relação aos aspectos em que a Direção do Cefores e sua equipe técnica-administrativa precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	MI	IMP	IND	PI	SI
Gestão participativa					
Retorno de requerimentos					
Abertura à comunidade					
Comunicação					
Imparcialidade					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 12 – considero como “bom” o respaldo pedagógico do Cefores, representado pelas coordenações do curso e pedagógica.

- () Sim. (Siga direto para a questão 13)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 12.1 e depois siga para a questão 13)

Questão 12.1 – o processo ensino-aprendizagem promove o diálogo entre o conteúdo curricular (formal) e os conteúdos únicos (vivências, história, individualidade) tanto do professor quanto do estudante. Com relação às atuações das Coordenações Pedagógica e do curso, na condução desse processo, avalie cada um dos itens relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	MI	IMP	IND	PI	SI
Avaliação e acompanhamento do processo					
Avaliação da conduta docente no processo					
Avaliação do desempenho discente no processo					
Valorização da participação docente					
Organização e escolha dos recursos e materiais					
Promoção de práticas inovadoras de ensino					
Intermediação entre direção e corpos docente e discente					
Outro (especificar abaixo)					

Observação 4: Oriente-se pela legenda a seguir para responder à questão número 13. (LEGENDA: MB – Muito Bom; B – Bom; A – Aceitável; R – Ruim; MR – Muito Ruim).

Questão 13 – De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos existe um perfil profissional de conclusão para cada curso para o qual as instituições de ensino profissional devem conduzir seus discentes a atingi-los. Marque uma opção em cada afirmativa que descreva como o Cefores contribuiu no processo de sua aprendizagem em cada uma das atividades abaixo.

Atividade	MB	B	A	R	MR
Realizar curativos					
Administrar medicamentos e vacinas					
Administrar nebulizações					
Administrar banho de leito					
Realizar mensuração antropométrica					
Realizar verificação de sinais vitais					
Auxiliar a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação no processo saúde-doença					
Preparar o paciente para os procedimentos de saúde.					
Prestar assistência de enfermagem a pacientes clínicos e cirúrgicos e gravemente enfermos.					
Aplicar as normas de biossegurança					

APÊNDICE B

Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Enfermagem (modelo da discordância para a concordância)

Código: _____

Observação 1: Marque apenas uma opção para responder às questões de 01 a 06.

Questão 01 – Sou do gênero...

- masculino
 feminino
 outro:

Questão 02 – Estou na faixa etária...

- de 16 a 21 anos
 de 22 a 27 anos
 de 28 a 33 anos
 de 34 anos acima

Questão 03 – Moro...

- sozinho
 com família (pai, mãe, padrasto, madrasta, irmãos, avós, tios, cônjuge e/ou filhos). Especificar:

Questão 04 – A renda *per capita* mensal de onde moro é...

- zero
 entre zero e ½ salário mínimo
 entre ½ e 1 salário mínimo
 entre 1 e 2 salários mínimos
 entre 2 e 3 ½ salários mínimos
 entre e 3 ½ e 5 salários mínimos
 mais de 5 salários mínimos
 sem declaração

Questão 05 – Antes de ingressar no Cefores, minha formação escolar de nível médio foi...

- integral em escola pública
 integral em escola privada com bolsa
 integral em escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escola privada com bolsa
 parcial em escola pública e escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escolas privadas, com bolsa e sem bolsa

Questão 06 – Com relação à escolha do curso, leia atentamente e marque apenas uma opção.

- Escolhi este curso por vontade própria. É o que eu sempre quis fazer.
 Eu tinha que me profissionalizar e, naquele momento, era minha única opção.
 Escolhi este curso para atender a uma vontade dos meus pais.
 Eu estava indeciso, fiz vários testes e este foi o que eu consegui aprovar.
 Escolhi este curso para atender a uma demanda do mercado.
 Nenhuma das opções acima. Eu escolhi este curso para e/ou porque (responder com suas palavras) _____

Observação 2: Oriente-se pela legenda a seguir para responder às questões de 07 a 09, inclusive para disciplinas dispensadas. (LEGENDA: NIT – Não me identifico totalmente; NIP – Não me identifico em parte; IP – Identifico-me em parte; e IT – Identifico-me totalmente).

Questão 07 – Com relação aos conhecimentos específicos da área da Enfermagem adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	NIT	NIP	IP	IT
Introdução à Enfermagem e Saúde e Sociedade				
Fundamentos de Enfermagem				
Assistência de Enfermagem em Clínica Médica				
Assistência de Enfermagem em Saúde Coletiva				
Assistência de Enfermagem em Saúde da Mulher, Ginecologia e Obstetrícia				
Assistência de Enfermagem à Criança e ao Adolescente				
Assistência de Enfermagem em Clínica Cirúrgica				
Assistência de Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria				
Assistência de Enfermagem em Terapia Intensiva				
Assistência de Enfermagem em Urgências e Emergências				
Saúde do Idoso				
Técnicas de Enfermagem				

Questão 08 – Com relação aos conhecimentos gerais da área da saúde aplicados à Enfermagem adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	NIT	NIP	IP	IT
Anatomia Humana				
Fisiologia Humana				
Higiene e Profilaxia				
Imunologia				
Biossegurança				
Farmacologia				
Parasitologia				
Semiologia				
Microbiologia				
Nutrição e Dietética				

Questão 09 – Com relação aos conhecimentos de outras áreas aplicados à Enfermagem adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	NIT	NIP	IP	IT
Matemática				
Português				
Fundamentos da Administração				
Metodologia Científica e Apresentação de Trabalhos				
Tecnologia da Informação				
Ética e Legislação Profissional				

Observação 3: Oriente-se pela legenda a seguir para, caso seja solicitado, responder às questões 10.1, 11.1 e 12.1. (LEGENDA: SI – sem importância; PI – pouco importante; IND – indiferente; IMP – importante; e MI – muito importante).

Questão 10 – considero como “bons profissionais” todos os docentes do curso.

- () Sim. (Siga direto para a questão 11)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 10.1 e depois siga para a questão 11)

Questão 10.1 – a educação, também como outras áreas, está em constante evolução e os seus agentes precisam acompanhar esse movimento. Com relação aos aspectos em que os docentes precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	SI	PI	IND	IMP	MI
Planejamento da disciplina					
Planejamento das aulas					
Domínio de Conteúdo					
Didática (a teoria na prática)					
Assiduidade e pontualidade					
Sistema de avaliação					
Relacionamento Interpessoal					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 11 – considero como “bom” o respaldo institucional do Cefores, representado por sua direção e equipe técnica-administrativa.

- () Sim. (Siga direto para a questão 12)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 11.1 e depois siga para a questão 12)

Questão 11.1 – as instituições educacionais precisam se organizar colocando em prática uma administração a nível nacional adequando-a às suas realidades regionais. Essa não é uma fácil tarefa. Com relação aos aspectos em que a Direção do Cefores e sua equipe técnica-administrativa precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	SI	PI	IND	IMP	MI
Gestão participativa					
Retorno de requerimentos					
Abertura à comunidade					
Comunicação					
Imparcialidade					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 12 – considero como “bom” o respaldo pedagógico do Cefores, representado pelas coordenações do curso e pedagógica.

() Sim. (Siga direto para a questão 13)

() Não, nem todos. (Responda a questão 12.1 e depois siga para a questão 13)

Questão 12.1 – o processo ensino-aprendizagem promove o diálogo entre o conteúdo curricular (formal) e os conteúdos únicos (vivências, história, individualidade) tanto do professor quanto do estudante. Com relação às atuações das Coordenações Pedagógica e do curso, na condução desse processo, avalie cada um dos itens relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	SI	PI	IND	IMP	MI
Avaliação e acompanhamento do processo					
Avaliação da conduta docente no processo					
Avaliação do desempenho discente no processo					
Valorização da participação docente					
Organização e escolha dos recursos e materiais					
Promoção de práticas inovadoras de ensino					
Intermediação entre direção e corpos docente e discente					
Outro (especificar abaixo)					

Observação 4: Oriente-se pela legenda a seguir para responder à questão número 13. (LEGENDA: MR – Muito Ruim; R – Ruim; A – aceitável; B – Bom; e MB – Muito Bom).

Questão 13 – De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos existe um perfil profissional de conclusão para cada curso para o qual as instituições de ensino profissional devem conduzir seus discentes a atingi-los. Marque uma opção em cada afirmativa que descreva como o Cefores contribuiu no processo de sua aprendizagem em cada uma das atividades abaixo.

Atividade	MR	R	A	B	MB
Realizar curativos					
Administrar medicamentos e vacinas					
Administrar nebulizações					
Administrar banho de leito					
Realizar mensuração antropométrica					
Realizar verificação de sinais vitais					
Auxiliar a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação no processo saúde-doença					
Preparar o paciente para os procedimentos de saúde.					
Prestar assistência de enfermagem a pacientes clínicos e cirúrgicos e gravemente enfermos.					
Aplicar as normas de biossegurança					

APÊNDICE C

Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Segurança do Trabalho (modelo da concordância para a discordância)

Código: _____

Observação 1: Marque apenas uma opção para responder às questões de 01 a 06.

Questão 01 – Sou do gênero...

- masculino
 feminino
 outro:

Questão 02 – Estou na faixa etária...

- de 16 a 21 anos
 de 22 a 27 anos
 de 28 a 33 anos
 de 34 anos acima

Questão 03 – Moro...

- sozinho
 com família (pai, mãe, padrasto, madrasta, irmãos, avós, tios, cônjuge e/ou filhos). Especificar:

Questão 04 – A renda *per capita* mensal de onde moro é...

- zero
 entre zero e ½ salário mínimo
 entre ½ e 1 salário mínimo
 entre 1 e 2 salários mínimos
 entre 2 e 3 ½ salários mínimos
 entre e 3 ½ e 5 salários mínimos
 mais de 5 salários mínimos
 sem declaração

Questão 05 – Antes de ingressar no Cefores, minha formação escolar de nível médio foi...

- integral em escola pública
 integral em escola privada com bolsa
 integral em escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escola privada com bolsa
 parcial em escola pública e escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escolas privadas, com bolsa e sem bolsa

Questão 06 – Com relação à escolha do curso, leia atentamente e marque apenas uma opção.

- Escolhi este curso por vontade própria. É o que eu sempre quis fazer.
 Eu tinha que me profissionalizar e, naquele momento, era minha única opção.
 Escolhi este curso para atender a uma vontade dos meus pais.
 Eu estava indeciso, fiz vários testes e este foi o que eu consegui aprovar.
 Escolhi este curso para atender a uma demanda do mercado.
 Nenhuma das opções acima. Eu escolhi este curso para e/ou porque (responder com suas palavras) _____

Observação 2: Oriente-se pela legenda a seguir para responder às questões de 07 a 09, inclusive para disciplinas dispensadas. (LEGENDA: IT – Identifico-me totalmente; IP – Identifico-me em parte; NIP – Não me identifico em parte; e NIT – Não me identifico totalmente).

Questão 07 – Com relação aos conhecimentos específicos da área da Segurança do Trabalho adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	IT	IP	NIP	NIT
Introdução à Segurança e Saúde do Trabalho				
Higiene do Trabalho em Riscos Físicos				
Higiene do Trabalho em Riscos Químicos				
Biossegurança e Primeiros Socorros				
Prevenção e Controle de Riscos em Equipamentos Mecânicos				
Prevenção e Controle de Riscos em Instalações Elétricas				
Prevenção e Controle de Riscos na Construção Civil				
O Ambiente e as Doenças Ocupacionais				
Proteção contra Incêndios e Explosões				
Segurança do Trabalho Rural				
Programa de Prevenção de Riscos Ambientais e Mapa de Riscos				
Gestão da Saúde e Segurança Ocupacional				
Perícias e Laudo Técnico Pericial				
Gerência de Riscos				

Questão 08 – Com relação aos conhecimentos gerais da área da segurança aplicados à Segurança do Trabalho adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	IT	IP	NIP	NIT
Desenho Técnico				
Proteção do Meio Ambiente				
Informática Aplicada – Desenho Assistido por Computador				
Português Técnico				
Ergonomia				
Metodologia de Trabalho e Orientação de Estágio Supervisionado				

Questão 09 – Com relação aos conhecimentos de outras áreas aplicados à Segurança do Trabalho adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	IT	IP	NIP	NIT
Técnicas de Comunicação Oral e Escrita				
Fundamentos de Matemática e Estatística				
Informática Básica				
Gestão do Processo de Trabalho/Administração				
Direito e Legislação				
Relações Humanas, Ética e Psicologia				

Observação 3: Oriente-se pela legenda a seguir para, caso seja solicitado, responder às questões 10.1, 11.1 e 12.1. (LEGENDA: MI – muito importante; IMP – importante; IND – indiferente; PI – pouco importante; e SI – sem importância).

Questão 10 – considero como “bons profissionais” todos os docentes do curso.

- () Sim. (Siga direto para a questão 11)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 10.1 e depois siga para a questão 11)

Questão 10.1 – a educação, também como outras áreas, está em constante evolução e os seus agentes precisam acompanhar esse movimento. Com relação aos aspectos em que os docentes precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	MI	IMP	IND	PI	SI
Planejamento da disciplina					
Planejamento das aulas					
Domínio de Conteúdo					
Didática (a teoria na prática)					
Assiduidade e pontualidade					
Sistema de avaliação					
Relacionamento Interpessoal					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 11 – considero como “bom” o respaldo institucional do Cefores, representado por sua direção e equipe técnica-administrativa.

- () Sim. (Siga direto para a questão 12)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 11.1 e depois siga para a questão 12)

Questão 11.1 – as instituições educacionais precisam se organizar colocando em prática uma administração a nível nacional adequando-a às suas realidades regionais. Essa não é uma fácil tarefa. Com relação aos aspectos em que a Direção do Cefores e sua equipe técnica-administrativa precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	MI	IMP	IND	PI	SI
Gestão participativa					
Retorno de requerimentos					
Abertura à comunidade					
Comunicação					
Imparcialidade					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 12 – considero como “bom” o respaldo pedagógico do Cefores, representado pelas coordenações do curso e pedagógica.

- () Sim. (Siga direto para a questão 13)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 12.1 e depois siga para a questão 13)

Questão 12.1 – o processo ensino-aprendizagem promove o diálogo entre o conteúdo curricular (formal) e os conteúdos únicos (vivências, história, individualidade) tanto do professor quanto do estudante. Com relação aos aspectos em que as Coordenações Pedagógica e do curso, precisam melhorar na condução desse processo, avalie cada um dos itens relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	MI	IMP	IND	PI	SI
Avaliação e acompanhamento do processo					
Avaliação da conduta docente no processo					
Avaliação do desempenho discente no processo					
Valorização da participação docente					
Organização e escolha dos recursos e materiais					
Promoção de práticas inovadoras de ensino					
Intermediação entre direção e corpos docente e discente					
Outro (especificar abaixo)					

Observação 4: Oriente-se pela legenda a seguir para responder à questão número 13. (LEGENDA: MB – Muito Bom; B – Bom; A – aceitável; R – Ruim; MR – Muito Ruim).

Questão 13 – De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos existe um perfil profissional de conclusão para cada curso para o qual as instituições de ensino profissional devem conduzir seus discentes a atingi-los. Marque uma opção em cada afirmativa que descreva como o Cefores contribuiu no processo de sua aprendizagem em cada uma das atividades abaixo.

Atividade	MB	B	A	R	MR
Analisar os métodos e os processos laborais.					
Identificar fatores de risco de acidentes do trabalho, de doenças profissionais e de trabalho e de presença de agentes ambientais agressivos ao trabalhador.					
Realiza procedimentos de orientação sobre medidas de eliminação e neutralização de riscos.					
Elabora procedimentos de acordo com a natureza da empresa.					
Promove programas, eventos e capacitações.					
Divulga normas e procedimentos de segurança e higiene ocupacional.					
Indica, solicita e inspeciona equipamentos de proteção coletiva e individual contra incêndio.					
Levanta e utiliza dados estatísticos de doenças e acidentes de trabalho para ajustes das ações preventivas.					
Produz relatórios referentes à segurança e à saúde do trabalhador.					

APÊNDICE D

Questionário aplicado aos alunos do Curso Técnico em Segurança do Trabalho (modelo da discordância para a concordância)

Código: _____

Observação 1: Marque apenas uma opção para responder às questões de 01 a 06.

Questão 01 – Sou do gênero...

- masculino
 feminino
 outro:

Questão 02 – Estou na faixa etária...

- de 16 a 21 anos
 de 22 a 27 anos
 de 28 a 33 anos
 de 34 anos acima

Questão 03 – Moro...

- sozinho
 com família (pai, mãe, padrasto, madrasta, irmãos, avós, tios, cônjuge e/ou filhos). Especificar:

Questão 04 – A renda *per capita* mensal de onde moro é...

- zero
 entre zero e ½ salário mínimo
 entre ½ e 1 salário mínimo
 entre 1 e 2 salários mínimos
 entre 2 e 3 ½ salários mínimos
 entre e 3 ½ e 5 salários mínimos
 mais de 5 salários mínimos
 sem declaração

Questão 05 – Antes de ingressar no Cefores, minha formação escolar de nível médio foi...

- integral em escola pública
 integral em escola privada com bolsa
 integral em escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escola privada com bolsa
 parcial em escola pública e escola privada sem bolsa
 parcial em escola pública e escolas privadas, com bolsa e sem bolsa

Questão 06 – Com relação à escolha do curso, leia atentamente e marque apenas uma opção.

- Escolhi este curso por vontade própria. É o que eu sempre quis fazer.
 Eu tinha que me profissionalizar e, naquele momento, era minha única opção.
 Escolhi este curso para atender a uma vontade dos meus pais.
 Eu estava indeciso, fiz vários testes e este foi o que eu consegui aprovar.
 Escolhi este curso para atender a uma demanda do mercado.
 Nenhuma das opções acima. Eu escolhi este curso para e/ou porque (responder com suas palavras) _____

Observação 2: Oriente-se pela legenda a seguir para responder às questões de 07 a 09, inclusive para disciplinas dispensadas. (LEGENDA: NIT – Não me identifico totalmente; NIP – Não me identifico em parte; IP – Identifico-me em parte; e IT – Identifico-me totalmente).

Questão 07 – Com relação aos conhecimentos específicos da área da Segurança do Trabalho adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	NIT	NIP	IP	IT
Introdução à Segurança e Saúde do Trabalho				
Higiene do Trabalho em Riscos Físicos				
Higiene do Trabalho em Riscos Químicos				
Biossegurança e Primeiros Socorros				
Prevenção e Controle de Riscos em Equipamentos Mecânicos				
Prevenção e Controle de Riscos em Instalações Elétricas				
Prevenção e Controle de Riscos na Construção Civil				
O Ambiente e as Doenças Ocupacionais				
Proteção contra Incêndios e Explosões				
Segurança do Trabalho Rural				
Programa de Prevenção de Riscos Ambientais e Mapa de Riscos				
Gestão da Saúde e Segurança Ocupacional				
Perícias e Laudo Técnico Pericial				
Gerência de Riscos				

Questão 08 – Com relação aos conhecimentos gerais da área da segurança aplicados à Segurança do Trabalho adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	NIT	NIP	IP	IT
Desenho Técnico				
Proteção do Meio Ambiente				
Informática Aplicada – Desenho Assistido por Computador				
Português Técnico				
Ergonomia				
Metodologia de Trabalho e Orientação de Estágio Supervisionado				

Questão 09 – Com relação aos conhecimentos de outras áreas aplicados à Segurança do Trabalho adquiridos ao longo do curso, avalie cada conteúdo e marque apenas uma opção em cada um.

Conteúdos de...	NIT	NIP	IP	IT
Técnicas de Comunicação Oral e Escrita				
Fundamentos de Matemática e Estatística				
Informática Básica				
Gestão do Processo de Trabalho/Adminis-tração				
Direito e Legislação				
Relações Humanas, Ética e Psicologia				

Observação 3: Oriente-se pela legenda a seguir para, caso seja solicitado, responder às questões 10.1, 11.1 e 12.1. (LEGENDA: SI – sem importância; PI – pouco importante; IND – indiferente; IMP – importante; e MI – muito importante).

Questão 10 – considero como “bons profissionais” todos os docentes do curso.

- () Sim. (Siga direto para a questão 11)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 10.1 e depois siga para a questão 11)

Questão 10.1 – a educação, também como outras áreas, está em constante evolução e os seus agentes precisam acompanhar esse movimento. Com relação aos aspectos em que os docentes precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	SI	PI	IND	IMP	MI
Planejamento da disciplina					
Planejamento das aulas					
Domínio de Conteúdo					
Didática (a teoria na prática)					
Assiduidade e pontualidade					
Sistema de avaliação					
Relacionamento Interpessoal					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 11 – considero como “bom” o respaldo institucional do Cefores, representado por sua direção e equipe técnica-administrativa.

- () Sim. (Siga direto para a questão 12)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 11.1 e depois siga para a questão 12)

Questão 11.1 – as instituições educacionais precisam se organizar colocando em prática uma administração a nível nacional adequando-a às suas realidades regionais. Essa não é uma fácil tarefa. Com relação aos aspectos em que a Direção do Cefores e sua equipe técnica-administrativa precisam melhorar, avalie cada um dos relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	SI	PI	IND	IMP	MI
Gestão participativa					
Retorno de requerimentos					
Abertura à comunidade					
Comunicação					
Imparcialidade					
Outro (especificar abaixo)					

Questão 12 – considero como “bom” o respaldo pedagógico do Cefores, representado pelas coordenações do curso e pedagógica.

- () Sim. (Siga direto para a questão 13)
 () Não, nem todos. (Responda a questão 12.1 e depois siga para a questão 13)

Questão 12.1 – o processo ensino-aprendizagem promove o diálogo entre o conteúdo curricular (formal) e os conteúdos únicos (vivências, história, individualidade) tanto do professor quanto do estudante. Com relação às atuações das Coordenações Pedagógica e do curso, na condução desse processo, avalie cada um dos itens relacionados abaixo e marque apenas uma opção considerando o grau de importância que você dá para o mesmo.

Aspecto	SI	PI	IND	IMP	MI
Avaliação e acompanhamento do processo					
Avaliação da conduta docente no processo					
Avaliação do desempenho discente no processo					
Valorização da participação docente					
Organização e escolha dos recursos e materiais					
Promoção de práticas inovadoras de ensino					
Intermediação entre direção e corpos docente e discente					
Outro (especificar abaixo)					

Observação 4: Oriente-se pela legenda a seguir para responder à questão número 13. (LEGENDA: MR – Muito Ruim; R – Ruim; A – aceitável; B – Bom; e MB – Muito Bom).

Questão 13 – De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos existe um perfil profissional de conclusão para cada curso para o qual as instituições de ensino profissional devem conduzir seus discentes a atingi-los. Marque uma opção em cada afirmativa que descreva como o Cefores contribuiu no processo de sua aprendizagem em cada uma das atividades abaixo.

Atividade	MR	R	A	B	MB
Analisar os métodos e os processos laborais.					
Identificar fatores de risco de acidentes do trabalho, de doenças profissionais e de trabalho e de presença de agentes ambientais agressivos ao trabalhador.					
Realiza procedimentos de orientação sobre medidas de eliminação e neutralização de riscos.					
Elabora procedimentos de acordo com a natureza da empresa.					
Promove programas, eventos e capacitações.					
Divulga normas e procedimentos de segurança e higiene ocupacional.					
Indica, solicita e inspeciona equipamentos de proteção coletiva e individual contra incêndio.					
Levanta e utiliza dados estatísticos de doenças e acidentes de trabalho para ajustes das ações preventivas.					
Produz relatórios referentes à segurança e à saúde do trabalhador.					

APÊNDICE E - Tabulação das questões de 01 a 06 da Turma de Técnico em Enfermagem

Questão	Respostas	ENF 01	ENF 02	ENF 03	ENF 04	ENF 05	ENF 06	ENF 07	ENF 08	ENF 09	ENF 10	ENF 11	ENF 12	ENF 13	ENF 14	ENF 15	ENF 16	ENF 17
1	masculino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	feminino	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
2	de 16 a 21 anos	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
	de 22 a 27 anos	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
	de 28 a 33 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	de 34 anos acima	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	0
3	família	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	sozinho	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4	zero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	entre zero e 0,5 salário mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	entre 0,5 e 1 salário mínimo	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
	entre 1 e 2 salários mínimos	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1
	entre 2 e 3,5 salários mínimos	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0
	entre 3,5 e 5 salários mínimos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	mais de 5 salários mínimos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
sem declaração	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
5	integral em escola pública	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1
	integral em escola privada com bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	integral em escola privada sem bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	parcial em escola pública e escola privada com bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	parcial em escola pública e escola privada sem bolsa	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0
	parcial em escola pública e escolas privadas com bolsa e sem bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	vontade própria	0	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0
	tinha que se profissionalizar e esta era a única opção	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	para atender a uma vontade dos pais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	fez várias seleções e matriculou-se na que conseguiu aprovar-se	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	para atender a uma demanda do mercado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	nenhuma das opções	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

APÊNDICE F - Tabulação das questões de 01 a 06 da Turma de Técnico em Segurança do Trabalho

Questão	Respostas	TST 01	TST 02	TST 03	TST 04	TST 05	TST 06	TST 07	TST 08	TST 09	TST 10	TST 11	TST 12	TST 13	TST 14	TST 15	TST 16
1	masculino	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
	feminino	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1
2	de 16 a 21 anos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
	de 22 a 27 anos	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0
	de 28 a 33 anos	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	de 34 anos acima	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0
3	família	0	1 COMPA- NHEIRA	1 SEM RESPOSTA	1 IRMAS, SOBRINHAS, CUNHADO	0	0	1 MÃE	1 CONJUGE E FILHA	1 IRMÃ E SOBRINHA	1 CONJUGE, NETA E FILHA	1 CONJUGE	1 PAI, MÃE E IRMÃOS	1 MÃE, PAI, AVÓ E TIO	1 MÃE E IRMÃO	1 NAMO- RADA	1 MÃE, PADRASTO E FILHOS
	sozinho	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4	zero	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	entre zero e 0,5 salário mínimo	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	entre 0,5 e 1 salário mínimo	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	entre 1 e 2 salários mínimos	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1
	entre 2 e 3,5 salários mínimos	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0
	entre 3,5 e 5 salários mínimos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
	mais de 5 salários mínimos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	sem declaração	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
5	integral em escola pública	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	integral em escola privada com bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	integral em escola privada sem bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	parcial em escola pública e escola privada com bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	parcial em escola pública e escola privada sem bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	parcial em escola pública e escolas privadas com bolsa e sem bolsa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	vontade própria	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	0
	tinha que se profissionalizar e esta era a única opção	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
	para atender a uma vontade dos pais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	fez várias seleções e matriculou-se na que conseguiu aprovar-se	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	para atender a uma demanda do mercado	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	nenhuma das opções	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1

APÊNDICE G - Tabulação das questões de 07 a 14 da Turma de Técnico em Enfermagem

Questão	Respostas	ENF 01	ENF 02	ENF 03	ENF 04	ENF 05	ENF 06	ENF 07	ENF 08	ENF 09	ENF 10	ENF 11	ENF 12	ENF 13	ENF 14	ENF 15	ENF 16	ENF 17
7	Introdução à Enfermagem e Saúde e Sociedade	3	2	3	3	2	1	2	1	3	1	2	2	3	3	2	2	1
	Fundamentos de Enfermagem	3	3	3	3	2	2	3	1	3	2	3	2	3	3	3	2	2
	Assistência de Enfermagem em Clínica Médica	2	3	3	3	0	2	3	2	3	2	3	2	3	3	3	3	2
	Assistência de Enfermagem em Saúde Coletiva	3	3	3	3	0	2	2	2	3	2	2	3	3	2	3	3	2
	Assistência de Enfermagem em Saúde da Mulher, Ginecologia e Obstetria	3	3	3	3	2	3	3	2	3	3	3	3	1	3	3	3	3
	Assistência de Enfermagem à Criança e ao Adolescente	3	3	3	3	2	2	3	2	3	3	3	3	2	3	3	2	3
	Assistência de Enfermagem em Clínica Cirúrgica	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	2
	Assistência de Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	0	3	2	3	3	3	3
	Assistência de Enfermagem em Terapia Intensiva	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	2	1	3	3	3	2
	Assistência de Enfermagem em Urgências e Emergências	2	3	3	3	1	2	3	1	3	1	2	1	3	3	3	3	2
	Saúde do Idoso	3	3	3	3	1	2	2	2	3	2	2	2	3	3	2	3	2
	Técnicas de Enfermagem	3	3	3	3	2	2	3	2	3	3	3	3	2	3	3	2	3
Total da questão 7	32	35	36	36	21	25	33	24	36	23	30	24	36	34	33	30	26	
8	Anatomia Humana	3	3	3	3	3	1	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	2
	Fisiologia Humana	3	3	3	3	3	1	3	2	3	3	2	2	3	3	2	3	2
	Higiene e Profilaxia	3	3	3	3	2	2	2	2	3	3	3	2	3	3	3	3	2
	Imunologia	3	3	3	3	2	1	3	1	3	3	2	1	3	3	2	2	2
	Biossegurança	3	3	3	3	2	2	2	0	3	3	2	2	3	2	3	2	2
	Farmacologia	3	3	3	3	2	2	2	3	3	3	2	1	3	3	3	2	3
	Parasitologia	2	2	3	3	2	0	2	0	3	3	2	1	3	3	2	1	1
	Semiologia	2	3	3	3	3	2	3	1	3	3	2	2	3	3	2	1	2
	Microbiologia	2	2	3	3	2	0	2	1	3	3	2	1	3	3	2	1	1
	Nutrição e Dietética	3	1	3	1	2	0	2	0	3	2	2	2	3	0	0	0	0
Total da questão 8	27	26	30	28	23	11	24	13	30	28	22	17	30	26	21	18	17	
9	Matemática	3	2	3	2	1	2	1	3	3	3	2	1	3	3	2	2	3
	Português	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	2	2	3	2	2	2	1
	Fundamentos da Administração	2	1	3	3	2	2	1	2	3	1	2	1	3	3	2	2	1
	Metodologia Científica e Apresentação de Trabalhos	2	1	3	3	2	1	2	2	3	1	2	1	3	3	2	2	1
	Tecnologia da Informação	3	2	3	3	3	1	1	2	3	2	2	1	3	3	2	2	1
	Ética e Legislação Profissional	3	3	3	3	2	1	2	2	3	3	2	2	3	3	2	2	2
Total da questão 9	16	12	18	17	12	9	10	14	18	13	12	8	18	17	12	12	9	

Questão	Respostas	ENF 01	ENF 02	ENF 03	ENF 04	ENF 05	ENF 06	ENF 07	ENF 08	ENF 09	ENF 10	ENF 11	ENF 12	ENF 13	ENF 14	ENF 15	ENF 16	ENF 17	
10	Sim	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	
	Não	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1	0	1	0	
	Planejamento da disciplina	0	4	0	0	0	4	0	0	4	1	4	4	4	4	4	4	4	0
	Planejamento das aulas	0	4	0	0	0	4	0	0	4	1	4	3	4	4	4	4	4	0
	Domínio de Conteúdo	0	4	0	0	0	4	0	0	4	2	4	4	4	4	4	4	4	0
	Didática (a teoria na prática)	0	3	0	0	0	4	0	0	4	3	4	4	4	4	4	4	3	0
	Assiduidade e pontualidade	0	3	0	0	0	4	0	0	4	0	4	3	4	4	4	4	3	0
	Sistema de avaliação	0	3	0	0	0	4	0	0	4	4	4	3	4	4	4	4	3	0
	Relacionamento Interpessoal	0	3	0	0	0	4	0	0	4	0	4	4	4	4	4	4	4	0
	Outro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Total da questão 10.1	0	24	0	0	0	28	0	0	28	11	28	25	28	28	28	25	0	
11	Sim	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
	Não	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	Gestão participativa	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	0	4	0	0	4	0	
	Retorno de requerimentos	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	0	4	0	0	3	0	
	Abertura à comunidade	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	0	4	0	0	3	0	
	Comunicação	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	0	4	0	0	3	0	
	Imparcialidade	0	0	0	0	0	4	0	0	4	0	0	0	4	0	0	4	0	
	Outro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Total da questão 11.1	0	0	0	0	0	20	0	0	20	0	0	0	20	0	0	17	0		
12	Sim	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
	Não	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	Avaliação e acompanhamento do processo	0	0	0	0	0	4	0	0	4	3	0	0	4	0	3	4	0	
	Avaliação da conduta docente no processo	0	0	0	0	0	4	0	0	4	4	0	0	4	0	4	3	0	
	Avaliação do desempenho discente no processo	0	0	0	0	0	4	0	0	4	4	0	0	4	0	3	3	0	
	Valorização da participação docente	0	0	0	0	0	4	0	0	4	4	0	0	4	0	4	4	0	
	Organização e escolha dos recursos e materiais	0	0	0	0	0	4	0	0	4	4	0	0	4	0	3	3	0	
	Promoção de práticas inovadoras de ensino	0	0	0	0	0	4	0	0	4	3	0	0	4	0	4	4	0	
	Intermediação entre direção e corpos docente e discente	0	0	0	0	0	4	0	0	4	2	0	0	4	0	4	4	0	
	Outro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Total da questão 12.1	0	0	0	0	0	28	0	0	28	24	0	0	28	0	25	25	0		

Questão	Respostas	ENF 01	ENF 02	ENF 03	ENF 04	ENF 05	ENF 06	ENF 07	ENF 08	ENF 09	ENF 10	ENF 11	ENF 12	ENF 13	ENF 14	ENF 15	ENF 16	ENF 17
13	Realizar curativos	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3
	Administrar medicamentos e vacinas	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
	Administrar nebulizações	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4
	Administrar banho de leito	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4
	Realizar mensuração antropométrica	4	3	4	4	3	3	3	3	4	4	4	3	4	4	4	2	2
	Realizar verificação de sinais vitais	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
	Auxiliar a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação no processo saúde-doença	4	4	4	4	3	3	4	3	4	4	4	4	4	4	4	2	2
	Preparar o paciente para os procedimentos de saúde.	4	3	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3
	Prestar assistência de enfermagem a pacientes clínicos e cirúrgicos e gravemente enfermos.	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3
	Aplicar as normas de biossegurança	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3
	Total da questão 13	40	38	40	40	35	36	39	38	40	40	40	34	40	40	40	36	32
14	Hospitais	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	2	1
	Unidades de pronto atendimento	2	2	2	1	2	2	1	2	2	1	1	2	2	2	1	2	1
	Unidades básicas de saúde	2	2	2	2	2	1	2	0	2	2	1	1	2	2	2	1	2
	Clínicas	2	2	2	2	2	1	1	1	2	2	1	1	2	2	1	2	1
	Home care	2	2	2	2	2	2	1	1	2	2	1	1	2	2	1	1	1
	Centros de diagnóstico por imagem e análises clínicas	0	1	2	2	2	1	1	2	1	1	1	1	2	2	1	1	0
	Consultórios	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	1	2	1
	Ambulatórios	2	2	2	2	2	1	2	1	2	2	1	1	2	2	1	2	1
	Atendimento pré hospitalar	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	2	1
	Instituições de longa permanência	2	2	2	1	2	2	2	1	1	2	1	2	2	2	1	2	1
	Organizações militares	1	1	2	0	1	1	1	2	1	1	1	1	2	2	1	2	1
Total da questão 14	18	20	22	18	21	17	17	16	19	19	12	15	22	22	12	19	11	

APÊNDICE H - Tabulação das questões de 07 a 14 da Turma de Técnico em Segurança do Trabalho

Questão	Respostas	TST 01	TST 02	TST 03	TST 04	TST 05	TST 06	TST 07	TST 08	TST 09	TST 10	TST 11	TST 12	TST 13	TST 14	TST 15	TST 16
7	Introdução à Segurança e Saúde do Trabalho	2	1	2	3	3	2	3	2	2	2	3	2	3	2	2	3
	Higiene do Trabalho em Riscos Físicos	2	2	3	2	3	2	2	2	3	3	3	1	3	2	0	3
	Higiene do Trabalho em Riscos Químicos	2	2	2	3	3	2	3	2	3	3	2	1	3	2	1	3
	Biossegurança e Primeiros Socorros	2	1	0	2	3	2	2	3	3	3	2	1	3	1	2	3
	Prevenção e Controle de Riscos em Equipamentos Mecânicos	2	3	3	2	3	2	2	3	3	3	2	1	3	1	3	3
	Prevenção e Controle de Riscos em Instalações Elétricas	2	3	3	2	3	2	2	3	0	3	2	1	3	1	3	3
	Prevenção e Controle de Riscos na Construção Civil	3	3	3	1	3	2	3	2	3	3	2	1	3	2	3	3
	O Ambiente e as Doenças Ocupacionais	2	2	2	2	3	2	3	3	1	2	3	1	3	1	2	3
	Proteção contra Incêndios e Explosões	3	2	3	2	3	2	3	2	3	2	1	0	2	1	3	3
	Segurança do Trabalho Rural	2	2	3	0	3	2	2	3	0	3	2	0	3	2	0	3
	Programa de Prevenção de Riscos Ambientais e Mapa de Riscos	3	2	2	2	3	2	3	2	1	2	2	2	3	2	1	2
	Gestão da Saúde e Segurança Ocupacional	2	2	2	2	3	2	3	3	1	2	2	1	3	1	3	3
	Perícias e Laudo Técnico Pericial	3	3	2	1	3	2	2	3	2	2	2	2	3	1	3	3
	Gerência de Riscos	3	2	2	2	3	2	3	3	2	2	2	2	3	1	3	3
Total da questão 7	33	30	32	26	42	28	36	36	27	35	30	16	41	20	29	41	
8	Desenho Técnico	1	2	2	3	2	0	0	0	2	2	3	1	0	2	0	1
	Proteção do Meio Ambiente	1	2	3	2	3	3	3	3	1	3	3	0	3	1	0	3
	Informática Aplicada – Desenho Assistido por Computador	2	2	2	2	3	1	2	0	0	3	1	1	0	2	0	1
	Português Técnico	1	2	2	1	2	2	3	3	3	2	2	2	3	1	3	3
	Ergonomia	2	1	3	3	3	3	3	3	2	2	2	1	3	2	3	3
	Metodologia de Trabalho e Orientação de Estágio Supervisionado	1	2	3	3	3	2	3	3	3	3	0	1	3	2	0	2
	Total da questão 8	8	11	15	14	16	11	14	12	11	15	11	6	12	10	6	13
9	Técnicas de Comunicação Oral e Escrita	1	2	2	2	2	2	3	3	3	3	2	2	3	1	1	3
	Fundamentos de Matemática e Estatística	1	2	3	1	3	2	3	3	1	3	2	2	3	3	2	3
	Informática Básica	2	2	3	3	3	3	2	3	2	3	2	2	3	3	3	3
	Gestão do Processo de Trabalho/Administração	1	1	2	3	3	2	2	3	0	2	2	2	3	2	3	3
	Direito e Legislação	2	0	2	1	2	3	2	2	3	2	2	1	3	1	0	3
	Relações Humanas, Ética e Psicologia	2	2	2	2	2	3	2	3	3	2	2	1	2	1	3	3
	Total da questão 9	9	9	14	12	15	15	14	17	12	15	12	10	17	11	12	18

Questão	Respostas	TST 01	TST 02	TST 03	TST 04	TST 05	TST 06	TST 07	TST 08	TST 09	TST 10	TST 11	TST 12	TST 13	TST 14	TST 15	TST 16	
10	Sim	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	
	Não	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	0	1	1	0	1	0	
	Planejamento da disciplina	0	3	4	3	4	4	4	4	4	2	4	4	4	0	3	0	
	Planejamento das aulas	0	3	4	3	4	4	4	4	4	2	4	4	4	0	3	0	
	Domínio de Conteúdo	0	4	4	3	4	1	4	4	4	2	4	4	4	0	3	0	
	Didática (a teoria na prática)	0	3	3	4	4	3	4	4	4	2	4	4	4	0	4	0	
	Assiduidade e pontualidade	0	4	1	3	4	0	1	4	4	4	4	4	3	3	0	1	0
	Sistema de avaliação	0	3	1	4	4	1	4	4	4	1	3	4	2	4	0	4	0
	Relacionamento Interpessoal	0	3	4	3	4	3	4	4	4	3	3	4	3	4	0	4	0
	Outro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0
Total da questão 10.1	0	23	21	23	28	16	25	28	27	18	28	24	27	0	22	0		
11	Sim	1	1	1	0	0	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1	
	Não	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	
	Gestão participativa	0	3	0	4	4	0	0	0	4	0	4	0	0	0	0	0	
	Retorno de requerimentos	0	0	0	4	4	0	0	0	4	0	4	0	0	0	0	0	
	Abertura à comunidade	0	0	0	3	3	0	0	0	4	0	4	0	0	0	0	0	
	Comunicação	0	0	0	4	4	0	0	0	4	0	4	0	0	0	0	0	
	Imparcialidade	0	0	0	2	3	0	0	0	4	0	4	0	0	0	0	0	
	Outro	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	
	Total da questão 11.1	0	3	0	17	18	0	0	0	24	0	20	0	0	0	0	0	
12	Sim	1	1	1	0	0	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	
	Não	0	0	0	1	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	
	Avaliação e acompanhamento do processo	0	0	0	3	4	0	4	0	4	2	4	0	0	0	0	0	
	Avaliação da conduta docente no processo	0	0	0	4	4	0	4	0	4	2	4	0	0	0	0	0	
	Avaliação do desempenho discente no processo	0	0	0	3	4	0	4	0	4	2	4	0	0	0	0	0	
	Valorização da participação docente	0	0	0	3	4	0	4	0	3	2	3	0	0	0	0	0	
	Organização e escolha dos recursos e materiais	0	0	0	4	4	0	4	0	3	3	3	0	0	0	0	0	
	Promoção de práticas inovadoras de ensino	0	0	0	3	4	0	3	0	4	2	3	0	0	0	0	0	
	Intermediação entre direção e corpos docente e discente	0	0	0	4	3	0	3	0	4	2	3	0	0	0	0	0	
	Outro	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	
Total da questão 12.1	0	0	0	24	27	0	26	0	30	15	24	0	0	0	0	0		

Questão	Respostas	TST 01	TST 02	TST 03	TST 04	TST 05	TST 06	TST 07	TST 08	TST 09	TST 10	TST 11	TST 12	TST 13	TST 14	TST 15	TST 16
13	Analisar os métodos e os processos laborais.	2	3	3	2	3	3	3	3	1	3	2	3	4	3	1	3
	Identificar fatores de risco de acidentes do trabalho, de doenças profissionais e de trabalho e de presença de agentes ambientais	3	4	4	3	2	4	4	3	3	4	3	3	4	4	4	3
	Realiza procedimentos de orientação sobre medidas de eliminação e neutralização de riscos.	3	4	3	3	3	4	4	3	2	4	4	2	4	3	4	3
	Elabora procedimentos de acordo com a natureza da empresa.	2	4	3	2	2	4	3	3	3	3	3	2	4	2	3	3
	Promove programas, eventos e capacitações.	2	4	4	2	3	4	3	3	3	2	3	2	4	2	4	3
	Divulga normas e procedimentos de segurança e higiene ocupacional.	3	4	3	3	2	4	3	3	4	2	4	2	4	2	4	3
	Indica, solicita e inspeciona equipamentos de proteção coletiva e individual contra incêndio.	2	3	4	2	3	4	3	3	3	2	4	3	4	2	4	3
	Levanta e utiliza dados estatísticos de doenças e acidentes de trabalho para ajustes das ações preventivas.	2	3	2	2	3	4	4	3	2	3	4	3	4	2	2	3
	Produz relatórios referentes à segurança e à saúde do trabalhador.	2	1	2	1	2	2	4	3	2	3	4	3	4	2	3	3
Total da questão 13	21	30	28	20	23	33	31	27	23	26	31	23	36	22	29	27	
14	Indústrias	1	1	2	2	2	2	1	1	1	1	0	2	2	0	0	2
	Hospitais	1	1	1	0	2	2	1	1	1	2	0	2	0	0	2	2
	Comércios	1	1	2	1	2	2	2	1	0	1	1	2	0	2	0	2
	Construção civil	2	1	2	1	2	2	1	0	1	2	1	0	2	0	2	2
	Portos e aeroportos	1	1	0	1	2	1	0	1	0	2	0	0	0	0	0	2
	Centrais de logística	1	1	1	0	2	1	0	1	0	0	0	2	0	0	2	2
	Instituições de ensino	2	0	1	2	2	1	0	1	0	2	1	2	0	1	1	2
	Fábricas e empresas representantes de equipamentos de segurança	1	0	2	1	2	2	1	2	1	2	1	0	2	0	2	2
	Empresas e consultorias para capacitações em segurança do trabalho	1	0	2	1	2	2	1	2	1	2	1	2	2	1	0	2
	Total da questão 14	11	6	13	9	18	15	7	10	5	14	5	12	8	4	9	18

APÊNDICE I

TEXTO DOS CONVITES PARA AS ENTREVISTAS

Boa tarde [nome do sujeito], tudo bem? Aqui é a Núbia do Cefores. Fui eu quem aplicou um questionário em sua turma sobre minha pesquisa de mestrado com o tema Identidade Profissional. Faço contato com você novamente porque, após análises às respostas, me interessei pelo seu perfil e gostaria de convidar você para uma entrevista individual e pessoal, com duração prevista de 15 minutos. Ressalto que não há necessidade de se deslocar, pois poderei me dirigir até você, caso prefira. Lembrando que, se você aceitar, sua identidade permanecerá resguardada, conforme compromisso que eu fiz publicamente perante sua turma e protocolado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM. O seu aceite é muito importante para contribuir nesta pesquisa que, com certeza, somará resultados para atuação positiva do Cefores na Educação Profissional de nossa região. Aguardo seu retorno para agendarmos um dia e horário. Respeitosamente, Núbia Nogueira.

APÊNDICE J

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 02

23/08/2018, 12h00, Restaurante Cascata

ENF 02 é mulher, entre 22 e 27 anos de idade, mora com cônjuge, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 35, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 26, considerado também como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e, numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi 24 para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Contudo, acredita que todos os demais profissionais são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 38 para o Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 20, considerado como um conceito de *preparação*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com a educanda ENF-02. Você colocou, em sua observação, que você está na faixa etária entre 22 e 27 anos e que está casada. Há quanto tempo já, mais ou menos?

ENF 02: Há três anos.

P: Esse tempo que você ficou na escola pública, você já teve contato com a área da saúde nessa época?

ENF 02: Não não. A única... O único contato que eu tive foi como acompanhante do meu avô, né, que veio a ter um problema de saúde, né e... e eu fiquei acompanhando ele no hospital no período de internação. Foi aí que despertou a vontade de fazer o curso.

P: Interessante. Mas deixa eu te perguntar, que idade mais ou menos você tinha nessa época que você teve esse contato na área da saúde com o seu avô?

ENF 02: Foi há 9 anos atrás. Então eu tinha... tinha uns dezesseis anos.

P: Estava ainda na adolescência então.

ENF 02: É. Era novinha ainda, com dezesseis anos.

P: E você teve que fazer esse acompanhamento com ele sozinha ou você tinha outras pessoas da família?

ENF 02: Não não. Agente revezava com o pessoal da família, tios.

P: Mas você ajudava?

ENF 02: Sim. Eu ia mais pra acom..., é... pra ficar por conta de acompanhante ou... ou como visitante mesmo no hospital.

P: É, mas interessante né, é que essa questão assim parece que brotou um sentimento tanto é pelo cuidado com a pessoa ali enferma, né. Muito interessante isso. Deixa eu te perguntar uma outra coisa, aí o seu avô conseguiu se recuperar disso?

ENF 02: Não não. Ele veio a falecer três meses depois. Três, quatro meses.

P: E ele ficou esse tempo todo no hospital?

ENF 02: Esse tempo todo no hospital. Teve um período só, no finalzinho, que já não tinha mais, é..., recursos, era cuidados paliativos, aí o médico liberou para ir pra casa. Aí quando retornou ao hospital novamente ele veio a óbito.

P: Então né, isso aí foi uma coisa bem intensa, né? Esses três meses intensamente vividos naquele momento, né?

ENF 02: Isso. Foi assim... foi pé... é, foi bem próximo também a um outro episódio né, que eu já tinha passado né, uma outra perda muito significativa né, que foi a perda do meu filho e... e ele sempre dizia que eu é que era a enfermeira dele. Ele me via como a enfermeira dele.

P: Nossa.

ENF 02: Então agente... prestava os cuidados sem saber que tava prestando né?

P: Sim, fazendo de coração.

ENF 02: Isso, exatamente.

P: Vamos lá então. Você colocou aqui no seu questionário que você sempre se identificou com a área da saúde. Você já entrou no curso Técnico em Enfermagem trabalhando na área?

ENF 02: Não não. Primeiramente eu... assim que eu saí do Ensino Médio eu fui cursar... é... Licenciatura... em Letras que era uma outra área também que eu sou... apaixonada né, com a Licenciatura, a docência... e... e pelo motivo da... da... doença, da enfermidade do meu avô eu vim a cur... a despertar essa vontade de cursar a área da saúde... então eu tranquei o curso de Licenciatura e iniciei o técnico em enfermagem.

P: E por acaso você pretende voltar a concluir...

JUNTAS: a Licenciatura?

ENF 02: Penso sim. Penso porque eu vejo que a... área de licen... de... qualquer licenciatura em si tá muito defasada, não tá tendo mais profissionais, né. Eu vejo que não... que está em falta no mercado profissionais

P: E quem sabe, você futuramente não poderia unir as duas profissões né?

ENF 02: Exatamente.

P: Muito interessante.

ENF 02: Para eu tá iniciando esse curso, ou melhor, para eu tá terminando o curso foram idas e vindas, assim, diversas. Eu iniciei com letras, parei. Fui fazer enfermagem, cursei um certo tempo, parei. Fui fazer Biologia, depois de Biologia, eu parei, vi que não era aquilo que eu queria, que eu queria mesmo a enfermagem. Voltei pra enfermagem e depois tive problemas financeiros, não estava conseguindo custear o valor do curso, né. Aí eu parei novamente e... e depois inici... é, retornei né, como já tinha passado na.. na... na instituição federal, aí deu certo de... de dar continuidade.

P: Nossa, que trajetória a sua.

ENF 02: Foram assim, três vezes no mesmo curso.

P: E quando você fez o processo seletivo, lá no Cefores, de primeira você passou ou você tentou outras vezes?

ENF 02: Não não. Foi a primeira vez que eu havia tenta... é... prestado né, é a prova, por processo seletivo.

P: Eu percebi que você entrou por ingresso...

JUNTAS: inicial

P: vagas iniciais

ENF 02: Isso, vaga inicial, só que eu fui a última a ser chamada. Então eu já tava assim, desistindo. Porque... eu fui na última chamada né, em oitava chamada né, depois de desistências, de... então eu já tinha até desistido... tinha iniciad... tinha me matriculado no curso de magistério... porque ficar sem estudar eu não posso... eu tenho que dar continuidade em alguma coisa... foi quando eu recebi a ligação que eu havia passado né

P: várias pessoas foram chamadas até chegar em você. Essa vaga era sua. E, durante o curso, como que você foi se sentindo? Você chegou meio ressabiada, com medo as vezes de não dar certo... mas vc teve um contato um pouco antes né, em outras instituições.

ENF 02: Como eu cheguei depois da turma já ter iniciado o curso, né, umas duas semanas depois, eu já fiquei meio... um pouco... não tão perdida, mas... já peguei o bonde andando, como se diz né. Então eu tive que correr para acompanhar as matérias pra dar continuidade né... Eu não quis eliminar matérias dos cursos que eu já havia feito né porque eu queria

iniciar... como já tinha um tempo que eu tava parada né nessa área da saúde, eu queria iniciar desde o comecinho mesmo pra pegar todo o processo

P: e vc pretende continuar também na área da enfermagem?

ENF 02: Então, essa é uma questão que eu ainda tô me... me identificando... porque eu trabalho em outra área... da saúde também, mas na área de farmácia há seis anos, que é uma área que eu também gosto muito e tem muito... muito contato, me identifico bem, né

P: E é na farmácia hospitalar né?

ENF 02: Farmácia hospitalar.

P: Bem interessante.

ENF 02: Trabalhei três anos em farmácia hospitalar de uma outra instituição e surgiu a oportunidade nessa outra instituição, eu vim pra cá também.

P: Tá, então você ainda está tentando se identificar?

ENF 02: Isso, exatamente.

P: Mas você gosta da área da enfermagem?

ENF 02: Ai, gosto sim.

P: Ok, tem alguma coisa que você queira falar para as pessoas que estão ingressando no mercado, que estão tentando descobrir qual a sua vocação?

ENF 02: É tudo a seu tempo. Não adianta querer fazer... é... conforme... o pai quer... o amigo quer, porque assim que... muitos de... o que desejam... assim que acabam o Ensino Médio, é tá cursando... tem que tá tudo programado, fazem da vida, assim, uma lista de contas, né... tem que ser... tem que formar, tem que casar... tá tudo certinho, né... mas não, muitas vezes acontecem... que nem no meu percurso mesmo aconteceu... aconteceram várias... vários imprevistos né, que... que não pôde dar com... é... continuidade ou pôde com... é... não pude concluir etapas, né... então muitas vezes é preciso um passo de cada vez na sua vida pra poder... é conseguir alcançar o objetivo

P: eu estou muito feliz em ter conversado com você. Posso encerrar a nossa entrevista e a gravação?

ENF 02: Sim.

P: Ok, obrigada. | FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE K

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 01

27/08/2018, 18h30, residência da pesquisadora

TST 01 é homem, entre 22 e 27 anos de idade, mora sozinho, possui renda *per capita* entre 0 e 0,5 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST para atender a uma demanda do mercado. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 33, considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 8, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 9, também considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Ele acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 21, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 11, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com TST 01. Então vamos lá. Você marcou que você tá na faixa etária de 22 a 27 anos e que mora sozinho, né? E, você colocou sua opção na questão 06 que escolheu o curso Técnico em Segurança do Trabalho porque você gostaria de atender a uma demanda do mercado, que foi essa escolha sua?

TST 01: O mercado de Técnico de Segurança do Trabalho, ele é bem atrativo hoje porque as multinacionais, elas tentam procurar mais e mais a qualificar os trabalhadores porque questão da segurança do trabalho ela é bem útil. E como esse campo tá assim bem aberto, bem divulgado, então é uma boa oportunidade que eu possa fazer esse curso pra que eu possa conseguir uma renda melhor e que eu possa também o mercado de trabalho atuar.

P: Então você quer dizer que já iniciou o curso pensando nessa possibilidade de atuação em multinacionais?

TST 01: Isso. A princípio eu já fazia o curso, peguei transferência do curso. Já fazia porque a minha opção era outra coisa. Mas só que atualmente eu tava sem trabalhar. Também tava sem

estudar, eu decidi escolher um curso que eu possa gostar e também eu possa ganhar no mercado, ganhar questões é... benefícios que quase uma pessoa graduada possa ganhar. Essa foi a possibilidade que eu tive e consegui.

P: E me conta um pouco, então, da sua rotina. Pra você, quando estava cursando as aulas, como era sua rotina durante o dia?

TST 01: A rotina durante o dia, na... durante o dia, ela é bem cansativa. Estudar, depois tem que trabalhar, depois tem que fazer outras coisas. Então é bem cansativo. Por isso na minha opção eu disse que como é um curso que é voltado muito para o mercado de trabalho, pra atender a demanda do trabalho, ele deveria ser mais curto, porque é pras pessoas mais maduras, mais velhas, que possa ter essa qualificação, que possa atender o mercado. Então ele deveria ser curto por causa do tempo que nem todas essas pessoas tem tempo pra fazer o curso. É tão provável que mais de 50% das pessoas que entram no curso de Segurança do Trabalho, pelo menos lá no Cefores, eles desistem, por questão de trabalho, questão em casa e diversas outras coisas. Então ele deveria ser mais curto. Pra mim é muito puxado. E por diversos motivos, e por trabalho, como eu já falei, estudar... estudo em outra instituição. Então isso atrapalha um pouco, mas o curso é muito bom, qualificado. Acredito que seja o melhor curso de Técnico em Segurança aqui em Uberaba, com professores qualificados, doutor, mestre, especialista. Mas o ponto negativo que eu vejo no curso deveria ter uma duração menor e que também ter um incentivo melhor pra tivesse poucas desistências ou alguma coisa deveria fazer porque é muito alto o número de desistência em um curso. Então é... não é viável pro governo, pra instituição que demanda essas pessoas, essas verbas que possa fazer a manutenção do curso, pra que possam desistir. Então o curso dever ter essa estratégia, claro, por várias e várias, outras hipóteses, não considerando em minha opinião.

P: É... eu ia te colocar que foi percebido mesmo esse item considerado elevado de evasão nessa pesquisa que eu fiz desde quando teve a 1ª chamada, em 2016, para o curso noturno. Então já é lançado um número de vagas alto pensando exatamente nessa evasão. Mas continuando com as perguntas que eu gostaria de fazer para você, vamos dar sequência. Como me disse você está cursando em outra instituição. O que você está fazendo nessa outra instituição?

TST 01: Nessa outra instituição o curso que eu faço é graduação em engenharia civil. Esse curso, ele além de ser muito atrativo, porque só na teoria ele me atrai, os cálculos. Você faz o cálculo I, cálculo II, estrutura, cálculo de rodovia, pra fazer pavimentação, o estudo do tráfego. E são muito, muito bom só na teoria. O certo que tem umas partes que deixa muito a desejar, mas na teoria como o grosso do curso, simplesmente na teoria. Questão de eu

aprender e saber a colocar isso em prática já é muito importante para mim. Fico muito feliz pelo aquilo que eu tô fazendo. Que eu tô aprendendo e que eu vou me dar bem. Tem essa questão. É isso aí.

P: Deixa eu te fazer mais uma pergunta. É o seguinte, você disse que gosta da área, essa que eu acabei de falar que é a Engenharia Civil. Dentro da Engenharia Civil que você começou a cursar, que você viu essa possibilidade de tá especializando na área de Segurança do Trabalho ou já foram coisas distintas que você viu possibilidades de aperfeiçoamento, ou seja, não uma dentro da outra?

TST 01: A princípio, como eu já tinha dito, eu fazia o curso técnico de Segurança do Trabalho. Depois, na metade, eu tive que parar o curso técnico de segurança do trabalho em outra escola e tive que fazer... começar a graduação. Eu tinha duas opções de curso: ou fazer Direito ou fazer Engenharia Civil. Terminei caindo em Engenharia Civil, que também é uma parte que eu gosto, tanto que Direito, como Engenharia Civil. E a partir dessa escolha, eu não pensava em especialização em Segurança do Trabalho. Porque não? Porque o mercado é muito pequeno pro engenheiro. Você tem ideia, a norma, ela dimensiona cada quantidade de funcionário pra um engenheiro. Se não me engano, pra cada 500 pessoas, um engenheiro, ou nem(além) isso. Não tô lembrando direito. Imagine em uma empresa, como tem muitas pessoas se especializando nessa área, que é uma área fácil de atuar em algumas partes. Então, ela se torna muito inchado, pela quantidade de pessoas que você tem que tomar conta. Só pela responsabilidade de um engenheiro. Então a minha que pretendo fazer, a especialização, caso um venha a me atrair, um mercado que possa me atrair como engenheiro, não como técnico. Técnico já me atrai por questão de salário. Mas como engenheiro não. Porque é muito pequeno demais pro engenheiro para a entrar na empresa. Então não tenho esse pensamento até agora em fazer especialização de segurança do trabalho. O meu curso Técnico de Segurança do Trabalho vai me ajudar futuramente. Eu tenho um bom conhecimento. Trabalhar como engenheiro e poder ter conhecimento das áreas de segurança do trabalho que eu possa fazer e atuar. Fazer uma pesquisa hoje, na faculdade ou qualquer lugar, a maioria sai sem saber o mínimo de segurança do trabalho. Só conhece as coisas básicas. Ao contrário que eu já sei, tenho uma capacitação além deles, eu posso entrar... tenho uma facilidade maior de entrar no mercado de trabalho por causa disso. Essa é a minha estratégia. Capacitar mais, ter o conhecimento um pouco a mais para que eu possa ter uma vantagem além das outras pessoas. Essa é a minha estratégia. Mas, especialização, agora eu não penso. Penso em fazer em outras coisas.

P: E qual que é a sua atividade econômica agora?

TST 01: A minha atividade econômica que eu faço... Terminei uma pesquisa... fiz uma pesquisa. Sou bolsista do CNPq... Agora tô atualmente comecei a trabalhar como efetivo e só. Só isso mesmo nessa questão. Minha principal atividade é ser efetivo numa área administrativa.

P: Você colocou aqui nessa questão 14 que você se sente preparado em dois campos, segundo o catálogo nacional de cursos técnicos. Que seria a construção civil e aí agente faz essa análise com relação em estar cursando a Engenharia Civil. Então seria por isso a resposta a essa opção sua. E marcou também por instituições de ensino. É um desejo seu atuar na área acadêmica também?

TST 01: Olha só, eu olho tudo a exemplo dos meus professores. Os meus professores da área de Segurança do Trabalho ou da Engenharia Civil. Por exemplo, hoje, o mercado pra engenheiro tá ruim, como uma das possibilidades que pode pagar um pouquinho mais. Pensou? Então, essa minha estratégia. Um lado tá ruim? Tem o outro! E outra, também que futuramente, com certeza, pretendo, uma empresa... aquilo outro... Mas eu não conheço o futuro. É melhor eu me preparar para ele. O futuro é incerto, eu não conheço. Então eu fazendo uma especialização, fazendo um mestrado ou me qualificando mais um pouco ainda, eu tenho duas opções de mercado. Quando um tiver ruim, tem o outro, ou posso trabalhar na empresa e durante outro momento fazer também... ensinar. Isso vai melhorar minha renda, melhorar qualidade de vida. Então essa é minha estratégia. É como veja também meus professores, que além de ensinar, eles trabalham pessoalmente com projetos e outras coisas. Tanto os professores da Segurança do Trabalho como os da Engenharia Civil. Tô adotando essa estratégia também.

P: Então você tá trabalhando com essas duas áreas, né?

TST 01: Isso. As duas áreas.

P: Então assim, já quase finalizando nossa entrevista. Você, terminando a sua graduação, também terminando os estágios que ainda lhe faltam na Segurança do Trabalho, você tendo assim esses dois diplomas em mãos, você acredita que você vai ter se identificado com essas duas profissões, unindo elas da forma como você falou?

TST 01: Isso. Eu tenho, porque elas trabalham juntas. Exemplo: na construção civil, dependendo do número de funcionários, do grau de risco que tem, é obrigado ter o Técnico de Segurança do Trabalho. Ou seja, eu como engenheiro, vou ter um conhecimento em relação a isso. Exemplo: chegar um Técnico de Segurança do Trabalho, ele vai ter um conhecimento maior do que eu se eu não tenho. Mas se eu tô me preparando com esses dois diplomas, eu vou tá também mais preparado nesse mercado da construção civil.

P: Então você acha que embora tenha escolhido essas profissões por conta de uma demanda do mercado, mesmo assim você se sentirá bem atuando nelas?

TST 01: Isso. Vou se sentir bem melhor, eu trabalhando e comparando meu salário, entende? Porque não tem funcionário que trabalha e quando pega seu salário e veja: ah tá, tô ganhando justo mesmo. Eu vou ficar satisfeito quando trabalhar e ver que meu salário tá sendo justo com meu trabalho. Porque um funcionário para trabalhar bem ele tem que ganhar adequado com aquilo. Porque nenhum funcionário vai trabalhar bem ganhando pouca coisa. Sente insatisfeito, não fica feliz, produz menos. Isso é desde antigamente, com essas 44 horas que foram criados. Isso aí nem foi aqui no Brasil. Foi antes mesmo. Ou seja, eles viram que essas estratégias que quanto menos ele ganha, mais um pouquinho trabalhando menos, eles produziam mais. Então nessas partes de administração, gosto também. Gosto também da parte de legislação. Gosto da engenharia civil, principalmente na parte de execução, elaboração de projetos, segurança do trabalho gosto também. Na verdade, gosto parcialmente de tudo mais que identifico e é essas 3 coisas: Civil, Direito e Administração. Segurança do trabalho tá vinculada a área do engenheiro. Qualquer engenheiro tem que ter isso.

P: É, pela nossa conversa aqui já deu pra saber porque você foi indicado pela coordenação do curso para fazer o teste do questionário com agente. E eu agradeço aqui, aproveitando a gravação, pelas contribuições que você fez no meu questionário. Então a última pergunta e já vou encerrar a gravação. O que você gostaria de dizer, ou se não tem nada a dizer, só falar um tchau, pras pessoas que estão concluindo os seus cursos de qualificação profissional técnica?

TST 01: Olha, eu mas é... veja que acho melhor pras pessoas que nem eu vejo. As pessoas hoje não procura se qualificar bem. Ela procura em ganhar bem. Isso existe muito. Vou citar uma linguagem informal, tipo: panelinha. Sempre enquanto existir essas pessoas dentro da empresa, de instituições, sempre vai ter aquelas pessoas estudantes, sempre. Pegar sempre assim, não vou estudar, me aprovando, tudo bem, ganhando bem. Essas pessoas estão sendo criadas, ensinadas, no ambiente familiar de uma forma mais irônica. Aí então eu vejo assim: que você tem que estudar, a procurar aquilo que você quer, que você gosta e vê também essas estratégias de mercado: como o mercado tá hoje, como pretende futuramente. Vê uma área que todos tenham sucesso e sempre procurar fazer isso aí na... sempre procurar estudar e qualificar. Mas ainda só isso mesmo.

P: Então muito obrigada. Encerro a entrevista com o educando TST 01. | FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE L

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 04

31/08/2018, 15h00, Biblioteca da UFTM

TST 04 é homem, entre 22 e 27 anos de idade, mora com irmãs, sobrinhas e cunhado, possui renda *per capita* entre 0,5 e 1 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST porque tinha que se profissionalizar e esta era a única opção. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 26, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 14, também considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ele acredita que nem todos os profissionais do Cefores são bons. Quanto aos docentes, numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 23. Quanto ao corpo administrativo, numa escala de 0 a 20, o resultado foi 17. Já quanto às coordenações, o resultado, numa escala de 0 a 30, foi 24. Todos esses três resultados referiram-se aos aspectos nos quais esses profissionais precisam melhorar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 20, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 9, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com educando TST 04. Boa tarde. Nós estamos aqui pra te entrevistar pela sua trajetória de ter concluído o curso Técnico em Segurança do Trabalho. Você é natural aqui de Uberaba?

TST 04: Não.

P: De onde você é?

TST 04: Sou lá natural de Itaituba. Estado do Pará, mas residi boa parte da minha vida no Estado do Maranhão. Aos 2 anos me mudei para o Estado do Maranhão e permaneci lá até os 22 anos. Foi quando eu me mudei pro Estado de Minas.

P: Você respondeu aqui no seu questionário que você está na faixa etária de 22 a 27 anos. Comentou também que mora com irmãs, sobrinhas e cunhado. E contou pra gente também

que escolheu o curso porque tinha que se profissionalizar e, naquele momento, era sua única opção. Então, naquele momento, você viu que tinha que se profissionalizar, você havia concluído o Ensino Médio recentemente? Ou já tinha um tempinho?

TST 04: Já fazia 5 anos que concluí o Ensino Médio e me veio através das redes sociais e através da minha namorada que me falou sobre a instituição Cefores, que oferecia cursos gratuitos mediante a um processo seletivo. E nas 3 vagas oferecidas, a que eu me identifiquei mais foi a Segurança do Trabalho, porque não gosto muito da área... não é não gostar, é não me identificar com a área da saúde. Assim pra... por questões de sangue, coisas assim, não me prontifico a exercer.

P: Então sua namorada já conhecia o Cefores, ficou sabendo do processo seletivo e te convidou. Aí nessa possibilidade de que tinham 3 cursos: Análises Clínicas, Enfermagem e Segurança do Trabalho. Você optou por fazer o de Segurança. Bom, agente verificou aqui também no seu questionário essas questões aqui com a identificação em relação à Segurança do Trabalho. É interessante que mesmo essa oportunidade tendo surgido pra você assim de maneira que não foi uma escolha sua, você colocou aqui que, entre as maiores identificações com a questão específica da segurança do trabalho. Você poderia falar um pouco melhor aqui pra gente como foi ao entrar no curso, essa identificação?

TST 04: A área da segurança é uma área em si, que exige muito da pessoa que tá fazendo, que tá cursando. Então... e ela também é uma área muito ampla que atende vários setores e vários segmentos. E por ela ser assim, tem algumas matérias que o próprio aluno se identifica mais que outras. Essas matérias aí na qual eu avaliei são as que eu me identifico mais, que eu tenho mais produtividade, eu tenho mais facilidade para dominar.

P: Você avalia, então, que esse curso foi uma coisa positiva?

TST 04: Sim, positivo. Tanto como profissional, como ser humano. A partir do momento que você começa a estudar a Segurança do Trabalho, você vê o quanto ela é importante para a própria vida do trabalhador. Não vê o trabalhador apenas como um número de inscrição, mas como uma pessoa, muitas famílias. O trabalhador deixa a sua família em casa e vai pro seu serviço ganhar o seu pão de cada dia. Assim como as pessoas vejam ele saindo, esperam que ele retorne também. Então isso é muito importante, tentar conscientizar o próprio trabalhador a questão dos usos dos EPIs [equipamentos de proteção individuais], dos procedimentos de segurança. É ele trabalhar sempre visando sua própria segurança, para isso mesmo, ele voltar inteiro, da maneira como ele saiu de casa: bem, ele voltar bem também pra casa, porque a família dele espera que ele retorne bem. Então é, esse curso agregou tanto profissionalmente como pessoa também né. O meu lado pessoal, o meu lado humano, melhorou 100% depois

que eu comecei fazer o curso e principalmente quando eu fui fazer o estágio. É no estágio que se tem a... realmente tem a prática, você vai saber se é aquilo mesmo que você quer seguir.

P: Certo. Deixa eu te perguntar outra coisa. Naquele momento que a sua namorada te indicou o processo seletivo, até então, você não imaginava que poderia ser aprovado?

TST 04: Sim.

P: Você, por acaso, antes de ter feito esse processo seletivo pensou em outras possibilidades, em seguir outras carreiras?

TST 04: Sim, eu sempre gostei muito da área de Construção Civil, e eu tinha planos até de fazer Curso Técnico em Edificações, que basicamente é o básico da Construção Civil. E até então, quando eu comecei fazer o meu curso de Segurança, me identifiquei totalmente com a segurança e ao de... eu pretendo fazer uma engenharia porque posso pós-graduar em engenheiro da segurança do trabalho, aí é preciso ter uma engenharia. Ser bacharel em engenharia. E eu pretendo fazer uma engenharia pra futuramente pós-graduar em Segurança do Trabalho.

P: Então você tinha em mente a questão da Construção Civil?

TST 04: É.

P: E quando você teve a oportunidade, você achou que poderia encaixar a Segurança do Trabalho dentro dessa sua perspectiva de seguir carreira na Construção Civil. É isso mesmo?

TST 04: Sim, é isso.

P: Bom, e aí, é... gostaríamos de saber um pouco da sua... como que foi essa trajetória dentro do curso, a relação com os docentes, com a instituição? Se você tem algo a falar para a instituição a fins de atitudes de melhorar; de melhorias?

TST 04: Sim, é... no decorrer desses dois anos foram assim: dias muito tranquilos, mas porém também teve dias muito difíceis. Assim, em questão... porque a nossa turma era diversificada, era jovens, também pessoas com mais idade. Então tinha uma certa dificuldade... de alguns aprender mais rápido e outros teve mais dificuldades. Então isso acaba que o professor tinha que saber, é... administrar até a disciplina, né, de uma maneira que todos aprendessem né. E também não podia correr muito com a matéria porque tinha pessoas que tinham, como já falei, mais dificuldade, esta afastada há muito tempo da escola. Mas a minha... é... a minha convivência com os outros alunos era de perfeita harmonia, de paz, porque até mesmo agente conversava bastante, criava grupos nas redes sociais, pra justamente tá dando esse apoio, pra tá colocando as questões, passando as questões para todos a respeito do curso mesmo, do próprio curso. Tal que eu fui escolhido o representante da turma né, por ter essa facilidade de comunicação com os outros. Então eu representei a turma, durante esses dois anos. O que eu

tenho de pedir a melhorar a instituição, não tenho nada a falar. A respeito dos professores, são ótimos profissionais, né? Principalmente das matérias específicas. Eles dominam muito bem, né? Algumas sugestões que dei foi pra matéria de primeiros socorros, porque eles tinham muita aula prática e, não desculpa, muita aula teórica e pouca aula prática. É... e também, o próprio professor usava muitos termos de anatomia... então quando... é pra uma turma de segurança do trabalho, se usar termos que é mais específico pra área. Então acaba que confunde o aluno. É uso, então, sugeri a ele que usasse menos esses termos porque tinha muita gente, tinha tanta facilidade de entender, mas muitas pessoas não entendiam qual era a área do corpo que ele tava querendo falar, né? Então com esse... ele até me agradeceu e passou a usar menos esses termos e agente começou a fazer mais aulas práticas. Então a matéria... de uma matéria chata passou a ser uma matéria mais chamativa, mais... as pessoas começaram a gostar mais dessa matéria. E o que eu tinha de pedir... uma dica que eu tenho pra instituição melhorar é fazer... inaugurar logo o Centro Educacional, não ficar muito essa separação entre as turmas. Que eu senti que havia muito essa separação. Porque a turma de segurança do trabalho é dada num prédio, a de análises clínicas, em outro, enfermagem, em outro.... Então pra que o Centro Educacional fique melhor, o importante seria estar todos eles em um prédio só, né?... ter aquele espaço. Até que as turmas conversem uma com a outra. É vê a turma de enfermagem, de análises clínicas na formatura, aqui no final do ano. Bom, então acho que seria interessante todos estarem só num prédio.

P: Eu gostaria que você me falasse um pouco, como que foi essa descoberta da segurança dentro do seu estágio. O que que te chamou a atenção, é... naquela situação, naquele ambiente que você falou “nossa realmente acho que aqui... eu vou me identificar como profissional”?

TST 04: Porque, ao decorrer do curso, agente da parte teórica, agente aprende que o Brasil desde 1978 tem um índice de mortalidade de 30 mil trabalhadores por ano. E, em 2017, foi o último levantamento esse número ainda continua o mesmo. Então agente tem que buscar melhorar, buscar entender o porque que esses anos todos se passaram, tantos avanços tecnológicos que já foram feitos em relação à segurança, e mesmo assim esse número não caiu. Continua o mesmo. Fora as pessoas que não são regidas da CLT. São os trabalhadores autônomos que esses números não consta. Número dos 30 mil são os que são regidos na CLT. Então isso aí já me chamava a atenção. Quando eu fui pra aula prática, que fui mesmo exercer tudo aquilo que eu aprendi na teoria, é que eu fui ver o quanto nossa profissão é importante pra sociedade. Então isso aí me chamou muito a atenção, porque você, quando você é o Técnico de Segurança, você é muito cobrado, é muito visado. Então você tem que dar sempre o melhor de si. Tem que ser um exemplo, principalmente no ambiente de trabalho. Você tem

que saber se comportar, tem que saber utilizar as ferramentas da Segurança. Tem que ser realmente um exemplo pra você poder chamar a atenção de alguém, alguma situação que não tá ali ligada com a Segurança. Então você tem que dar o exemplo. Então foi isso que me chamou a atenção. Também pelo fato que eu posso ser uma das pessoas que pode mudar o número, né? Dependendo do meu trabalho, da minha dedicação, eu posso ser um dos responsáveis que possa fazer com que esse número caia. Então mexeu muito também com meu lado humano, porque não dava muita importância da questão da segurança. Mas aí, com decorrer do curso, quando eu fui pra área, nossa... o que mais me chamou a atenção foi na SIPAT, que é a semana de Segurança. Agente conseguiu gravar os depoimentos das famílias, das filhas falando pros pais usar os EPIs, cumprir com os procedimentos de segurança, porque elas esperavam eles voltarem bem pra casa. E ao ver que os colaboradores da empresa, quando assistiam ao vídeo, choravam, choravam mesmo, como criança. Tem um ditado que homem não chora. Chora sim, ainda mais quando toca assim pela parte emocional, familiar... e isso aí foi muito gratificante, em ter presenciado isso. Isso aí tocou muito comigo, que eu fazer com que o trabalhador volte pra casa bem, eu vou poder deixar, chegar de noite, colocar a cabeça no travesseiro e poder dormir tranquilo porque eu fiz o meu papel bem e aquela pessoa está bem. Então isso aí é muito gratificante. Não só a parte profissional, mas como ser humano também.

P: Você tem esse posicionamento, esse pensamento. É uma coisa que eu interpreto como um diferencial, porque nos dias de hoje, é difícil agente encontrar alguém que se preparou ao longo dos seus estudos... é... entre outras coisas, servir ao outro, né? Fazer o bem. Então isso também me chama muito a atenção na sua turma. A maioria das pessoas falaram isso também. É... você colocou aqui também que se sente com relação a sua preparação para atuar nos diversos campos de atuação da Segurança do Trabalho: indústrias e também instituições de ensino. Então, nessas duas, você colocou que se sente preparado. Esses dois campos de atuação são de seu maior interesse?

TST 04: Sim... é porque até mesmo aonde agente encontra muita... não vou dizer que é onde se encontra mais dificuldade, mas é das duas áreas que se encontra dificuldade. Então me sinto preparado porque fiz estágio. Então aprendi muito dos processos e já trabalhei também na indústria, como operador de produção. Então antes mesmo de entrar no curso de Segurança, eu já sabia um pouco da Segurança, assim, qual que era os procedimentos de Segurança na indústria. Então, me identifico muito com a área industrial. E a área de instituição de ensino, porque dentro do meu estágio, eu tive oportunidade de administrar os treinamentos de integração, que foi assim uma opção muito bom pra mim, porque eu tive

oportunidade de lidar com comunicação de pessoas. Eu pude palestrar, pude... e a integração da empresa da qual eu fiz o estágio, que é a área de mineração é de 3 dias, de acordo com a NR22, que é mineração. Então tem um tempo. Todo mês tem uma integração. Teve mês que teve até duas integração. Então tive oportunidade de lidar com palestras. Passar informação ao próximo. Eu acho que me identifico e que tô pronto pra isso, porque eu recebi uns feedbacks positivos a respeito disso. Falava que eu tinha habilidades, que eu tinha todo esse jeito de comover a pessoa, fazer ouvir, porque na área de segurança não é só apenas você passar o que tem que fazer, qual é o procedimento que ele tem que cumprir. Você tem que realmente tocar ele e mostrar que aquilo ali é importante pra própria vida dele, que não é só pra empresa. Então eu tenho essa facilidade. No exame de outras pessoas... eu tenho essa facilidade de fazer com que as pessoas entendam isso. Então acho que pra mim ministrar uma aula eu teria muita facilidade, por isso que optei também por instituição de ensino. Futuramente...

P: Pelo que você tá contando é... que eu faço ideia também... me corrija se eu estiver errada... é... de um técnico de segurança que além dele transmitir segurança, também transmitir respeito, né...

TST 04: Sim.

P: E aí, nessa sua atuação, você tendo esses feedbacks positivos você alcançou respeito dentro da instituição.

TST 04: É. Porque é assim, Núbia. Técnico, na maioria das vezes, ele é visto como o chato, como enjoado, como o “lá vem o polícia”. Os trabalhadores da área operacional, principalmente, eles tem o técnico com essa visão. Então... eu aconselho assim, para os próximos que irão formar: é visar muito nisso, pra eles não ser considerados assim, né? Tentar sempre fazer o diferencial, tentar sempre chamar o trabalhador pro seu lado, para que não tenham essa visão dele. Tem que saber passar pro trabalhador que aquilo ali né? Não é só o procedimento que tem que cumprir por conta da empresa. E sim que é uma coisa que ele tem que é um procedimento que ele tem que cumprir pra própria segurança dele. Bem estar dele. Tem que voltar íntegro pra casa, pra sua residência. Tem que fazer o diferencial pra tentar sempre chamar o trabalhador para o seu lado porque ele não ter essa visão dele. É isso aí que agente tem que como técnico tem que passar no treinamento, pode ser pra uma só pessoa ou pra 50 pessoas, mas se pelo menos um dali sair entendendo essa mensagem, que a segurança não tá ali pra pegar no pé de ninguém, nem pra punir ninguém. E sim pra fazer com que ele se previna, pra poder fazer com que ele volte bem pra casa, que se sente bem no ambiente do trabalho, já é um ganho pra nós, pra nossa profissão.

P: Bom, eu vou deixar agora um espaço aberto pra você dizer uma mensagem pras pessoas que estão concluindo seus estudos, pra atuar em uma determinada função, né, sobretudo na segurança do trabalho. Se você tem alguma coisa pra dizer, ou se você acha que já foi dito, agente já encerra.

TST 04: Eu queria falar assim: que agente quando for procurar uma profissão, for exercer uma profissão, agente não tende muito pra questão salarial, não for motivado só apenas pelo dinheiro. Mas sim pelo respeito pelas pessoas, pelo respeito pela própria profissão. For fazer aquela profissão com toda dignidade, com toda ética, com todo... ter amor mesmo por aquela profissão. Hoje me vejo como um técnico já formado, que não visa só pelo salário, mas sim vou fazer meu papel pra que, como já falei antes, eu possa chegar em casa a noite, poder por minha cabeça no travesseiro e dormir tranquilo sabendo que eu honrei meu juramento que fiz na formatura e que eu tô exercendo minha profissão de forma correta, ética, como deve ser pra gente alcançar diminuir esse índice de mortalidade de trabalhadores no país. Eu acho que todos os profissionais de diversas áreas devem pensar mais assim, não na questão do dinheiro. Há vou ganhar mais, vou ganhar bem... vou... e sim é... visar mais fazer aquela por amor mesmo. Se identificar, se começar a fazer um curso em determinada ocasião ver que não era aquilo ali que ele se identifica, que não é aquilo que quer fazer, sai e procura outros meios, outros cursos que você vê que se identifica. Porque não adianta exercer uma profissão só por dinheiro. Porque não vai... uma certa hora da vida você vai olhar pra trás, vai se arrepender de que não fez o que realmente teria vontade de fazer ou, então, não vai ser um profissional como gostaria de ser. Não vai se sentir bem. Então acho que agente tem que fazer, além de exercer a profissão como diz o juramento, tem que fazer por amor também.

P: Encerrando a nossa conversa já, você tem assim, planos nessa área de tá atuando, levar a diante a Segurança do Trabalho ou tá pensando em ver outra coisa?

TST 04: Sim, eu pretendo sim atuar na área da Segurança, eu... infelizmente é uma área em que as oportunidades não são fáceis, até porque as vagas que surgem, exigem experiência. Então você não... formou já vai trabalhar. As vagas são muito limitadas, principalmente pra nossa região. Então as vagas que surgem exigem experiência. Mas eu, mesmo que trabalhando de outra função, eu pretendo fazer cursos para especificar mais, cursos específicos da área, como atendimento hospitalar, primeiros socorros, bombeiro civil, TST que agrega muito também. Quero fazer um curso de oratória para melhorar minha pronúncia, porque como sou de estado do Nordeste, então eu tenho sotaque nordestino, então algumas palavras eu meio que falo de acordo devido a minha região. Então quero melhorar mais minha forma de falar. E assim, fazer esse curso que vai agregar na carreira de técnico. E

futuramente, se der tudo certo, em janeiro eu quero começar engenharia de produção, porque como eu já trabalhei na indústria, então foi uma área que me chamou atenção, por ela ser muito ampla, e ela tem também duas matérias específicas de segurança. Então tá muito voltado a segurança também, pra posteriormente pós-graduar. Futuramente, se der tudo certo, eu pretendo juntamente... a técnica que eu fiz no estágio, agente pretende abrir uma assessoria pra dar treinamento, pra fazer documentações relacionadas a segurança. Então pretendo sim continuar na área.

P: Muito obrigada, que você tenha muito sucesso na sua carreira daqui pra frente.

TST 04: Obrigado.

P: E precisando de alguma coisa, pode contar comigo, e eu precisando também de alguma coisa eu vou te cutucar de novo, tá bom?

TST 04: Pode sim, se for na área de segurança sim.

P: Pode encerrar então?

TST 04: Pode encerrar.

P: Muito obrigada.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE M

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 01

03/09/2018, 09h00, Biblioteca da UFTM

ENF 01 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com cônjuge e filhos, não declarou renda *per capita*, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por nenhuma das opções dadas. Segundo ela, foi porque era a opção mais viável. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 32, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 27, considerado também como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 16, considerado também como um conceito de *identificação total*, neste caso no limite inferior do respectivo intervalo. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi nota máxima para o Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado como um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 18, considerado como um conceito de *preparação*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com a educanda ENF 01. Bom dia!

ENF 01: Bom dia.

P: Você, aqui nessa parte inicial que você apresentou, você colocou pra mim que já tá na faixa etária acima de 34 anos, mas que escolheu o curso porque você queria voltar a estudar.

ENF 01: Foi.

P: Queria voltar a estudar, mas trabalhava em alguma outra área?

ENF 01: Trabalhava, é cabeleireira.

P: E por quanto tempo?

ENF 01: Dezoito anos. Porquê? Então, quando solteira, eu já trabalhei na área administrativa. Trabalhei em escritório de contabilidade, escritório de firma, né? Sempre mesma área administrativa. Cheguei a trabalhar no hospital São Marcos, mas também não foi na assistência, foi na área administrativa. Casei, sempre tive muita vontade de terminar os

estudos, mais infelizmente não tive condições financeiras pra isso. Casei, tive meus filhos, perdi minha mãe muito nova né? Minha mãe faleceu com 46 anos. Eu só tinha um filho pequeno na época. Aí meu pai veio morar comigo. Aí ele morava comigo. Aí quando minha cunhada, esposa do meu irmão, ela tinha um salão e ela tava grávida. Aí ela falou: vem me ajudar, porque quando a minha mãe faleceu, passou 6 meses, que foi muito traumatizante pra mim a perda da minha mãe. A doença que ela teve... então foi muito assim... na hora que eu tava me recuperando, eu engravidei da minha filha. E como meu pai foi morar comigo e ajudava nas despesas, voltei a trabalhar. Eu já tava grávida, não trabalhava... o pai ajudava nas despesas da casa e eu fiquei criando a menina e o outro menino. Aí quando ela ficou grávida, ela falou: vem me ajudar. Como? Falei assim: não entendo nada de cabelo, eu nunca mexi com cabelo. Não, você só vem me ajudar, em dezembro que é muito apertado. Aí eu fui ajudar. Lavava cabelo pra ela, mantinha o salão arrumadinho pra ela não cansar tanto. E nisso eu fui aprendendo, porque eu tenho facilidade. Aí eu aprendi o serviço e fui ficando com ela. Porque dava pra mim ficar com ela na sexta e sábado, ganhava um dinheirinho e ainda cuidava da casa, do pai e da família, e fui ficando. Vamos dizer assim: me acomodei naquela situação né? Porque tava bom pra mim. Tava cuidando dos meus filhos, da minha casa, do meu pai e ainda dava pra mim tirar uma rendinha, pouca, mas tinha, entendeu? E fui ficando. Fui fazendo curso. Aí fui trabalhar mais dois dias da semana. Comecei no sábado, depois passei pra sexta e sábado, depois passei pra quinta, sexta e sábado, depois passei para a semana inteira de terça a sábado. Nesse meio tempo já... depois meu pai ficou doente, aí era fácil pra mim cuidar do meu pai e trabalhar lá, porque os horários me dava essa facilidade pra mim poder marcar as clientes. Aí meu pai faleceu e o sonho de voltar a estudar nunca me abandonou. Aí nisso, meus filhos foram crescendo, né, ajudando meus filhos a estudar, até chegar a dizer: eu vou voltar a estudar. Vou voltar a estudar, sabe. E eu vou. O quê que eu vou fazer? Vou escolher um que eu não pague, porque também não tenho dinheiro por enquanto, pra mim poder pagar uma faculdade. Então vou fazer um curso técnico. Aí minha prima falou assim: porque você não faz um curso do Cefores? Aí eu fui verificar os cursos do Cefores, verifiquei e optei pelo Técnico de Enfermagem, porque sempre ajudei muito voluntariamente os lugares na igreja onde eu participo. Eu gosto de serviço voluntário. Vou gostar de fazer... será que vou dar conta de passar na prova? Trinta anos sem estudar, será que eu vou dar conta de passar na prova? Aí a (citou um nome) falou assim: vai, você é inteligente. Estudei pela internet. Estudei um pouquinho de biologia, um pouquinho de física... estudei pela internet... conhecimentos gerais é o que eu sei mesmo. Vou com a fé. E física, química, biologia, né? Vou estudar pela internet. Tanto que no dia da prova, meu marido que me trouxe, eu não vou

mentir pra você. Menina, na hora que eu vi aquele monte de menina nova, falei: Meu Deus... não vou fazer, não vou dar conta.

P: Porque era o processo mais concorrido...

ENF 01: Aí meu marido falou: larga de ser boba, você já tá aqui, o não você já tem... Ele que falou: vai fazer sua prova. Peguei, sentei... Trinta anos sem estudar... Trinta anos... Aí eu fui fazer a prova.

P: Mas quando? Só uma duvidazinha antes de você continuar... Quando aconteceu o ocorrido com sua mãe, você já tinha concluído o Médio?

ENF 01: Não, eu terminei o Ensino Médio eu tinha 17 anos.

P: Então ela faleceu, você continuou os estudos e terminou?

ENF 01: Eu já tinha terminado, porque quando a mãe faleceu eu tinha 28 anos. Quando eu terminei com 17 para 18 anos, eu era solteira, não tinha condições financeiras.

P: E cuidava da mãe...

ENF 01: É, aí eu casei, fui ter meus filhos. Aí quando meu filho tava com 2 anos e 8 meses minha mãe faleceu, que eu tava com 28 anos. Daí a pouco tempo eu engravidei da minha filha.

P: Você tem dois filhos?

ENF 01: Tenho dois. Um com 25 e uma com 21.

P: Pode continuar aquela parte então...

ENF 01: Então, fiz a prova... eu fiquei tão assim... vou ser sincera com você... eu nem tava acreditando assim em mim, sabe? Eu nem levei o gabarito pra corrigir. Falei: vou levar não, no dia que sair o resultado eu vejo, pra mim poder não ficar sofrendo. Aí no dia que saiu o resultado, eu fui ver era dez e meia da noite, fiquei enrolando o dia inteiro com outras coisas. Falei: nossa, é hoje que sai. Menina, na hora que... que eu fiz o ampla concorrência, né? Era 15 vagas... Que as outras vagas era distribuída né... falei: vou fazer esse né... Aí eu fiz. Aí menina do céu (muitos gestos) Aí eu olhei: nossa Será que é eu? Olhei lá pra cima, será que não é outra Daniela não? Menina era Daniela de Sousa e Silva, passei na primeira chamada... mas eu fiquei... você não entende a felicidade que eu fiquei. Vou falar como as meninas... fiquei parecendo “pinto no lixo”. Nossa, que felicidade! Aí no outro dia eu liguei lá, você vê minha felicidade em fazer o exame de sangue, fazer... pra levar... e eu arrumando os papel, foto... Menina, foi um dia tão feliz, mas tão feliz... E comecei o curso. No 1º dia de aula, falei: Meu Deus, será que as meninas vai me aceitar? Porque eu era a mais velha da sala. Será que vão me aceitar? Vai querer fazer trabalho de escola comigo?... Pensei... Aí entrei na sala, sentei mais na frente. Menina, elas me acolheram tão bem. (inaudível). Eu tinha facilidade de

conviver com as pessoas. Eu sou uma pessoa de fácil convivência. Isso eu sei que sou. Eu me adapto, não gosto de briga, sabe? Eu gosto de acalmar todo mundo. Menina, foi aquela maravilha. To no curso, comecei a gostar. Comecei apaixonar pelo curso desde o início, quando começou as aulas de anatomia. Sabe, fiquei um pouco assustada. Será que vou conseguir ver? Estudar as peças? O professor deu tanto conselho, sabe? Os professores sempre me tratou muito bem. Os meus colegas de classe também. Eu apaixonei pela área, você acredita? Apaixonei tanto que eu pensei que era uma coisa que eu poderia ter isso comigo pra ser minha profissão da vida inteira. Mas acho assim, que tudo na vida da gente, acontece na hora que tem que acontecer. Talvez se fosse antes, eu... ah, não sei.... Mas eu penso assim. Pensei que poderia ter sido a minha profissão da vida inteira, que eu amei essa... aprender na área da saúde e foi assim que eu fui fazer o curso...

P: Nossa, mas que história... Você... achei interessante você falar que desde as primeiras disciplinas você foi se identificando.

ENF 01: Fui. No dia que nós tivemos pouca coisa de imunologia, gente achei tão interessante... mas só pra gente ter uma noção né? Não é imunologia, é noções de imunologia. A [professora] é uma gracinha. Foi ela que deu pra nós. São só 20 horas. Mas falei: gente, o que é isso? Como é que pode? Entra nas células, combina com isso... é muito interessante. Se Jesus me abençoar e eu possa vir a trabalhar... pretendo conseguir... inclusive, quando sair daqui eu vou distribuir o currículo, que agora minha carteirinha do Coren [Conselho Regional de Enfermagem] chegou, porque quando terminei tava sem dinheiro para dar entrada no Coren. Aí dei entrada, daí minha carteirinha chegou, aí vou distribuir currículos.

P: Que bom né...

ENF 01: Espero que Jesus me abençoe... Talvez eu imagino que essas dificuldades, mas, não sei, pessoal fala que não, mas sempre tem né! Questão de eu ser mais velha... as vezes a gente não pode ter, fazer competição com uma menina, mais nova. Mas eu sei também que a minha capacidade é igual de uma menina mais nova, que eu tenho condições sim de desenvolver. Eu vou tentar, se não der certo agora, mais vai dar certo.

P: Certo.

ENF 01: Trabalhei na Uberdiesel, no escritório. Éramos mais de 80 funcionários. Trabalhei lá 3 anos e meio. Nunca tive problema com os colegas de trabalho.

P: Deixa te fazer outra pergunta. Durante esse curso, você continuou com o salão?

ENF 01: Continuei.

P: Era sua fonte de renda.

ENF 01: Ajudei, trabalhei lá...

P: Uma curiosidade que me veio agora, agente ouve muito falar que salão tem todas essas questões de higiene, de saúde. Você pôde, com o curso, perceber isso no seu dia-a-dia?

ENF 01: Sim. Igual, por exemplo, lá agente faz a famosa progressiva com formol.

P: Você faz?

ENF 01: Eu faço. O que eu mais faço é progressiva, maquiagem. Não gosto de cortar. Luzes não gosto de fazer porque sou muito alérgica ao pó. Me trinca, fica no sangue. Me dói muito nos olhos. Acho assim, cada área é a área né. A Ivanete fica mais nas luzes... e faço mais a progressiva, escova, maquiagem, hidratação, cauterização, retoque...

P: E quando chegou lá no seu 3º período, pra você conciliar a todas as atividades do curso com o seu dia-a-dia, você teve tranquilidade?

ENF 01: Tive tranquilidade porque na 2ª feira agente não abre o salão. Aí no 3º período agente tinha só dois dias de estágio. Aí eu coloquei que poderia fazer na 2ª o dia inteiro, e terça e quarta de manhã, que é os dias que não vou no salão. Porque lá eu ganho pelo que eu faço. Só 50%, não tem vínculo empregatício. Então tenho essa flexibilidade. Só que é assim: se eu trabalho, eu ganho. Se eu não trabalho, eu não ganho. Posso ficar uma semana sem trabalhar, mas também não ganho. Aí quando começou o estágio, tive essa disponibilidade de horário. Claro que se a professora não podia no meu dia, só numa 5ª feira, tranquilo, independente agente ia... Não tem essa dificuldade de remanejar os horários não. Quando chegou no 4º período eu também, porque acho assim, eu tenho que respeitar a Ivonete, o limite, não posso falar: eu vou.

P: Ivonete é a dona do salão?

ENF 01: É e minha cunhada. Aliás, ela foi minha cunhada 17 anos. Já vai fazer 5 anos que ela e meu irmão separaram. Mas ela é minha melhor amiga. Agente é muito amiga. Quando ela separou do meu irmão, muita gente achou que eu ia sair do salão. Falei: não, espera aí, a gente tem que dividir bem as coisas. Ela e meu irmão não deu certo, mas eu e ela... agente nunca teve problema. Eu falo o que eu acho, ela fala o que ela acha. Entendeu? Nunca tivemos problema. Aí quando chegou no 4º período, que era mais dias e a [enfermeira supervisora] só pode a tarde, aí então combinei com ela, aí deu tudo certo. Não tive problema de horário.

P: Deixa eu te falar. Você relatou aqui que quando você... você pensou em voltar a estudar, mas que você não sabia o que fazer. Aí você falou que sua prima falou do curso e do processo.

ENF 01: Ela falou do curso, que era pra mim dar uma olhada, que tinha vários cursos no Cefores.

P: É isso.

ENF 01: Ela falou: porque você não faz Técnico de Enfermagem? Pensei: Será? Vai, você tem uma cara... que vai dar certo.

P: Porque esse processo tiveram outros dois cursos: Análises Clínicas e teve o Segurança do Trabalho. Aí você realmente...

ENF 01: Eu preferi o técnico mesmo.

P: O de enfermagem?

ENF 01: É.

P: Aí chegou lá no dia da prova, aquele tanto de gente né?

ENF 01: Nossa, que vontade de voltar pra casa.

P: E outra coisa que você colocou aqui, foi que você achou que não tinha perfil porque você é muito mole.

ENF 01: Mole entre aspas né? Sou muito emotiva, tenho muita dó das pessoas. Eu não gosto de ver o sofrimento das pessoas. Eu tenho... as vezes eu acho que até erro nesse ponto porque me ponho muito no lugar. Então sinto muita dor.

P: Você acha que isso, na verdade, não foi um ponto positivo?

ENF 01: Depois que eu comecei o estágio, que vi o sofrimento das pessoas... que eu vi que era um ponto positivo. Que eu fui entender o que era tratamento paliativo, fui entender... das aulas dos professores. Não precisa ter só qualidade de vida. Ela precisa ter uma qualidade de morte. O que é uma qualidade de morte? É você fazer o melhor possível praquela pessoa passar os últimos momentos dela. Eu aprendi muito com a [outra enfermeira supervisora]. Ela é muito... não conheci uma pessoa tão humana. Ela é muito humana. Não é porque a pessoa tá ali com cuidados paliativos que você não vai cuidar dela muito bem.

P: O que é isso, cuidado paliativo?

ENF 01: É assim, você tem uma doença, infelizmente não tem cura... Você tá ali pros últimos dias...

P: Então são aqueles cuidados....

ENF 01: Aliviar a dor, pra pessoa não ficar sofrendo muito. Você sabe que nada do que você fizer, vai melhorar a situação dela. Nós tentamos... uma senhora com 52 anos, ela tinha um tumor cerebral que infelizmente não tinha como mexer e ela tinha muita dor. E ela tava em cuidados paliativos: banho no leito, e a [essa outra enfermeira supervisora] falava pra mexer muito devagar, com cuidado, porque ela sentia dor só no pegar. Dava remédio mais forte pra dor. Tramal, acabou, é tramal, é morfina. Eu aprendi muito sim. Posso ajudar, e eu tenho condições de ajudar. Essa foi uma paciente que eu lembrei muito no que é que eu posso dar assistência nesses momentos mais difíceis. Uma palavra de ajuda. A família chegar e você dar

uma palavra de ajuda, não mentir, mas saber como falar. Então aprendi muito com a [essa outra enfermeira supervisora]. Essa capacidade que eu tenho de me colocar no lugar do outro, me ajudou. Eu achava que era um ponto negativo. Mas é o que pode me ajudar.

P: Eu achei interessante também outra parte que você colocou, que você começou assim: com um pé atrás, pensando assim: se não me identificar, eu paro...

ENF 01: É, a minha... esse meu pé atrás, tava me referindo ao estágio. Porque quando você tá fazendo as aulas teóricas, você gosta muito, mas não tem contato com aquilo que tá se propondo a fazer, porque o nosso trabalho é a assistência no dia-a-dia com o paciente. Na dedicação, banho, almoço... essas coisas. Então não é que... aí eu pensei: quando eu começar o estágio... o meu medo era o estágio. Meu pé atrás, me referi ao estágio, porque quando tem contato com o paciente, vê a pessoa, aí, pra morrer, durante o nosso estágio, presenciei assim não.

P: Mas você presenciou esses cuidados paliativos né?

ENF 01: Sim, presenciei. Cuidei de alguns pacientes na Clínica Médica.

P: Porque as aulas teóricas, elas... é estar em cima do boneco né?

ENF 01: É... não é pessoa, que você conversa, olha aquele olhar: obrigada por estar me ajudando, aquele olhar apagado, de quem tá desistindo. Aí é diferente. Então esse pé atrás, me referi ao início do estágio.

P: Mesmo porque, no caso desse curso, ele é previsto metade totalmente, 100% teórica, e a outra metade é 25% teórico-prática e os outros 25%, só prática. O curso de enfermagem ele tem uma carga horária prática considerável, é um ano de estágio.

ENF 01: Então, assim, primeiro dia de estágio eu tava, expectativa, primeira vez em contato com o paciente. Primeira vez que fui fazer um teste de glicemia. Então, tudo isso eu vejo... Será que vou ficar com muita dó de paciente? Até que não. Porque eu tava fazendo pra ajudar, se causei alguma dorzinha, era pro bem. Então aí né? Cabeça mudou. Ah, vou puncionar uma veia... é pro bem dele. Aquilo ali, a picadinha que ele levou não chega nem perto do bem que a medicação vai fazer. Ele pode sair dali curado.

P: Então você fala pra gente agora a sua mensagem pra essas pessoas que tão concluindo os cursos técnicos, entrando no mercado de trabalho, se identificando com essas profissões que elas escolheram.

ENF 01: Então, eu acho assim: falando pra elas como se tivesse falando pra mim. Primeiro, nunca desistir do sonho. Na primeira barreira que encontrar não desista não, porque eu já desisti e hoje eu me arrependo por desistir. Acreditar muito no seu sonho, seguir em frente, porque se você escolheu e fez bem feito e com amor, dá certo. Vai dar tudo certo.

P: Como agente tem ainda essa crença né?

ENF 01: hoje eu vejo que essa crença é muito verdadeira. Não foi só uma frase feita, ela tem muita verdade.

P: Você quer colocar mais alguma coisa?

ENF 01: Não.

P: Então muito obrigada.

ENF 01: Eu que agradeço. [risos]

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE N

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 07

03/09/2018, 10h00, Biblioteca da UFTM

ENF 07 é mulher, entre 16 e 21 anos de idade, mora com os pais e uma irmã, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 33, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 24, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 10, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*, neste caso no limite superior do respectivo intervalo. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 39, nota que se atribuiu ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 22, sua preparação para atuação no mercado foi 17, considerado como um conceito de *preparação* no limite inferior do respectivo intervalo.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P):

P: Entrevista com a educanda ENF 07. Você colocou aqui pra gente que tá na faixa etária de 17 a 21 anos. Então eu presumo que você concluiu o Ensino Médio e já entrou no técnico, foi isso?

ENF 07: Isso. Entrei na graduação em 2014 e no técnico em 2015.

P: Tá. Aí você colocou aqui que escolheu o curso por vontade própria. Como você entrou na graduação, também foi por vontade própria?

ENF 07: É. Foi por vontade própria. Eu sempre gostei desse meio de saúde e eu procurava um curso que eu me identificasse mais. O técnico de enfermagem e na enfermagem eu me descobri.

P: Então você ao longo do tempo de curso de graduação de enfermagem iniciou também o técnico em enfermagem?

ENF 07: Isso.

P: Isso teve algum objetivo? Qual? Uma vez que você já tava fazendo graduação?

ENF 07: É porque na graduação eu ia ter um tempo maior pra me formar e o técnico, um tempo menor. Me formaria mais rápido mesmo entrando depois da graduação. Eu já queria entrar no meio, no mercado de trabalho. Queria uma oportunidade.

P: E a graduação é aqui na mesma instituição?

ENF 07: É, na mesma instituição.

P: E a graduação, você está em qual período?

ENF 07: no 7º período.

P: Já é metade do curso, né?

ENF 07: É, metade. Vou formar em 2020.

P: Você tinha colocado aqui que, a princípio que se identifica com a maioria das disciplinas específicas e identifica-se parcialmente com as outras gerais da área da saúde. Você tem alguma preferência nessa área aqui com relação a essas disciplinas?

ENF 07: Tenho preferência na área de criança, pré-natal, saúde da criança. E minha preferência menor é na área de idoso. Gosto mais da parte de criança, recém-nascido.

P: Identificação com a instituição também foi 100% né?

ENF 07: Foi, é muito boa.

P: Com relação a isso, você acha que foi objetivo, foi... atingiu o seu objetivo de ter cumprido o técnico?

ENF 07: Foi muito. Porque hoje eu já trabalho como técnico. Assim que eu saí do curso já fui contratada. Então atingi 100% do meu objetivo, que era esse: arrumar um emprego já na área de trabalho como técnico de enfermagem.

P: Você tá atuando então já no hospital? Qual campo de atuação seu?

ENF 07: Hospitalar.

P: Tá dando pra conciliar a graduação com o trabalho?

ENF 07: Tá dando. Por enquanto trabalho 12 por 36, que é noturno, e como faço graduação que é integral, fico manhã e tarde estudando e à noite vou pro trabalho. Dá pra conciliar sim, tá tranquilo.

P: O que você colocou aqui com relação a questão da identificação na área da enfermagem, você fala sobre amor. Achei muito interessante o que você colocou. Você tem algo para falar com relação a esse amor?

ENF 07: Desde criança, eu ia ao hospital e eu sempre me via naquele ambiente e falava pra minha mãe: é nisso que eu quero trabalhar quando eu crescer. E foi na enfermagem que eu descobri esse sonho. Essa vontade de ajudar o próximo, de cuidar. A enfermagem traz muito

isso pra gente. Essa questão de cuidar do próximo. Saber as técnicas, conhecer, ter todo o conhecimento que agente puder. Mas ter aquele cuidado humanizado, aquele toque de pessoa pra pessoa. Então é isso que eu gosto mais. É uma questão de amor mesmo.

P: Que bom. Você falou que na sua infância teve alguma ocorrência, algum acontecimento na sua infância que, como você mesma disse: viu aquela situação ruim e de repente falou pra você que era aquilo...

ENF 07: Teve. Foi quando fiquei internada no hospital da criança. Fiquei por 15 dias, se não me engano. E aí, eu vi o contato daquelas pessoas comigo, como me tratavam tão bem, como eu era tratada... que foi aí que comecei a perceber que era aquilo que eu queria. Achei bonito, tão encantada na época, que eu falei: acho que quero ser assim.

P: Você ficou por muito tempo, teve contato com essas pessoas. Você ficou nesse hospital por 15 dias.

ENF 07: Foi tudo aquele contato intenso com esses profissionais. Foi assim, apaixonante.

P: Esse fato foi o que te trouxe a imagem de uma pessoa que cuida, que você se espelhou nela. Quantos anos você tinha?

ENF 07: Sete anos.

P: Que história! Com sete anos você já sabia o que queria.

ENF 07: Eu brinco assim: eu tenho uma irmã de 15 anos e ela ainda fala que não sabe o que ela quer. Aí eu falo que desde criança eu já sabia o que queria.

P: Assim que você saiu do Ensino Médio você fez a prova do Cefores?

ENF 07: Não, eu fiz primeiro o vestibular na UFTM pra graduação, porque eu ainda não conhecia o técnico do Cefores. Aí na graduação mesmo, um dia eu passei pelo Campus I e vi um folheto que tinha o curso de técnico. Foi quando eu... tava próximo... faltava uma semana pra começar as inscrições. Aí, fui e me inscrevi. Pensei: quero fazer o técnico. Vou fazer os dois. Foi assim que descobri.

P: Você acha que pode ter alguma ligação seu interesse pela saúde da criança com esse fato de você ter desde pequena?

ENF 07: Acho sim, sempre gostei muito de criança. Pode ser, não tinha parado pra pensar nessa questão. Mas pensando agora, acho que sim. Tem uma ligação maior.

P: Vamos falar então do curso. Você entrou no técnico já com algum conhecimento da graduação. Você já tinha começado na graduação a parte prática?

ENF 07: Ainda não.

P: Quando você entrou no técnico, você só tinha conhecimento teórico?

ENF 07: Só teórico.

P: E começou essa trajetória. Lá dentro do técnico você foi... teve dispensa de disciplinas, também?

ENF 07: Tive dispensa de disciplinas teóricas sim.

P: Mas você não foi direto pro estágio não?

ENF 07: Não, eu... tive a oportunidade de ir direto pra próxima turma, com os estágios, mas eu preferi ficar pra acompanhar algumas aulas... até conhecer a instituição mesmo. Porque pensei: vou pular e não vou conhecer... coisas... que eu ia aproveitar como se tivesse desde o início.

P: Agora quero que você fale pra mim como começou a prática. Aí você viu que era realmente o que você queria?

ENF 07: É realmente o que queria.

P: Ou era realmente o que queria desde quando estava na teórica?

ENF 07: Era o que eu queria desde sempre. Sempre gostei muito da prática. Era tudo que eu imaginava e mais um pouco.

P: O mais um pouco é a prática?

ENF 07: É a prática. Porque agente fica muito ansioso na teórica, quando chega a prática, você já lembra de tudo, quer fazer tudo. É muito bom.

P: Por exemplo, você começou as práticas, eu gostaria que você falasse assim, um pouco dessa experiência que você teve que é o contato com as pessoas, assim nesse estado de enfermidade mais crítica, você chegou a ter esse contato?

ENF 07: Cheguei. Assim, no início, é um baque, porque você sempre espera que a pessoa esteja bem. E, no ambiente do hospital, era totalmente diferente. É onde a pessoa tá mais fragilizada. Que ela mais precisa do cuidado. Então, no início, na hora que você entra no hospital, as vezes antes de chegar no hospital, colocava na minha cabeça: olha, é pessoa que tá no hospital é que realmente precisa de cuidado. Então, no início, esse contato é um pouco difícil, se deparar com pessoas enfermas, mas que você vai trabalhando isso ao longo dos estágios. Por exemplo, da parte... que vai trabalhando isso e descobre que você tá lá é pra ajudar, né? Então...

P: Tem alguma coisa que você queira falar pra essas pessoas que estão acabando de concluir o seu curso, sua profissão, de querer entrar no mercado?

ENF 07: Eu gostaria de falar que tem que ter muita empatia pelo próximo, porque é uma profissão que suga muito da gente. Porque agente tem que, meio que corpo e alma mesmo. Porque é, como falei, é o momento que a pessoa tá mais fragilizada e precisando de nossos cuidados. Então agente tem que ter a mentalidade que agente tá ali pra ajudar mesmo. Então,

entender a pessoa que tá naquele estado. As vezes nem sempre a pessoa vai tratar agente bem, porque ela tá sentindo mal, sentindo uma dor. Nem sempre você vai ser tratado bem, mas tem que entender: você tá ali pra ajudar ela.

P: Gostaria de te agradecer e se eu precisar de mais alguma coisa, eu vou comunicando pelo Whatsapp.

ENF 07: Tá bom.

P: Obrigada.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE O

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 08

03/09/2018, 13h00, residência da entrevistada

TST 08 é mulher, entre 28 e 33 anos de idade, mora com o cônjuge e a filha, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 36, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 12, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 17, considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons, e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 28 para os aspectos os quais esses docentes precisam melhorar. Quanto aos demais, ela os considera como sendo bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 27, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 10, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com TST 08. Você falou aqui na sua resposta no nosso questionário que você tem de 28 a 33 anos e que você sempre quis fazer esse curso. Existiu na sua vida, algum fato, um acontecimento, que você tenha tido a ligação com a profissão de Técnica em Segurança do Trabalho, pra você ter vontade de ir lá prestar o processo seletivo e seguir adiante com essa profissão?

TST 08: Sim, é uma profissão que sempre me chamou a atenção. Por se tratar de saúde, segurança do trabalho da pessoa em si no trabalho. Algo que sempre me chamou a atenção e quando houve a oportunidade... das oportunidades que tinha lá, a que mais me chamou a atenção, que eu mais me identifiquei era na área de segurança.

P: É. O processo ele previa também, o curso de Análises Clínicas e de enfermagem e você optou pela segurança. Então essa pergunta que te fiz, por exemplo, na sua vida, na sua infância e na sua adolescência, você teve algum contato? Ah... eu vi uma pessoa que fez isso,

ou ouvi alguém falar que lá naquela empresa tinha um profissional... que você ficou curiosa, ou não?

TST 08: Não. Foi só assim:... por chamar atenção pra profissão, nada que enfatizasse que me identificasse por esse fato. Só mesmo porque me identifiquei com a área, profissão.

P: Quando você fala que foi o que você quis fazer, agente pode entender que desde quando você começou a pensar na sua profissão?

TST 08: Isso. Porque sempre como trabalhei com vendas, em questão de salário, não via nada compatível que eu gostasse, com as vendas, pra eu largar as vendas e buscar outra profissão sem ser como vendedora. Que, geralmente, administração, outras profissões... eu também fiz o técnico administrativo, mas trabalhei somente 7 meses na área. O que me fez voltar pras vendas foi a questão do salário. Então assim, eu acho que eu uni o útil ao agradável. Ao que eu gostava, eu ia ficar, me profissionalizar naquela área em algo que, financeiramente, ia me dar o retorno que eu gostaria pra sair das vendas, por estar cansada de trabalhar com vendas, eu queria outra coisa.

P: Então você trabalhou muitos anos com vendas?

TST 08: Com vendas, e aí sempre quando eu ia pra outra área, sem formação, não me dava um retorno financeiro que eu gostaria. Então juntou o útil ao agradável.

P: E como você ficou sabendo desse processo seletivo?

TST 08: Por uma amiga. Ela viu o edital em algum lugar que eu não me lembro. Aí ela falou: entra na internet, olha, faz a inscrição. Assim eu fiz. Aí fiz mesmo para segurança do trabalho.

P: Você também comentou sobre algumas coisas aqui que agente colocou uma divisão de... as disciplinas dos conteúdos que você se identificou mais ou menos né, durante o curso? E agente tem aqui duas opções que você não se identificou de forma alguma que tá dentro daquele conceito que agente chama que são conteúdos que não são específicos da Segurança do Trabalho, mas eles são da área da segurança. Por exemplo, o desenho técnico e a informática aplicada. Você acha que isso... essa não identificação com essa parte é porque não tem muito haver com o trabalho do técnico em segurança ou é porque você realmente não se identificou com essa parte?

TST 08: Então, eu não me identifiquei muito com a parte. Até me expressei muito assim, no sentido de não ter aprendido bem essa parte. Na realidade, no início, agente teve um problema. Não sei se vai poder... você vai entrar nisso... agente teve um problema com nosso professor e ele, praticamente, não deu a matéria pra gente e então devido a revolta da turma, a turma pegou muito pesado com ele também. Não foi só tipo assim, culpa do professor. E aí acabou que ele deu uma ou outra aula e resolveu dar um trabalho e falou assim que quem

quisesse fazer o trabalho, tudo bem, quem não quisesse, que ele já tinha aprovado. Então, assim, faltou... agente entrou com o coordenador do curso e pediu que agente não queria daquela forma. Agente foi interpretado como se agente quisesse só a nota. Ele não viu dessa forma. Na verdade agente queria que ele falasse uma linguagem que agente aprendesse melhor. Porque ali tinha várias idades. Tinha pessoas que fazia muito tempo que não estudava, tinha outras pessoas que era mais velhas. Então, assim, existiam vários tipos de dificuldades e o professor não teve uma didática pra poder é... Ele veio com o assunto como se agente já conhecesse o assunto. Ele não teve... não conseguiu encontrar uma forma de ensinar pra gente. Então, não me identifiquei, não aprendi a parte técnica. Até se algum dia eu for trabalhar vou ter que... não sei... fazer uma preparação, buscar um cursinho, alguma coisa assim que eu não tive dentro do curso. No primeiro período nosso... tava desatualizada e não houve essa compreensão dele. Outros professores agente teve dificuldade de matéria, por exemplo, eles conseguiram falar em uma linguagem melhor com a gente e fazer com que agente entendesse. Já esse professor, de início, ele não foi legal. Mas depois ele melhorou. Depois ele deu outras disciplinas, foi melhor com a turma. Mas agente correu atrás. Agente pediu, por formos interpretados de uma forma errada. Dava impressão que agente tava ligando só pra nota. Mas não era. Agente não tava entendendo a matéria. Ele falava de uma forma como se agente já fosse esse técnico. Agente ainda não era. Então agente teve essa dificuldade no início do curso. Não me identifiquei. Se eu for trabalhar com desenho técnico, vou ter que correr atrás pra poder dar conta mesmo. Se for pelo curso, eu não tô preparada.

P: É, que agente percebe que em outros conteúdos não aconteceu isso né? Foi um caso específico.

TST 08: Isso. E que também, assim, eu posso falar que foi do início do curso. Posso falar também que agente teve uma resposta da parte da coordenadora, que também nos ouviu. Agente fez até uma gravação em sala de aula falando o que agente achava, o que tinha que mudar, foi legal. A [coordenadora geral] aconselhou agente nisso, porque na realidade foi compreendido. Não era que a turma não queria o professor. Não houve... não sei... aquela... não encaixou de início, a turma com o professor. Mas depois, foi resolvido. É bom falar, que resolveu, deu certo depois, deu outras matérias e foi bem entendido.

P: Isso praticamente já responde a outra pergunta com relação a serem bons profissionais os docentes do Cefores, que você respondeu que nem todos são. Mas interessante, que de todos os aspectos que agente colocou aqui para o docente assumir no seu trabalho, todos eles você marcou como sendo muito importante. Aqui agente tem planejamento da disciplina, das aulas,

domínio de conteúdo, didática. Então talvez seja um pouquinho dessas coisas aqui que faltou praquele docente no início do curso?

TST 08: É. Até assim, a ideia que agente deu foi essa. Porque, o que agente compreendeu depois? Se algum professor que dava alguma matéria específica, eles não passaram por aquele... não fizeram pedagogia. Eles são doutorados naquela matéria. Entende perfeitamente. Mas agente entendeu também que eles não tinham aquela qualidade daquele professor, do pedagogo que fez aquele curso. Ele é qualificado pra dar a matéria porque ele é doutor naquilo. Então ele tem essa qualificação. Mas ele não passou por aquele processo de pedagogia. E isso agente sentiu a diferença. Mas depois agente compreendeu também, que a pessoa era muito boa naquilo que faz, mas ela não tava sabendo passar pra gente, transmitir. Agente deu ideias pra poder mudar, pra fazer uma aula mais dinâmica, slide, vídeos, falar a linguagem que agente precisava. No meu ver, no final do curso, deu uma melhoria. Então acho que quem vai vir, as outras turmas de TST que forem ali pelo Cefores, acho que vão ser... vai ser melhor do que foi pra gente pelo fato que agente lutou por algo pra quem vinha depois. Acho que foi isso que agente fez ali, assim, parte da turma fez. Bem compreendido. Agente não tava brigando não, pra causar tumulto, problema, mas era por uma causa, pra melhorar essa linguagem que não tava sendo bem compreendida.

P: Isso, vocês foram atrás, que é um direito de vocês.

TST 08: Sim.

P: Bom, na questão 14, agente relacionou os campos de atuação do Técnico de Segurança do trabalho. E nesses campos você foi bem assim dividida, né? Você se sentiu preparada em duas coisas que é fábricas e empresas representantes de equipamentos de segurança e empresas e consultoria para capacitações em segurança do trabalho. É... dessas outras você se considera parcialmente preparada e sem preparo para trabalhar na construção civil.

TST 08: Assim, não me sinto preparada. Acho que pra eu assumir um trabalho na construção civil, só pelo curso, acho que não conseguiria. Teria que fazer um estágio. Uma preparação melhor pra essa NR específica. Porque ela fala de muitas medidas... acho ela mais... te exige mais... porque acredito que pelo fato de ter muitas pessoas na obras, então vai tratar de uma forma mais próxima da vida do trabalhador mesmo. Então acredito que pra trabalhar na área da construção civil a pessoa tem que ter mais experiência. Não cometer erros. E na nossa profissão, erros não podem ser cometidos. O acidente realmente tem que ser prevenido. Acho que a chance de acidente é muito maior na construção civil. Acho que teria que ter mais experiência não só na teoria, mas na prática. Acho que é uma questão de responsabilidade maior. Então não me sinto preparada.

P: O estágio você já concluiu?

TST 08: Já concluí.

P: Então você concluiu o curso também!

TST 08: Concluí também. Fiz no hospital escola pelo pessoal da Ebserh. Foi muito bom o estágio lá. A equipe deles é muito boa. Eu gostei do estágio lá.

P: No dia da aplicação deste questionário, eu tive o prazer de assistir às apresentações daquele trabalho da disciplina de direito que vocês apresentaram. E eu fiquei encantada com a sua participação, com a sua postura. Eu acho que se eu tivesse uma empresa de segurança do trabalho eu te contrataria na hora. Porque... e depois quando eu vi essa... como eu não ta... tá pelos códigos aqui, agente não faz... as vezes agente costuma até ficar imaginando, ah será que esse é aquela pessoa? Podia tanto acertar e convidar ela. Fiquei feliz de ver quando cheguei aqui vi que era você e, mais ainda, por saber que quando eu te selecionei foi por conta desse comentário que você fez no final na sua narrativa. Que você fala que você foi surpreendida com uma ligação do Cefores perguntando sobre o seu interesse de fazer parte da turma. E que você não se envergonha em dizer que a oportunidade surgiu pela desistência de alunos. Que você ficou muito agradecida a Deus, pois era um sonho antigo em se profissionalizar. Bom, a minha história no mestrado não foi diferente. Eu também entrei pela desistência de uma pessoa. Aí pensei: vou convidar essa moça. Por acaso, no início, quando você entrou, já tinham começado as aulas?

TST 08: Já.

P: e aí, como que foi essa fase sua para se adaptar?

TST 08: Eu corri muito atrás. No início, pro primeiro período, eu apanhei bastante. Eu tive que reinventar. Tive que tirar tempo onde não tinha. Minha filha tem um probleminha de saúde... então assim, essa vida nossa de ir ao hospital. Não vou dizer que me conformo não, porque acho muito ruim, mas assim, era mais constante ainda por ela ser menor e não tinha criado ainda muita imunidade. Então sempre ficava doentinha e, no primeiro período, eu fui pro provão. Não consegui passar em muitas matérias. Eu sou uma pessoa que me cobro muito. E ter ido pro provão, pensei: agora tenho que... ao invés de descansar um pouquinho mais cedo, ficar um tempo com ela em casa, vou ter que ir mais um tempo pra fazer a prova e parece assim, eu não aceitava também eu não ter conseguido as notas que precisava para poder passar. Aí, o que eu fiz? No próximo período eu me empenhei mais. Então eu trabalhava durante o dia, ia pro curso a noite, minha mãe cuidava dela pra mim. E quando eu voltava, aí eu passei a estudar. Sempre quando eu voltava, tirava meia hora, 40 minutos. Fazia ela dormir, e ela queria o tempo dela também, porque eu trabalhava o dia todo, depois ia fazer

o curso. Depois passei a fazer isso, meia hora, 40 minutos sempre estudar as matérias que eu não tinha ido bem e até as que tava dando certo também, eu sempre estudava pra poder me sair melhor. Eu vi que não tinha outro meio. Inventar um tempo, porque eu não ia conseguir só com as aulas, passar. Então me esforcei muito. Não me considero inteligente. Me considero esforçada. Me esforço muito por aquilo que eu gosto, que eu acredito. E só no 3º e 4º períodos que consegui passar sem ir para o provão. No 2º ainda fiquei no provão.

P: Quando você fala provão, é o exame final?

TST 08: É. Porque aí você faz as provas, não consegue as notas. Aí vai pro provão e repete as matérias todas daquele período. Aí ele tira uma média, da nota que tirou nas provas, mais as do provão e vê se você consegue. Assim, tenho orgulho de dizer que eu consegui. Sei que muita gente desistiu do curso por não dar conta do curso. Não dar conta porque é um curso que exige muito. Tem que realmente se empenhar, entender das leis, ler bastante. Tem que realmente gostar daquilo. Tem gente que desistiu, porque não conseguiu realmente passar nas provas. Outros desistiu porque achou que não era o que queria pra vida dele. Que tava muito complicado. Ele também não achava que não vai exercer, perder um tempo estudando isso e lá na frente ver colegas dizer que não era isso que queria. Era muito complicado. Tinha capacidade, mas não era o que queria. Vi outros desistir por, infelizmente, não ter aquele empenho de buscar. Porque capacidade, todo mundo tem. Se buscar, ele vai alcançar aquilo que tá buscando. Assim, simplesmente desistiu. Uma turma que começou com quarenta e poucos alunos, terminou com 18 e, no dia da formatura, agente devia estar com 13 ou 14. É assim eu falo: pra mim foi uma experiência muito boa. E também não ter desistido. Porque essa vida de trabalhar, ser mãe, esposa e continuar indo mesmo assim firme, não faltar, era só quando precisava mesmo. Me empenhei muito.

P: E tão jovem também. Bom, vamos quase encerrando aqui já essa nossa parte. Uma curiosidade que eu tenho é se você conseguiu atingir seu objetivo e sair da área de vendas então, depois que concluiu o curso.

TST 08: Consegui. O que que eu fiz? Eu tava trabalhando pra uma loja em Ituverava, como vendedora externa e, no período do curso, também eu fazia o trabalho a noite. No intervalo das aulas eu ia pegar mercadoria que eu vendia durante o dia. Minha rotina durante o curso foi... nossa, mas... muito mesmo. Muitas vezes chegava no final da semana, final do mês, eu chorava, por pensar assim: poxa, eu tô fazendo tudo e não conseguindo nada. Não tô sendo a mãe que eu gostaria, não tô sendo a aluna que eu gostaria, nem a profissional que eu gostaria na área e ainda tá com aquele...

P: Você assistia o 1º horário, saía do ambiente da instituição e ia pra outro lugar?

TST 08: Ia. Ou na Uniube [Campus Centro Guilherme Ferreira] ou na Factus porque o ônibus que vinha de Ituverava trazia mercadoria que eu vendia, ficava em um dos dois lugares. Eu fazia isso em só 20 minutos, meia hora e voltava pro segundo período, últimas aulas. Muitas vezes minha vontade era de ir embora pra casa de cansaço, mas eu voltava para assistir a aula. Porque assim, como eu tinha dificuldade, pra mim assistir aula, era muito importante. Aí eu ficava, assistia a aula pra pegar explicação do professor e tudo mais. Aí o que fiz? Assim que terminei o curso, aí eu conversei lá na loja. Tava muito cansada, já não queria ficar lá mesmo, e também esse trabalho que fiz pra eles foi por um ano. Era um trabalho assim, eles queriam explorar o campo pra abrir uma loja aqui, era uma cooperativa de tintas e assim, eu sempre fazia o Feedback, mostrava pra eles a exigência do mercado aqui em Uberaba. Porque Ituverava é uma cidade muito pequena. Até o pensamento deles é muito pequeno. Então assim, fiz o feedback, fez o trabalho, eles queriam 40 mil de venda, eu fiz só 20. Eles viram que o campo realmente não dava pra eles atuar porque Uberaba é uma cidade muito grande. Tinha 5 lojistas muito fortes. Quando nosso trabalho veio pra cá, os lojistas assim, se empenhavam em tirar fora. Mas assim, a cada 2 meses, tinha reunião com eles e eu ia passando. Então, quando eu terminei o curso, que foi agora em agosto, falei com eles que eu não queria continuar buscando mercadoria a noite, porque eu já tava muito cansada, uma vez que não ia mais pro curso, não ia sair da minha casa só pra buscar essa mercadoria, vendia durante o dia e se eles não tivessem condição de entregar que aí eu já queria parar com o trabalho. E também eles já sabiam que não iam conseguir montar uma loja, o trabalho de um ano. Eles já sabiam também todas as limitações que já tinha levado pra eles. Aí agente conversou, decidimos que não continuar mais. Fizemos acordo comigo. Não precisou fazer acordo nem nada. Me dispensaram mesmo. Foi mútuo, eu vi e eles viram que não dava. Aí que tô fazendo agora? Aproveitei o acordo que recebi, dei entrada no seguro [desemprego]. Vou descansar, de agora até dezembro. Me organizei as continhas, tudo certinho. Quero descansar. Em janeiro o que quero fazer? Justamente, eliminei algumas continhas que as vendas me davam condições. Porque eu sei que quando eu começar como técnica de segurança, de repente vou trabalhar num lugar que não vou ter já um salário pretendido. Vou ter que passar por esse momento pra ter experiência e de repente me qualificar ou pra que no lugar que eu estiver, eu alcance o salário desejado ou também tenha bagagem e experiência pra ir a outro lugar que vou conseguir um salário que eu desejo. Tenho que unir as duas coisas. Tanto que em janeiro, no meu plano, minha vontade é isso. Tô disponível pra qualquer vaga. Até na construção civil, vou pegar experiência, não tem problema. Aí conseguindo oportunidade, pego experiência, aí eu sei que no início é... questão de salário eu já não vou

receber o salário que eu recebia nas vendas. Como vendedora, tem comissão e meu contrato com eles foi um contrato até sem comissão, porque eles já conheciam meu trabalho como vendedora. Então eu sei que já não vou ter o salário que tinha antes. Tão pronto. Psicologicamente como materialmente, financeiramente, que eu possa ter esse salário menor, por um tempo até alcançar o desejado. Assim, meu plano tá sendo esse.

P: Mas o que tô percebendo de você que o seu diferencial na área de segurança vai ser justamente esse de comunicar que você trouxe da área de vendas.

TST 08: Isso, essa assessoria.

P: Acredito que esse será o seu diferencial. Porque a maioria dos colegas comentou dessa questão: que o curso traz uma proximidade humana bem grande. Uma coisa.... uma ideia que eu não fazia do curso técnico em segurança do trabalho. Então, antes de encerrar, você tem algo a dizer pra essas pessoas que podem ser jovens ou senhores mais de idade, mas que tão fazendo um curso de técnico, uma educação técnica pra ter uma profissão? Você quer deixar uma mensagem?

TST 08: Acredito que a pessoa tá no caminho. Eu aprendi uma coisa. Se você quer resultado diferente, você tem que fazer algo diferente. Então, meu... trazendo pro meu pessoal, eu sempre queria sair da área de vendas, mas não abria mão por causa do salário. Então já tava ficando uma situação que eu não tava feliz, também não tava fazendo meu trabalho do jeito que gostaria de fazer. Como eu disse: eu me cobro muito. Eu sabia que já não tava fazendo tão bem e não saía por causa da parte financeira. Então assim, quem tá se profissionalizando, buscando algo diferente. Tem que colocar isso na cabeça. Quero resultado diferente, então tem que fazer algo diferente. Se continuar fazendo a mesma coisa, ou vai reclamar a vida inteira como vendedora e não vou abrir mão, vou ficar aqui, ou fazer algo diferente. Foi quando surgiu a oportunidade do Cefores. Financeiramente, pra pagar um curso de Técnico em Segurança do Trabalho, eu não ia conseguir. E aí, eu tinha várias limitações. E eu agarrei nessa oportunidade que me foi dada, que escrevi, foi até pela desistência de alguém. Acredito que foi Deus que preparou, e agarrei isso, acreditei. E outra coisa, não é fácil fazer algo diferente. Aí você tem que se reinventar, procurar se organizar, tirar... assim, força da onde que não tem mesmo. Porque eu poderia chegar e dormir, porque eu tava muito cansada. Trabalhava o dia inteiro externo, você anda muito, fala muito. E eu ia pro curso, fazia assim: no intervalo trabalhando também, poderia chegar e dormir, mas nessas meia hora, 40 minutos todos os dias, depois de dar atenção pra minha filha, ia estudar, porque senão agente desiste. Aí volta a fazer a mesma coisinha e fica só lamentando, porque não acontece nada diferente.

Mas é porque você não buscou. O diferente na sua vida você não acreditou que você podia buscar isso. Agente tem que acreditar muito no que agente pode.

P: Nossa, muito merecido o seu diploma.

TST 08: Tô muito feliz mesmo, foi uma conquista, uma vitória muito grande. Fico até emocionada, porque eu já me vejo trabalhando na área. Mas é como falei, quero me preparar direitinho pra poder mergulhar de cabeça mesmo. E outra coisa que eu faço...

P: Daqui até o final do ano passa rápido.

TST 08: Quero estar preparada, todos os dias eu leio uma NR, vejo se ela atualizou ou não. Participo de todos os grupos que tem segurança do trabalho, procuro assim, é... buscar mesmo, porque é uma área que se tem que buscar muito. Ela sempre tem uma renovação. Sempre muda uma norma. Ou eles acrescentam alguma coisa e aí tem que atualizar. E eu tô fazendo isso. Faço isso como uma... me policiando. Vontade mesmo é assistir alguma coisa para dar uma descansada geral. Mas não. Eu vou, nesse tempo que tiver parada, tenho que tá dentro do assunto. Estudando, lendo as NRs. E vendo tudo que acontece na área pra quando eu chegar tá em algum lugar, também não tá perdida. Tem muita sigla, muita coisa muito diferente. É uma área, um campo muito grande. Não sei onde vou trabalhar, cada lugar vai exigir uma norma diferente. Tem lugares, igual no hospital, que já... busca muitas normas. Mas tem uns que, vamos dizer assim... se fosse trabalhar na Cemig. Tô olhando os concursos de lá: NR 10, só isso. Instalações de energia elétrica, é o que eu teria que estudar. Mas como não sei para onde eu vou, tô olhando tudo.

P: E existe uma vontade de alçar maiores vôos?

TST 08: Sim, existe. Uma coisa assim que até falei com um dos técnicos de segurança da EBSEH, ele me deu um conselho que eu guardei. Eu falei que gostaria de trabalhar nessa área de consultoria, buscar serviços, que seria pra fazer um PPRA [programa de prevenção de riscos e acidentes] de alguma empresa, que de repente pelo número de funcionários dela, ela não precisa de um técnico de segurança, mas ela precisa de alguns recursos da área de segurança do trabalho pra poder prestar esse serviço. De repente formo uma empresa de consultoria pra dar palestra, pegar os PPRA, o programa de prevenção que precisa naquela empresa e fazer, cobrar a parte. Tem muitas empresas, muito pequenas que não precisa de técnico de segurança. Não precisa de um SESMT [serviço especializados em engenharia de segurança e em medicina do trabalho], que é aquela formação que tem engenheiro, médico do trabalho, enfermeiro e técnico de segurança. Por ser muito pequena não precisa, mas não tá isenta da fiscalização ir até ela pra ver se ela tá dentro dos padrões. Então buscar isso. Prestar esse serviço. O que é o conselho dele? Ele falou assim: primeiro busca ter experiência, antes

de você abrir essa consultoria. Busca a experiência, a bagagem. E assim, eu falei: realmente. Tem que ter essa bagagem, experiência é só fazendo. Tando ali na área, participando da realidade e dos problemas. Porque nem tudo é bonitinho como tá na norma. E daí, se tem assim: percebo que na nossa área tem uma resistência muito grande. E ouvi um palestrante que falou: você ganha a briga contra o patrão que resiste em te dar uma verba pra você aplicar na área de segurança. Como que você ganha essa briga? É expressando pra ele o quanto vai custar o acidente daquele funcionário. Quanto que vai custar se caso acontecer alguma coisa com ele. Vai custar muito mais do que o investimento que você tá propondo pra ele melhorar a empresa dele. Aí vou guardando esses argumentos pra poder defender direitinho. Tentar fazer um trabalho bom, porque eu vejo que o técnico de segurança, em muitas empresas, é muito barrado. Então tem que realmente ter um jogo de cintura muito grande. Não pode abrir mão, fazer errado, e também tem que defender seu emprego.

P: Você quando fala que é muito barrado, você imagina que ele é aquele profissional que a empresa contratou por conta de uma lei que ele é obrigado a cumprir, mas como se tivesse fazendo um papel ali que não fosse muito importante?

TST 08: Exatamente. E, até assim, no início, agente brigou um pouquinho pra defender nossos direitos. Acho que tenho isso. Acho assim: tem que se valorizar muito mesmo o técnico recém-formado, como eu sou. Se você estiver numa empresa onde... por mais que use todos os argumentos e não tá sendo ouvido, aí você não pode permanecer. Porque senão você tá se vendendo. Vai que dá um problema, pode acontecer. Porque nessa área não pode contar com sorte. Tem que contar realmente com o trabalho bem feito de conscientização e realmente procurar. Tá tudo dentro das normas, porque, ou um acidente, ou uma fiscalização, vai fazer que aquela empresa tenha problema. E, infelizmente, você como técnico de segurança da empresa, você tem tá assim: o mais correto possível contra aqueles problemas. E tem empresa que vai contratar só pra ter um técnico, e eu não quero fazer parte dessas empresas não. Quero uma empresa que valoriza a área da segurança, que eu vou crescer, aprendendo ali tudo que tiver na área. É isso.

P: Então o que eu tenho é te agradecer e que se eu realmente precisar de algo, me desculpe pelas intercorrências, vou te procurar de novo.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE P

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 12

03/09/2018, 16h30, Biblioteca da UFTM

TST 12 é mulher, entre 22 e 27 anos de idade, mora com os pais e os irmãos, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST porque tinha que se profissionalizar e esta era a única opção. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 16, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 6, também considerado como um conceito de *não-identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 10, da mesma maneira considerado como um conceito de *não-identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 24 para os aspectos os quais esses docentes precisam melhorar. Quanto aos demais, ela os considera como bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 23, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 12, considerado como um conceito de *preparação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Então você tá nessa faixa etária de 22 a 27 anos. Tem muito tempo que já concluiu o Ensino Médio?

TST 12: Tem 4 anos.

P: E você tava trabalhando?

TST 12: Eu fiz um ano de Biologia, só que não foi aquilo que eu esperava. Eu tive que trancar e tive que trabalhar e acabou que, trabalhando, trabalhando, não voltei pra faculdade.

P: E você fez essa biologia foi em instituição superior pública ou privada?

TST 12: Privada. Só que tinha que ficar em tempo integral e não tinha como trabalhar. Aí ficou um pouco apertado.

P: Quantos períodos você fez?

TST 12: Fiz 2 períodos.

P: E você estava se identificando?

TST 12: Algumas partes sim, algumas partes não. Deve-se ter uma noção do que se gosta mais e do que se não gosta tanto.

P: Você colocou opção aqui que me interessou, poucas pessoas fizeram o que você fez. Que você escolheu o curso porque tinha que se profissionalizar e naquele momento era sua única opção. Você não pensava em fazer o Técnico em Segurança do Trabalho?

TST 12: Na verdade nunca imaginei fazer. Eu tava procurando um curso que seja rápido pra arrumar um emprego a partir disso e vi oportunidade naquele curso. Me identifiquei mais do que nas outras áreas, porque enfermagem, saúde bucal... não é minha área, o que eu gosto.

P: É, o processo tinha outros cursos. Tinha enfermagem e análises clínicas. E aí, entre essas 3 opções no processo que naquele momento surgiu para você, você acha que a Segurança do Trabalho teria mais a ver com você?

TST 12: Isso. Agente já trabalhou em indústria, então prefiro mais parte de indústria do que na parte de saúde.

P: Quando você trabalhou na indústria?

TST 12: Fui menor aprendiz. Trabalhava na INPA, no distrito.

P: É lá no distrito, é de papel né? Aí você trabalhava como menor aprendiz e rodava os setores lá? E chegou a ter contato com algum técnico de segurança?

TST 12: Tive, porque tive que entregar documentos pra ele, ele tinha que assinar pra mim. Agente faz um pouquinho de cada área, como força do processo.

P: Você colocou que nessa trajetória sua durante o curso, você teve contato com os docentes do curso e que nem todos são considerados como bons profissionais. Porque você acha que, por exemplo esse item aqui: o sistema de avaliação, não seria uma coisa importante praquela pessoa docente melhorar?

TST 12: Geralmente fica muito presa à provas, pessoa empenhada no conteúdo, mas na prova por causa da pressão. Ter que tirar nota boa pra passar no curso. Fica nervoso, então dá um branco e esquece muita pressão a prova.

P: Então o sistema de avaliação pra você não seria tão...

TST 12: Assim, todo curso tem que ter uma prova, pra se ter uma noção. Mas não aquela pressão só com a prova. Dar outras opções também.

P: É porque, na verdade, o sistema de avaliação envolve além da prova, tem trabalho, tem avaliação da participação em sala...

TST 12: Mas no curso, geralmente, o peso maior é a prova. Participação, trabalho é um ponto. É só pra ficar preparado pra prova.

P: Ótimo, com relação à direção e à coordenação do curso e pedagógica, você foi tranquila. Bom, com relação às áreas de... os campos de atuação do técnico em segurança do trabalho, você se considerou preparada e também se considerou sem preparo, em algumas áreas. Você considerou que está sem preparo de atuação na construção civil, portos, aeroportos, em fábricas, em empresas representantes de equipamentos de segurança. Essa falta de preparo seria por conta de uma identificação própria sua com área, ou algo que a instituição colaborou, poderia ter colaborado melhor?

TST 12: Une os dois pontos. Não me identificando com essa parte e também tivemos muito superficial. A carga horária menor. Agente viu pouca coisa mesmo. Só para ter noção, não aprofundava tanto e ficava um pouco vago. Agente ficava com receio de seguir naquela área por não saber tanto.

P: As demais, que são a maioria, você se considerou preparada.

TST 12: Agente teve bem melhor... entender... saber...

P: Bom, você fez biologia, 2 períodos, assim que saiu do Ensino Médio. Depois ficou um tempo parada sem estudar. Tava trabalhando?

TST 12: Tava trabalhando o dia todo. Trabalhava em uma loja de acessórios.

P: E aí veio essa vontade de estudar e ter uma profissão?

TST 12: Com certeza, porque geralmente você fica naquele emprego, não procurar melhorar ou fazer um curso. Geralmente você fica naquilo. Um ano, dois, três anos. Eu não queria, eu queria procurar um emprego que ganhasse melhor e tivesse oportunidades diferentes. Na loja eu não tinha oportunidade de crescer. Era só vendedora.

P: Na loja teve uma experiência de quanto tempo no mercado?

TST 12: Foi de dois anos que trabalhei lá.

P: Você é muito jovem, então praticamente saiu do Ensino Médio e começou a trabalhar. Durante o curso você continuou trabalhando?

TST 12: Continuei trabalhando mais 6 meses. Quando comecei o curso, tava trabalhando. Aí passou um tempinho, por causa do horário, tive que sair, tive que optar pelo curso ou pelo serviço.

P: Ah sim.

TST 12: Às vezes o serviço estendia um pouco mais do horário por causa das mercadorias, aí chegava muito atrasada no curso.

P: Então você fez, com certeza, uma escolha muito boa, de ter continuado. Durante sua infância, sua vida, você teve alguma vontade... com relação a alguma profissão?

TST 12: Sempre queria ser policial, tanto que quando terminei o Ensino Médio, era o último ano que eu prestava prova pra polícia sem o Ensino Superior. Só que o critério para desempate era por idade, eu tinha 18 anos e as outras pessoas eram bem mais velhas, eu não consegui a maior idade.

P: Então você desde pequena teve esse sonho de ser policial?

TST 12: Isso.

P: Mas esse sonho você não pôde concluir, né?

TST 12: É porque eu não tendo Ensino Superior, tenho que terminar a faculdade pra depois tentar, por processo seletivo, concurso.

P: Mas esse que você fez não era pra nível superior?

TST 12: Não precisava do Ensino Superior. Agora tá no decreto que precisa do curso superior.

P: Entendi. E você quer alçar outros vôos e fazer o superior?

TST 12: Eu pretendo ano que vem fazer engenharia.

P: Você quer continuar verticalizando essa área da segurança do trabalho dentro da engenharia?

TST 12: Gostaria, porque quero engenharia ambiental. A engenharia ambiental pucha as duas partes. A segurança e, futuramente, a engenharia de segurança do trabalho, que é pós-graduação.

P: É porque ela não tem a graduação.

TST 12: Não. É só a pós. Depois que se tem uma engenharia, pode fazer. Aí prefiro a ambiental, que me identifico bem mais.

P: Você, saindo do curso, você acredita que fez uma escolha certa? E você atuando no mercado você estaria se sentindo realizada profissionalmente?

TST 12: Acho que sim. Sinto um pouco de dificuldade pelo fato de ser mulher. A maioria das vagas que encontro tem preferência para sexo masculino. Então agente fica um pouco decepcionada por ter esse obstáculo, ser mulher. Mas tô procurando na minha área, pretendo continuar nela.

P: É o desafio que todas nós temos que enfrentar em determinadas áreas.

TST 12: E geralmente as empresas tem muitos homens. Eles preferem seguranças homens por causa de assédio... essas coisas. Tanto que duas entrevistas que eu fiz, ele me perguntou como que eu me comportaria com assédio de homens, como eu faria...

P: Em duas entrevistas?

TST 12: És. Como que eu ia lidar com isso? Questão de idade, por experiência, por ser mulher. Como vou lidar com isso?

P: Nossa.. eu tô impressionada de tá sabendo disso, que hoje em dia, em pleno século 21, as pessoas utilizam de entrevista de emprego pra fazer esse tipo de pergunta.

TST 12: Ele falou que é muito comum. E não tem alguma... nada pra prevenir... a instituição não tem... esse tipo de tratamento.

P: Como que você tá agora? Já empregou?

TST 12: Não, tô desempregada.

P: Mas tá correndo atrás ou você quer fazer a faculdade primeiro?

TST 12: Eu queria investir na minha área primeiro, pra ver como vai ficar meu tempo. Se vou pra particular ou federal. E tando empregada, uma privada seria mais tranquilo por causa de horário. Geralmente, a federal é o dia todo. Raras são as opções de fazer a noite. Aí eu queria estar empregada para ter essa noção.

P: Aí você, estando empregada, você tentaria uma universidade privada?

TST 12: Pelo horário sim.

P: Porque se for engenharia pública, nós temos a UFTM e também acredito que tem algumas engenharias no IFTM.

TST 12: Mas ambiental não tem. Tem de alimentos, engenharia da informática... meu é ambiental.

P: Você falou que com o curso você teve esse reforço da sua auto-imagem como profissional da segurança do trabalho. Interessante também que você colocou aqui a questão ampliando junto com a ética, moral, como um técnico tem que ser e lidar para se tornar um profissional respeitado.

TST 12: Eles trabalham muito isso.

P: Eles trabalham muito isso no curso?

TST 12: Tanto da moral... não sair prejudicando o empregado, pelo fato de estar sendo pago praquilo e não prejudicar o trabalhador. E também ao empregador.

P: Você ser aquele meio de campo né? O intermediário..

TST 12: Ajuda a empresa com melhorias e o trabalhador a não se prejudicar com saúde, acidentes, prevenção

P: Então você acha que depois que você acertar esses detalhes e ainda continuar com os estudos numa graduação, você entrando em um desses campos, você estaria feliz profissionalmente?

TST 12: Acho que sim. Só se eu tiver alguma coisa diferente, daqui há uns anos né, ou quando tivesse já na área, tiver alguma decepção, alguma coisa que não era o que eu esperava, né? Aí eu tô muito otimista.

P: Então, por hora, você tá atrás de um lugar ao sol?

TST 12: Sim.

P: Depois vai tentar graduação noturna.

TST 12: Ver alguns cursos, por ter umas dificuldades muito em expressar o que eu quero falar. Fazer oratória, cursos de treinamento, pra mim estar qualificando melhor.

P: Tem alguma coisa que você queira falar pras pessoas que estão nessa jornada também de fazer educação profissional, estão fazendo curso técnico e querendo ter uma profissão técnica?

TST 12: Acho que: não desistir. Porque agente encontra muito obstáculo, ou é família, ou outro emprego, aí acaba desistindo. E também ir se qualificando melhor, não se (inaudível) e não querendo fazer outra coisa. Tem que procurar melhorar. E insistir muito. Não desistir.

P: É dar continuidade né.

TST 12: Negativo vai encontrar em tudo. Uma hora é família que precisa de você, ou é você que vai desanimando do curso. É professor que não se dá bem. É insistir mesmo. Pode ter uma dificuldade... Não tem o mesmo retorno que queria do professor, acaba desanimando e aí sai do curso por causa do professor. Muitas pessoas do curso fez isso. Então é não desistir. E sim sempre procurar soluções. Porque os obstáculos sempre vão estar presente, tanto na sala de aula, ou depois de formados, sempre vai ter uma coisa.

P: Se eu precisar de alguma coisa a mais que, porventura tenha esquecido aqui, vou te pedir autorização, agente vai conversando pelo ZAP.

TST 12: Ok, tudo bem.

P: Muito obrigada.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE Q

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 05

04/09/2018, 15h00, Campus I da UFTM

TST 05 é homem, acima de 34 anos de idade, mora sozinho, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 42, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 16, também considerado como um conceito de *identificação total*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 15, considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do referido intervalo. Ele acredita que todos os docentes do Cefores são bons. Tanto que, mesmo não havendo necessidade de avaliá-los, assim o procedeu, como um ponto positivo, e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 28. Com relação aos demais, ele acredita quem nem todos são bons profissionais. Quanto ao corpo administrativo, numa escala de 0 a 20, o resultado de suas marcações foi 18. E, com relação aos coordenadores, numa escala de 0 a 30, o resultado foi 27. Esses dois últimos resultados servem como referências para os aspectos nos quais esses profissionais precisam melhorar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 23, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 18, considerado como um conceito de *preparação*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com TST 05. Você colocou que mora sozinho e que está acima de 34 anos. Antes de entrar no curso técnico em segurança do trabalho você já exercia outra profissão?

TST 05: Eu exerço a profissão de eletrotécnico.

P: E já tem muito tempo?

TST 05: Já há uns 15 anos. De carteira, já tem mais de 20 anos.

P: Você colocou que já teve sempre vontade de fazer o curso, mas por essa profissão eletrotécnico, você acredita que possa ter surgido a vontade de fazer o técnico de segurança do trabalho?

TST 05: Eu sempre trabalhei nas indústrias, e nas indústrias, a questão da segurança é importante. Devido a essa integração com o pessoal de segurança, aí fiz o curso.

P: Então por trabalhar em indústria, você interação com os técnicos de segurança e ali você teve uma identificação com a atividade profissional deles?

TST 05: E antes eu fiz o curso de Bombeiro Civil. Trabalhei de bombeiro civil, no shopping, tem haver com o técnico de segurança do trabalho.

P: Então você já tem esse histórico de aproximação na área de segurança?

TST 05: Exatamente, na área de segurança. Tem essa vivência, um pouco haver com a área de segurança.

P: Então isso explica a questão de identificação altar que você colocou aqui no questionário, né? Com todas essas atividades que podem ser.... que foram desenvolvidas...

TST 05: É já tem uma curta noção, não que eu saiba muito. Tenho proximidade de certas matérias do curso de bombeiro civil, já tinha feito. Primeiros socorros... APH [atendimento pré-hospitalar] ... Prevenção de incêndios... trabalho em altura... NR 35... altura...

P: Você teve dispensas de matéria do curso?

TST 05: O professor falou que como do MEC de nível técnico e o bombeiro a nível de qualificação. Mas já conhecia a matéria.

P: Então não demandava a dispensa. Aí você frequentou às aulas?

TST 05: Frequentei, mas já conhecia as matérias.

P: Outra coisa que achei interessante, aqui nas questões 10, 11 e 12. Você, exemplo na 10, agente havia pedido que se você marcasse sim, você poderia seguir direto pra 11. E mesmo assim você resolveu avaliar. Essa questão é com relação aos profissionais docentes do curso e você acha que todos esses itens que são importantes?

TST 05: Sim são. Planejamento de disciplina, são todos importantes. Faz parte da grade também, tudo ligado a grade curricular. Planejamento de aula, preparação de aula, extra de sala de aula...

P: Foi uma das coisas que achei interessante. Você praticamente, quase finalizando, você estando na área de eletrotécnico, de posse de seu diploma de técnico de segurança, você pretende atuar na área?

TST 05: A oportunidade, agente procura sempre se qualificar, nessa área. Mas aqui em Uberaba é muito difícil, são poucas vagas. Mas é uma área boa. Exige muito conhecimento. Inclusive, tô fazendo outro curso de tecnólogo em automação.

P: Qual instituição?

TST 05: SENAI. Tem haver com a segurança. Essas matérias da segurança está em quase todos os cursos. Até na engenharia, tem segurança do trabalho.

P: Você pretende verticalizar os seus estudos, fazer uma graduação na área da segurança, na engenharia?

TST 05: Surgindo a oportunidade, tem que fazer o Enem. Tem que se preparar ainda pra isso, mas se surgir oportunidade de fazer particular, também faço particular.

P: Aí estudaria em um período e continuaria trabalhando os outros períodos?

TST 05: Isso.

P: Tem algo que você quer falar pras pessoas que estão graduando, formando em profissionais técnicos?

TST 05: A única coisa que foi cobrado do profissional técnico pelo [professor da área específica do curso] é a questão da ética na profissão. Manter sempre a ética, porque é muito fácil o cara da segurança puxar mais para o lado da empresa e esquecer do trabalhador. Tem que agir sempre com ética. Fazer esse jogo, estar entre a empresa e o funcionário.

P: Se, por acaso, faltar mais algo, eu te mando mensagem por ZAP. Muito obrigada.

FIM O ÁUDIO.

APÊNDICE R

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 02

04/09/2018, 16h00, residência do entrevistado

TST 02 é homem, entre 22 e 27 anos de idade, mora com a companheira, possui renda *per capita* entre 0,5 e 1 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 30, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 11, também considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 9, considerado um conceito de *não-identificação parcial*. Ele acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Inclusive, mesmo não havendo necessidade de avaliá-los, ele assim procedeu, sendo que em uma escala de 0 a 30, para os docentes, o resultado de suas marcações foi a escala 23, e em outra, para o corpo administrativo, foi 3. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 30, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 6, considerado um conceito como *sem preparação*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com educando TST 02. Você colocou aqui que está na faixa de 22 a 27 anos. Você concluiu o Ensino Médio recentemente?

TST 02: Concluí o Ensino Médio em 2008.

P: Então há dez anos já. E de lá até ter chegado ao curso técnico de segurança do trabalho, você trabalhava?

TST 02: Eu iniciei o técnico em agricultura assim que terminei o Ensino Médio. Em 2013, tentei o curso técnico de segurança do trabalho, iniciei, mas parei no 1º bimestre por condições financeiras e outras.

P: Então em 2013 você já teve sua primeira tentativa de fazer o técnico de segurança do trabalho?

TST 02: Isso. E o outro na área de agricultura eu concluí.

P: E foi público?

TST 02: Foi.

P: No IFTM?

TST 02: No IFAL, de Alagoas.

P: Instituto Federal de Alagoas. Você está aqui em Uberaba-MG há quanto tempo?

TST 02: Há três anos e meio.

P: Com pouco tempo que você chegou e conseguiu entrar na turma de técnico de segurança.

TST 02: Sim.

P: Você colocou que essa vontade, sempre quis fazer o curso de segurança. Essa vontade veio até mesmo antes de você fazer o técnico no IFAL?

TST 02: Não tinha total conhecimento da área. Porém, um amigo me indicou e eu me interessei. Lá aí, por conta de desistência, não pude concluir. Eu adiei pra depois poder fazer.

P: Certo. Você ao longo de sua trajetória dentro do curso, você tinha um... outras atividades laborais? Trabalhava, estudava? Como que era essa rotina?

TST 02: Eu pegava das oito da manhã às quatro e meia [16h30]. Voltava e nesse meio tempo eu buscava minha irmã no trabalho, depois eu vinha pra casa tomar banho pra ir pra escola às sete [19h]. Chego em casa às 11 [23h] mais ou menos. E começava a rotina seguidamente.

P: Certo. Você colocou aqui, com relação às disciplinas específicas da segurança do trabalho, que você mais se identifica, que são aquelas disciplinas de prevenção e controle de riscos, além das disciplinas de perícias e laudos técnicos periciais. Você acha que atuando como técnico de segurança do trabalho, também seriam as áreas que você mais se interessaria?

TST 02: Sim. Acho que é a função nobre que o técnico tem que exercer é quanto a prevenção no ato. Se ele descobriu ali um risco, ele tem que atuar naquele risco. E por isso que essas áreas mais específicas me interessou bastante. Quando eu fiz o estágio, recentemente, eu percebi que a parte documental é bastante importante também. Ela é repassada durante o curso, mas na prática é bem mais rigorosa.

P: Então é uma coisa que o curso poderia melhorar, com relação a transmissão desse conhecimento documental?

TST 02: Isso. Porque pesquisa nas NRs, ela é bem específica, porém com muitas brechas. Cada um tem um entendimento. Outra coisa, quando você vai fazer um documento, ali você tem que aplicar seu conhecimento naquele documento baseado na norma... e isso é bem... bastante difícil, você conciliar o seu entendimento com o do próximo. Repassar a mensagem. Principalmente quando vai fazer laudo. Por exemplo, um perito caso da... citado aí... um

perito pode entender uma coisa e outro pode entender outra coisa. Por isso que é bem... complexo. É importante estudar mais a fundo essa parte.

P: Porque demanda interpretação né?

TST 02: É, quando se trata de uma perícia, de um resultado quantitativo, já é mais restringido. Que é a interpretação. É mais específica. Mas quando é qualitativo, é de acordo com a avaliação do engenheiro, perito, aí fica bem subjetivo.

P: É, geralmente os dados qualitativos demandam avaliações mais pormenorizadas, mais detalhadas.

TST 02: Isso.

P: Certo. Tô com uma dúvida com relação, assim, se você agora formado, você me disse que conseguiu um emprego. Foi um emprego como um técnico de segurança?

TST 02: Não.

P: Eu tô perguntando isso porque aqui nas áreas de atuação, você... não sei, se as vezes você entendeu errado, ou se realmente foi isso que você quis dizer. Essas áreas de atuação que o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos define. Você colocou a maioria como parcialmente preparado e uma minoria sem preparo. Mas em nenhuma delas você colocou como preparado.

TST 02: Eu não coloquei como preparado por causa do... em exigir experiência. Ninguém entra como técnico ou outro serviço qualquer com experiência. Porém com o tempo que você estiver na área, você vai ficar bem preparado. Perfeito, bem, não fica, porque sempre tem uma coisa nova na área de segurança do trabalho. Acho uma área muito ampla, e não dá pra ficar bem preparado sempre.

P: Tem alguma dessas áreas que você teria um interesse maior?

TST 02: Não. Eu acho que na indústria.

P: Indústrias, hospitais, comércios, construção civil, portos e aeroportos, centrais de logística, instituições de ensino, fábricas, empresas representantes de equipamentos de segurança, empresas e consultorias para capacitações em segurança do trabalho.

TST 02: Então, a área pública, é... a demanda é menor. Não deixando de ser importante, como na área privada que a cobrança é bem maior. Mas, área privada acho que é bem mais fácil de arrumar emprego.

P: Você tá agora com o diploma em mãos? Concluiu o estágio?

TST 02: Concluí.

P: Você acredita que após ter concluído, e atuando futuramente como técnico em algum desses campos de atuação, você estaria realizado, se identificado profissionalmente?

TST 02: Sim, o meu objetivo também. Gosto de desafios. Me interessei bastante pela área, e se eu vir a atuar num período próximo, estarei realizado.

P: Pra finalizar, tem alguma coisa que você gostaria de falar pra essas pessoas que estão aí na luta, trabalhando de dia, estudando à noite e vice-versa e tentando ter uma profissão técnica?

TST 02: O que eu digo é que não desista. Que conhecimento nunca é demais. Quanto mais conhecimento você adquire, mais preparado você estará pro mercado. E o que achei bem interessante é que todas as áreas da indústria empresarial presa pela segurança. É uma área fundamental a segurança do trabalho. Sem ela não dá pro objetivo final que é ter um produto, um serviço realizado com qualidade. Então basta procurar que vai achar bom resultado.

P: Certeza. Agradeço e encerro dizendo que se eu precisar de algo, farei contato novamente com você.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE S

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 10

06/09/2018, 10h00, Biblioteca da UFTM

ENF 10 é mulher, entre 16 e 21 anos de idade, mora com a mãe, o padrasto e a irmã, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por nenhuma das opções dadas. Segundo ela, teve várias opções e considerou o TE como uma boa opção. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 23, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 28, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 13, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi 11 para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Quanto aos demais profissionais, ela acredita que todos são bons. Inclusive, como um ponto positivo, para os profissionais das coordenações, numa escala de 0 a 28, as suas marcações resultaram na escala 24 nos aspectos nos quais ela não foi obrigada a avaliar. Numa escala de 0 a 40, o resultado foi 40, nota máxima conferida ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 19, considerado como um conceito de *preparação*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com educanda ENF 10. Bom dia, você é bem jovem, colocou no seu questionário que tá na faixa de 17 a 21 anos. Assim que você saiu do Ensino Médio já se ingressou no técnico do Cefores?

ENF 10: Foi, um ano depois que formei no Ensino Médio.

P: Você colocou aqui que esse curso foi apresentado como uma boa opção de profissão, mas não foi a 1ª, nem a única. Então você teve outras opções?

ENF 10: Tive. Eu comecei fazendo manutenção automotiva no SENAI. Fiz o curso de manutenção automotiva, mas não tive chance na área. Então como eu tava um tempo parada...

P: E era técnico?

ENF 10: Não. Era de aprendizagem. O técnico era pago, eu não tive condições de fazer. Mas depois disso, abriu a prova do Cefores pra ser feita, e eu tive uma indicação pra fazer, e fiz e deu certo.

P: E essa indicação era de alguém que conhecia o Cefores?

ENF 10: Não. Era alguém da enfermagem já. Ele falou que na UFTM tinha um curso bom pra fazer e que seria uma boa pra mim. Poderia trabalhar, ser uma nova área que eu ia talvez gostar.

P: Interessante. Só para entender melhor, quando a pessoa te indicou esse processo, você viu que tinha outras opções, tinha análises clínicas e segurança do trabalho. Porque que o enfermagem foi a sua opção?

ENF 10: Porque análises clínicas pra mim não me chamou a atenção e segurança eu até gosto um pouco da área, mas... eu sou bem eclética...

P: É pra quem já fez manutenção automotiva.

ENF 10: Segurança do trabalho também, mas enfermagem me chamou mais atenção.

P: Você, ao longo do curso, foi tendo contato então com a enfermagem... e nós estabelecemos algumas questões aqui nesse questionário e você colocou com relação à assistência de enfermagem, a saúde mental e psiquiatria, que você não teve identificação com essa área. É alguma coisa relacionada à instituição ou é a própria... é o conteúdo mesmo?

ENF 10: Não. É por minha própria pessoa mesmo, eu não me vejo. Apesar de ter ficado um mês na psiquiatria, aí foi a certeza de que não sirvo pra isso. Um paciente psiquiátrico é uma coisa, mas cuidar de uma ala toda... não. No trabalho que eu tava, cuidava de 23 pacientes a noite, era só eu de profissional, sozinha, a noite, com 23 pacientes. Porque era como uma casa que eles ficavam. Não era uma instituição de cuidados. Não era uma...

P: E isso foi durante o curso?

ENF 10: Logo que acabei de formar. Fiquei um mês lá. Não gostei. Talvez foi por conta da instituição, mas também nunca me vi nessa área.

P: Então é questão pessoal mesmo. Com relação ao curso em si, você colocou que te incentivaram a seguir nessa profissão e que você tava se preparando para outra área.

ENF 10: Engenharia mecânica.

P: Você iria seguir engenharia mecânica?

ENF 10: Iria, só que quando acabei o curso e fui fazer uma entrevista de trabalho que eles não... eles queriam que eu ficasse na área de vendas, mas eu falei que não. Quero ficar na área de manutenção. Aí não me deram a vaga e eu já murchei. Não, essa área não é pra mim. Não é uma área ruim, mas não é muito aberta à área feminina.

P: Aí você colocou que o aprendizado que você obteve no Cefores, não somente na profissão, pra levar pra sua vida, isso fará uma grande diferença. Porque isso?

ENF 10: Não sei se é a forma como eles ensinam. Mas a questão da humanização, a questão da empatia que agente tem, agente aprende, tem que ter na teoria, mas sempre praticar isso na vida, se colocar no lugar do outro. Isso faz muita diferença na vida.

P: O que você concluiu no técnico de enfermagem e quase entrando na área de manutenção automotiva, quase passando pra engenharia. E seus próximos passos? Você acha que agora você tá satisfeita com a profissão técnica que você escolheu? Tá feliz?

ENF 10: Tô satisfeita com a profissão, com o emprego. Porém agente tem que procurar cada vez mais conhecimento. Então eu pretendo me ingressar numa faculdade e não ficar só no feedback.

P: Essa faculdade que pretende fazer é a enfermagem? Ou é outra coisa, em outra área totalmente diferente?

ENF 10: É na enfermagem que vou ficar. Vai ser na área da saúde. Eu não me vejo em outra área agora.

P: Quer dizer que você se identificou com a área da saúde, que independente se sua graduação for enfermagem ou não, sua graduação vai ser na área da saúde.

ENF 10: Mas é quase certeza que vai ser enfermagem. Tem o Enem. Vai depender.

P: Vai optar pelo SISU?

ENF 10: Vagas em universidades federais.

P: Acredito que você teve essa vivência em outra área, mas por um toque de alguém que viu que você teria um perfil, você chegou a área da saúde. Pelo que eu entendi você não tava buscando isso.

ENF 10: Não. Nem tinha pensado. Como tô convivendo com uma pessoa que é enfermeira hoje em dia, aí ela tem uma paixão tão grande, que ela me incentivou pra me preparar também.

P: Muito interessante. É uma coisa que você nunca teve isso... esse pensamento... e de repente você entrou, fez o curso, se identificou e quer continuar. É realmente isso?

ENF 10: É.

P: Você tá... conseguiu emprego logo que terminou o curso?

ENF 10: Nem tinha pegado meu certificado [diploma].

P: Tá em hospitais, consultórios?

ENF 10: Dois hospitais.

P: Tá no sistema de 12 por 36?

ENF 10: Trabalho 18 horas num dia e 6 no outro.

P: 18 em um hospital e 6 em outro?

ENF 10: Não. Faço 6 por 1 em um hospital e no outro 12 por 36, nem sempre a folga é a noite.

P: Acho tão legal isso.... Tive meu filho internado em um hospital, e ele é pequenininho, pouco mais de um ano. Você poder ver os profissionais do Cefores ali trabalhando é muito gratificante. Saber que seu trabalho ali atrás de um balcão, com pouco contato com os alunos, mas que tudo que tô fazendo tem um objetivo que eu ajudo. Depois ter essa possibilidade de ver eles atuando na profissão. Por exemplo, eu aqui, conversando com você, é muito gratificante pra gente sentir que o Cefores, de uma forma ou de outra, contribuiu.

ENF 10: Tem muita gente que fez a prova e não conseguiu.

P: Pra você fazer a prova teve que pensar um pouco, estudar, ou logo já....

ENF 10: Tinha um ano que eu não... tinha feito Enem. Dei uma olhada nas matérias, mas não achei a prova tão difícil. É só estudar.

P: Finalizando, você tem alguma mensagem para dar pras pessoas que estão querendo se profissionalizar e exercer suas profissões?

ENF 10: A vida é muito curta pra termos uma profissão só. Trabalhar sempre com o que gostamos e nos sentimos bem de verdade.

P: Então eu te agradeço e se eu precisar de mais alguma coisa, te procuro no ZAP.

ENF 10: Tá.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE T

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE TST 15

06/09/2018, 13h30, local de trabalho do entrevistado

TST 15 é homem, entre 22 e 27 anos de idade, mora com a namorada, possui renda *per capita* entre 3,5 e 5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 29, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 6, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ele acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 22 para os aspectos os quais esses docentes precisam melhorar. Quanto aos demais, ele os considera como bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 29, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 9, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com TST 15. Você tá falando aqui que já tá na faixa etária dos 22 a 27 anos e que escolheu esse curso por vontade própria, mas sua resposta na narrativa, você diz que isso te permitirá obter mais uma formação acadêmica. Estou percebendo então que você já tem outra formação, né? Qual é?

TST 15: Sou psicólogo. Formado em psicologia há 3 anos e meio. E resolvi fazer esse curso de técnico em segurança, primeiramente, por disponibilidade de tempo e segundo, porque minha outra vontade é fazer engenharia civil. Mas como acabei partindo pra psicologia e a engenharia sempre foi minha vontade, não tinha condições no momento de tá, é... fazendo esse curso, né, de 5 anos, por ser muito longo. Então resolvi fazer algo na área, mesmo que o técnico de segurança não seja voltado pra só na engenharia, mas tem muitos conteúdos voltados para a engenharia civil. Trabalha com engenharia civil, alguns conceitos, algumas técnicas, inclusive a NR 18, da construção civil, que agente viu muito isso também. Foi mais

assim nessa parte. Eu gosto também dessa área de cuidado, de trabalhar com pessoas. Acho que uniu as duas áreas pra poder trabalhar melhor. E é uma coisa assim que sempre me identifiquei. Tem um leque de cursos do qual você gosta e aí você acaba vendo, percebendo, e... porque não? Então eu resolvi fazer. Sempre gostei da área, e outro curso relacionado, também tive vontade de fazer.

P: Quando você sempre quis fazer engenharia civil, quando você optou pela psicologia, foi porque as oportunidades foram abertas pra essa área e não pra engenharia?

TST 15: Exato. Foi assim: eu sempre quis fazer ou psicologia ou engenharia.

P: Psicologia também foi opção, uma vontade?

TST 15: Também. Mas por conta da necessidade e eu sou uma pessoa que estudou maior parte em escola pública, fiz cursinho, mas não por muito tempo. Então eu fui fazendo as provas, fiz o Enem. Do Enem que eu obtive uma boa nota, que fiz na época o Prouni. Fiz pelo Prouni, bolsa integral. Me inscrevi, consegui passar em psicologia. Aí falei: vou fazer psicologia. Mas assim, eu tenho essa vontade de entrar na área da engenharia civil. Tô com muito antenado com as pesquisas, documentários, todos voltados para essa área. Talvez, mais pra frente, é uma coisa que sempre comento. Daqui uns 10 anos... tenho vontade sim de iniciar uma graduação nessa área. Não pelo fato de me formar, mas pelo fato de conhecer, de tá trabalhando com isso. Não de atuar, mas de estar em contato com essa área.

P: O técnico de segurança do trabalho foi feito com o objetivo de estar atuando na área ou só mesmo como você falou, com o objetivo do conhecimento?

TST 15: Também foi com o objetivo de tá atuando na área. Assim... até na percepção de um concurso público, pensei nesse ponto de tá tentando mais de uma vaga. Aí posso fazer o nível técnico e posso fazer o nível superior. Então foram coisas que foram colaborando pra que eu, de fato, iniciasse um curso. Como eu disse: no momento eu havia recém-chegado aqui em Uberaba, tava com disponibilidade de tempo. Aí resolvi fazer a prova do Cefores, passei e vou fazer, mas com o intuito não só de matar o tempo, mas com o intuito de, se surgir uma oportunidade hoje, vou estar com a área da segurança, com total vontade de exercer.

P: Então, a pesquisa é sobre identidade profissional. Você, como psicólogo, já deve ter conhecimento e com relação a esse tema complexo que é a identidade, que envolve vários tipos. Nessa pesquisa agente tá focando um desses tipos que é a identidade profissional. Então o que eu queria ver com você é se, a colaboração da instituição, ela foi positiva? Ela colaborou para que você se identificasse profissionalmente? Pra que, futuramente, quando você já tiver, de seu interesse atuando na segurança do trabalho, você estará como um profissional identificado, nessa área e feliz?

TST 15: Sim. Não só a instituição, mas os professores que fazem parte da instituição. Eu digo mais os professores do que a própria instituição. Porque os professores eles realmente foram excelentes, nessa parte, de estar nos dando identidade, do que é ser um técnico de segurança. Uma identidade mesmo do que é fazer o curso. Os professores colaboraram. Claro, a instituição tem uma parcela, mas os professores trazem, e são os maiores culpados em trazer essa percepção, essa visão, dentro do que é ser técnico de segurança. Então acho que mais é os professores. E falando não só de questões teóricas, mas práticas. Foram o que trouxeram bastante, a prática. Pra gente ter essa identidade mesmo. Quando chegar já na carreira profissional, agente saber as nuances que existe. Acho que assim, os professores, aliados numa boa parte com a instituição, acho que eles deram essa construção da identidade. Muitos colegas meus saem realmente como técnicos de segurança.

P: Outra questão que me veio aqui agora é... muitos colegas comentaram a questão humana, o lado humano do curso técnico em segurança do trabalho. Você, já com essa formação em psicologia, também já a nível de graduação, você acredita que você poderia já utilizar esse conhecimento seu como um diferencial na área da segurança?

TST 15: Com certeza. Acho que 100% assim. É uma coisa que vamos dizer assim, a psicologia não tira nada. Ela só faz agregar. Então você tendo um pouco de conhecimento da psicologia, tendo o curso de graduação, ao nível superior. Teve outros colegas também que também tinham nível superior. E assim, a visão que eles tinham, era muito parecida com a minha. Então se percebe a diferença daqueles que não tinham nível superior com seus... então acho que o nível superior dá esse avais pra se perceber esse lado humano dessa área.

P: Bom, pegando um gancho aqui, o gancho de suas respostas. Só esclarecer algumas coisas. Nos conhecimentos específicos da área de segurança do trabalho você disse que não se identificou totalmente com as disciplinas de higiene do trabalho em riscos físicos, e segurança do trabalho rural. Isso é mais uma questão pessoal sua, ou teve haver alguma coisa no passar dos conteúdos?

TST 15: Então, não me identifiquei assim pelo conteúdo mesmo. Essa parte rural, nunca fui assim voltado pra essas coisas mais rural, natureza. Então, os conteúdos que vinham, um pouco chato, não prestava atenção...

P: Então é uma questão puramente pessoal?

TST 15: É, as duas questões. A primeira, é que traz muita questão de leis, muita questão voltada pra área das ISOs, das convenções das empresas. Essas coisas é um pouco chatinhas.

P: Ok. Com relação a esses conhecimentos gerais que são da área de segurança, mas são aplicados ao curso de segurança do trabalho, muitos deles, você colocou que não se identifica

totalmente, a maioria. Os únicos que você colocou que se identificou é o português e a ergonomia. Os demais você acredita que são conteúdos que não são necessários a essa matriz do curso? Que é o desenho técnico, proteção do meio ambiente, informática aplicada e a metodologia do trabalho e orientação de estágios supervisionados.

TST 15: Sim. Não só que não vale a pena na grade do curso, mas acho que foi mais a forma como que passaram... acho que foi mais solta... que poderia ser mais voltada a segurança do trabalho. Então ficou uma coisa assim, parecia que agente, de um lado, tava fazendo técnico de segurança e do outro agente tava fazendo matérias isoladas. Então, por exemplo, desenho técnico: agente tinha desenho técnico, mas não tinha nada voltado pra... exemplo, como que vai aplicar o desenho técnico no seu dia-a-dia. Pra que eu preciso entender de desenho técnico? Ah, pra eu saber que uma determinada planta baixa, é... tenho que saber olhar, atualizar e entender que aquela planta não está condizente com as normas de segurança do local. Não trouxe isso pra nós. Então ficou muito isolado e muito básico. Então isso pra mim foi assim, realmente perda de tempo.

P: A mesma coisa você responderia também pras disciplinas de Direito e Legislação que é totalmente diferente da área de segurança?

TST 15: Sim. A Direito e Legislação ainda tem um pouco ainda, mas acho que agente como técnico de segurança não trabalha tanto com direito. É bom agente entender, mas não... poderia ser uma carga horária menor. Poderia tá ajustando isso aí.

P: Tem alguma informação que você queira deixar praquelas pessoas que estão concluindo uma formação técnica e tentando entrar no mercado de trabalho?

TST 15: A informação que eu passo, a que passei, sempre passará pros meus colegas que não tinha ainda graduação, que vem de escolas de nível médio... é de que agente precisa estudar sempre... acho que agente não pode parar... agente vai concluir... concluiu já agora... esse curso na área... Um aperfeiçoamento, congresso... Então, como eu fiz. Eu tinha tempo disponível. Podia tá na minha casa descansando, assistindo TV a noite, mas mesmo assim eu peguei esse tempo disponível e resolvi tá investindo aí numa coisa que eu queria. E agora terminei, tô dando uma descansada e pretendo fazer outro curso, mas não sei se da TST ou da Psicologia e na área. Tô fazendo uma pós-graduação agora, quero fazer outras coisas pela frente também. Mas a mensagem que eu deixo é essa. Sempre tá estudando, meu que seja lendo uma bula de remédio, receita de bolo, mas sempre estudando, porque se você parar, pra recomeçar depois é complicado.

P: Esses planos que você tem, é seguir verticalizando em uma dessas duas áreas ou na psicologia ou através da engenharia na segurança do trabalho?

TST 15: Isso. Nessas duas áreas. Acho que no momento, partir para uma terceira área não seria bacana. Porque senão acabaria não focando em uma coisa. Já tem duas coisas pra focar, já tá bacana.

P: Eu agradeço então seu tempo disponível e qualquer coisa que eu precisar agente pode conversar pelo ZAP.

TST 15: Ok.

P: Obrigada.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE U

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 15

10/09/2018, 08h00, local de trabalho da entrevistada

ENF 15 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com o cônjuge e o filho, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 33, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 21, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Inclusive, como um ponto positivo, em escalas de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi a escala máxima para todos os docentes e 25 para os coordenadores, ambas nos aspectos nos quais ela não foi obrigada a avaliar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, nota máxima conferida ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 12, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com educanda ENF 15. Você relatou aqui pra mim que já tá na faixa etária acima dos 34 anos. Depois que você terminou o Ensino Médio, você ficou muito tempo sem estudar?

ENF 15: Fiquei 10 anos, quase 11. Aí eu fiz a prova do Cefores, pensei que não ia passar. Fiquei muito tempo sem estudar. Mas graças a Deus, passei e consegui.

P: Que bom. Você teve que se preparar pra fazer essa prova?

ENF 15: Eu estudei um pouco, não o que eu queria, o necessário. Tanto que fiz a prova e pensei que não tinha passado. Aí minhas amigas que me ligou e falou: você passou.

P: Que bom que deu certo. Você me relatou que trabalhou muitos anos como Agente Comunitário de Saúde. Então você já está na área da saúde, já há algum tempo, né? Como foi que você entrou nessa área?

ENF 15: Bom, no princípio, foi por necessidade. Nem sabia o que o agente comunitário fazia. Aí eu vi a prova, fiz a prova e tem 11 anos que tô nessa área.

P: Sim. E o trabalho do Agente Comunitário, como que é?

ENF 15: Eles falam que é o elo. É o elo mesmo que você vê que faz de tudo um pouco, você tapa buraco. Só que não é reconhecido. Infelizmente, até mesmo, pelas próprias profissionais da área, não é reconhecido, e pela população também. Acha que agente, muitas das vezes, é menina de recado. Não acha que agente tá ali para orientar, servir e ajudar no que for necessário.

P: Então, aí no caso, quando você entrou no curso técnico em enfermagem, você acredita que foi acontecendo as disciplinas, você foi começando a se identificar e até a levar esses conceitos pra o seu trabalho?

ENF 15: Isso. Me ajudou muito. Porque aí você entende e consegue compreender melhor o seu serviço e sabe como funciona. Por exemplo, tem uma matéria sobre SUS [Sistema Único de Saúde] que o que eu tinha trabalhado nesses 11 anos, tinha coisa que eu não tinha visto ainda. Aí o que acontece? Isso me ajudou a entender um pouco a metodologia do SUS.

P: E ao longo do curso você foi se identificando. Pude perceber aqui nas suas respostas que você se identificou bastante, principalmente as disciplinas específicas da área da enfermagem, as assistências. Você acredita que ao concluir o curso, você está feliz profissionalmente?

ENF 15: Nossa, tô bem realizada e sem contar que o curso foi muito bom. Formei, por exemplo, numa semana, na outra já tava no serviço. Já tô trabalhando na área, e eu gosto muito da assistência. Eu acho que você servir o próximo é muito bom. É melhor que você ser servida.

P: Eu percebi isso em quase todas as pesquisas que eu fiz por conta de que essa área humana foi muito falada por todas as outras pessoas com quem eu conversei. Agora eu só preciso saber o seguinte: se você concluiu o curso, já tá atuando como técnica em enfermagem?

ENF 15: Isso.

P: E você pretende verticalizar esse conhecimento, fazer uma graduação na área ou seus planos são outros?

ENF 15: Uma graduação na área da enfermagem não sei se quero fazer. Tô bem satisfeita no meu serviço como técnica. Eu queria, na realidade, fazer uma graduação em serviço social. Queria muito fazer. Mas ao mesmo tempo, tenho uma criança de 12 anos. Então eu sei que não é fácil, agora que tá na 8ª série, agora tenho que me dedicar a ele. Mas, por enquanto, vou ficar só como técnica mesmo. Não tenho pretensão. Não vou te falar que posso mudar, mas por enquanto, tô satisfeita.

P: Você acha que, no caso, essa área de serviço social, tá na área de humanas, não é na área da saúde, mas de uma certa forma daria pra você unir os dois tipos de conhecimento, na sua atuação como assistente social?

ENF 15: Acho que uma ajuda a outra, porque além de você como técnico de enfermagem, você ajuda muito o próximo, e no serviço social, também você consegue. E também você no técnico não tem que saber só as técnicas. Também saber como cuidar do próximo, como ajudar, tem muito caso que a pessoa não tá doente, ela tá, infelizmente, precisando de um apoio, de um carinho. Porque não é doente da carne, é da alma, então acho que muitas das vezes, você pode ajudar com seu serviço. Por isso que eu queria fazer serviço social, mas...

P: Você tem todo o jeito, a comunicação, sua fala, isso é muito legal.

ENF 15: Fico pensando. Nossa, já tô de idade... o meu menino fala: não mãe, vamo lá. Por enquanto não, mas daqui pra frente, quem sabe?

P: Eu também voltei a estudar depois dos 30 também. E agente vê realmente a dificuldade, principalmente com menino.

ENF 15: Em casa é o seguinte: que se eu tivesse família aqui, mas é só eu, meu marido e meu filho. Aí é mais difícil. Nesses dois anos, foi legal? Foi. Mas foi puxado. Porque é um curso, é técnico, mas é muito bom. Te exige muito. Então eu sei o tanto que eu sofri. No bom sentido, planejar, ter um bom planejamento. Casa, marido, casamento, meu trabalho. Mas é muito bom. Quero ver se eu faço mesmo, serviço social. Aí as pessoas falam: ah não tem... mas você vê que nasceu praquilo. Eu nasci pra isso.

P: Eu tô percebendo pela sua comunicação, alegria ao falar. Isso é tão legal. E tem alguma coisa que você queira deixar de mensagem pras pessoas que tão concluindo as suas formações técnicas, ou que pelo menos querem ter uma profissão?

ENF 15: Eu acho que o importante é você correr atrás do seu sonho e nunca na vida falar: eu já tô de idade, não posso não. Se você quiser, corra atrás do seu sonho, faça um curso técnico. Ainda mais o Cefores, é ótimo, muito bom. Os profissionais... eu falo que lá fui muito bem atendida. Desde a recepção até os chefes. Então tem que fazer um curso, porque hoje o mercado de trabalho, muita gente fala, vou fazer uma faculdade. Tem faculdade que você não tem o retorno que você tem no curso técnico. Exemplo: tenho conhecidos que fez a graduação, tão desempregados, eu com 15 dias de formada já tava trabalhando. E você atua em diversas áreas, tem muito local de trabalho.

P: Então é isso. Muito obrigada pela sua colaboração, principalmente esse finalzinho pra mim vai ser de muita valia.

ENF 15: Obrigada a você. FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE V

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 11

18/09/2018, 10h00, Biblioteca da UFTM

ENF 11 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com cônjuge e filhos, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 30, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 22, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, considerado também como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi o valor máximo da escala para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Quanto aos demais profissionais, ela acredita que todos são bons. Em outra escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, nota que se estende ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 12, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com ENF 11. Bom dia, você colocou aqui que mora com seu esposo e filhas e que tá na faixa etária acima de 34 anos. Quando você concluiu o Ensino Médio, pra entrar no técnico, você teve um espaço de tempo maior ou não? Chegou a concluir e entrou no técnico?

ENF 11: Não. Foi assim: eu fiz até o 2º ano do Ensino Médio e parei, porque casei, mudei, fui embora do país. Depois de 6 anos eu retornei pro Brasil. Aí eu queria voltar a estudar, terminar o Ensino Médio. Eu vi a oportunidade no Enem, de fazer a prova e conseguir nota para concluir Ensino Médio. Fiz e consegui, pela nota do Enem. Eu consegui classificação e trabalhar. Tava trabalhando, tinha uma empresa minha, mas sempre querendo voltar a estudar e sempre sonhei com o técnico de enfermagem. Por um acaso um dia eu vi, saiu no Facebook alguma coisa sobre o Cefores. Aí eu fiz a inscrição.... mas foi bastante tempo.

P: Você falou que morou fora. Qual país e por quanto tempo?

ENF 11: Morei no Japão por 6 anos.

P: Nossa, no Japão. Aquela cultura totalmente diferente.

ENF 11: Fui pra trabalhar. Trabalhei em autopeças por 6 anos.

P: E aí...

ENF 11: De montagem de autopeças de carro.

P: Lá é referência nessa área. Tudo que é voltado à tecnologia, os japoneses estão lá na frente.

Mas me responda aqui, você voltou e abriu essa empresa. Você falou que teve uma empresa.

ENF 11: Sim. Eu, meu marido e meu tio, na época. Mexiam com informática. Já trabalhava a domicílio, em casa, e agente conversando resolveu abrir uma loja de informática. Manutenção e vendas. Agente abriu. Tentamos 10 anos. Infelizmente não deu certo. Aí agente fechou, não deu mais.

P: Eu também uma empresa na área de informática e também não deu certo. Na verdade eu comprei, quando meu pai faleceu, agente teve um momento assim... que agente acabou se desfazendo dos bens para investir numa empresa, mas não deu certo também não. E assim, na vida da gente, as experiências vão indo e voltando até que agente encontre a nossa.

ENF 11: Eu falo que: não que não deu certo. Falo que foi uma experiência, um aprendizado, bola pra frente. Tentar outra coisa...

P: Deixa eu te perguntar outra coisa. Então aí você veio, aí a empresa não deu certo e você procurou outras... trabalhou em outros locais antes de fazer a prova do Cefores?

ENF 11: Não. Foi só lá quando fiz a prova já tinha fechado. Eu tava só em casa. E a minha vontade de estudar era maior. Então por isso que nem procurava outra coisa também.

P: Então você trabalhou 1º na empresa, depois fez o Enem, depois o Cefores?

ENF 11: Não. Quando eu tava na empresa, quando vim do Japão, fiz o Enem.

P: Então você já tinha esse pensamento de, mesmo com a empresa, voltar a estudar?

ENF 11: Sim e terminar o Ensino Médio.

P: Sim, aí você concluiu o Ensino Médio, a empresa não deu certo, passou um tempo, você fez a prova do Cefores. Como que você ficou sabendo disso? Aliás, antes disso, você já me falou que escolheu o curso por vontade própria.

ENF 11: Sim.

P: Porque você sempre quis fazer. Você chegou, em algum momento da sua vida, pensar em outra coisa? Em outra profissão?

ENF 11: Sempre me encantou a área da saúde. Então assim, algum momento da vida sim. Quando era menina, era medicina. Mas aí agora, com o passar do tempo, penso: medicina

com essa idade. Pensava: não vou conseguir agora. Vou optar por... e o mercado de trabalho pro técnico também, é muito bom, muito grande, várias áreas. Então além de ser apaixonada pela enfermagem, eu... o mercado de trabalho contribuiu pra minha decisão. Minha grande oportunidade.

P: Você foi fazer a prova focada já sabendo a questão da demanda pelo profissional técnico de enfermagem?

ENF 11: Também.

P: Bom. Como você ficou sabendo dessa prova?

ENF 11: Foi rede social mesmo.

P: Ficou sabendo e se preparou para fazer a prova.

ENF 11: O meu irmão estuda na UFTM, eu já conhecia o Cefores, só que eu não sabia data da prova ainda. E por acaso eu vi algo no Facebook, na página do Cefores.

P: Aí começaram as aulas, você já tinha tido contato com área da saúde? Ou apenas essa vontade?

ENF 11: Não. Mais ou menos. Eu tinha feito o... quando começou os agentes de saúde, há muito tempo atrás eu tinha feito a prova da prefeitura, antes de ir pro Japão e eu tinha passado e começado o curso. Só que no intervalo desse curso agente já tava mexendo com documentação pra ir embora. Aí abandonei o curso... já tinha começado.

P: É já uma experiência. Então as 1^{as} aulas que são aquelas mais fundamentais da área da saúde, no 1^o período, você já teve um conhecimento maior.

ENF 11: Mais ou menos, porque eu não tinha feito o curso. Eu tinha começado o curso.

P: Então com o conhecimento ao longo do curso você foi se identificando com a área?

ENF 11: Sim. Aí no comecinho eu já tinha certeza que era isso que eu queria.

P: Então, eu verifiquei aqui que você tem um percentual alto de identificação com as disciplinas específicas, com algumas da área da saúde, as que são aplicadas a enfermagem, deu pra perceber com relação a isso. Agora agente, só confirmando aqui, com relação aos campos de atuação da área da enfermagem você colocou praticamente todas que se sentem parcialmente preparados e um deles você colocou aqui tá preparada, que é o campo de trabalhar em consultórios. O que seria esse trabalho dentro de consultórios que o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos fala? É aquela pessoa que tá auxiliando o médico?

ENF 11: Consultório, acho o que não é nada muito invasivo. É tudo só... mais é... conversa no auxílio ali, nem é ao médico, é ao paciente só. Os primeiros cuidados... é ambulatorial mesmo.

P: Você colocou aqui que também tem preferências no ambiente hospitalar. Aí você colocou: CTI e UTR. O que é CTI e UTR?

ENF 11: UTR é Unidade de Terapia Renal, hemodiálise, transplante... me identifiquei bastante com o ambiente de trabalho. E o CTI é por ser um cliente mais crítico. Precisar de mais cuidados, aí me identifiquei mais.

P: Quando você fala cliente é... tá se referindo?

ENF 11: Ao paciente.

P: Uma vez me recorde de ter uma conversa com a coordenadora do curso de vocês, ela comentou essa nomenclatura...

ENF 11: É ruim falar cliente, porque...

P: Ela falou o contrário. De você falar paciente como aquela pessoa que tá sempre somente recebendo um tratamento, como se ela não tivesse reação nenhuma. Então em função disso, a utilização da palavra cliente é mais indicada nesses casos.

ENF 11: É.

P: Bom, e agora, você conseguiu emprego na área já?

ENF 11: Sim, já tô trabalhando na Mário Palmério... eu tô no...

P: Um setor, área específica?

ENF 11: Unidade de cuidados intermediários. São os regressos da UTI. A pediatrias, dentro desses... cuidados intermediários, eu auxilio na maternidade também, é junto com maternidade.

P: Nossa muito bom.

ENF 11: Uma área que, assim, de primeira oportunidade eu achava que não ia cuidar muito bem. Mas já tem um mês e eu tô assim: já amando.

P: Deixa eu te perguntar outra coisa. Agora você já tá empregada, já tá na área. Você tem algum sentimento de, ao estar atuando, de estar realizada, identificada profissionalmente?

ENF 11: É a confirmação. A certeza do que eu já tinha, do que eu queria.

P: Existem planos de progressão nessa área?

ENF 11: Sim. Eu quero especializar em UTI ou fazer a graduação.

P: Quando você fala em especialização, é especializar pós-técnico?

ENF 11: Sim. Ou partir para a graduação. Mas tudo vai depender, porque tem casa, filhos, agora tô trabalhando também. Mas eu não... vamos ver se vou conseguir em casa essa junção. Mas eu quero muito.

P: Quando agente tem o apoio da família né?

ENF 11: É. Por isso ver em casa como que vai ser. Porque os filhos sentem muita falta dagente.

P: Você quer falar algo pra essas pessoas que estão concluindo seus cursos de... profissionais, formação profissional técnica?

ENF 11: A pessoa tem que querer muito, ter perseverança e correr atrás. Estudar de verdade né. Não é fazer por fazer. Porque tem muita gente que tava ali por estar. Parecia que não era o querer dela. Quando a gente se propõe fazer alguma coisa, tem que fazer bem feito.

P: Claro. Tem sentido.

ENF 11: Correr atrás do sonho.

P: Se eu precisar de mais alguma informação sua, agente pode ir conversando no celular. Já te agradeço, se tiver mais algo que você queira falar, contribuir. Se não eu posso encerrar a gravação.

ENF 11: Esses dias agora, depois que comecei a trabalhar, não sei se sua pesquisa é voltada especificamente pro Cefores, pra instituição, mas assim: lá dentro do universitário [hospital], agente... coisas que enche agente mais de orgulho de ter saído do Cefores. Algumas coisas que é chato, mas que é incentivo também, o que ouvi: Ah, você veio do Cefores, você tem que saber tudo. O Cefores não é a melhor instituição? Mas também ouvi da minha enfermeira, que ela entrou depois que eu entrei, virou pra mim e falou assim: agente numa conversa nossa. Agente tava no café e não sei como começou o assunto, aí eu falei: comecei agora, sou novata aqui. Ela... como assim? Como você é novata? Achei que você tava há uns 5 anos, que você era velha de casa. Aí ela me perguntou: de onde você veio? Onde você formou? Falei: acabei de formar. Formei no mês de agosto pelo Cefores. Ela falou: ah tá explicado. Tipo assim, você sabe mais que eu que sou sua enfermeira. Então isso enche de orgulho e mais feliz....

P: Quando você fala que é enfermeira lá na instituição....

ENF 11: Ela é graduada em enfermagem.

P: Cada setor, pelo que eu conheci, quando meu filho ficou internado lá, tem uma pessoa que é a graduada, as outras todas são técnicas. Então a graduada é praticamente uma gestora daquela equipe.

ENF 11: Sim, é isso mesmo.

P: E foi com essa pessoa que você teve essa conversa?

ENF 11: É, ela me falando isso, me deu mais vontade ainda de estudar mais, dedicar mais.

P: O meu desejo pra você é que, eu olhando pra você, agente vê o tanto que vocês tem essa tranquilidade no exercício dessa profissão e o jeito pra isso. Porque não adianta, né? Na área da saúde você tem que ter o jeito.

ENF 11: Tem que gostar do que faz.

P: Meu desejo pra você é de muito sucesso.

ENF 11: Obrigada.

P: Muito sucesso, que você continue com esse pensamento de que vai dar certo um dia continuar realizando essa verticalização, essa jornada.

ENF 11: É o que eu mais quero.

P: Muito obrigada. Precisando, vou te chamar de novo.

ENF 11: Pode chamar.

P: Encerrando a gravação... [NOVO ÁUDIO]. Só complementando, ela tava falando, vou repassar a fala pra ela.

ENF 11: Eu tenho muita vontade de continuar estudando, porque agente nunca deve parar. Mas pra mim, no caso, a graduação em enfermagem talvez não seria o ideal. Porque eu me vejo mais na assistência, cuidando do paciente, ali do lado dele. A enfermagem em si, ela é a gestora de uma equipe. Ela fica mais na administração dos papéis, ela toma conta. Ela não assume os cuidados do paciente. Pra mim então já não identificaria, por isso que eu penso em fazer uma especialização na área técnica, pra mim pegar mais conhecimento e não deixaria de atuar como técnica.

P: Seria uma técnica especialista naquele....

ENF 11: Sim, buscando mais conhecimento praquela área.

P: Agora sim vou encerrar, obrigada.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE W

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 12

19/09/2018, 16h00, Campus I da UFTM

ENF 12 é homem, acima de 34 anos de idade, mora com a família mas, a princípio, não especificou com quem, possui renda *per capita* entre 3,5 e 5 salários mínimos, concluiu parte do Ensino Médio em escola pública e outra parte em escola privada sem bolsa, além de ter escolhido o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 24, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 17, considerado também como um conceito de *identificação parcial*, neste caso no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 8, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Ele acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi 25 para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Quanto aos demais profissionais, ele acredita que todos são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 34, nota conferida ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 15, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com educando ENF 12. Boa tarde! Você me respondeu que tá na faixa etária acima dos 34 anos e que escolheu o curso por vontade própria, que você sempre quis fazer. Quando você concluiu o Ensino Médio, que você ingressou no técnico, teve um tempo relativamente grande? Como que foi essa trajetória?

ENF 12: Foi uma trajetória de 28 anos tentando fazer um curso voltado pra área da saúde. Então a minha profissão é metalúrgico, toda vez que eu passava pra estágio, que é durante o dia, a empresa não me liberava pra fazer estágio, eu tinha que parar o curso. Então eu fiz técnico de enfermagem, fiz 2 anos. Fiz 8 meses de auxiliar de enfermagem. Fiz 2 anos de enfermagem padrão e aí, toda vez que começava o estágio, a empresa não me liberava, porque eles tinham na cabeça: é claro que depois que ele formar vai sair da empresa. Então não

liberamos você. Se você quiser, pede a conta. Mas não tem como você ficar desempregado com uma família, então tinha que parar o curso. Dessa vez eu consegui porque eu trabalho a noite, aí deu pra fazer os estágios. Demorou para conseguir me formar em técnico de enfermagem: 28 anos. Pára. Volta. Pára. Volta. E, graças a Deus, dessa vez, deu certo.

P: Que bom. E então teve um tempo grande. Você chegou a fazer alguma outra coisa, além desses que você não concluiu? Algum outro curso profissional... você fez e concluiu? Que não tenha estágios?

ENF 12: Assim, voltado pra minha área, pra metalúrgica, sim. Porque aí sim eles liberam. Pra outra área não liberam. Então é... Dentro desse período fiz, dentro desse período fiz programação de máquinas, fiz desenho e fiz..., é esses dois.

P: São de qualificação ou de aperfeiçoamento?

ENF 12: De aperfeiçoamento.

P: Aí isto que você sempre quis fazer, o curso técnico em enfermagem. Isso tem alguma ligação com relação aos seus familiares, são da área que você relatou?

ENF 12: A princípio pode ser. Mas é que eu sempre gostei de ajudar. Independente da família, eu sempre gostei de ajudar. De tar ajudando, me preocupando, trazendo algum conforto. Independente da forma que for. Me sinto bem. Fazendo isso aí. E aí começou com a minha mãe. Minha mãe era atendente de enfermagem. Ela chegava pra gente contando os casos. E aí, cada vez mais eu fui colocando na minha cabeça: é a área que eu quero na minha vida. E aí veio os meus irmãos... mas só que nessa eu já tinha entrado pra área da mecânica. Mas é uma coisa que eu não gosto. Mais por ser profissional, tem que fazer bem feito. Eu sempre almejei, sempre quis entrar pra algo que eu possa ajudar direto. Ajuda direto ao ser humano na área da saúde. Então se não fosse minha família, eu com certeza... sem a influência da minha família, eu teria saído... sem a influência deles.

P: Então é uma identificação sua.

ENF 12: É. Me sinto muito bem. Eu vi isso nos estágios.

P: É isso que eu queria perguntar com relação a essa comparação de teoria dos... 1º ano... é... os dois primeiros períodos.

ENF 12: É.

P: Totalmente teóricos. No 3º começa a ter contato.

ENF 12: É. Com cliente. E eu falo que muitas coisas, o dinheiro compra, mas um obrigado, um sorriso, de um cliente que você tá cuidando, não tem preço. E me sinto muito bem. Nunca me via cansado. Não posso me ver rancoroso porque ele não tá ali porque quer. Eu preciso

estar bem pelo menos pra dar pra ele, um momento, 6 horas de alegria, cuidar, dar conforto da melhor forma possível. É isso que eu tento com eles.

P: Saindo do curso, já formando, recebendo o título de técnico de enfermagem, você tem... ainda tá trabalhando a noite na área da metalúrgica, mas você tá correndo atrás de trabalhar na área de técnico de enfermagem?

ENF 12: Não. Porque assim: área da saúde, em Minas, paga muito mau... muito mau. E comparação com minha área, ela paga muito bem, né! Meu ramo. Então fica muito difícil mesmo, eu sair do meu trabalho pra entrar na área de saúde. O que eu estou fazendo, agora particular, e aí eu consigo conciliar. Mas ainda tenho muita vontade de entrar em hospital, mesmo que seja pra trabalhar meio período, por fazer uma coisa que eu gosto e à noite, trabalho pela necessidade financeira. Se conseguir algo em meio período em hospital seria para trabalhar por uma realização própria minha. Mas por enquanto não tô correndo atrás de hospital não, pelo motivo que se eu conseguir teria que sair do outro da noite, aí complica o lado profissional.

P: Você colocou aqui que mora com a família. Quem são essas pessoas?

ENF 12: Então, eu, minha esposa, meus filhos.

P: Você é o gerador da fonte de renda da casa?

ENF 12: É isso. Muitos motivos pra não me deixar entrar em hospital é a renda, hoje familiar, se for pra trabalhar em um hospital só, a não ser que seja no Hospital Escola [Hospital de Clínicas da UFTM], que é federal, não tem condição, por pagar muito pouco.

P: Quantos filhos você tem?

ENF 12: Meu mesmo tenho 2, 1 filho adotado, então são 3 e mais 2 sobrinhos que moram comigo. Estavam passando dificuldade em São Paulo e aí a família mandou pra gente cuidar. São 5. Não, são 4. Tem 1 que já foi embora pra São Paulo, trabalhando lá.

P: E eles tem, mais ou menos, o mais novo e o mais velho, tem quantos anos?

ENF 12: Do.... o mais novo vai fazer 15 anos em janeiro e o mais velho vai fazer 21 anos agora em setembro.

P: Então todos eles estão ainda na adolescência, já passando para a juventude...

ENF 12: Isso. Todos eles, 15, 16, 18, 19 e 21.

P: Nessa questão, pra você realizar esse sonho, desejo de atuar aqui em Uberaba, teria que ser melhor remunerado?

ENF 12: Seria sim. E já pensei, o que fica, em algumas situações, se acaso a empresa me mandasse embora, provavelmente estaria fazendo, partindo talvez pra Igarapava, Guará, que é

São Paulo. O salário já muda, é bem diferente de Minas e aí, provavelmente, estaria fazendo isso daí: volto pra área da saúde.

P: Pra você tá nessa área né.

ENF 12: Sim.

P: Bom, com relação a sua identificação... com relação a sua preparação para atuação nos diversos campos de atuação da enfermagem. Você marcou, dentre as opções, optou por duas. São as duas que pesam mais aqui no meu questionário, que é parcialmente preparado e preparado. Você escolheu 4 itens que você considera estar preparado para atuar, que foi os hospitais, como você mesmo já citou agora, as unidades de pronto atendimento, atendimento pré-hospitalar e instituições de longa permanência. Esses 4 campos de atuação, dentre os outros, são os que você mais se identifica, mais se vê trabalhando?

ENF 12: Isso. Se você perceber, são áreas que são... que tem contato muito direto com a pessoa. Eu gosto muito desse pré... é... conhecer a real situação da pessoa. Não é só chegar e cuidar e pronto e acabou. Acho que o meu mau, entre aspas né, seria isso. Gosto de conversar, saber o porque que aconteceu isso, o que fez ela chegar a esse ponto. Claro nesse ponto cuidando da pessoa, agente ficava muito com o cliente, durante horas, não só cuidando da doença, mas cuidar da parte psicológica também dele. As vezes tomava uns puxões de orelha da professora. Ela disse que esquece um pouco mais essa parte e focar mais aos cuidados, e ... mas eu gosto muito de conversar, contar um caso e a pessoa expor o que, a situação como que ela tá. Acho que foi muito bom. Então são as áreas que eu mais me identifiquei. Posto de saúde, porque dava pra mim ficar muito tempo com as pessoas. Elas expunham pra mim, mais abertamente, o que estavam passando, ou sentindo. Não só aquela coisa mecânica, fria. Acho que não vejo a área da saúde dessa forma.

P: Agente olha pra você e vê, realmente, uma pessoa de branco, atuando, cuidando. Você quer deixar uma mensagem pra estas pessoas que estão concluindo, querendo entrar nas suas devidas áreas?

ENF 12: A mensagem que eu deixo... sempre falei pras minhas irmãs, é que eu sempre pensei de entrar pra área da saúde pra fazer uma diferença. Sempre. Não ser igual. A pessoa que chega nem sabe o seu nome e já fica com você, não quer saber dos seus problemas, só quer saber da sua doença. Tá certo, por um lado, sim, porque tô ali pra isso. Mas a diferença que eu desejo que os profissionais cuida da doença, mas também cuide da pessoa, o ser humano, cuide do ser humano. Me espelhei muito naquele filme Pacht Adams, porque é a forma.

P: O amor é contagioso.

ENF 12: Isso. O amor é contagioso. A área da saúde tem problemas? Vários, vários, vários. Se o profissional tiver pensando de entrar na área da saúde pra ganhar dinheiro... ele vai ser mais um. Não vai fazer diferente. Não vai ser diferente. Claro que você precisa do seu ganho, você precisa do dinheiro, é lógico. Mas tentar ser mais humano, tá precisando muito desse profissional na saúde. Que seja mais humano do que materialista, e aí será diferente.

P: Me veio um pensamento agora, já te fiz uma pergunta que seria a última, mas me veio uma agora. Vamos supor que você faça essa mudança pra outro estado, que haja essa possibilidade que você ingresse na área da saúde como técnico de enfermagem. Haveria ali uma possibilidade de verticalização? De tentar uma graduação, uma especialização pós-técnico?

ENF 12: Sim, eu pensei em fazer já a especialização pós-técnico, mas a princípio fiquei sabendo que só tem em Uberlândia. Então descarta. Mas que penso muito de fazer enfermagem sim.

P: Graduação?

ENF 12: Graduação. Sei que não vai ser fácil, vai ser muito complicado, difícil, mas eu não quero parar de estudar voltado para essa área. Por me sentir bem, realização própria minha. Quem sabe ano que vem. Vou descansar um pouquinho nesse meio de ano agora, e ano que vem, provavelmente, vou ingressar em alguma coisa voltada pra saúde, graduação.

P: Nesse trabalho que você desenvolve nessa empresa, existe alguma ligação com atendimento ao ser humano, ao outro?

ENF 12: Não, o nosso... na minha área, agente é muito voltado pra maquinário. Então, peças que nós fabricamos, é fábrica. Nenhum contato com o ser humano. Contato com o ser humano é a amizade no trabalho, companheiros de trabalho. Nada voltado pra questão da área da saúde. É maquinário.

P: Então esse é o motivo, essa é a justificativa da empresa não te liberar.

ENF 12: Não libera. Me lembro que a primeira vez que... quando eu fui fazer enfermagem, graduação, quando eu cheguei pra meu patrão e falei com ele que eu precisava ele me liberar pra eu fazer uns estágios, ele falou claramente: não, não vou te liberar. Se eu te liberar, depois você se formar, você vai sair daqui. Se você quiser, você pede a conta e aí você fica livre pra você fazer o seu curso. Mas quem tem família, como é que faz uma coisa dessa? Não tem como ficar desempregado. Então todos foram assim.

P: E nessa empresa você tá já há um bom tempo?

ENF 12: Nessa que eu tô agora tem 5 anos, aí deu pra mim fazer porque pelo motivo que entro às 11 da noite e saio às 8 da manhã. Então deu pra mim.

P: De segunda à sexta?

ENF 12: Sim, toda noite.

P: E essa rotina então, como que foi?

ENF 12: Foi bastante complicado.

P: Pra você estudar...

ENF 12: Complicado. O pessoal mesmo falou: olha você chegava aqui morto. Porque? Teve um momento que agente precisava fazer estágio, eu no meu caso, 12 horas no hospital, e aí eu pegava, porque nós temos uma carga horária do estágio de manhã que começa às 6:30. Aí falei assim: nossa e agora? Falei com eles pra me dar minhas férias e eles foi e agente libera férias pra você pra você fazer seus estágios de manhã. Só que deu problema nas minhas férias, fizeram contas erradas e não deu pra mim sair nas férias que tava programada, mas só que os estágios tava marcado pra mim. Eles falaram assim, como foi um erro nosso, se você quiser entra às 8 da noite, sai às 5 da manhã. Não. Entra às 7 da noite e sai às 5 da manhã e aí vai pro estágio às 6:30, e era 12 horas, era até 6:30 da tarde. Eu tinha que correr pra casa e pro trabalho, entrava às 7 horas da noite, trabalhava a noite, no outro dia tava no estágio de novo.

P: Que loucura!

ENF 12: É.

P: Foi durante um mês?

ENF 12: Um mês. Acho que uma semana antes pra mim terminar os estágios nessa sequencia, a professora Luciana falou assim: você tá louco? Aí proibiu. Você não pode fazer 12 horas. Professora, mas já tá na última semana já! Mas foi a pior. Foi a pior semana. No curso foi a pior época. Trabalho e estágio que eu passei, praticamente, dia e noite... concentração zero.

P: Isso foi no 3º período do curso?

ENF 12: No 4º período. No 3º período foi puxado também, só que nós não tínhamos estágios de manhã. Então conseguia chegar em casa, descansar um pouco, aí 1 hora eu vinha pro estágio e ficava até as 6 horas [18h], as 7 horas [19h] começavam as aulas aqui, no 3º período, ficava até as 10:30 [22h30]. Das 10:30 [22h30] eu ia pro trabalho, mas chegava de manhã, dormia um pouquinho. Mas no 4º período esse ponto me quebrou. Mas pensei, seu eu fizesse engenharia, eu ia fazer? Não, não gosto. Então um cabelo seria um motivo de parar. Pensei em parar várias vezes. A minha turma me incentivava bastante. Não... continua... A família me incentivava bastante. E por ser uma coisa que eu gostava, que eu gosto, então vamos... eu não pude demonstrar pro meu paciente, cliente, que eu tava esgotado. Não. Ele não tem culpa disso, não é problema dele. Eu tinha que tratar dele com sorriso no rosto, na maior alegria. Vejo isso. Mas acabou.

P: Impressionante a sua história. E, além de impressionante, extremamente merecido o seu diploma. Muito mesmo. Eu vou encerrar. Estou satisfeita até agora. Se durante a escrita de minha dissertação eu lembrar de algo que eu precisar, eu vou te procurar. Muito obrigada, desculpa as intercorrências.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE X

ANÁLISE VERTICAL E ENTREVISTA DE ENF 05

20/09/2018, 18h00, Biblioteca da UFTM

ENF 05 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com cônjuge e filhos, possui renda entre 0,5 e 1 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por nenhuma das opções dadas. Segundo ela foi por trabalhar em uma clínica radiológica, na qual a área da saúde é destaque. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 21, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 23, considerado também como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, considerado também como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 35, nota que se atribuiu ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 21, considerado como um conceito de *preparação*.

INÍCIO DO ÁUDIO.

PESQUISADORA (P): Entrevista com a educanda ENF 05. Boa noite. Você preencheu, participou da nossa pesquisa, falou que já tá na faixa etária acima dos 34 anos.

ENF 05: Trinta e oito.

P: E já tem dois filhos, um de 21 e um de 10 anos.

ENF 05: É fez 22 em agosto e a menina vai fazer 11 em dezembro.

P: E moram vocês 4?

ENF 05: Sim, eu, meu esposo e meus dois filhos.

P: E aí você com essa idade hoje, deve ter entrado no curso com mais ou menos 36?

ENF 05: Com 35 fiz o 1º e 2º períodos teve que trancar um ano por problema de saúde, retornei em 2017, finalizei em 2018.

P: Você gastou três anos, ficou um ano trancada. Mas me deixa perguntar pra você. Com relação a essa sua trajetória de ter concluído Ensino Médio e depois entrado no técnico? Você demorou para concluir o Médio?

ENF 05: Concluí o 3º ano com 16 anos. Então não foi fácil. Foi bem complicado. Tive que parar os estudos na época. Retornei com 18, quando me separei do pai dele. Meu filho mais velho não é do meu atual esposo. Quando me separei do 1º marido, retornei aos estudos, terminei o 1º e 2º grau. Fiz o 1º e o 2º. Até então eu tinha parado na 8ª série. Depois não tive condições de continuar, porque eu morava com minha vó materna e ela faleceu. Eu tive que morar sozinha com meu filho. Então não tinha com quem deixá-lo pra continuar estudando a noite. Aí tive que parar de novo. Em 2012, eu retornei, aí já tinha a minha filha... Depois de um tempo, nesse meio de tempo. Conheci meu esposo, casamos, tive a menina em 2007 tive a menina. Em 2012 resolvi terminar. Foi onde eu terminei o 3º ano. Em 2015 eu falei: alguma coisa eu preciso fazer. Sempre foi meu sonho fazer faculdade. Só que como atropeli as coisas tendo filho muito nova, então em 2015 foi o pontapé inicial. Fiz a prova do Cefores. No processo seletivo, assim... sinceramente, não fui muito confiante não. Porque igual você falou... não é a mesma coisa de quando você estuda quando se é mais novo. Agente tem dificuldade. Dificuldade de memória, tem a casa, os filhos. Minha filha tinha sete anos na época. Então tinha que deixar com o pai. Marido não é muito fácil de aceitar isso. A princípio ele não concordou. Com muito custo, vendo que tava dando certo e tudo, por causa dos afazeres de casa. Ele é motorista. Ele saía de casa cedo, chegava em casa só a noite. Então ele também não tinha tempo pra fazer comida. E a noite ele ia ter que fazer porque eu ia tá na faculdade. Então foi um período complicado. Mas foi muito bom. Agradeço a Deus por ter insistido, por ter... apesar de todas as dificuldades, depois ainda machuquei, tive que trancar, fiquei um ano parada, fiquei com as duas pernas imobilizadas, quebrei as duas pernas. Caí na faculdade, aqui no anfiteatro. Quebrei a perna direita em 4 lugares diferentes. Quebrei o pé esquerdo. Então tive que ficar 6 meses afastada do serviço.

P: Durante as aulas?

ENF 05: É, durante as aulas, no encontro científico da turma anterior.

P: Então você é a famosa moça que caiu...

ENF 05: Pensei em não continuar. Já é um indício, uma coisa avisando que não vai dar certo. E graças a Deus, sabe, agradeço primeiramente a Deus. Ao Cefores, os professores me ajudaram muito, todos sem exceção. Me incentivaram muito. A [coordenadora do curso], não sei se pode citar nome, várias vezes conversei com ela, me apoiou muito. Foi até minha casa me visitar, eu tava machucada. Tenho sinceramente gratidão é pouco falar com o Cefores.

P: Eu vi isso, você escreveu isso.

ENF 05: E é de coração. Tenho gratidão mesmo por todos eles ali. É família mesmo. É um pedacinho de mim. Sou muito grata. Pretendo continuar. Fiz inscrição do Enem. Quero ver se

consigo fazer pontuação para fazer enfermagem. Se por acaso não conseguir, vou tentar pagar, mas vou continuar.

P: Era uma das perguntas que ia te fazer mais pra frente. Você já respondeu se você tem pretensões de seguir carreira.

ENF 05: Tanto é que tô sacrificando agora porque eu tô em dois serviços, tenho minha filha de 10 anos ainda, durmo em casa dia sim, dia não. Não tá fácil, mas se não for com sacrifício não consegue. Eu quero terminar de pagar minha casa. Eu quero... troquei meu carro agora recentemente. Já tava meio... troquei. Tô com financiamento do carro, pretendo fazer a faculdade. Então assim, é com sacrifício, é com luta. E hoje eu tenho o apoio do meu marido.

P: Tá com dois serviços? Um deles é o que citou no questionário [uma clínica de radiologia]?

ENF 05: É. Tem sete anos que eu tô lá.

P: Então, lá você trabalha com o quê?

ENF 05: Eu entrei lá como recepcionista, trabalhei um ano. Entrei lá em 2011. Trabalhei um ano como recepcionista. Depois de um ano comecei acompanhar exames de ultrassom. Lá faz exames de imagem: ultrassonografia, tomografia, raio x, raio x contrastado... esse tipo de exame. Um ano que eu tava lá, um ano e meio, comecei acompanhar exame de ultrassom. É exame tranquilo. É só acompanhar o paciente. Era isso que eu fazia. Depois de um ano acompanhando ultrassom, ou seja, dois anos e meio que eu tava lá, a técnica que trabalhava lá teve um problema de saúde. Uma técnica saiu, contratou outra técnica, é a que teve problema de saúde, ficou um mês que ela tava lá, teve uma trombose venosa de membro superior.

P: E era técnica em radiologia ou enfermagem?

ENF 05: Era enfermagem.

P: É porque enfermagem acompanha exame de imagem né?

ENF 05: Faz contrastado, faz injeção de contraste. Tem que ter uma técnica mesmo. Então assim, com isso, essa moça afastando, eu fui assim, meio que jogada nos exames que precisava na área da enfermagem. Como eu já tava há um ano no ultrassom, eu tinha jeito com o paciente. Eu tinha como conversar com o paciente. Tinha que fazer uma entrevista antes da injeção de contraste. Algumas perguntas. Tipo alergia, se o paciente autorizava a injeção. Então assim, eu tinha esse jeito de conversar com o paciente. Comecei assim, só conversando com o paciente, quem fazia a injeção de contraste era o médico mesmo. Com o tempo, eu fui, assim, me interessando tanto pela área técnica e fui estudando também. Por exemplo: no dia que tinha que acompanhar exame contrastado, eu passava a noite estudando mesmo. Eu pegava o POP [material chamado “procedimentos operacionais padrão” da área da enfermagem] que tinha lá na frente e lia sobre o exame. Qual era o procedimento? Como que

seria feito? Qual era a minha parte como técnica? Se eu fosse uma técnica, qual seria a minha parte ali? Abrir o material estéril. De que forma que eu tinha que fazer isso? Porque eu não tinha noção. Não tinha ideia. Então, aos poucos, eu fui aprendendo, eu vi mil e uma vídeo-aulas na internet. Fui aprendendo. Meu patrão também me ajudou muito, me ensinou muito. Minha patroa também. Eles tiveram muito, assim, paciência, confiança. Porque eu fazia, entre aspas, um trabalho que não era capacitada pra tal. E assim, graças a Deus, até hoje, só tenho a agradecer a clínica também. Eles me apoiaram, confiaram. Tive muito apoio, muita ajuda, muito crédito das pessoas com relação a mim. Então foi isso que eu pensei, quando resolvi voltar. Tanta gente confiando em mim, tanta gente me apoiando, e acreditando em mim. Como que eu desisto agora? Não posso. Não vou te mentir. Não foi fácil. Finalzinho do estágio foi bem complicado. É cansativo, mas valeu a pena. Com certeza, continua valendo.

P: Como você sabe, a pesquisa é sobre identidade profissional né? Identidade existem vários tipos, né! E a identidade profissional é um desses tipos. Como a pessoa se vê naquela determinada profissão, se identifica com ela, ela se sente feliz ou não com aquilo que ela escolheu? Então você tem uma história com a área da saúde anterior, prévia à entrada no curso, né?

ENF 05: Sim.

P: E aí você acha que por conta dessa convivência lá na clínica onde você trabalhou é que você realmente decidiu isso?

ENF 05: Sim. Acho que não fui eu que escolheu a enfermagem. A enfermagem me escolheu. Pode até parecer clichê isso, mas não foi. Eu trabalhei 12 anos numa casa lotérica como caixa. E me identificava porque eu gostava daquilo. Tanto que na época que trabalhei lá, eu pensava em fazer administração. Eu queria algo assim, relacionado a isso. Modéstia a parte, eu era assim... me sentia satisfeita, me sentia bem realizada, porque eu era boa no caixa. Meu caixa sempre batia, eu tinha jeito com clientes, eu tinha jeito com venda. Nunca tive problema. Contava, era rápida. Então assim, eu achava que era aquilo ali. Quando eu comecei a trabalhar na clínica, eu saí da casa lotérica, eu tava extremamente cansada. Abri loja, não deu certo. Não dô conta de cobrar as pessoas e acabei que fiquei um ano nessa loja, e menina, levei um prejuízo. Levei um cano. Aí que não tinha como cobrar mesmo. Falei: não. Esse não é o meu ramo. Não é isso que eu quero. Consegui um trabalho como recepcionista na clínica. Quando entrei lá, pra mim eu ia ficar ali na recepção e ser aquela coisa mesmo. Só que com o tempo eu fui, não sei, é... acho assim, conversava com os pacientes, eu via a satisfação do paciente chegando lá na recepção e ser bem atendido, que muita gente falava: hoje em dia é tão difícil agente ser bem atendido. Até em loja mesmo, que você vai comprar, vai gastar... até em loja

que ganha parte em comissão e tudo, você é mau atendido. Entra em loja, é muito difícil, hoje em dia ser bem atendido. Em qualquer coisa. E lá não. As pessoas chegavam... não sei se porque é pequeno, todo mundo que trabalha lá, agente tá lá, se ajuda muito. Tem muita afinidade um com outro, se precisa faltar, agente dá um jeito... a minha irmã trabalha lá. Então assim, não só pelo fato de ser minha irmã. Todos lá, agente é bem unido, não tem problema um com o outro. É um trabalho em equipe. Acho que isso foi me cativando e eu fui fazendo. Porque enfermagem é equipe. O trabalho é continuação... é pro paciente. Você tem que fazer o bem pra ele. Mas se você não trabalhar bem com sua colega, não vai fazer bem pro paciente. Alguma coisa vai deixar de ser feita e quem vai ser prejudicado é o paciente. Vai gerar estresse, vai gerar um punhado de coisa que se você souber lidar com isso internamente e pôr isso pra fora no ambiente de trabalho, com certeza, todos vão ser beneficiados, não só o paciente, que é o primeiro a ser beneficiado. Mas tudo de certa forma vai fluir bem.

P: Realmente, você tem todo o jeito. Se você demorou para estar nessa profissão é porque o momento era pra ser agora.

ENF 05: Justamente, eu acredito muito nisso. Acho que tudo tem seu momento, tem o seu tempo. De 2015 pra cá, eu me tornei outra pessoa. Na verdade, quando eu entrei na clínica, depois de um ano pra cá, sou outra pessoa. Mas quando eu comecei fazer o curso no Cefores, sem exagero, Núbia, sem brincadeira nenhuma, eu sou outra pessoa. Eu descobri assim, não só na identidade profissional, não só profissionalmente, mas como pessoa, como mulher, como mãe. Eu me tornei, sem dúvida nenhuma, uma pessoa melhor. Uma esposa melhor, uma mãe mil vezes melhor e uma profissional, sem dúvida nenhuma. Porque eu me encontrei de verdade na minha profissão. Você tá...

P: Desculpe, você me fez emocionar. [enxugando lágrimas]

ENF 05: Mas assim, é sério. É de coração. Hoje eu me sinto realizada, quero mais, quero aprender muito, quero servir mais, ajudar mais. Porque no mesmo momento que tô ajudando a pessoa, eu tô sendo ajudada. Porque do mesmo jeito que aquela pessoa tá sendo beneficiada com meu cuidado com ela, eu tô aprendendo muito com ela. Na enfermagem, agente aprende todos os dias. Todo dia você vê uma pessoa nova, conhece uma pessoa nova, conhece uma história nova. Participa da história de vida das pessoas que você tá cuidando. Assim, acho mesmo que enfermagem me escolheu, e eu pretendo servir muito.

P: Aquele momento que você passou, voltando naquele ano, você deve ter parado de trabalhar né?

ENF 05: Parei. Fiquei 6 meses afastada. Na verdade fiquei 5 meses afastada. Não queria ter ficado tanto tempo. Fiquei dois meses na casa da minha mãe, quando eu voltei a apoiar a

esquerda [perna], que foi a que fraturou menos, que foi o pé e o 5º dedo, quando comecei a apoiar a esquerda eu voltei pra casa. Aí tive ajuda do meu filho. Meu esposo também me ajudou muito. Não posso reclamar. Minha filha me dava banho... foi difícil, mas foi um momento que descobri, eu tinha um... não posso dizer mágoa, porque é minha mãe. Assim, da minha infância, não fui criada muito tempo com ela, foi pouco tempo que fiquei com ela. Agente sofria muito. Meu padrasto bebia muito. Então foi uma infância bem difícil, complicada. Mas eu tinha uma certa coisa com ela. Quando eu quebrei as pernas, eu fiquei na casa dela e ela cuidou de mim, quebrou isso. Sabe aquela coisa? Eu ficava assim: eu não tenho mãe, minha mãe não cuida de mim, nunca cuidou de mim. Nós somos 5 irmãos. Minha irmã teve filho, ela foi pra casa da minha irmã, ficou cuidando da minha irmã. Quando eu tive filho, tive que ir pra casa da minha sogra. Minha mãe não tava bem de saúde, não podia cuidar de mim. Então eu tinha aquela coisa assim... não vou dizer que é mágoa, rancor... mas eu tinha aquela pontinha assim... eu não sou bem vista, bem quista pela minha mãe. Quando eu machuquei, rompei isso. Quebrou. Isso mudou. O meu relacionamento com minha mãe mudou. Então, voltando eu me tornei uma pessoa melhor também. Até então eu tinha receio com a minha mãe. Visito ela. Sempre visitei. Fiz o que pude e o que não pude por ela. Mas tinha essa coisinha. Quando eu machuquei... nada acontece por acaso. Eu não caí daquela escada atoa. Foi um tombo besta. Foi um degrau. Eu apoiei o pé. Tenho um problema sério na coluna. Tava assim naquela fase aguda da dor. Eu apoiei o pé assim... na escada... dia todo em pé na clínica, depois fui pro curso... foi um tombo bobo, pra ter acontecido tudo que aconteceu. Foram muitas fraturas. Na perna direita, quebrei perto do joelho, lá embaixo separou a tibia. Fraturas feias. Não foi atoa, não foi por acaso. Então até essa fratura eu agradeço, porque me serviu, me ensinou, me trouxe uma lição muito grande em relação a minha mãe.

P: Você é uma pessoa de uma inteligência emocional muito avançada. Aproveite isso, continue assim... Você falou... colocou que sua opção foi porque você começou a trabalhar na clínica e lá você teve esse...

ENF 05: Lá eu gostei... me interessei e resolvi me pra fazer o que eu tava fazendo.

P: É igual você falou né? Trabalhava em outra área totalmente diferente, que não tinha nada a ver. De repente mudou de emprego e lá você começou a se identificar.

ENF 05: Quando eu entrei lá, pensei que fosse ficar na recepção.... marcação de exame. Com o tempo, eu fui aprofundando, tendo contato maior com o paciente. Isso foi me ensinando muito, sem dúvida.

P: Quando você falou aqui que você não se identifica de forma alguma com a clínica médica e a saúde coletiva é uma coisa, assim: sua? Uma identificação sua?

ENF 05: Não sei... pode ser... Talvez por não ter ficado direto nessa área... o contato que eu tenho maior com a.. e hoje, com o hospital, na parte de obstetrícia. Até então eu achava que não teria nenhuma vocação com Pronto Socorro. No Mário Palmério [hospital] trabalho com pronto socorro obstétrico. Eu tô me encontrando também. Eu fiquei surpreendida...

P: Entrada da Santos Dummont [avenida]?

ENF 05: Não. Na do aeroporto. É do SUS. Tanto que falei, a [docente específica do curso], que foi a instrutora de estágio na maternidade na GO [ginecologia e obstetrícia], falava pra ela: não me identifico, eu tenho problema com paciente, com acompanhante que fica lá em cima. Até atrapalha o próprio paciente. As vezes, a mulher não fala, não se abre, não conversa, por causa do acompanhante ali em cima. As vezes a mãe...

P: Normalmente a gestante vai sempre ter...

ENF 05: Na verdade tá sendo uma surpresa pra mim. Uma grande surpresa porque tô me saindo muito bem. Graças a Deus. Me dedicando, estudando. Todo dia eu estudo uma coisa. Emergência obstétrica, eu tô assim, na ponta da língua. Estudo tudo que vejo diferente, tudo que eu vejo, vou lá e estudo. Vejo vídeo-aula, pesquisa sobre aquilo. Então tá sendo muito gratificante.

P: A sua rotina de hoje, é durante o dia nessa clínica, e como vai pro Mário Palmério [hospital]?

ENF 05: Na clínica, faço das 07:30 às 05:30 da tarde. Faço duas horas de almoço e saio de lá às 5:30. No Mário Palmério [hospital], eu pego às 19 e saio às 7 da manhã. É 12 por 36, ou seja, dia sim, dia não.

P: Então é isso que você falou... noite sim, noite não.

ENF 05: Quando fico até às 7 da manhã do outro dia, saio direto do hospital. Ontem trabalhei o dia todo na clínica, saí da clínica 5:30. Em casa, tomar banho, foi pro hospital 7 horas da noite. Hoje trabalhei lá a noite toda. Saí de lá hoje 7:15 da manhã, fui pra Clínica e agora vou embora pra casa.

P: Então você tava em casa ontem?

ENF 05: Anteontem eu tava em casa. De ontem pra hoje passei no hospital.

P: Menina você não tem juízo não? É uma rotina realmente muito puxada.

ENF 05: É como eu te falei, eu tô me surpreendendo. Fiquei surpresa, porque achei que ia ser mais difícil, mais complicado. Tô conseguindo conciliar trabalhos de casa, graças a Deus, meu esposo hoje me apóia, me ajuda em casa, faz a janta, lava a louça de manhã quando tá em

casa. Quando não tô ele lava. Meu filho também quando tá. Meu filho trabalha... me ajuda bastante, menos do que esperava ajudar. Mas ele trabalha, viaja. Tem dia que tá em casa, tem dia que não tá. Hoje, por exemplo, ele tá em Franca. Semana passada ele passou semana toda, de terça a sexta em Ribeirão Preto. Não é todo dia que ele tá em casa. Então nem posso cobrar muito. A minha filha... de 10 anos, lava a louça, ajuda. Quando precisa passar uma vassoura na casa, algo assim... não deixo é fazer comida, por causa do fogo perigoso. Mas se precisar fazer, ela faz sob supervisão. Faz um arroz, um macarrão, uma gracinha. Lava a louça, arruma a bagunça. Eu falo: pode fazer, mamãe tá aqui, você vai fazer, mas a bagunça você vai arrumar. Arruma o quarto dela. Guarda roupa na cômoda, lava o calçado dela. É assim, eu cresci assim. E foi o que me ajudou a me tornar a pessoa que sou hoje. Não vou tirar isso dela. Você não vai fazer isso ou aquilo, porque... o que forma a personalidade da gente é os trancos e barrancos que agente passa. Que ajuda a formar a personalidade da gente.

P: Bom, eu tô satisfeita. Teria uma última pergunta pra fazer, mas acho que vai ser necessário não. Vou te perguntar agora é se você quer deixar uma mensagem pras pessoas que estão concluindo a sua formação técnica, que tão querendo entrar no mercado, se identificar profissionalmente. Se você tem algo a dizer, se não também...

ENF 05: estuda muito. Estuda muito. Se coloca no lugar do paciente. Faça pelo paciente, faça por ele o que você gostaria que fizessem por você. Pensa um pouquinho antes de fazer uma falta de educação... antes de... ter um olhar, porque a pessoa que tá ali debilitada, que tá ali precisando de você, ela tá carente. Ela tá confiando em você. Então é uma responsabilidade muito grande. Então seja educado, seja generoso, seja sensível, cuide, fale na hora que precisa. É isso. Se coloca no lugar do paciente. E se, por um acaso, a pessoa começou... igual vi... umas pessoas... tem convivência no hospital e hoje ainda vivo com pessoas desse jeito no hospital que tô trabalhando. Não é o que você quer? Não é? Não faça sem querer não, sem vontade. Procura o que te traga prazer. Não só pelo outro, mas por você também. É muito triste trabalhar, pensar: pucha tem que ir praquele lugar, tem que fazer isso, fazer aquilo. Tenha prazer no que você faz. Se não for isso, se você começou o curso, fez o curso e vê que não é isso, procure, pensa, conversa, fala, tenta de novo, faz outro curso. Conhecimento não ocupa espaço. Faz dois, três, cinco cursos se for necessário. Mas faça, faça, faça. Faça com prazer, com gosto, até você descobrir. Seja pro outro o que gostaria que fosse pra você. É o que posso falar.

P: E eu pra você: o meu muito, muitíssimo obrigado. Riquíssima sua entrevista. Pra mim vai ser de um valor muito grande. Muito obrigada.

FIM DO ÁUDIO.

APÊNDICE Y

ANÁLISES VERTICAIS DOS SUJEITOS NÃO ENTREVISTADOS

ENF 03 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com cônjuge e filhos, possui renda *per capita* entre 3,5 e 5 salários mínimos, concluiu parte do Ensino Médio em escola pública e outra parte em escola privada sem bolsa, além de ter escolhido o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi máxima que representa um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde também foi máxima relativa ao conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 18, também considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, valor máximo para o Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 22, considerado como um conceito de *preparação*.

ENF 04 é mulher, entre 16 e 21 anos de idade, mora com a mãe e a avó, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 36, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 27, considerado também como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 17, considerado também como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, nota máxima dada ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 18, considerado como um conceito de *preparação*.

ENF 06 é mulher, entre 16 e 21 anos de idade, mora com os pais, além do irmão e sua filha, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio

integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 25, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 11, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 9, considerado também como um conceito de *não-identificação parcial*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Inclusive, como um ponto positivo, atribuiu escala máxima para todos eles nos aspectos nos quais ela não foi obrigada a avaliar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 36, nota que se deu ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 17, considerado como um conceito de *preparação* no limite inferior do respectivo intervalo.

ENF 08 é mulher, entre 22 e 27 anos de idade, mora com a família, mas não especificou com quem, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 24, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 13, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 14, considerado também como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 38, nota que se deu ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 16, considerado como um conceito de *preparação parcial* no limite superior do respectivo intervalo.

ENF 09 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com o cônjuge e filhos, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi máxima, obviamente considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 30, considerado também como um

conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 18, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi a escala máxima para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Quanto aos demais profissionais, ela acredita que todos são bons. Inclusive, como um ponto positivo, atribuiu escala máxima para todos eles nos aspectos nos quais ela não foi obrigada a avaliar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, nota máxima que se atribuiu ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 19, considerado como um conceito de *preparação*.

ENF 13 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com os filhos, possui renda *per capita* entre 0,5 e 1 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi máxima, obviamente considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 30, considerado também como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 18, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Inclusive, como um ponto positivo, o resultado de suas marcações foram os valores máximos das escalas para todos eles referente aos aspectos nos quais ela não foi obrigada a avaliar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, nota máxima atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 22, considerado como um conceito de *preparação*.

ENF 14 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com os pais e o irmão, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu parte do Ensino Médio em escola pública e outra parte em escola privada sem bolsa, além de ter escolhido o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 34, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 26, considerado também como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 17, da mesma maneira considerado como um

conceito de *identificação total*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi o valor máximo para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Contudo, acredita que todos os demais profissionais são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 40, nota máxima conferida ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, obviamente considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 22, considerado como um conceito de *preparação*.

ENF 16 é mulher, entre 22 e 27 anos de idade, mora com a mãe e irmãos, possui renda *per capita* entre 0,5 e 1 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE por vontade própria. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 30, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 18, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, considerado também como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 28, o resultado de suas marcações foi 25 para os aspectos nos quais esses docentes precisam melhorar. Contudo, com relação aos demais, ela os considerou como bons profissionais. Inclusive, mesmo tratando-se daqueles que ela não era obrigada a avaliar, ela os avaliou. Para o corpo administrativo, em uma escala de 0 a 20, o resultado de suas marcações foi 17. E para os coordenadores, em uma escala de 0 a 28, foi 25. Esses são valores que, em ambos os casos, são considerados pontos positivos. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 36, nota conferida ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão, considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 19, considerado como um conceito de *preparação*.

ENF 17 é mulher, entre 28 e 33 anos de idade, mora com o cônjuge, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TE porque tinha que se profissionalizar e esta era a única opção. Numa escala de 0 a 36, sua identificação com os conteúdos específicos da área da enfermagem foi 26, considerado como um conceito de *identificação parcial*, neste caso no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 32, sua identificação com os conteúdos da área da saúde foi 17, considerado também como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala

de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 9, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 32, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*, no limite superior do respectivo intervalo. E, numa escala de 0 a 24, sua preparação para atuação no mercado foi 11, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

TST 03 é homem, entre 16 e 21 anos de idade, mora com família, mas não falou com quem, possui renda *per capita* entre 2 e 3,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST para atender a uma demanda do mercado. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 32, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 15, também considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 14, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ele acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons, e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 21 para os aspectos nos quais eles precisam melhorar. Contudo, quanto aos demais ele os reconhece como bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 28, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 13, considerado como um conceito de *preparação*, no limite inferior do respectivo intervalo.

TST 06 é mulher, entre 28 e 33 anos de idade, mora sozinha, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 28, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 11, também considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 15, considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são

bons, e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 16 para os aspectos nos quais esses docentes precisam melhorar. Quanto aos demais, ela os considerou como bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 33, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *muito bom*, no limite inferior do respectivo intervalo. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 15, considerado como um conceito de *preparação*.

TST 07 é mulher, entre 28 e 33 anos de idade, mora com a mãe, possui renda *per capita* entre 2 e 2,5 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 36, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 14, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 14, também considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que todos os docentes e coordenadores do Cefores são bons. Com base na mesma escala, coincidentemente, para essas duas avaliações, ou seja, de 0 a 30, os resultados de suas marcações foram 25 e 26 para docentes e coordenadores, respectivamente, relativos aos aspectos que eles precisam melhorar enquanto profissionais. Quanto ao corpo administrativo, ela o considera composto por bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 31, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 7, considerado como um conceito de *preparação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo.

TST 09 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com a irmã e a sobrinha, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 27, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 11, também considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 12, da mesma maneira considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que nem todos os profissionais do Cefores são bons.

Quanto aos docentes, numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 24. Quanto ao corpo administrativo, numa escala de 0 a 20, o resultado foi 20. Já quanto às coordenações, o resultado, numa escala de 0 a 30, foi 26. Todos esses três resultados referiram-se aos aspectos nos quais esses profissionais precisam melhorar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 23, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 5, considerado um conceito como *sem preparação*.

TST 10 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com o cônjuge, a filha e a neta, possui renda *per capita* entre 0,5 e 1 salário mínimo, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 35, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 15, considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 15, considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e, numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 18 para os aspectos nos quais esses docentes precisam melhorar. Quanto aos demais, ela os considerou como bons profissionais. Inclusive, mesmo não havendo necessidade de avaliá-los, ela assim procedeu com os coordenadores que, também numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 15, como um ponto positivo desses profissionais nesses aspectos. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 26, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 14, considerado como um conceito de *preparação*.

TST 11 é mulher, acima de 34 anos de idade, mora com o cônjuge, não declarou renda *per capita*, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 30 considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 11, também considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de

outras áreas foi 12, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Ela acredita que todos os docentes e coordenadores do Cefores são bons. Inclusive, mesmo não havendo necessidade de avaliá-los, ela assim procedeu. Com base na mesma escala, coincidentemente, para essas duas avaliações, ou seja, de 0 a 30, os resultados de suas marcações foram 28 e 24 para docentes e coordenadores, respectivamente, como pontos positivos desses profissionais nesses aspectos. Já quanto ao corpo administrativo, ela considera que nem todos os seus componentes são bons profissionais, e numa escala de 0 a 20, o resultado de suas marcações foi 20, relativos aos aspectos que esses profissionais precisam melhorar. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 31, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 5, considerado um conceito como *sem preparação*.

TST 13 é mulher, entre 16 e 21 anos de idade, mora com a mãe, o pai, a avó e o tio, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por vontade própria. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 41, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 12, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 17, considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que nem todos os docentes do Cefores são bons e numa escala de 0 a 30, o resultado de suas marcações foi 27 para os aspectos os quais esses docentes precisam melhorar. Quanto aos demais, ela os considera como bons profissionais. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 36, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *muito bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 8, considerado como um conceito de *preparação parcial*.

TST 14 é mulher, entre 22 e 27 anos de idade, mora com a mãe e o irmão, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por nenhuma das opções dadas. Segundo ela foi por incentivo e conselho do namorado. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 20, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da

segurança foi 10, considerado como um conceito de *não-identificação parcial*, no limite superior do respectivo intervalo. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 11, considerado como um conceito de *identificação parcial*, no limite inferior do respectivo intervalo. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 22, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *aceitável*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 4, considerado um conceito como *sem preparação*.

TST 16 é mulher, entre 28 e 33 anos de idade, mora com a mãe, o padrasto e os filhos, possui renda *per capita* entre 1 e 2 salários mínimos, concluiu o Ensino Médio integralmente em escola pública e escolheu o curso de TST por nenhuma das opções dadas. Segundo ela teve conhecimento do curso, fez o exame e foi aprovada. Numa escala de 0 a 44, sua identificação com os conteúdos específicos da área de TST foi 41, considerado como um conceito de *identificação total*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos da área da segurança foi 13, considerado como um conceito de *identificação parcial*. Numa escala de 0 a 20, sua identificação com os conteúdos aplicados de outras áreas foi 18, considerado como um conceito de *identificação total*. Ela acredita que todos os profissionais do Cefores são bons. Numa escala de 0 a 40, o resultado de suas marcações foi 27, nota atribuída ao Cefores na contribuição de seu aprendizado das atividades da profissão considerado um conceito *bom*. E, numa escala de 0 a 18, sua preparação para atuação no mercado foi 18, considerado como um conceito de *preparação*.